Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

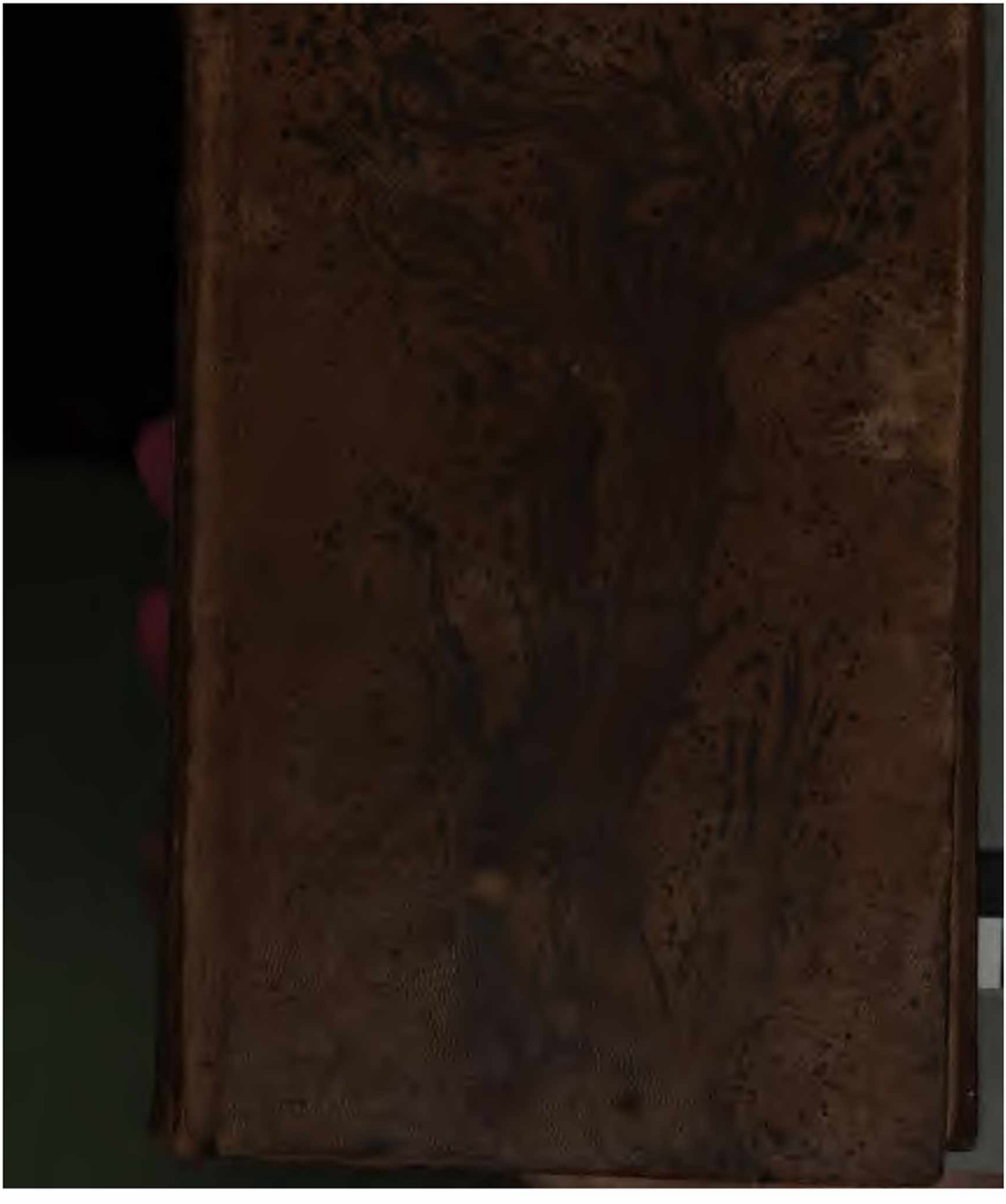
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

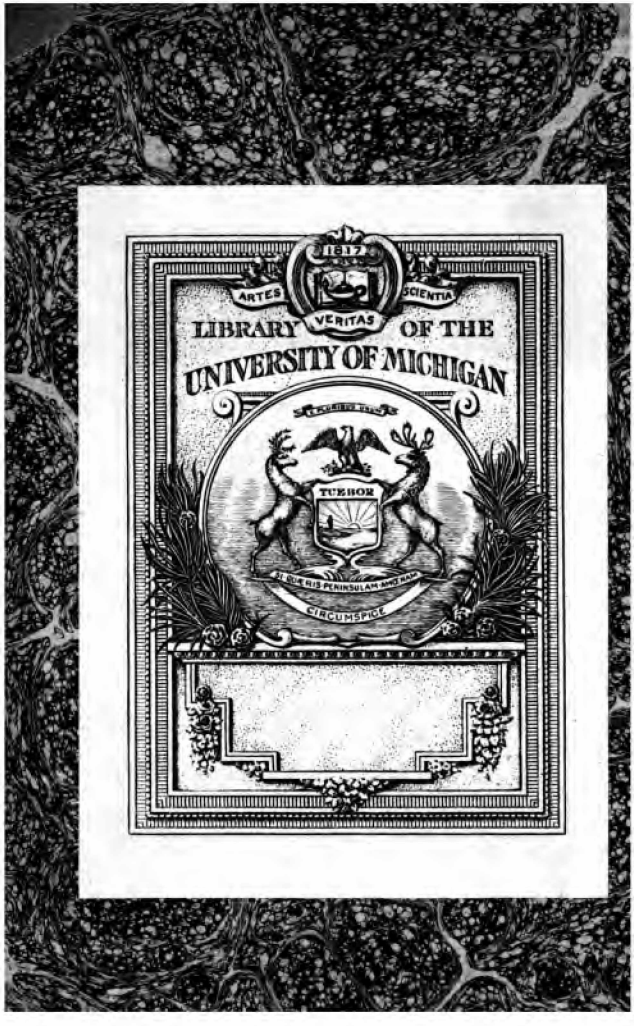
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

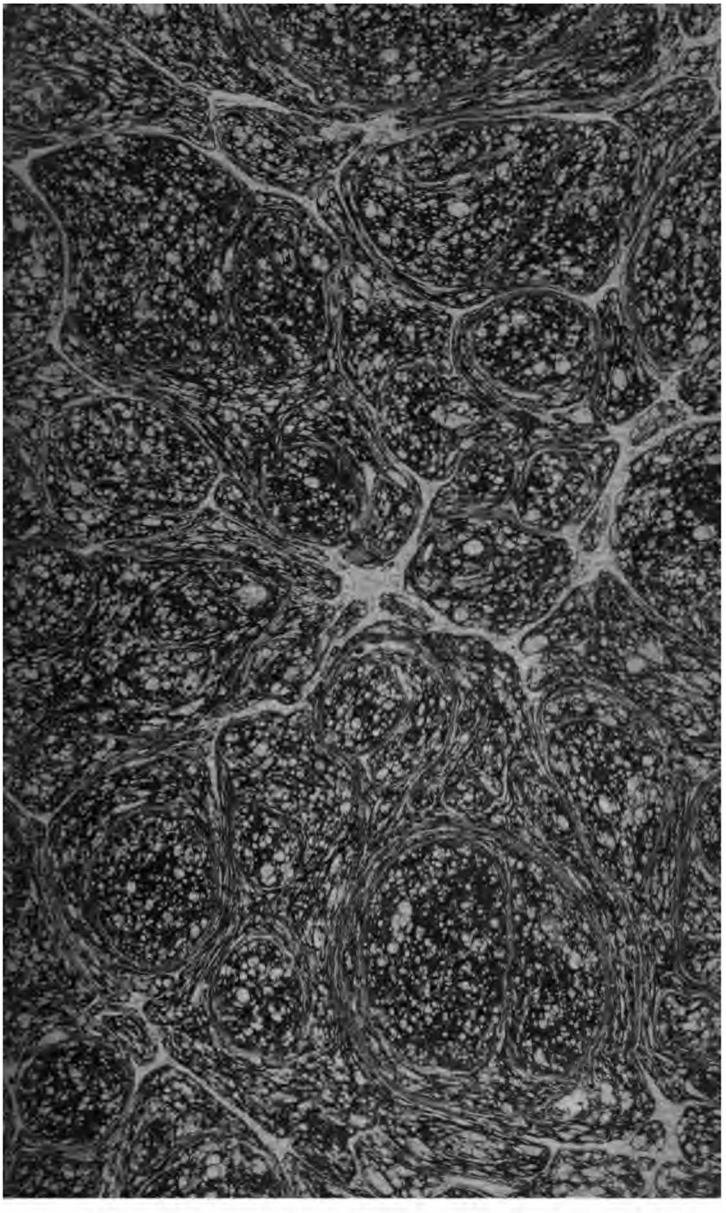
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

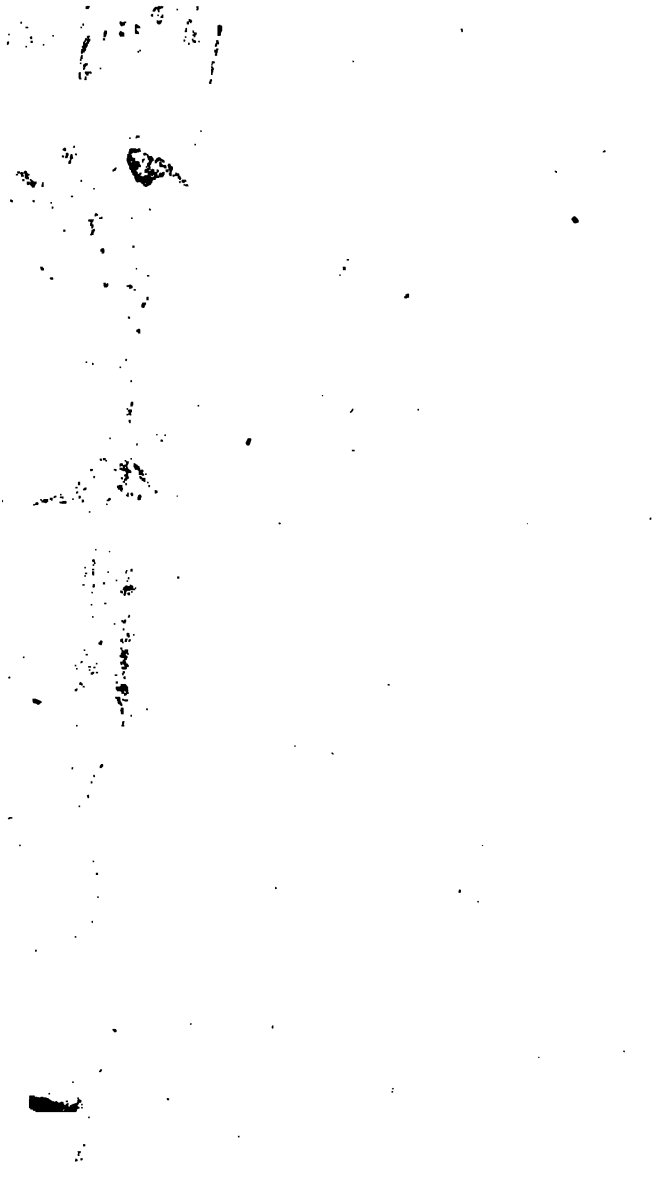
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`




1817
ARTES
SCIENTIA
VERITAS
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
CIRCUMSPICE





H.J.da Silva pinx. D.J.Silva escalp.

JOZE AGOSTINHO DE MACEDO

O

ORIENTE,

POEMA

POR

J. AGOSTINHO DE MACEDO

VOL. I.

LISBOA.

IMPRENSA [illegible]

[illegible]

O

ORIENTE,

POEMA

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

VOL. I.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1814.
Com Licença.

869.8
M143 nur
1814

655243-176

Á
NAÇÃO PORTUGUEZA,
DEDICATORIA.

Se as armas, e se as letras forão as bases solidas, e seguras sobre que se alevantou a gloria, e o nome desses Imperios que o tempo escondeo, e encobrio a nossos olhos debaixo das sombrias, e pezadas azas dos seculos; sobre estes alicerces, ó Grande, e Illustre Nação, tambem se alevanta o teu nome, e se dilata em gyro eterno o vôo da tua merecida, e sustentada fama. Vive ainda a memoria d'Athenas, e quem a salva do pélago do esquecimento, a que o Destino condemna as obras dos mortaes, são os monumentos que a Immortalidade alevantárão Themistocles e Focião com suas armas; Sócrates, e Aristides com suas virtudes; Platão, Aristoteles, Epicuro com seus estudos; Eschines e *Demósthenes* com sua Eloquencia;

Thucidides, e Herodoto com seus Annaes ; com seu universal saber , e doutrina o Grande Plutarco ; e com seus harmoniosos cantos Homero , Euripedes , Pindaro, e Anacreonte. Vai como segura da Immortalidade sobre a grã roda dos seculos ainda a Augusta Roma , e lhe assegurão estes Fados immortaes Scipião , Cezar , Pompeo , e Mario com sua militar pericia , e esforçado animo , que parece não ter cabido nos confins da Terra conhecida ; Tito Livio com sua Historia , verdadeira rival da grandeza Romana ; Marco Tullio com sua sublime Filosofia , doutrina , e fulminante Eloquencia ; Tacito com sua Politica e Filosofia , que se outras provas não houverão da grandeza do engenho humano , bastarião

seus Annaes, e Historias para conhecermos a elevação, e nobreza de nosso Ser: e com suas harmoniosas canções vencedoras das Harpas, e Trombetas Gregas, Estacio, Virgilio, Horacio, Lucrecio, e o facundissimo Ovidio, assim como com sua pura Moral Lucio Aneo Seneca, e Marco Aurelio. Ninguem se lembraria agora de Grecia, ou de Roma; se não existira o nome de tão grandes Varões com seus illustres feitos, e seus polidissimos e eloquentissimos escriptos. E por que não direi eu, que sobre estes fundamentos se deve erguer immortal e perenne a tua memoria, ó grande, ó respeitavel Nação Portugueza? Nasceste e cresceste por armas, e conquistas; dilataste com tua espada os *confins* de teu desmedido Im-

perio, e com ella te foste lavrar a coroa de finissimo ouro, que ainda até hoje sem se debotar te cinge a frente na Europa, na Azia, na Africa, e na America, e t'a cingiria n'outros Mundos se mais houvera onde levasses, como levaste ao conhecido, a fama de teu nome, e a victoriosa marcha das tuas armas. Não adiantou tanto suas conquistas a Macedonia, não sahirão do Mediterraneo as navegações d'Athenas, nem podérão voar além dos Tropicos as tuas orgulhosas, e devastadoras Aguias, ó soberba Roma. Teu Seipião conquistou Carthago, teu Mario os Cimbros, teu Cezar as Gallias, teu Pompeo o Egypto, teu Crásso não passou da Persia, e teu Germanico não chegou ás *ribeiras* do Elba: e tu, grande Nação, che-

gaste aos limites, e confins da Terra. Onde se aperta o Erithreo, onde se empola, e se arrebata o Indo, onde se esconde o Nilo, onde se espraia o Ganges, onde se precipita o Mécon, onde espuma, e sôa o Comboja, onde se dilata o Amazonas; onde se accende o Equador, onde se congela o Antartico, onde se tempéra, e amacia o Cancro, onde se fertiliza o Indostão, onde se embalsama Ceilão, onde ardem os Volcões de Ternate, onde arranca os diamantes Visapur; onde os Andes sobem ás núvens, onde referve o Congo, onde em ouro se coalhão os campos de Sofala; ahi vive o teu nome, e se temem (se ainda se lhes escuta o estrepito) as tuas armas. Tanta grandeza, tão vasta dominação, tão es-

pantoso circulo de Imperio, tu o deves ao esforço e militares virtudes daquelles verdadeiros Heroes, que entre os mais afamados invejára, e cobiçára Roma para seus filhos, e que em quanto no Mundo se der preço á virtude, serão nelle estimados, e nomeádos, conservando na memoria, e na tradição dos seculos o pedestal firmissimo da estatua da tua fama.

Se muito te illustrão teus Generaes, e teus Guerreiros, de similhante luz te banhão, e te inundão teus sabios. Acabarião as memorias de Pachecos, d'Almeidas, e d'Albuquerques, se as não immortalisassem os escritos, que põem no Templo da Fama apar dos de Thucidides, e Livio os bustos dos Barros, e dos

Osorios: e não teria tanto alento a trombeta da mesma Fama, que publica pelo Mundo teus feitos d'armas, se Camões não embocasse a de Caliope: e ter-se-hia na Estatua de Affonso Quinto apagado o nome de Africano, se tão divinamente não soasse nos melodiosos cantos de Vasco Mousinho de Quevedo. Acho, e admiro em ti, prodigiosa Nação, os mesmos motivos de grandeza, que tanto exaltárão Atheias por sua sciencia, como Roma por seus trofeos, e gigantesco, e collossal Imperio. Não se fechou dentro em teus naturaes limites o brado, que derão teus sabios; soou na Europa, e assombrou o Mundo: e quando a Italia começava de ufanar-se de ser o berço dos Policianos, dos Bembos, e dos Saduletos, já em seu

seio acolhia com applauso hum Achilles Estaço, e hum Aires Barbosa. Se a mesma Roma vio sentado na Cadeira da Latina Eloquencia hum Marco Antonio Mureto, sendo delle devedora á França, na mesma Cadeira vio logo sentado hum André Baião, que Portugal lhe envia para penhorar com a mesma divida a Capital do Mundo. París na aurora da sua literatura já escutava como Oraculos, e como Mestres hum Antonio, e hum Marçal de Gouvêa; e antes que o Grão Tasso fizesse remontar ás estrellas a terreste Jerusalem, já pelas margens, não só do Téjo, mas do orgulhoso Tibre resoavão as sobrehumanas vozes de Luiz de Camões, e fallava Sá de Miranda a lingoagem da razão, e da virtude, como hum Antonio

Ferreira a do gosto, e a do sentimento. E, se a montanha de Pausilipo em Napoles escutou os dulcissimos sons da flauta de Sannazáro, as ribeiras do Mondego, e do Liz não repetião menos harmoniosos eccos, com as endeixas de Lobo. Não conhecia ainda a renascente literaria Europa o Imperio da Natureza pelos dominios de Flora; porque nem das margens do Sena tinha sahido hum Tournefort, nem das do Mincio hum Zinani, nem hum Pinton tinha corrido os seios do Mar Pacifico, nem dos rochedos da Escandinavia tinha surgido hum Linnêo, e já pelas margens do Ganges mandava á assombrada Europa hum Garcia da Horta as riquezas de peregrinas plantas. E se o nome de Newton vai tão longe pela ter-

ra, e pelos mares, como vão as invenciveis náos de seus Drakes, e de seus Cookes, porque ousou entrar no Imperio da luz, e conhece-lo; primeiro, e muito antes o grande Pedro Nunes tinha encarado, sem se deslumbrar, com seu brilhante clarão. Nem depois de tantas viagens, e tantos gyros, he mais exacto Cosmégrafo hum Varennio, ou hum Danville, do que o havião sido quasi dois seculos antes hum Barros, e hum Couto; nem he maior Topógrafo da America hum Gaspar Barleo do que o havia sido muito antes hum Pedro de Magalhães. Antes que a Hollanda (hoje renascida entre as Nações do Globo) mandasse gyrar por elle seu Van-diemen, e o seu Kolby, já tinha posto a intransgredivel baliza em

o nubeloso Austro o portentoso Pedro Fernandes de Queiroz. Se a Europa não tem que oppôr a Fernando de Magalhães, cujo nome durará tanto como a terra que delle se chama, e se a Grande Bretanha te quizer mostrar no seu Anson hum Heroe que vence, e hum sabio que descreve o que conquista, e passa, como Cezar, as victorias que alcança, e os povos que subjuga; tu lhe dirás, que o grande Castro, fazendo soar suas bombardas terriveis pelos reconditos seios da Arabia, e da Persia, sem depôr das mãos em que sustinha a espada, e enfeixava as Palmas (que não pouco nellas se ennobreceo), primeiro, e muito antes nos descreve o roteiro de suas viagens, e victorias pelo Mar *roxo: e se tanto* se exalta a Grande

Bretanha com os infatigaveis passos do seu Bruce, e Mongo-Park, lá forão achar, onde primeiro lhas assignalára hum Telles, as fontes, e as urnas do caudaloso Nilo. Se, finalmente, a Italia julga, que forão os primeiros descubridores da America os seus Vespuzios, Colombos, Cadamostos, Emos, Cabotes, e Veruzzanes, e quantos o seu Ramusio guarda em seus escriptos; tu lhe dirás que já em 1486 tinha tocado esta escondida metade do Globo o afortunado, e intrepido Piloto Affonso Sanches, que se teve o berço humilde, e desconhecido em Cascaes, devia ter ou huma estatua no Capitolio da sua Roma, ou hum Mausoleo, que mais que o de Adriano assombrasse as margens do seu Tibre; mas viva immor-

tal na tua memoria, o que na Terra não alcançou as honras de hum sepulcro.

Nunca deixarás de ser o que sempre foste, e o que ainda és, ó Grande Nação; e se alpestres raizes dos Pyrinnéos, e suas escarpadas cimas estão mostrando no dia de hoje, que as mesmas mãos, que abrazarão Dabul, demolirão Osmuz, defenderão gloriosamente Dio, escalárão Malaca, e se asenhoreárão duas vezes da Imperial Goa, quebrão as barras da opinião, que a cobardia tinha posto nas portar do Imperio da oppressão, e tyrannia; e se os Britanos Heroes, a quem abriste o passo para o que possuem na Azia de que são senhores, vêm em teus filhos outros tantos generosos émulos de seu va-

lor , e militar disciplina ; eu desejára , ó Illustre Nação , que fosses conhecida , e admirada como deves ser pelas fadigas , e doutissimos suores de teus sabios. Se a Europa te considera livre pela força de tuas armas , assombre-se de te ver grande pelos difficeis monumentos das Sciencias , e das Artes. Hum novo Miguel Angelo immortalisou no marmore , e no bronze a efigie de hum dos teus maiores Monarcas no seculo em que a Italia julga , que existe só o seu Canóva. Se a modestia dos vivos me veda dizer , que pelo Imperio das Sciencias exactas , tens que oppôr aos La-Landes , e la Places ; se á gravidade Filosofica dos versos de hum Conti , e de hum Delille tens que oppôr Poemas na especie dos Filosoficos

de mais vastos horisontes, tambem eu Illustre Nação, me atrevo a consagrar-te o que talvez mantenha na Posteridade a tua gloria, a tua representação, o teu nome, hum Poema Epico, em que tornes a ver o teu Gama, como diz o teu primeiro Cantor, „ Abrindo a porta ao vasto mar patente. „ Não imagines que eu intente profanar ou inquietar as cinzas, e menos offuscar a gloria de Luiz de Camões, nem arrancar-lhe das mãos aquella Palma que o merito, e os seculos nella tem firmado : deve-te aprazer hum filho que se atreve a lutar contra a mais agra de todas as difficuldades litterarias, qual he huma Epopéa cuja acção he grande em si, e muito maior em suas consequencias, qual foi o descobrimento

do Indostão pelo Oceano ; mas por certo destituido daquellas circunstancias com que se fertiliza hum Poema Epico , a não querer lançar mão do monstruoso , e do extravagante , e que muito mais difficil se torna depois de haver sido tratada por Luiz de Camões. Quasi he preciso hum milagre de engenho para vencer tanto obstaculo , que muito mais cresce , e se adianta com a consideração do tempo em que existimos. O Mundo ajunta ao furor do novo , e do grande , hum absoluto indifferentismo litterario , e poderei destruillo , e despertar o gosto , e a estima das boas artes ? Tentar , ao menos isto , he alguma cousa.

Tem a Fundação de Lisboa dois *Cantores* , Gabriel Pereira de Castro , e

Antonio de Sousa de Macedo: o Oriente descoberto, he muito mais levantado objecto, e merece mais de hum Cantor. A navegação de Colombo mereceo muitos na Italia, e na França; a de Vasco da Gama he muito mais gloriosa, porque he muito mais difficil. Depois de Virgilio tambem Estacio cantou. O desejo de engrandecer a Patria sempre he hum merito, ainda que o talento não iguale a grandeza da materia. Lê-se a Eneida, he verdade, mas tambem se lê a Farsalia, e a Thebaida. Admirão-se as Lusiades, talvez se leia tambem o Oriente. Vasco da Gama achou hum caminho para a India, e Fernando de Magalhães outro; aquelle intentou o não sabido, este emprehendeo o *novo*, e o mais diffi-

til, e ambos se eternizárão : a navegação de Vasco da Gama admira, a de Fernando de Magalhães espanta; a primeira he mais prudente, a segunda mais arrojada : Vasco da Gama valeo-se de outros, Fernando de Magalhães só de si; hum correo huma parte do Globo, o outro todo. Institua-se este parallelo entre hum, e outro Poema, e decida a Justiça, e não a prevenção. Rafael era hum Pintor, Corréggio tambem era outro Pintor; se dura a Transfiguração do primeiro, tambem dura, e tem seu preço a Noite do segundo. E porque duvidarei eu dizer-te, ó Grande Nação, que o seculo de quinhentos fôra hum seculo servil? Trasladarão-se os antigos, mas não *se igualarão*, nem se excederão. O ho-

mem de genio não tem seculo, faz o seculo: nem eu, fazendo-te huma offerta, me atreveria a dar-te o que outros imaginarão, e disserão. Nenhum Livro: eis-aqui a minha divisa: a Natureza; eis-aqui o meu estudo, e elle basta para compôr originalmente. Não me atreveria, ó Grande Nação, a fallar-te desta maneira sem conhecer-te, e conhecer-me. Tu mereces o que he grande, porque o sabes prezar; eu resolvi-me a compôr, porque a consciencia das proprias forças me clamava, que podia satisfazer o desejo, que sempre me possuio de engrandecer teu nome, e de acrescentar mais hum écco aos brados immortaes da tua Fama. São tão grandes as tuas acções, tão illustres, tão nobres os padrões *que levantaste* á Immortalidade,

que nunca deve cessar em seu louvor nem a Lyra harmoniosa dos Poetas, nem a penna eloquente dos Historiadores. Os seculos que vão correndo devem ir transmittindo aos que se lhes seguirem, tanto o deposito de tua antiga gloria, como o testemunho de sua perenne admiração. Tempo ainda virá em que os homens espantados, mas livres da dependencia, e da inveja, isentos da emulação, desenterrem, ou do desprezo, ou do esquecimento, teus Fastos; e lhes lembrará, como agora nos lembrão a nós as Monarquias dos Gregos, e dos Romanos, teu vasto Imperio; saber-se-ha ainda na mais remota posteridade o nome de teus Capitães no Oriente, como nós agora *ainda sabemos*, e ainda repetimos o

nome de Alexandre, de Cesar, de Pompeo, de Scipião, e de Marcello. Os mesmos futuros sabios, á luz de huma Filosofia pacifica, e tranquilla, comparando entre si as épocas, e acontecimentos que lhes offerecer o grande Quadro da Historia de todas as Nações, marcarão os dias de teus estupendos descobrimentos, e conquistas como hum dos pontos principaes em que se melhorou, e aperfeiçoou a especie humana, em que a Terra tomou novo semblante; em que as Artes uteis á vida receberão o impulso que as levou, e com que subirão ao alto cume de formosura de que se havião descido, ou precipitado no fundo do embrutecimento, que costuma trazer a volta de inevitaveis periodos de barbaridade.

Morrerá por certo a tua lingua, porque tu deves ainda depois de muitos seculos acabar, como acabárão os outros Imperios; mas a sempre intacta perpetuidade de tua fama, conservará teus monumentos como ainda temos, e ainda conservamos os dos Romanos, e os dos Gregos, e se darão obra para conhecerem, estudarem, e admirarem com a leitura o que a tradição de todas as gerações lhes hirá levando; e já em tanta distancia de tempos, e de lugares as gerações que então houverem de apparecer, se recordarão com assombro daquelles homens, que em teu seio geraste, e nutriste. Admirarão em Albuquerque o valor, e a militar politica: em Castro a justiça, a *sobrie*dade, e a prudencia: dirão

que elle foi pobre, e o Estado rico: dirão que Ataíde fora magnanimo: chamarão a Magalhães, o maior, ou audacissimo entre os homens. Quando contarem os teus Monarcas contarão outros tantos Heroes; n'huns verão os talentos de Cesar, n'outros a felicidade d'Augusto; nestes as emprezas de Trajano, naquelles a Filosofia de Marco Aurelio, e em alguns a piedade de Theodosio. Os aureos volumes de teus Fastos terão o mesmo apreço, e a mesma estima, e talvez ainda maior respeito, e acatamento, que nós hoje consagramos aos Livios, e aos Tacitos, porque nestes só se guarda o deposito das superstições, e dos vicios; e se lêm os crimes dos Tyrannos entre os *prestigios* polidos de hum estilo

elegante, e nos teus, só descobrirão os milagres do amor da Patria sanctificados pela Religião.

Eu me engolfo, Grande Nação, no espectaculo antecipado deste Quadro maravilhoso; e gózo da Posteridade no momento em que te fallo, e te engrandeço como mereces. Nenhum genio se illustra, se não rompe os limites do seu seculo, e se não contempla no que faz a approvação da mais remota Posteridade. Se tu tens obrado o que se deve escrever, eu me lisongeio de haver escrito o que se deva, e se possa lêr, e por onde os homens conheção que eu existira na Terra. Que agradavel, e quão lisongeira he esta esperança! Nella per-

de a morte sua acerbidade, e seu horror o sepulcro: com ella me parecem tão despreziveis os afagos da Fortuna, como seus acintes, e ultrajes. Deixa, ó Grande Nação, que com tua memoria, e á tua sombra, eu me augure tambem a perpetuidade do nome. Eu juntei do inexhausto thesouro de tua apurada linguagem as riquezas da eloquencia: dei á minha imaginação o que o Poeta deve só ver, a Natureza. Lembrei-me quando compuz que eu era só no Universo, e só quem se esquece de exemplares póde ser original. Nenhum dos Seres creados existe fóra do ambito da Natureza, quando os pinto, busco transplantallos á minha imaginação, e os reproduzo como *os achei, vi, e contemplei* em sua natu-

ral condição. Os mesmos quados ideaes não podem ser verosimeis, se não corresponderem a hum archétypo natural. Estas qualidades tornarão digno este Poema de se deterem nelle teus olhos. Será chamado Poema Nacional, não só pelo assumpto em que se emprega, que he o que mais te ennobrece, e exalta, entre todas as Nações da Terra; mas pelo amor da Patria que em todo elle reçumbra como fogo que se não occulta, e tão generoso, e nobre, que nem de ingratidões se queixa, nem se tem alimentado da mais ligeira esperança de galardão, e recompensa; e que maior póde haver, que mostrar ao Mundo que hes grande, e que nada tens feito até ago-

ra, que não seja grande, e que não seja Portuguez?

Inflamma-me hum grande, continuo, e sincero desejo da tua exaltação, e quizera, que nunca desprezasses os meios de te elevares ainda mais, e tu não pódes conhecer estes meios, senão volvendo os olhos para o Quadro que te offerece a Historia das Nações que existirão grandes na Terra. Tu as não verás elevadas ao maior auge de esplendor, e gloria se não pela cultura, e pela estima das Sciencias, e das Artes. Todas as Républicas que mais florecerão pela guerra, e pelo poder do Imperio, chegarão ao mais subido ponto de elevação quando *mais se ennobrecêrão* pelas letras,

o que tu podes conhecer por huma perpetua successão de exemplos. Na Assyria surgirão os Caldeos, os primeiros doutos do Mundo, e logo com a cultura das Sciencias, a que derão principio, se estabeleceo a primeira Monarquia. Quando a Grecia fulgurou mais em saber, e no momento em que a Poesia, a Filosofia, a Eloquencia, e a Historia, mais se aperfeiçoárão, deixando-nos em tudo isto muito pouco que accrescentar, se levantou Alexandre, e acabando com a Monarquia da Persia, deo principio a hum novo Imperio, que tanto floresceo, e se dilatou. Roma estabeleceo o Imperio do Mundo sobre as ruinas de Carthago, mas quando era General Scipião, que soube *tanto de Filosofia*, de Eloquencia, e de

Poesia, quanto o mostrão as inimitaveis Comedias de Terencio, nas quaes elle trabalhou juntamente com seu amigo Lelio; julgando-as indignas de se publicarem debaixo de seu grande nome, as fez sahir com o nome daquelle de quem vão, que talvez que para ellas muito pouco contribuisse. Certamente a Monarquia Romana se firmou no Reinado de Augusto, em cujo tempo resplandeceo em Roma toda a sapiencia da Grecia com o esplendor da lingua Romana. O mais luminoso Reino de Italia brilhou nos dias de Theodorico, mas como os conselhos de Cassiodoro, com a Eloquencia de Symmaco, e com a Filosofia de Boecio. Em Carlos Magno resurgio o Imperio Romano *na Germania*, porque as letras com

effeito mortas nas Reaes Cortes do Occidente, começárão a renascer na sua com os Alcuinos. Homero fez Alexandre, que ardia todo em desejo de se conformar em valor ao exemplo de Aquilles. Julio Cesar se excitou a grandes emprezas com o exemplo do mesmo Alexandre, de maneira, que estes dois Capitães, cuja preferencia ninguem ainda se atreveo a dicidir, são escolares, ou discipulos de hum Heroe de Homero. Dois Cardeaes, ambos elles grandes Filosofos, e hum grande Orador, Ximenez, e Richelieu, são como os alicerces de duas grandes Monarquias; Ximenez ergueo a planta do Imperio immenso da Hespanha; Richelieu abrio o passo para o florente *Reinado* de Lniz XIV. Muito se en-

grandeceo a Dynastia dos Medicis em Florença, mas no momento em que mais se admiravão em sua Academia Platonica os Maroilios Ficinos, os Angelos Policianos, e os Christovãos Landinos. Tres Pontificados fizerão grande a Corte de Roma, o de Nicoláo V., o de Leão X., o de Clemente XIV.; em o primeiro appareceo Petrarca abrindo as Bibliothecas fechadas pelas mãos dos Barbaros; no segundo escrevia Sadoleto, Bembo, Sanazzaro, Picolomini, e Patrizzi; no terceiro aperfeiçoava Boscovik o que tinha achado Galilêo, estendido Viviani, e aprofundado Manfredi, Zanoti, e Maraldi. E para não sahires de teus limites, ó Grande Nação, tu sabes, que nunca o valor hiria descobrir o Oriente, nem hum

acaso a America, se em Sagres o homem a quem mais deve a Humanidade não tivesse aberto huma escola, e cultivado as Sciencias; e tu conheces que o Reino chegára ao maior fastigio de grandeza até ao declinar da idade de D. João III., porque aquella foi tambem a época da sua litteratura. Eis-aqui ainda hum exemplo, que deve fazer confundir aquelles barbaros Politicos, que lembrão, como base segura de huma Monarquia, a ignorancia. O Turco fundou hum grande Imperio sobre a barbárie; mas com o conselho de hum Sergio, douto Monge, ainda que impio, dando ao estupido Mahomete huma Lei sobre que o fundasse: e depois que os Gregos, começando na Asia, se sepultárão nas sombras da

ignorancia, os Arabes começárão de cultivar a Methafysica, a Astronomia, a Medecina, e com este saber dos doutos, ainda que não da mais culta Humanidade, chegárão a huma extrema gloria as conquistas dos Almansores, ainda que barbaros, e feros, que estenderão as Sciencias e depois as armas desde os Areaes de Suez até ás raizes do Atlante, passarão o Mediterraneo, e levantárão o facho da litteratura por entre as espessas sombras que na Italia, e nas Hespanhas tinhà deixado a dominação Gothica. Eu te assignalo a estrada para a gloria, a experiencia antiga ta mostra, e tu podes com aceno de benevolencia, fazer surgir outros Cantores, que me vençâo, e te exaltem.

DISCURSO PRELIMINAR.

Tu nihil in magno doctus reprehendis Homero?
Hor.

TODAS as Nações cultas, e dadas ás letras tem até agora formado huma especia de timbre, ou brazão em possuir hum Poema Epico, em que se celébre hum feito illustre com que se immortalise o nome e a memoria de algum de seus Heroes. A Grecia se ufanou sempre dos Poemas de Homero, e Roma constituio em o número de seus immortaes monumentos o Poema de Virgilio. Já não existem os Reinos, e as Républicas da Grecia, e o Throno da Barbaridade se assentou sobre as ruinas do berço e domicilio da humana Sapiencia; e aquella Athenas inventora das Artes, como diz Marco Tullio, *nem* conserva seu antigo

nome, nem mostra no seu vasto ambito mais do que ruinas, e entre ellas huma pobre, e desconhecida aldêa dominada de Turcos indoutos; e ainda vão de seculo em seculo, levados na carroça triunfal da Gloria dominadora dos tempos, os dois Poemas de Homero, que julgo duraráõ tanto como os homens na Terra. Acabou-se o Imperio Romano, e sua gloria, e magestade se fordo atenuando successivamente nas mãos dos Povos barbaros, que o vencerão e desmembrárão; nunca acabou, nem se offuscou entre tão densas sombras, e entre tão diversas dominações, o nome de Virgilio; e a Eneida vinga o nome, e a fama dos Romanos das injurias do tempo, e da ignorancia dos Barbaros do Norte, e do Meio-dia, que alternativamente dominárão, e devastárão a Italia, e toda a Europa: senão descobrimos em Roma mais que os restos da antiga grandeza, descobrimos, e admiramos no *dia de hoje* o mesmo respeito, e vene-

ração consagrados á Eneida, que se lhe consagrárão nos dias de Augusto, quando a mandou salvar das chammas, a que o seu Author, pouco satisfeito de tão illustre producção, a havia condemnado. Tal he a condição de hum Poema E'pico quando he perfeito, e parece que está decretado, que todas as Naçõe ainda que tenhão muitos, se devem gloriar de hum só. Consideremos a antiga Roma para contemplarmos depois o Quadro augusto das outras Naçõe. Sem me lembrar do Poema de Lucrecio, menos estimado que o de Virgilio, ainda que recebesse o ultimo polimento da filosofica lima de Cicero, Lucano appareceo no Imperio de Nero com a Farsalia; Silio Italico no de Trajano (segundo se crê) com a Guerra Punica, Estacio no de Domiciano, com a Thebaida, Valerio Flacco (de idade incerta) com os Argonautas: como esquecidos de tudo isto, os Romanos sómente se lembrárão, e todos ainda se lembrão, da Enei-

da, bem como os Gregos, apezar do merito de Hesiodo, e Lycofronte, se lembrárão unicamente da Iliada, e da Odysséa.

Fugirão, e emmudecerão as Musas E'picas entre as sombras da dominação Gothica, e Sarracena; mas apenas, com o renascimento das Sciencias, surgirão, e se aperfeiçoarão as Artes na Italia, levantou com ellas a annuviada e abatida fronte a magestosa Epopéa, e o que se julga o mais antigo dos Poetas vulgares com alguma regularidade, Dante Alighieri, construio huma especie de Epopéa, a que chamou *A divina Comedia:* e depois delle, com o intervallo de mais de hum seculo, deo o primeiro ensaio do Poema E'pico regular Petrarca na sua *Africa*, cujo fado não foi muito propicio (e o devia ser), porque feita em versos latinos. Depois da E'poca de Petrarca, a quem a presente Poesia, e Litteratura devem tudo, João Jorge Trissino deo o primeiro Poema E'pico

em vulgar, escrevendo em verso livre do jugo barbaro da Rima, á imitação dos Gregos, e dos Romanos; exemplo que devia desde então ser seguido, se os homens assentassem que em huma lingua tão harmoniosa como a Italiana, se devia mais satisfazer a razão, e o entendimento, que lisongear passageiramente os ouvidos. Depois de Trissino he innumeravel o esquadrão dos E'picos Italianos, composto dos Romancistas, dos Heroicos, e dos mixtos: julgo inutil, e desnecessaria fadiga tecer este immenso catalogo; os Sabios a quem não he desconhecido Tiraboschi o sabem; mas avultão tanto neste interminavel fio de grandes Poetas Alamani, Pulci, Baiardi, Bernardo Tasso, e Ariosto, que he impossivel não fazer delles distincta lembrança. Entre os Epicos de nome na Italia, fecundissima em Genios extraordinarios em todos os sentidos, eu contemplo tres de bom seculo, crédores de immortal Fama: Bracciolini na Cruz Con-

quistada, Graciani na Granada, e Semproni no Boemundo; (este he o mais digno Rival do grande Tasso). Emfim conta a Italia mais de duzentos Poemas, E'picos em lingua vulgar, mais de sessenta em Latim, dignos da Idade de ouro, como o de Vida, o de Sanazzaro, o de Fracastor, o de Alexandre Donati, intitulado *Constantinus*. São innumeraveis entre esta Naçaõ sempre grande, e sempre escrava, os Poemas Didascalicos, e Filosoficos até ao fatal anno de 1793, e 1794 em que as armas dos novos Vandalos, Hunnos, Longobardos, Hérulos, Gépidas, e Sarracenos infestaraõ, e demolíraõ, como vemos, e choramos, a magestosa Ausonia; já naõ tem outros Poemas mais que mudas Elegias entre a aluviaõ de seus estragos.

Entre tantos Poetas desde Dante até Bertola, e Conti, como a Arca em o Diluvio, aboia sobre as ondas do naufragio de todos o immortal Torquato Tas-

so ; tenho e possúo como huma raridade litteraria a sua primeira Edição (*) em 1581, vi a sua ultima Edição em 1810 e neste intervallo de quasi dois seculos e meio conto pelos Annaes da Historia Litteraria 230 Edições de Jerusalem.

A França, que recebeo da Italia o deposito das Artes em o Reinado de Francisco I., tambem desde estes dias começou a produzir Poemas Epicos ; desde Ronsard com a sua *Franciada* até Voltaire com a *Henriada*, não são poucos os que apparecerão para se eclipsarem logo ; a mesma *Pucelle* de Chapelain, obra de 30 annos, escudada com

(*) Esta Edição he em 24.° feita em Leão de França na Officina de Pedro Roussin em 1581 sobre hum m.s. tirado ao Poeta em Turin : ainda não tinha concluído o Poema, pois lhe faltão muitas oitavas, e he esta Edição anterior de alguns annos á de Cazzal-magiore, que se fez em vida do mesmo *Poeta*.

a authoridade de Richelieu não escapou do naufragio do esquecimento, e do desprezo, e só tem existencia nas invectivas de Boileau. Appareceo o P. Le Moine com a sua *Coróa Conquistada*; e posso affiançar que não ha Poema, depois da Thebaida de Estacio, em que haja mais Poesia: a verdade arrancou da boca de Voltaire esta ingenua confissão; mas os Livros são como os homens, os de nenhum preço vivem, os benemeritos muitas vezes esquecem; de maneira que entre innumeraveis Epopéas a França (até barbara) não conhece, não acclama senão a unica Henriada, tediosa cadêa de antitheses; e mais nada.

A Inglaterra entre muitos Poemas desde Chaucer até hoje, não conhece nem acclama outro mais que o Paraiso Perdido, e não cessa de chamar Homero ao seu Milton. Onde Milton he pequeno, he mais que Homero, e onde he grande, ninguem he maior.

A Alemanha tambem he grande em Poesia; o Arminio, e a Messíada lhe assegurão, a immortalidade da Fama: e alguem haverá que abrace, e desempenhe o plano que entre suas obras deixou o immortal Leibnitz para huma verdadeira Epopéa; he tão vasto, que abrange todo o quadro da Revelação na creação, e na regeneração do homem.

Os Castelhanos não tem a cabeça Epica; mas no meio de sua invencivel infecundidade mostrão ao menos a tristissima Araucana de Alonso d'Ercilla, e a gelada, e hyperbórea Jerusalem de Lope da Vega.

Depois dos Italianos, nenhuma Nação tem mais Poemas E'picos que a Portugueza; até no total amortecimento do gosto produzio Poemas E'picos, o *Virginidos* de Barbuda, o *Viriato Tragico* de Braz Garcia Mascarenhas, fazem desejar que estes homens tivessem nas-

cido, ou antes de aqui vir Filippe II., ou depois que se criou, e estabeleceo a efémera Arcadia: foi culpa do seculo, e não sua o que escrevérão ser tão máo; o mesmo digo de Miguel da Silveira no *Macabeo*, e de Francisco Botelho no *Alfonso*. Passão intactos por entre as sombras o *Naufragio de Sepulveda* por Jeronymo Corte-Real; e deve-se hum lugar entre os primeiros ao *Cerco de Dio* pelo grande Francisco de Andrade. (*) Tem hum throno muito distincto Francisco de Sá de Menezes na *Malaca Conquistada*, e D. Bernarda Ferreira de Lacerda na *Hespanha Libertada*: merecem grande respeito Gabriel Pereira de Castro, e Vasco Mousinho de Quebedo: O *Condestavel* de Francisco Rodrigues Lobo he hum desdoiro de tão ameno engenho; mas a Epopéa não era o seu elemento,

(*) São de especie ambigua a *Insulana*, de Manoel Thomáz, e o *Templo da Memoria*, de Manoel de Galhegos &c.

coube-lhe em sorte a flauta de Pan, ou o Arrabil de Theócrito, e não a trombeta de Caliope. Sobresahe a estes, e a todos os que não digo, o grande Luiz de Camões: este he o suffragio publico da Nação, a quem por quasi tres seculos tem feito ecco o perenne testemunho dos estrangeiros. Tres traduções em Latim, a de Fr. Thomé de Faría, a de André Baião, Successor em Roma na Cadeira de Eloquencia de Marco Antonio Mureto; a do celebre homem Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo; duas em Italiano, a de Paggi antiga, e a moderna de hum Anonymo Piamontez; tres em Francez; outras tantas em Inglez, e igual número em Castelhano. Os Commentarios de Manoel Corrêa, de Pedro de Máriz, de Manoel de Faria e Sousa, de Ignacio Garcez Ferreira; as Edições, que ainda não parárão desde a primeira em 1572 até ás ultimas de Coimbra, e de Lisboa; a admiração, e estima constante dos Por-

tuguezes, tem segurado, e immortalisado o nome, e a fama das Lusiadas, e de tal maneira engrandecido, e exaltado Luiz de Camões, que conservamos a mesma veneração a este Poeta, e tanto nos gloriamos de haver nascido em Portugal, quanto se gloriarão, e ufanarão os Romanos de Virgilio, os modernos Italianos de Tasso, os Inglezes de Milton, os Alemães de Klopstok, os Francezes de Voltaire; e a querermos colher mais em particular os votos da Nação, veremos que por estes suffragios he anteposto a todos os E'picos antigos, e modernos: da-se-lhe o titulo de Divino, e o começou a gozar ainda em sua vida; assim o vemos no Soneto que Ignacio Garcez Ferreira transcreve a pag. 24 do seu Apparáto para a leitura, e intelligencia das Lusiadas:

Quem he este, que na Arpa Lusitana
Abate as Musas Gregas, e Latinas?

Luiz de Camões he, que a Soberana
Potencia lhe influio *partes Divinas*,
Com que expirão as flores, e boninas
Da Homérica Musa, e Mantuana.

no mesmo Soneto, considerando-se Camões como Poeta Comico, se diz:

Se tu, triunfante Roma, este escutáras,
No teu Theatro, e Scena luminosa,
Nunca do grão *Terencio t'admiraras.*

Se olhamos para o Epitafio, que em sua campa mandou gravar D. Martim Gonçalves da Camera, composto pelo P. Mattheus Cardozo, vemos que apenas he licito ás Nações da Terra vertello em suas linguas, porque he hum attentado *(nefas)* igualallo, pois entre os antigos *não teve igual*, nem haverá jámais entre os modernos, e os vindouros quem mereça depois delle o segundo lugar.

... Posso dizer que estes forão os meus sentimentos até huma certa idade em que a Filosofia me começou a ensinar, que o criterio da verdade não consistia no consenso unanime de muitos homens, e que o pezo da authoridade humana em materias de litteratura não devia impôr de tal arte á nossa razão, que a tornasse escrava da opinião, privando-a do recurso do proprio exame. Vi que os homens, por ex., tinhão sacudido o jugo do Peripato quando resolverão conhecer-se a si, e olhar de perto para a Natureza; então se desvanecerão antigas, e arreigadas preoccupações, então se abaterão de todo os illusorios fantasmas que em tão densas sombras envolvião, e sepultavão a verdade. Julgava-se huma quimera a existencia dos antipodas, e desfez-se. Imaginava-se que a Natureza tinha horror ao vacuo, e soube-se pelo exame que era o elaterio, e o pezo do ar quem produzia os fenómenos até alli não entendidos; emfim determinárão-se os homens a

substituir a experiencia, e a observação ás opiniões universalmente recebidas. Bernardino Telesio, Francisco Patrizzi, hum dos primeiros restauradores da boa Filosofia, a quem os melhores d'entre os modernos devem tudo, e o Medico de Clemente VIII., André Cisalpino, antes que Bacon em Inglaterra, ousarão examinar, e regeitar a Filosofia de Aristoteles, derrubar este Idolo, e preparar hum novo orgão para a Sciencia, ou aplainar a estrada por que depois caminhou livre e seguramente o grande Des-Cartes.

Eu assentei que me devia fiar mais de meu proprio exame, que do parecer alheio, e depois de haver feito muitas, e aturadas leituras dos Poetas antigos, e modernos, depositando em minha memoria com muita ordem e symmetria seus melhores quadros me resolvi a examinar, comparar entre si, e analysar escrupulosamente as Lusiadas, para ver quaes erão *as bases* em que se levan-

tava a tão desmedida estatua da sua fama; quiz proceder com aquella ordem lúcida, ou luminosa que devemos seguir, para não errarmos, em nossos raciocinios. Em todas as obras de puro engenho ha tres coizas essenciaes, e sem estas não podem existir. Consideremos a mais difficil destas obras, que he huma Epopéa, á qual só se deve aventurar hum genio que se conheça original: Invenção da Fabula, disposição das suas partes integrantes, e elocução. O genio deve crear, o juizo deve dispor, e a fantasia deve annunciar-se pela vóz das imagens, e do estilo, que deve differir tanto da proza, quanto differe hum quadro, animado pelo colorido de Ticiano, de huma simples gravura.

Ora com estes principios comecei a contemplar as Lusiadas, e vi que a Fabula não era original, mas emprestada, e que ao Poeta faltava o genio da invenção, e que apenas se podia classi-

ficar entre os serviz imitadores: vi que a disposição, e symmetria do edificio era por extremo defeituosa, pela desporporção de suas partes constituintes, ou integrantes; vi finalmente, que a elocução era sobre maneira desigual, e que naquelles tractos do Poema, em que não tomava, e copiava dos outros, cahia desleixadamente em termos baixos prosaicos, e dissonantes.

Vejo e conheço que isto he ir em frente combater a opinião pública; mas tambem sei, que não sou temerario, quando me lembro que escrevo para aquelles que amão mais a verdade que a prevenção, e que sabem que não vai a gloria da Patria em não haver originalidade em hum Poeta; e que coiza he hum Poeta? He hum homem que tem a força da imaginação hum pouco mais viva, e he hum ridiculo quando esta mesma força imaginativa não vai regulada por hum sólido, e profundo entendimento, e sem

este, nem aproveita, nem apraz. Os versos não são mais que huma difficuldade vencida; eu que os faço, e que venço sem muito afan esta difficuldade, sei dizer de mim que me deleita, e me toca mais vivamente a proza de Lucio Floro, que os versos de muitos Poetas famosos e respeitaveis, em cujas obras não descubro mais que o que diz judiciosamente Horacio:

Versus inopes rerum, nugæque canoræ.

Esta minha ingenua confissão me deve eximir, e livrar da suspeita de apaixonado contra Camões; e aquillo a que muitos chamarão o amargo fel de hum Aristarco, não he mais que hum mui ardente amor da verdade: e se fôr huma emulação justa e honesta, porque se ha de chamar hum delicto? Diz-se que Tasso fôra hum émulo de Ariosto; mas Ariosto era hum homem, e Tasso era outro; eu não vejo nisto hum crime. Porque não ha de soffrer hum Poeta o que soffre hum

Filosofo? Conhecer a Natureza não he mais que pintalla? Huet fez a censura da Filosofia de Des-Cartes; porque não poderei eu examinar as Lusiadas? (*) Este exame he tão necessario aqui, que elle he o documento justificativo, que eu apresento a este Seculo, e á Posteridade, do que em mim se póde chamar arrojo, tratando o mesmo assumpto em que se empregára hum Camões!

Eu não intento julgar as Lusiadas pelas leis arbitrarias dos que até aqui se disserão mestres da Poetica. Em todas as producções das Artes de imitação não ha se não huma lei, huma regra universal, e invariavel, que he a absoluta unidade, e simplicidade; lei que Horacio comprehendeo em hum só verso, e que

(*) Tassoni censurou Petrarca, que he para os Italianos hum objecto de maior respeito que Camões para os Portuguezes. A verdade vale mais que os Poetas.

se deve applicar não só á Poesia, mas á Pintura, e Arquitectura:

Denique, sit quodvis simplex dumtaxat, et unum.

Sejão os Heroes muitos, ou hum só, multipliquem embóra os quadros, com tanto que resulte de sua união huma só perspectiva, como vemos na portentosa Thebaida de Estacio, onde os Heroes são sete, e formão aquella galaria de extraordinarias pinturas em que a alma anda sempre absorta, e satisfeita; não se possa assignalar, nem determinar o verdadeiro Heroe, como vemos no milagroso Milton; nada disto importa, com tanto que encontremos hum Poeta que em nós produza o que quer Horacio

. . . . Meum qui pectus inaniter augit,
Irritat, mulcet, falsis terroribus implet.

Se este fim se consegue, eu desculpo todos os defeitos que a nimiamente escrupulosa arte argúe nos Poetas. O que nelles he indispensavel, e sem o qual não

são Poetas, he a originalidade na invenção; eis-aqui o que se não encontra em Camões; o que eu não attribuo á esterilidade da sua alma, mas ás eircumstancias da sua vida, e ao não apurado gosto do seu seculo, em que se não conhecia o grande principio de que o melhor sempre he possivel. Por algumas grandes bellezas das obras de Camões, conheço que elle tinha o talento de inventar, mas não o poz em acção nas Lusiadas, onde não só a totalidade da Fabula he estranha e servilmente imitada, mas até os mais particulares accidentes são alheios; de maneira que não ha huma só discripção, e o que he mais ainda, huma só comparação entre tantas, que seja sua, e não tomada dos Poetas Latinos, e Italianos, que o precederão. Conheço que estas tão geraes assersões são d'espantar os animos dos que julgão e decidem sem exame; mas venhamos pela analyse ao mais cheio, e luminoso clarão da evidencia.

O primeiro dever de hum Poeta Epico he transportar o rigor do argumento historico para o estado do verosimil, que se chama a Fabula do Poema; a passagem da Historia para o fabuloso edificio da Poesia he a pedra de toque do genio inventor, e creador do Poeta; este faltou em Camões; por que se não existisse a Eneida, não existirião as Lusiadas: confrontemos com hum pouco de Filosofia hum e outro Poema.

Não sei, na verdade, que nome dê a este invencivel furor de imitar, que se descobre até nos maiores Poetas; não só imitão, ou transcrevem em grande, mas descem ao parcial, e ao pequeno com a imitação: o mesmo Virgilio, formando seu Poema de 12 livros, os 6 primeiros são fundidos nos moldes da Odyssea, os 6 ultimos nos da Iliada: e o que me fez espantar foi hum texto do 5.° Livro dos Saturnaes de Macrobio, que diz assim, fallando do 2.° livro da Enei-

da, que tanto nos admira: *Eversionem Troiæ cum Sinone suo, et equo ligneo, cæterisque omnibus, quæ librum secundum faciunt, à Pisandro pene ad verbum transcripserit.* Ora se tanto fez Virgilio a respeito de Pisandro em hum só livro, muito mais fez Camões a respeito de Virgilio por todas as suas decantadas Lusiadas.

Virgilio não quiz dar principio á navegação d'Eneas com a partida deste Heroe do porto de Troia, lança-se com a imaginação ao meio da viagem, e o considera velejando na altura ou nas aguas de Sicilia:

Vix è conspectu Siculæ telluris in altum
Vella dabant læti, & spumas salis ære ruebant.

D'estas paragens o faz demandar a Africa, onde he recebido, e hospedado por Dido, e lhe conta o resto, de sua navegação de Troia até á Africa, deixando para si o Poeta a relação da viagem des-

de o porto de Carthago até ás emboca-duras do Tibre. Eis-aqui o exemplar, ou o modelo, vejamos a servil copia.

Virgilio, truncando a navegação de Eneas, o faz em frente do Promontorio Pachino na Sicilia; Camões, truncando a navegação do Gama, o considera em frente do Promontorio Prasso na costa oriental d'Africa. Virgilio não fallou no principio do Poema da sahida de Troia; nem Camões da sahida de Lisboa. Virgilio faz entrar Eneas em Carthago, Camões faz aportar o Gama a Melinde. Eneas he recebido e agazalhado por Dido; Vasco da Gama he recebido, e hospedado pelo Rei de Melinde. Eneas conta a Dido sua navegação desde Troia até Carthago; Vasco conta ao Rei sua navegação desde a praia de Rastello até Melinde. Virgilio conta o resto da navegação de Eneas desde Carthago até ao Tibre; Camões conta o resto da navegação de Vasco da Gama desde Melinde

até Calecut : fôra muito melhor traduzir Virgilio, que imitar tão servilmente Virgilio.

Virgilio, em o Liv. 10 da Eneida, finge hum Conselho de Deoses no Olympo, em que se ventila, e discute o destino dos Troianos na Italia, que era o fim da acção. Neste conselho decreta Jupiter entre os Deoses por elle convocados, que cesse a guerra entre os Troianos, e os Latinos, e que tenha emfim Eneas o Reino da Italia. Camões faz convocar pelo mesmo Jupiter de Virgilio, no mesmo Olympo, os mesmos Deoses, para o mesmo Conselho, e com o mesmo fim; pois decreta Jupiter que acabem os trabalhos padecidos, e soffridos pelos Portuguezes, sendo-lhe mostrada a India, que era o fim da acção, como em a Eneida a posse do throno do Rei Latino. No Conselho de Virgilio altercão agra, e furiosamente Juno e Venus, a primeira contra os Troianos, a segunda a fa-

ver: a primeira lembrada da Sentença de Páris, a segunda movida de amor de mãi, pois houvera de Anchises o piedoso Eneas. No Conselho de Camões, que se convocou, e ajuntou no anno de 1497, altercão outros dois Numes, Baccho, e Venus, aquelle contra, e esta, pró; Baccho invejoso da futura gloria dos Portuguezes nas suas futuras conquistas do Oriente, Venus levada do amor que tem á lingua Portugueza pelos ares que dá da lingua Latina, e pela analogia que ha entre as sintaxes de ambas; a lembrança deste motivo da protecção de Venus he prodigiosamente ridicula. No Conselho de Virgilio ergue-se Marte de sua cadeira, e segue as partes dos Troianos seguindo o parecer, e voto de Venus; no Conselho de Camões segue Marte o parecer e proposta de Venus, opina como ella a favor dos Portuguezes, e pede a Jupiter que mande a Mercurio, como viador, a dispôr a hospedagem dos Lusos *em* Melinde. Já este mesmo requerimen-

to tinha feito Pallas na Odysséa, pedindo a Jupiter mande Mercurio a Ogygia dispôr a hospedagem de Ulysses; o mesmo Numa que vai a Ogygia, he o que desce a Melinde.

Virgilio descreve huma tempesta- de apenas Eneas perde de vista a Sicilia, Venus implora a piedade de Neptuno, este surge em seu socorro, manda aos ventos que se accommodem, e o mar socega. Quando a armada do Gama sahe da Aguada de S. Braz, em demanda de Melinde, descreve Camões huma espantosa tormenta. A tempestade de Virgilio, foi promovida por Juno, a tempestade de Camões, foi excitada por Baccho. Na tempestade de Virgilio applaca Neptuno os ventos; na tempestade de Camões, amacia Venus o furor dos mesmos ventos, não com imperio, mas com peitas e promessas de dar a cada hum dos amotinados sua esquiva Nereida. Virgilio faz que Venus vá fallar a Jupi-

ter, pelo risco que corrião os Troianos; Camões faz que Venus vá fallar ao mesmo Jupiter, pelo perigo em que estavão os Portuguezes. Só ha huma differença, em Virgilio vai Venus como huma Deosa, em Camões vai Venus como huma prostituta, em dois versos que, nas mãos de hum Censor delicado, supprimirião as Lusiadas:

De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

Virgilio faz que desça Mercurio a avisar os Troianos, e dar parte aos Carthagineses de sua chegada: Camões faz que Mercurio desça a avisar o Gama que saia do porto de Mombaça, como o mesmo Mercurio avisa a Eneas, que saia do porto de Carthago.

Virgilio pinta pelas paredes do Templo de Carthago as batalhas dos Troianos, *Iliacas ex ordine pugnas*:

Camões pinta nas portas do Palacio do Samorim em Pandarane as batalhas de Baccho, de Semiramis, e de Alexandre; porque tambem Virgilio as tinha pintado nas portas do Palacio d'ElRei Latino.

Virgilio introduz, ou representa a Venus em conferencia com Cupido sobre infiammar, e matar de amores a Dido pelo piedoso Eneas: Camões introduz a Venus em demanda de Cupido para fazer os mesmos officios com Thetis Rainha dos mares, para resfolguedo do Gama, e dos Portuguezes cançados, e aborrecidos de tão longa navegação. Virgilio dá hum banquete a Eneas no Palacio de Dido; Camões dá outro banquete a Vasco da Gama na Ilha deliciosa. Em quanto em Carthago dura o banquete, ou depois delle, Virgilio faz cantar a Iópas. Em quanto na Ilha dura a merenda, ou depois della, Camões faz cantar huma Ninfa, ao som de huma viola, o que os Portuguezes devião fa-

zer no Oriente descoberto, e conquistado, como Virgilio dá para thema das cantigas de Iópas as fases da Lua, os eclipses do Sol, e a razão fysica da pequenez dos dias, e extensão das noites de inverno.

Virgilio introduz a Dido, depois de cêa, pedindo a Eneas lhe conte os successos da guerra de Troia, e trances de sua longa navegação, Camões com a mesma frase introduz o Rei de Melinde pedindo ao Gama lhe relate miudamente a historia de Portugal na paz, e na guerra, e os successos de sua viagem desde a fóz do Téjo até áquelle porto.

Virgilio em o 8.º Livro da Eneida faz que o Rio Tibre appareça em sonhos a Eneas para lhe vaticinar a grandeza do futuro Imperio Romano, convidando-o para lhe lançar as primeiras *bases no* terreno que elle Tibre cortava

e divídia: Camões no Canto 4.° faz apparecer em sonhos a ElRei D. Manoel os Rios Indo, e Ganges, persuadindo-o que os mande descubrir para que nas terras que elles regão venha fundar hum Imperio talvez mais glorioso, que o de Roma. Esta apparição dos dois Rios velhos, e cançados do caminho, como diz Camões, e que tanto brado tem dado entre os admiradores, e idolatras só do que he antigo, he huma copia servil da imagem original de Virgilio transplantada com as mesmas circumstancias, os mesmos motivos, os mesmos fins para o Poema de Camões.

No fim do 4.° Canto das Lusiadas ha cousas que parecem grandes, e que parecem novas. O Concurso da gente da Cidade, a situação das náos, as despedidas entre os que partião, e ficavão, a prosopopéa do Velho de tão máo agoiro para os navegantes, são coisas que tem *até agora* merecido o applau-

so, e admiração até dos Varões mais doutos, e a approvação geral dos Seculos que tem decorrido desde a época do apparecimento das Lusiadas. O tempo em que estas coisas apparecerão as admirou; bastava para isto a novidade de serem annunciadas em versos Portuguezes; deo-se a Sentença sem o conhecimento da causa; esta Sentença foi sanccionada pelo volver dos annos, e successivamente se foi transmittindo de geração em geração; e como o exame seja coisa trabalhosa, descanção huns homens sobre a decisão dos outros homens; e dest'arte se estabelece a perpetuidade da fama, cujo principio, ou motivo foi quasi sempre o acaso, e muito poucas vezes o merito, até que appareça hum homem, que derrube o fantasma da Opinião. Ora pois, se não existira o Livro 6.° da GuerraPunica de Silio Italico, tambem não existiria esta tão applaudida tirada das Lusiadas. Silio Italico em hum dos mais admiraveis quadros de

Poesia, e talvez hum dos maiores que existão fora da Thebaida de Estacio, (diga embora Quintiliano, que elle fazia versos com mais estudo que engenho) nos descreve, e representa a partida de Régulo de Roma para Carthago. Alli apparece o mesmo concurso de povo; o mesmo luto, as mesmas ansias nos espectadores, a mesma serenidade, e tranquillidade de animo em o Heroe que embarca. Hum dos Cidadãos levanta a vóz e exclama contra a partida, e o verdadeiro modelo destes brados do Velho, na praia de Rastello, he o pranto, e a imprecação de Marcia, mulher de Régulo, até ao ponto de emmudecer desmaiada, *Color mortis occupat artus;* Cobre-lhe a côr da morte os membros todos. Sem a velha Romana não haveria o velho Portuguez: (quando tratarmos das servís traduções parciaes mostraremos que o primeiro traductor da Ode *Sic te Diva potens Cypri*, foi o velho Portuguez a 8 de Julho de 1497). Porém como Ca-

mões, depois de ter despojado Virgilio para se enriquecer a si, não deixava o Ariosto para se enfeitar, do sempre folheado Ariosto foi tirar mais velho, mais exclamações, apostrofes, e pragas. No Canto 40 do Orlando Furioso manda Agramante partir outras náos, e o Camões dá principio ao Canto 5.° com as mesmas palavras do velho vociferante em Ariosto:

„ *Con tali, e simil detti il vecchio accorto.* „
„ Estas sentenças taes o velho honrado. „

E o mais que se lê na 1.ª, 2.ª, e 3.ª estancia do Canto 5.°, que tanto se admira, he trasladado do Ariosto estancia 8.ª do Canto 41 que começa:

„ *Il legno sciolse, e fè scioglier la vela* „

Toda a Fabula da Lusiada he desta arte sirzida de pedaços alheios.

Virgilio por todo o Livro 3.° faz que o Pai Eneas conte a Dido tudo quanto passára em sua viagem, fazendo-

lhe huma descripção geografica das costas de terra firme, e das ilhas, que vira, e a que aportára: Camões faz que o Gama conte o mesmo, e com a mais exacta e escrupulosa miudeza, ao paciente Rei de Melinde. Virgilio conta o encontro que tiverão os Troianos com os Cyclopes na praia de Sicilia; Camões conta o encontro, que tiverão os Portuguezes com os Ethyopes na Angra de Santa Helena, comparando hum dos taes com Polifemo. Virgilio contá as doenças, e mortes dos Troianos na Ilha de Creta; Camões conta as doenças, e mortes dos Portuguezes no porto do rio dos Bons-sinaes.

Se além do que se diz acontecido historicamente, me lembro do que se chama quadro ideal; os mesmos quadros ideaes, que tanto se louvão, e admirão em Camões, não brotárão originalmente de seu engenho, tinhão já typos preexistentes. A chamada portentosa imagem de

Adamastor apparecida de noite, he a imagem de Roma que apparece de noite a Cesar, que intentava, e resolvia passar as vedadas margens do Rubicon, em o Liv. 1.° da Farsalia de Lucano; he a imagem de Creúsa, que apparece de noite a Eneas quando se apartava de Troia, em o Liv. 2.° da Eneida; he a imagem gigantesca de Pelêo, que apparece no mar, envolta em huma nuvem, na escuridão da noite, a Aquilles quando da ilha de Sciro era levado por Ulysses para o cerco de Troia, como se vê em o 2.° Livro de Aquilleida de Estacio. O vaticinio triste, que Adamastor faz ao Gama, he o mesmo funesto agoiro, que a Harpia Celeno faz aos Troianos em o Liv. 3.° da Eneida. O nome do Gigante he tirado de Claudiano no fragmento da Gigantomachia. A transformação do Gigante em Promontorio, he tirada do 4.° Livro das Metamorfoses de Ovidio, onde vemos Atlante transformado em monte de seu nome, por ser devassador dos astros como Ada-

mastor por galantear a Thetis. A intumescencia do mar, o bramido das ondas; as refegas dos ventos na appariçăo da Sombra, săo mais que litteralmente vertidos de Ovidio no excellente quadro da appariçăo do monstro marinho, que espantou os cavallos da carroça de Hyppolito; em poucas imagens he tăo valente Ovidio:

„ *Cum mare surrexit, cumulusque immanis aquarum*
„ *In montis speciem curvari, & crescere visus.*
— Erguc-se o mar, medonha immensa vaga,
Qual montanha se arquêa, e cresce, e sobe. —

O Grego Apolonio, e o Latino Valerio Flacco no Poema dos Argonautas, que muita similhança conserva com o do descubrimento do Oriente, introduzem as Nereidas soccorrendo a náo Argos em o perigo que corria no passo de Scylla, e Charybdis: Camões introduz as mesmas Nereidas soccorrendo as náos Portuguezas no perigo que corriăo sobre os cachopos do porto de Mombaça.

Virgilio faz descer Venus ao mar em demanda do Palacio de Vidro em que móra Neptuno, como se vê no bom quadro do Livro 5.° v. 774: Camões faz descer Bacoho ao mar, buscando o Palacio de Vidro em que móra Neptuno no 6. Canto. Homero no Liv. 13.° da Iliada descreve este Palacio; de Homero veio a pintura para Virgilio, de Virgilio passou com o mesmo direito de propriedade para Camões. Falta em Homero, e em Virgilio a descripção da escultura das portas deste Palacio; Camões lhe quiz dar este adorno de escultura, e, sendo facil ajuntar ao inventado, em quanto Camões acha bens alheios, não emprega, nem despende os proprios; mas elle não era avaro, era pobre, e foi esculpir nas portas de Neptuno debaixo das agoas, o mesmo que Ovidio tinha esculpido nas portas dos Paços do Sol no Liv. 2.° das Metamorfoses: Veja-se o

„ *Regia solis erat sublimis, alta columnis.*

Neptuno convoca os Deoses do mar pelo seu negro e feio mensageiro em o 1.° Liv. das Metamorfoses: Neptuno pelo mesmo Correio convoca os Deoses do mar em o Canto 6.° das Lusiadas. Virgilio pinta as Ninfas do rio Penêo cheias de admiração ao verem entrar Aristêo pelas ondas, e urnas do mesmo rio, scena sublime do 4.° Liv. das Georgicas; Camões pinta as Nereidas admiradas, e cheias de assombro ao verem

Entrar no Reino d'agua o Rei do vinho;

Virgilio pinta magestosamente a Deosa Juno queixando-se a Neptuno contra os Troianos, gente, diz ella, sua jurada inimiga: Camões, no Canto 6.°, nos representa a Baccho queixando-se dos Portuguezes a Neptuno, como de inimigos que intentavão usurpar-lhe a sua gloria nas conquistas da Asia. As queixas do Canto 6.° das Lusiadas, são as mesmas do Livro 1.° da Eneida.

Virgilio neste mesmo 1.° Livro da Eneida, vers. 656, faz caminhar Venus em busca do Filho, *At Cytherea*, para dispôr o coração de Dido. Camões faz viajar Venus ao Idalio monte em demanda do Filho para dispôr o coração de Thetis em o Canto 9.° Mas o verdadeiro original desta copia existe mais por extenso em o pouco lido, porém grande Poeta Claudiano em o Epithalamio de Honorio e de Maria, huma das mais delicadas producções que nos deixou a Antiguidade, depois de algumas Peças que compõe as Sylvas de Estacio. Não temos em Camões huma só circunstancia na convocação das Ninfas, que não admiremos primeiro em Claudiano. Com gosto fizera esta confrontação, se eu fizesse hum Livro, e não hum Discurso preliminar.

Muitos annos antes que o Camões embarcasse para a India, tinha apparecido o Poema de 100 Cantos do Roman-

cista Bernardo Tasso, e não produzia então a Italia hum só livro que Portugal não possuisse logo; (se este mesmo gosto prevalecesse até agora não estaria tão corrupta e maculada a nossa linguagem!) Neste immenso Poema achou Camões, e delle trasladou Camões grandes coisas. No 45 Canto pois do Amadige se descobre hum velho mostrando a Floridante no Templo da Fama a pintura de Carlos V., e de alguns Castelhanos: tanto basta para que Camões faça proprio o que he estranho; quando Paulo da Gama mostra ao Catual os retratos dos Heroes Portuguezes bordados nas bandeiras, mostra Camões, aos que quizerem ler, as estancias de Bernardo Tasso convertidas em Portuguez. Nunca o Poeta Lusitano deo hum passo pelas Lusiadas sem se fazer escoltar dos dois, então famosissimos Poetas, Tasso pai, e o incomparavel Ariosto, hoje não lidos em Portugal depois da contagião dos Livros Francezes.

Celebra-se, e levanta-se até ás estrellas com unanime assombro a invenção da Ilha deliciosa em o 9.° Canto das Lusiadas, e he o primeiro retalho deste Poema que occupa os olhos dos Estrangeiros: clamão que he huma idéa inteiramente original, de que se póde dizer o mesmo que diz de Homero o grave Historiador Veleio Paterculo, que nem antes de si teve a quem imitar, nem depois delle houve, ou haverá quem o possa igualar. Ora eu não quero que o Original desta Ilha seja a Ilha d'Alcina nos Cantos de Ariosto, nem a Ilha de Calypso nos de Homero: a minha infatigavel leitura dos Poetas que apparecerão no renascimento das letras, desde os felices dias do Pontificado do grande Nicoláo V. até Julio II. e Leão X., me fez topar com a verdadeira, e unica fonte deste tão decantado Episodio. Fracastor, que entre Sanazzaro e Vida occupa o primeiro lugar entre os Poetas *modernos* que escrevêrão em Latim,

compoz hum Poema intitulado — *O Gallico*, e no. 3.° Canto, v. 119, encontro hum Quadro digno da magestade, elegancia, e correcção Virgiliana, que começa desta maneira

. . . . *Medio magna Insula ponto.*

Esta Ilha pois apparecida no meio do mar Americano, se chama — *Ofire* — a ella a porta Colombo, e seus Companheiros, e ahi são bem hospedados pelas Ninfas de seus antiquissimos bosques, que lhes apparecem subitamente, e por elles são descubertas, como Leonardo descobre a nova, e estranha caça na Ilha deliciosa: tal he a originalidade desta Ilha com que Camões, fóra da acção, pois se tinha acabado, enche o celebradissimo Canto 9.°, e tal he a indole de humas plantas a que os Naturalistas chamão parasytas, pegão-se aos troncos alheios, e tem vida, porque a tirão de estranhos sucos.

A Ninfa introduzida a cantar no banquete de Thetis, além de ter, como já disse, o seu original na introducção do Iópas da Eneida, tem as suas circunstancias na introducção do soprano Demodóco no Liv. 3.° da Odysséa. Se a Ninfa musica, e profetisa conta os Heroes que se devião ainda afamar na India, nomeando-os pelo seu nome, outro tanto faz Anchises no Inferno, contando ao Filho Eneas, e nomeando pelo seu nome, os Heroes que devião illustrar, e engrandecer nos tempos futuros o vasto Imperio Romano até ao — *Tu Marcellus eris* ... que turvou de lagrimas os olhos de Livia, que tão bem soube remunerar a delicada lisonja do Poeta.

He para admirar a grande, e vasta litteratura de Camões, que parece incompativel com a sua agitada vida; hum soldado vulgar na India, era hum grande litterato na Europa; as Lusiadas estão cheias de huma prodigiosa erudição,

e talvez que os muitos conhecimentos suffocassem a alma de Camões ; prende-se a alma com a demasiada erudição, e o pezo de muitas especies não lhe deixa soltar livres vôos, em que consiste a originalidade; e não produz plantas espontaneas hum campo muito cultivado de alhêas messes: a muita leitura opprime, e então no calor da composição não se cria, e só se produzem reminiscencias. Eis-aqui o que fez de Camões hum copiador, havendo-lhe a Natureza talvez dado disposições para ser original: não só havia lido todos os bons Poetas, mas até o melhor dos Oradores Latinos, que he Marco Tullio: este Orador Filosofo lhe subministrou a materia para a grande ficção do Canto 10°, entre todos o melhor. Hum dos mais bellos Livros de Cicero he o Sonho de Scipião, (*) que mereceo o au-

(*) Formava huma parte dos Livros da Républica, que se perderão; Macrobio nos conserva este Capitulo, e *Lactancio* alguns fragmentos.

reo Commentario de Macrobio. Thetis no Canto 10° sobe com o Gama a hum monte altissimo, e desde lá lhe mostra hum globo transparente, que he o celeste, e depois o terrestre, e depois desta visão começa suas discripções astronomicas, e geograficas. Desta mesma maneira sobe Scipião Africano com seu neto, e então diz Cicero, — *De excelso, & pleno stellarum, illustri, & claro quodam loco*, lhe começa a descrever a máquina do Universo com aquelles sublimes discursos sobre a belleza da virtude, em que me parece sempre escutar hum Filosofo como Lactancio, Minucio Felix, e Julio Firmico Materno.

Não he necessario reduzir a maior evidencia a falta de originalidade na Fabula das Lusiadas, e sem esta caracteristica qualidade não ha verdadeiro Poeta; a paixão nacional nos não deve cegar tanto, que nos não deixe ver *este tão cruel*, como sensivel defeito de

Camões, pois conhecemos que toda a Fabula do seu Poema não he huma invenção, he huma copia. Nunca me deslumbrou a desculpa que derão á esterilidade da alma de Boileau, dizendo, que elle creava em si os pensamentos alheios; isto he hum laço de palavras; quem traslada os pensamentos de Horacio, de Persio, e de Juvenal, traslada, e não cria. Ninguem chamará a Terencio original, quando vir que trasladava as Comedias de Menandro.

Se ha falta de invenção no Poema das Lusiadas, ha maior falta de disposição; e esta he menos disculpavel, porque nasce da ignorancia da arte, e a outra da infecundidade da Natureza. Não basta para se chamar bello a hum Palacio, que seja construido de marmores preciosos, cumpre sobre tudo que nelle se vejão bem empregadas as regras da symmetria, e as leis da Arquitectura. *Pelo lado pois* de huma justa proporção,

e disposição, ainda são mais defeituosas as Lusiadas; não me demorarei em pequenas, e indifferentes coisas, nem a infracção de huma, ou outra regra das Poeticas deve degradar hum bom engenho da altura a que o levárão seus escritos. Seja embora vaga a proposição do Poema, matem-se os Commentadores por mostrar que a unidade da acção consiste, e se annuncia no verso —

Eu canto o peito illustre Lusitano:

porque este termo collectivo — o peito illustre — póde designar hum, ou muitos Heroes. Seja tão vasta, e larga a proposição, que se possa dizer della o que o outro disse de huma pequena Cidade com huma desconforme porta, que houvessem medo os Cidadãos não lhes fugisse, e abalasse por ella toda a povoação. Seja a dedicatoria do Poema maior ainda, e mais fastidiosa que a de Lucano a Nero, a de Estacio a Domiciano: *tudo isto* nada he, quando se contem-

pla a falta de proporção nas partes integrantes do Poema.

O primeiro, e mais essencial defeito da construcção das Lusiadas, como Poema Epico, he não ser nelle transportada a verdade historica para o estado do verosimil Poetico; este he hum defeito pelo qual o mui judicioso Quintiliano tirou da classe dos Poetas a Lucano, e o constituio na classe dos Oradores; porque tirando da Farsalia alguns episodios, nada mais fica que o rigor historico, com a mesma ordem com que se achão todos os factos escriptos nos Commentarios de Cesar: *Magis Oratoribus, quam Poetis annumerandus.* Tal he tambem a arquitectura das Lusiadas; tirados os Episodios, e o maquinismo infame, e ridiculo da Mythologia Pagã, fica a nua historia do descobrimento do Oriente da mesma maneira, e com a mesma exacta ordem, e muitas vezes com as *mesmas palavras*, com que a conta

João de Barros em suas Décadas; nem podia ser mais ajustado, e riguroso o roteiro que fizessem os dois Pilotos da expedição Pedro d'Alemquer, e João de Coimbra. Não posso aqui deixar de repetir humas palavras do assizado Commentador Garcez Ferreira, a pag. 121 do seu Apparato, — *A esta obra do nosso Poeta convém melhor o titulo de Historia Episodica escripta em verso, que o de Poema E'pico.*

Grande he este defeito na construcção do edificio Poetico; mas eu por elle passaria, porque considerando o tempo em que Camões escreveo, e o theor de sua vida inquieta e agitada (que triste condição de Genio tão raro! repartio-se entre desterros, prisão, navegações, e horrores da ultima indigencia!) devo ser, e o sou, mais indulgente do que Horacio, e dizer —

Sunt delicta tamen quibus ignovisse velimus.

Tem outros defeitos muito mais essenciaes, e indisculpaveis, e o principal he, não haver proporção alguma nas partes deste Poema; e he tal a falta de proporção que o torna monstruoso: compõe-se na mais correcta edição de 1004 oitavas; o 3.° Canto tem 143 oitavas, o 4. tem 104, o 5.° tem 100 oitavas, que sommão 347; e todas estas se vão na Historia geral, e particular do Reino, contada ao pacientissimo, e insomne velho Rei de Melinde. A historia avulsa dos doze de Inglaterra leva 27 oitavas no Canto 6.° A nova historia de Portugal bordada nas Bandeiras, no Canto 8.°, leva 42 oitavas. A proposição, invocação, dedicação, e preparação do Poema em o 1.° Canto leva 41 oitavas. As Apostrofes do principio, e fim dos Cantos, as digressões que em pessoa propria faz o Poeta por toda a obra, assignaladamente no principio do Canto 7.°, onde, depois de chegar á India com Vasco da Gama, se dezata em invectivas *amargas* contra os Soberanos

e Reinos da Europa, levão ao justo 65 oitavas, que sommão 175 oitavas, que juntas ás 347, sommão 522; abatidas estas das 1004 do Poema, ficão 482 oitavas de que se compõe a Fabula Poetica, e a verdadeira acção do Poema; coisa por extremo monstruosa, e que a nossa patriotica paixão nos não tem deixado devisar, até que no dia d'hoje os olhos da boa Critica examinassem as Lusiadas.

Os limites, que a boa razão prescreve a hum Discurso, me vedão dar ao presente a extensão de hum Tratado, por isso não me alongo mais pela consideração das imperfeições, e irregularidades da construcção do edificio das Lusiadas; devo considerar o Poema nos seus extrinsecos ornamentos, ou atavios, isto he no seu estilo, e elocução, que he a terceira qualidade que deve acompanhar esta especie de engenhosas producções.

Quando já na idade de pousada reflexão renovei attentamente a leitura das Lusiadas, notei com espanto duas coisas; primeira, em alguns passos o estilo levantado, e decididamente poetico; segunda, em outros passos o estilo frouxo, e miseravelmente prosaico, ainda quando a materia pedia huma constante elevação. Não podia attribuir isto ás vicissitudes da vida do Poeta, (porque toda ella foi agitada, e quasi perseguida); nem se pode dizer, que os intervallos bons vinhão da face lisongeira que tomava a fortuna do Poeta, e os máos do estado de suas disgraças, e não merecidos infortunios. Eu descobri, que o bom era bom, porque vinha copiado dos outros, e o máo era máo, porque era trabalhado sem modelo, como se vê em mais de metade do 8.° Canto, do qual, pelo seu abatimento, diz Garcez, que derruba em terra todo o edificio do Poema. O que mais se admira em Camões são as suas comparações, e *descripções*; e tudo he alheio, sem

podermos eximir huma só com justiça das mãos de seus legitimos possuidores. Contemplemos as suas comparações.

A primeira comparação, que apparece nas Lusiadas, he a do Canto 1.° Oitava 88, que vem a ser a do Touro = Qual no curro sanguineo =; he trasladada de Bernardo Tasso, Canto 9.°, Oitava 63.

Come Toro tal hor . . .
Per vendicar il recevuto ultragio,
Le corna abassa, e gli si lancia adosso.

No Canto 2.° a primeira comparação he a da setta com que se dá a conhecer o rapido vôo de Venus do Ceo ao Oceano:

Vôa do Ceo ao mar como huma setta.

He tirada de Virgilio, Liv. 12. v. 855.

Illa volat, celerique ad terram turbine fertur:
Non secus, ac nervo per nubem impulsa sagitta.

A segunda comparação no mesmo Canto he a das Formigas:

Quaes para a cova as providas formigas.

He tirada de Virgilio, Liv. 4.° v. 402. *Ac veluti ingentem formicæ &c.*

A terceira comparação do mesmo 2.° Canto he a das rans:

Assim como em selvatica alagôa.

He toda, sem omitir a mais pequena circunstancia, tirada de Ariosto, Canto 5.° do Additamento ao Furioso, Oitava 62.

Come dà verde margine di fossa,
Dove trovato havean lieta pastura
Le Rane soglion far subita mossa,
E nel l'acqua saltar fangosa, e escura,
Se dà vestigio human l'herba percossa,
O strepito vicin lor fa paura.

Podemos chamar huma comparação de exemplo ao que se lê na Oitava 53 deste segundo Canto, que começa —

Nunca com Marte instructo, e furioso.

Assim mesmo não he sua, mas huma ri-

gorosa, e grammatical traducção de Virgilio, no Liv. 8.° v. 676.

... Totoque instructo Marte videres
Fervere Leucaten.

O mesmo se deve dizer da comparação do Iris, que vem na Oitava 99 deste segundo Canto,

Qual apparece o arco rutilante.

He de Virgilio, Liv. 5.° v. 88.

Cui nubibus arcus
Mille trahit varios adverso Sole colores.

Na Oitava 40 do terceiro Canto temos a bellissima comparação do réo nas mãos do algoz, que começa:

Qual diante do algoz o condemnado.

He traduzida dos dois Italianos, que jámais sahião das mãos ao Camões, Tasso pai, e Ariosto, o primeiro, Canto 15., Oitava 41:

Qual prigioner que la sentenza attenda.

E o segundo no Canto 45 Oitava 66.

Non piu di lei, che a ceppo a laccio, acorda.

Neste mesmo Canto 3.°, Oitava 47, vemos a comparação do cão de fila, ou lebréo, que nos admira:

Qual com gritos e vozes incitado
Pela montanha, o rábido Molosso

teve dois pais, o primeiro Luiz Alamani no Canto 23 da *Avarchiade*

— Qual il jovine Alan —

o segundo Tasso pai, no Amadige, Canto 87, Oitava 43:

Con quel furor che suol far gran Molosso.

Na Oitava 49 ha a comparação do incendio do bosque;

Bem como quando a flamma, que ateada

He grande, e he bella, mas de Bernardo Tasso, Canto 65, Oitava 33:

Come talor dal Ciel caduto foco
In secca selva.

Na Oitava 66 do mesmo 3.° Canto vêmos a comparação do Touro, por extremo bella;

Mas qual no mez de Maio o bravo Touro.

Mas ella, e a sua belleza vem de Bernardo Tasso, Canto 55, Oitava 53,

Come gagliardo indomito Torello.

Apparece neste Canto Oitava 111, a comparação do Gigante Golias; não he inventada, he achada na Biblia, mas a sua applicação he do Romancista antiquissimo Boiardi no seu Orlando Namorado, Liv. 4.°, Oitava 1.

Un Gigante membruto.

A comparação da Oitava 134 do mesmo Canto,

Assim como a bonina, que cortada,

uão he do Poeta, he de Virgilio, Liv. 9.° v. 435,

Purpureus veluti cum flos succisus ardtro.

He de Bernardo Tasso, Canto 10,

Como dà falce il fior reciso langue.

No 4.° Canto, Oitava 34, vemos a comparação propriissima do Leão:

Qual pelos Oiteiros
De Ceuta está o fortissimo Leão.

Mas tambem está o original em Luiz Alamani no Canto 130 da Avarchiade,

E qual fero Leon soverchio oppresso,

Na Oitava 96 do mesmo Canto foi despojado Estacio de huma de suas mais admiraveis comparações,

Qual parida Leôa fera, e brava;

e o grande Estacio diz — :

Ut Lea, quam sevo fœtam pressere cubili
Venantes Numidæ, natos erecta superstat,
Mente sub incerta torvum ac miserabile frendens.
Qual parida Leôa, que', assaltada
Do Caçador Numidico em cruento
Covil, aos filhos olha, e duvidosa
Tôrva se volve, e lastimosa brame.

No 5.° Canto apparece a comparação da sanguexuga, da qual diz Manoel de Faria: „ Quasi todas as com- „ parações podem parecer imitadas, mas „ esta nos não deixou achar similhan- „ te em author algum „ — ; com tudo, Garcez a pag. 446 de seu Commentario

diz o seguinte : — Acha-se na Arte Poetica de Horacio

Non missura cutem, nisi plena cruoris, Hirudo.

Eu não devo formar hum processo infinito, nem hum simples Discurso preliminar deve crescer, e chegar ao tamanho de hum Livro ; mas do que até aqui tenho exposto se prova o que adiantei em minha proposição. O que he bom nas Lusiadas he estranho, o que he frouxo e fastidioso, he proprio ; e como fallei nas descripções que o Poeta faz por toda a têa do Poema, e que nos parecem tão formosas, com a mesma verdade com que mostrei as fontes das comparações, podia mostrar as das descripções. Para não deixar isto sob minha palavra sómente, lembremo-nos da descripção da Europa, que vem no 3.º Canto, e que occupa o mais distincto lugar em todo o Poema :

Entre a Zona, que o Cancro senhorêa,
Meta Septentrional do Sol luzente &c.

Toda esta pomposissima passagem he vertida de Sanazzaro, no trabalhado e elegantissimo Poema — *De partu Virginis*, Liv. 2.°, e tão litteralmente copiada, como são estes versos da Oitava 13:

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria,
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantazia,

Qua Macedum per saxa ruit torrentibus undis
Axius —
Antiquæ Grajorum urbes, gens optima morum
Formatix, clara ingeniis, et fortibus ausis . . .
E não menos por armas, que por Letras.

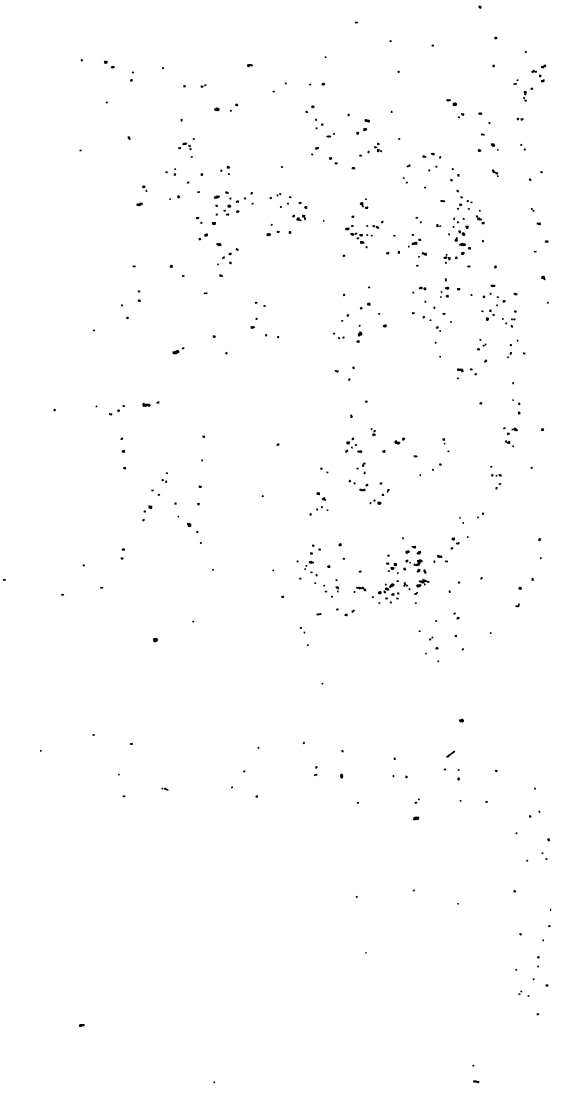
Suspendo aqui o meu discurso, e digo, que assim como os navegadores costumão assignalar em suas Cartas maritimas os escolhos, e parceis, que encontrão semeados pelo Oceano, para que

os outros navegadores que os seguirem os possão evitar; assim eu, determinado a compor hum Poema Epico sobre o assumpto que tanto exalta, e distingue a Nação Portugueza, como he o descubrimento do Oriente pelo Oceano, assignalei as apontadas imperfeições no grande Luiz de Camões para não tropeçar, e para que o Público conheça os motivos da minha perigosa determinação. Quiz compor originalmente, e houve mister fechar todos os livros, e entregar-me á seria contemplação do objecto em si mesmo, e em todas as suas possiveis relações. Nunca me apartei da acção principal, e tudo o que fórma, e constitue a Fabula do Poema, conserva com a acção os mais estreitos vinculos. Compõe-se o Poema de 12 Cantos, e segui como o Tasso a ordem natural da Historia, desde a sahida do Heroe até á sua entrada no Téjo. Os Episodios dimanão da acção, e a ella se referem; o Heroe apparece por todo o decurso

do Poema, e julgo que he impossivel fecundar a materia de outra maneira; lutei sempre contra a sua natural esterilidade; e quem a não conhece, e confessa em huma sempre uniforme, e monótona viagem de mar! Lancei mão daquellas maquinas, ou maravilhoso de agentes sobrenaturaes, de que me devia servir. Não me toca affiançar o desempenho; isto he da competencia de hum Tribunal tão recto, e respeitavel como he o Público judicioso. Em quanto a mim, parece-me que he esta Epopéa a menos defeituosa possivel; se assim não parecer aos outros, emendem, mas não insultem. Ver-se-hão em mim as mesmas disposições que se virão no Tasso; censurarão-lhe a Jerusalem Libertada, sem o enxovalhar, fez a Jerusalem Conquistada. Tomara pois que soasse este meu brado pelo Universo: — Em tudo quanto escrevo, e componho, eu não desejo senão mostrar ao Mundo, com o Grande Camões,

Que a minha Patria amei, e a minha Gente.

Finalmente, conhecendo por larga experiencia, que a Poesia do estilo he quem fórma o mérito, e affiança a immortalidade a hum Poema, busquei, quanto em mim coube, apanhar, e sustentar por todo o longo fio da presente Epopéa hum estilo verdadeiramente poetico, que se annuncia por imagens, e figuras novas, sempre levantadas, e sempre formosas. Só na Poesia dos Hebreos se encontra este estilo, e sem se estudarem, e possuirem bem alguns dos Livros da Biblia, não se póde ser verdadeiro Poeta.



O ORIENTE,

POEMA.

CANTO I.

1.

Canto a sublime Empreza, e o Lusitano,
Que, toda rodeando a Africa ardente,
A furia assoberbou do vasto Oceano,
E abrio as portas do vedado Oriente:
Com mais valor que he dado a peito humano,
As bases foi lançar do Imperio ingente,
Que fez, crescendo em paz, crescendo em guerra,
Os Portuguezes immortaes na Terra.

2.

Tudo acaba no Mundo; a Morte dura,
Arremeçando formidavel lança,
No vasto horror da avara sepultura
Das obras dos mortaes fecha a lembrança;
Nunca a roda dos seculos segura
No sempiterno circulo descança;
Leva comsigo, e volve obras supernas,
Imperios deixa em solidões eternas.

3.

Entre os raios horrisonos de Marte
Valor funesto dos Heroes recrece;
Corre, e levanta o bellico estandarte,
Onde o dia tem berço, onde fenece:
Se a Fama vai do Mundo á extrema parte,
Qual a nuvem velóz desapparece;
Dura lima dos seculos tem gasto
Da grandeza Latina a gloria, o fasto.

4.

Mas fica intacto o nome, intacta a gloria,
O tempo cede, e se desarma o Fado,
Se a voz da Poesia, a voz da Historia,
Pelo Universo levantou seu brado:
Das urnas sepulcraes surge a memoria
De Heroe, que mereceo canto inspirado;
D'E'pica tuba o soberano accento
Não sente a lei do eterno esquecimento.

5.

Com leve passo os annos apressados,
Quaes as ondas d'hum rio, eis vão correndo;
Levão comsigo Imperios dilatados,
Que até sentem da morte o golpe horrendo:
Supplanta o dom da Poesia os Fados,
Vão por elle da cinza a fronte erguendo
A Grecia, o Lacio; attonitos, absortos
A' vida tornão seculos já mortos!

6.

Cahio da antiga Roma o ferreo Imperio,
Inda de Mantua o Cysne altisonante
Enche co' a voz o dúplice Hemisferio,
O Mar da China o ouve, e o Mar de Atlante:
Jaz serva humilde em sombra, em vituperio
Esparta austera, e Athenas arrogante;
Desdenhando dos seculos o estrago,
Virgilio he vivo, e se acabou Carthago!

7.

A Senhora do Mundo hoje he vencida,
Só da gloria de Italia existe o nome;
No sepulcro do Tasso existe a vida,
Se a mão do Tempo o marmore consome:
De Palmas vai Jerusalem cingida
Até que ao Mundo o dia ultimo assome;
Quem d'épica trombeta os sons derrama
Lança alicerces immortaes á Fama.

8.

Eu penetro os umbraes da Eternidade,
Vedado ao vulgo, augusto sanctuario;
Livre dos golpes da caduca idade,
E dos acintes do Destino vario:
Vôo altivo soltei na immensidade,
Nem deslumbrado vou, nem temerario;
Brado interno me diz, que afronte a Sorte,
Que pize a Inveja, e que desarme a Morte.

9.

E se outra Lyra immortaliza o Gama,
Em mim seus dons a Natureza apura;
De seu sacrario liberal derrama
Luz, que almo estudo me tornou mais pura:
Filosofia no meu peito a chamma
Desprende, que affugenta a sombra escura;
Do vil respeito os Idolos derruba,
Tira mais alto som de épica tuba.

10.

Páre a escutar seu écco a selva Aónia,
Surja do antigo túmulo ignorado
Esse que a Lyra tacteou Meónia,
D'estro Febêo nas azas levantado:
O que he de Mantua o tymbre, honra d'Ausonia,
Páre a escutar-me o canto sublimado;
Veja o Téjo huma vez, qual o Tamiza,
Cysne que espaços não trilhados piza.

11.

Dos tempos no volume aponta hum dia,
Por mão do Eterno Creador marcado,
Em que o nome da Lusa Monarquia,
Por toda a Terra, e Mar seja escutado:
Que onde o Sol berço tem, e onde ousadia
Não tinha em lenhos Europeos chegado,
O Lusitano Explorador rompesse,
Que a Lei dos Ceos mandada aos homens désse.

12.

D'aurea paz no regaço almo, e ditoso,
Manoel do Imperio as rédeas sustentava,
O jugo impunha ao Mouro bellicoso,
Que em quasi toda a Libya o throno alçava:
Dos Mundos o Motor no Téjo undoso
Hum novo Cyro nelle preparava;
Como o do Eufrates elegera, o elege,
Delle na frente vai, seus passos rege.

13.

Na immensa Estancia além do Firmamento,
Tanto dos Astros, e dos Sóes distante,
Quanto remoto do Tartareo assento
Urano vai no circulo brilhante;
Sobre base immortal tem fundamento
(Ponto central da Creação) radiante
O Solio eterno da Divina Essencia,
Sentida, e ignota á humana intelligencia.

14.

Impenetravel sombra, e luz, sentida
Do Mundo no espectaculo pasmoso,
Brilhante luz nos seres espergida,
Que a Terra, o Ceo contem, e o Mar undoso:
Mas sombra augusta, sombra não compida,
E á mente humana véo caliginoso;
Sabe, e sente o mortal que hum Deos existe,
E encontra abysmos se em sondallo insiste.

15.

Imagem frôxa, e desigual! Do Oriente
Qual flammejante Sol surge cercado
De espessas nuvens, que seu disco ardente,
Aos orgãos visuaes mantém vedado;
Que dos lados, do centro o auri-luzente
Raio assim mesmo rompe o véo pezado;
Tal da Divina Essencia a luz fulgura
Entre as ondas da sombra augusta, e escura.

16.

Os Serafins ao longe as d'oiro orladas
Azas ao rosto, de temor, estendem,
Quaes a assombrado Ezequiel mostradas
As fórmas são, que o ár liquido fendem:
Tem de respeito as frentes inclinadas,
E de mui longe á voz do Eterno attendem;
E, se os decretos immortaes resôão,
Mais leves que os relampagos revôão.

17.

A voz se ouvio que hum Serafim chamava,
Sôa na inteira Creação seu brado,
Do Ceo primeiro o Imperio se abalava;
E o Sol, que o ouvio depois, ficou turvado:
Na distancia infinita, onde gyrava,
Ficou da Noite o luminar parado;
Tórce na immensa solidão de espaço
Tôrvo Cometa excentrico seu passo.

18.

Tambem se ouvio na Terra, e suspenderão
Negras ondas a furia procellosa;
O Amazonas, o Nilo atraz volverão,
Dos Andes vacillou cima nimbosa;
Hecla, e Vezuvio com mais furia arderão;
Toda a Mundana maquina pasmosa,
Que em seu circulo immenso a voz escuta,
Treme no vacuo circumfuso, e núta.

19.

Desce, diz o Senhor, e ao Luso intima,
Que, vadeando o tumido elemento,
Erga estandarte triunfal no clima,
Que o Sol bafeja c'o primeiro alento:
A Terra se renova, e se aproxima
Aos dominios da Fé novo incremento;
A chave eu ponho em suas mãos dos mares,
O Ganges tenha como o Tibre altares.

20.

Os esquadrões dos barbaros rompentes
Da sua espada fugirão medrosos,
Apartadas nações, e incultas gentes
Lhe hão de pagar tributos preciosos:
Dos thalamos da Aurora os Reis potentes
Lhe hão de enviar os Sceptros gloriosos;
Que eu fama lhe preparo immensa, e vasta;
Que eu sou quem sou, que me conheça, e basta.

21.

Já do mais alto do celeste assento
Desce o Anjo, batendo as aureas pennas;
Deixa os Mundos no espaço, e n'hum momento
Do ether chega ás regiões serenas:
Tardo he raio a pár delle, he tardo o vento,
Tal móto tem no espaço a luz apenas;
E o Sol, com mais clarão, mais vivo ardia
Quando a pár delle o Espirito descia.

22.

No espaço aereo d'onde chove, e tôa,
Equilibrando as azas, se suspende;
Dalli contempla Imperial Lisboa,
Que em sete montes assentada esplende;
Levanta ás nuvens a naval coroa,
E ao Téjo, quasi hum mar, soberba impende:
Fundada foi, por sempiterno arcano,
Para Rainha do tremendo Oceano.

23.

Eis roça quasi a Terra inerte, e escura;
Traz da espadua pendente o manto ondeante;
Materia ignota de huma luz mais pura,
Qne a luz refracta em solido diamante,
Atada ao peito vem, e a traz segura
De aljofrado listão roseo, brilhante:
Qual os raios do Sol nascente, e bello,
Cahe-lhe em anneis nos hombros o cabello.

24.

Qual tocada do Sol nos Alpes brilha
Neve, resplende o rosto seu formoso,
Vôa na sombra, como passa, e trilha
D'estivos Ceos a estrella o manto umbroso:
Da estranha luz o ár se maravilha,
O Téjo ao vella aplaina o dorso undoso;
Sabêo perfume, que de si derrama,
As circumfusas nuvens embalsama.

25.

Da côr do Ceo no Occaso, e de oiro orladas
As azas fulgentissimas estende;
Mostrão, se ondeão, cores variadas,
Qual em ar tenebroso Iris s'estende;
Qual reflexo das ondas azuladas,
Se a Lua obliqua no horisonte esplende;
E parece, ao clarão que o corpo entorna,
Que o Sol, ao tempo antecipado, tórna.

26.

Sentada em carro d'ébano a sombria
Noite, entre os astros froxos, e ondeantes,
Já mui declive as redeas sacudia
Aos escuros cavallos rorejantes:
Erão vislumbres do purpureo dia,
Pouco dos Ceos orientaes distantes,
Horas suaves que á manhã precedem,
Quando ao somno tranquillo os olhos cedem.

27.

No thoro magestoso então pouzava
Luso Monarca da diurna lida,
E aos cuidados dos Reis tambem buscava
Na pausa da existencia achar guarida:
Mas entregue a si mesma a alma gozava
Da imagem grande, idéa ennobrecida,
Do sulcado Oceano, e visto Oriente,
Que encha de gloria a Lusitana gente.

28.

Eis se lhe antolha pela treva escura
Desusado clarão, que vence o dia,
De cujo centro singular figura
De mais que humana condição rompia:
Habito estranho, estranha formosura,
Mais que he dado abranger co' a fantasia;
Pois não mostra tal luz, nem tal belleza
Em seu visivel quadro a Natureza.

29.

Grave Matrona, e recostada, vinha
N'hum throno soberbissimo, firmado
Sobre hum branco Elefante; este caminha
Do pezo que em si traz, como ufanado:
A Matrona gentil dos hombros tinha
Pendente hum manto imperial, tomado
C'hum broche de rubins no engaste d'ouro;
Hum sceptro traz na mão, na frente hum louro.

30.

Ao modo Oriental vinhão patentes
Os seios de alabastro, e alli brilhavão
Sobre o candor pirópos refulgentes,
Que huma luz ardentissima vibravão:
Da côr do Ceo safiras transparentes,
Em fuzis d'ouro os braços lhe abrochavão,
E as Erithréas perolas lhe enleião
Finos cabellos, que no collo ondeão.

31.

Do excelso throno de esmeraldas déce
Ante o Monarca attonito, enleado;
Curva humilde o joelho, e lhe offerece
Fino aroma Sabêo, e ouro encendrado:
Sólta o louro, que a fronte lhe guarnece,
Aos pés o põe do Rei, e em mesurado,
Celeste sóm de vóz, que hum Nume indica,
Este escondido Oráculo publica:

32.

Asia sou, Grão Monarca, e fui da Terra,
E inda existo, a porção mais gloriosa;
Em paz fui grande, e floreci na guerra,
Fui da Sciencia a fonte luminosa:
Dentro em meus vastos terminos s'encerra
A cinza inda fumante, inda espantosa
Do colossal poder de Imperios vastos,
Seu nome vive em sempiternos fastos.

33.

Eu fui theatro, e campo portentoso
Dos mysterios de hum Deos Omnipotente;
Manda sahir do Cahos tenebroso
A Terra, eu berço fui da humana gente:
Quiz d'entre os povos meus hum glorioso
Povo escolher, chamar, e a mim patente
Se quiz fazer com magestade tanta,
Qu' inda hoje o quadro do Sinai me espanta!

34.

Ao Templo da mortal Sabedoria
Dentro em mim se lançou base segura;
Se na Grecia brilhou Filosofia,
Talvez de mim levasse a luz mais pura:
Os que Egypto enigmatico esculpia
Sinaes, envoltos sempre em sombra escura,
De mim levou Sesostris, e o compasso,
Que do Nilo medio submerso espaço.

35.

Desde o Tibre os fataes Conquistadores
Por meus Imperios penetrar quizerão;
Forão na Europa, e Libya vencedores;
Porém na Persia seus trofeos perderão:
Ao Povo de Quirino eu dei Senhores;
Gentes da Arabia intrepidas romperão;
Vem da Tartaria, e Scythia Heroes da guerra,
E he quasi toda sua inda hoje a Terra.

36.

Finalmente, Asia sou, dos espumosos
Indo soberbo, e Ganges inundada,
De ferteis Ilhas, Mares procellosos,
Da garganta Erithréa aos Chins, cercada:
Esta idade em mim vê Reinos gloriosos,
Vio maiores Imperios a passada;
O mesmo nome tem, força diversa,
(Tal poder tem o tempo!) o Assyrio, o Persa.

37.

Eu te venho offertar quantos thesouros
Em mim depositou Motor Divino,
Para cingir-te de não vistos Louros,
Te abre, e te aplaina o Campo cristalino.
Hirá teu nome aos seculos vindouros,
E ao Globo tu darás novo destino,
Fazendo unir em laços permanentes
Té agora ignótas, e apartadas Gentes.

38.

Vai, que te aguarda Alcaçar luminoso;
(Então lhe mostra hum Templo em levantado
Quasi inaccesso monte) agro, e fragoso
Caminho corre ao portico sagrado:
Aqui vencido o mar tempestuoso,
E aureo berço do Sol no Globo achado,
Entre os Reis Lusos, como em Roma Augusto,
Terás teu nome, e s'erguerá teu busto.

39.

Neste Templo immortal vive, e florece
Quanto illustre já vira, ou Grecia, ou Roma;
Co' as tardas mãos a Historia lhe guarnece
Aqui de louro sempiterno a coma:
Olha como entre muitos resplandece,
E com luz mais serena aquelle assoma!
Huma esfera, hum compasso a mão sustenta,
E a vista tem no Firmamento attenta.

40.

O portentoso Henrique, o illustre filho
Do grão Libertador da Lusa terra;
Este, o mar devassando, adquire hum brilho
Inda maior que fulminando em guerra:
Vai sempre proseguindo o incerto trilho,
Que tão ciosa a Natureza encerra;
Vaga no Imperio liquido, e profundo,
Mostra maior, que se julgava, o Mundo.

41.

Attende aos brados seus, ouve os clamores
Com que do centro de tal luz te exhorta,
Que a estrada vas bater de teus maiores;
Tu mar não visto de seus lenhos córta:
Ousados manda Heroes navegadores,
Que os Ceos lhes abrem do Oriente a porta;
Deste passando a incognito hemisferio,
Sobre dois Mundos erguerás o Imperio.

42.

Rompeo-se o sonho, a enfatica Figura,
Como enrolada nuvem, se esvaece;
Abre os olhos o Rei, só noite escura
Na circumfusa sombra lhe apparece:
Eis que subita luz, mais clara, e pura
Que em dia estivo o Sol, lhe resplandece,
E, entre o vivo fulgor equilibrado,
Dos Ceos descobre o Serafim mandado.

43.

Hum pouco se sossobra, a augusta frente
Sentio de bagas frigidas banhada;
Não sofre a vista enferma auri-luzente
Face de luz celestial ornada:
A voz quiz levantar, e intereadente
Ao peito lhe tornou como assustada;
Se em véo corporeo o espirito s'encerra,
Só póde objectos encarar da Terra.

44.

Não temas, Grande Rei, do assento etherio
Eu sou, lhe diz o Serafim, mandado;
Expor-te venho incognito mysterio,
Nas cortinas d'hum sonho inda encerrado;
Fui mensageiro já do eterno Imperio,
E guia ao Povo de Israel fui dado;
Quebrei no Egypto as barbaras cadêas,
Rasguei co' a planta as ondas Erithreas.

45.

Quer, e manda o Senhor, que a escura gente
D'áquem, d'alem do Gange, em vão buscada,
Desde que Henrique abrira o mar fervente,
Tu só descubras pela ignota estrada:
Escolhe-te o Senhor: do accezo Oriente
Te abre a porta té agora aos Reis vedada,
Dando-te nova, tanta Monarquia,
Que a veja, ou nasça, ou se esvaeça, o dia.

46.

Ligadas se opporão grossas falanges
Com viva resistencia, e força dura,
Virá brandindo Arabicos alfanges,
Da Persia, e de Cambaia a turba escura:
Triunfarás de tudo; álem do Ganges
Hirás, levando a Lei celeste, e pura;
Do Globo só, nas ultimas barreiras,
Tu cravarás as triunfaes bandeiras.

47.

Nas ondas do Mar Roxo o braço armado
Do Luso alcançará trofeo glorioso;
O Arabe astuto, o Persa á guerra dado,
Cede Ormuz, e te aceita hum jugo honroso:
Do bastão Luso ao golpe, amedrontado,
Vai dubio na carreira o Nilo undoso;
E onde não foi voando a Aguia do Tibre
Quer hum Deos que teu braço os raios vibre.

48.

Por ti do mar de Atlante ao mar Eôo
Afamado sera, temido o Téjo,
E no gyro rivaes, rivaes no vôo
Do Sol, teus lenhos pelo Globo eu vejo:
E quanto illustra o fervido Pirôo,
No clima Oriental, ser teu prevejo;
Sulcarás tanto ávante o Mar profundo,
Que aches da Europa o suspeitado Mundo.

49.

Escondido nos thálamos do dia,
O Japão te dará thesouro immenso,
Esse, que a terra Nabathéa cria,
Verás ante o teu Solio arder incenso:
Quantas encerrão quente especiaria
Ilhas verás, que cerca o Mar extenso;
Em paz unida, ou subjugada em guerra,
Muda de espanto deixarás a Terra.

50.

Serão grandes Monarcas poderosos
Teus humildes vassallos, e pendentes
Farão sombra a teus Porticos famosos
Despojos, e trofeos d'estranhas Gentes:
Abolados arnezes, e os lustrosos
Aureos elmos, e alfanges reluzentes:
E c'os tributos dos vencidos mares
Levantarás ao Sempiterno altares.

51.

Hão de adorar teu nome as apartadas,
Invenciveis Nações, que a Europa ignora;
Pelos guerreiros teus serão domadas
As que a primeira luz sentem da Aurora;
As que á sombra da morte estão sentadas,
Que não virão dos Ceos a luz té agora;
Essas que, dentro do Hiperboreo claustro,
Quasi em perpetua noite, encerra o Plaustro.

52.

Olha patente o sempiterno arcano,
Té aqui com sellos immortaes fechado,
Sombra que o debil pensamento humano
Não tem por tantos seculos rasgado:
A ti sómente do medonho Oceano
Barreira immensa transgredir foi dado;
Pois nada o Ceo na escuridão reserva,
O que has de vêr, e conquistar observa.

53.

A vista á Libya occidental estende,
Que o Mar de espumas, e escarcéos arrêa;
Por onde nunca obliquo o Sol accende,
C'o disco a prumo, a refervente arêa:
Repassa a serra dos Leões, que fende
O ar co' a immensa cima, olha o Gambêa,
Olha o Zaire que trôa, e corta ao longo
Os largos campos da Negricia, e Congo.

54.

C'os olhos vai medindo as ondas frias
Sempre do austral tempestuoso Oceano;
Seguro attenta ao Cabo, que em sombrias
Tempestades poz termo a esforço humano:
Se foi avante hum pouco em aureos dias,
D'outro Reinado hum Nauta Lusitano,
Descuido certo foi da Natureza,
Tarde hum pouco o sentio, frustrou-se a empreza.

55.

Chega o tempo marcado, avante passa,
Heroe que has de mandar victorioso,
Correndo a costa barbara, Mombaça
Vai descobrir por mar tempestuoso;
Logo o Monarca Melindano abraça
Dalli cortando o pélago espumoso,
Que Asia divide d'Africa, descança,
E as bases ao Indostão, do Imperio lança.

56.

Da encosta do Emaús agra, e sombria
Se precipita limpida corrente;
Engrossa na carreira, e ao Meio-dia,
Entra por bocas cem no Mar fervente:
Eis de Alanguer na agreste penedia
Rompe outra igual, que busca o Sol nascente;
Se tamanha extensão co' a vista abranges,
Indo se chama aquelle, est'outro o Ganges.

57.

Quantos entre os dois terminos fechados
Tu descobres Imperios florecentes,
Onde não virão seculos passados
Chegar do Tibre as Aguias insolentes,
Darão seus pulsos aos grilhões pezados
Quando lá virem teus Heroes valentes;
Todos se humilhão, todos se sugeitão,
E, postos lá tão longe, as Leis te acceitão.

58.

O braço do Immortal te abre o caminho
Tentado em vão de antigos Navegantes;
De Tyro, e de Carthago o leve pinho
Vencer não póde os mares espumantes;
Torna inglorio a buscar da Patria o ninho:
Sómente o Luso em lenhos fluctuantes,
Por que tu mandas, inclyto Monarca,
Todo o Mar ha de ver, que a Terra abarca.

59.

E do opposto hemisferio occulto, aonde
Vai nascentes mostrar seus resplendores
O Sol, quando da Europa o rosto esconde,
Os Lusos hirão ser descubridores:
Deos quer que tua vista abysmos sonde;
Ignoto hum Mundo vê.... Teus successores,
N'hum seculo de crime, e sangue, e guerra,
Hum throno aqui porão que assombre a Terra.

60.

Vai colher no Oriente eterno hum louro,
Ignota estrada o Ceo te patentêa;
Com grande Imperio, e temporal thesouro
As virtudes dos Reis tambem premêa:
Veja assombrado o seculo vindouro
Na tua gloria a gloria de Ullysséa;
Quando observar, de piedade exemplo,
C'os tributos da India alçar-se hum Templo.

61.

Taes o Espirito arcanos desenvolve,
Que fechára até alli sello assombroso;
Abrio-se o eterno livro!... Eis se dissolve
Subitamente o Corpo luminoso:
Desta parte, e daquella os olhos volve
O transportado Rei, c'o peito ancioso;
Mas sentelhas de luz, que inda o rodeão,
A mensagem de hum Deos lhe patenteão.

62.

Mas já nos Ceos Orientaes raiava
A luz purpurea da nascente Aurora,
E a Natureza ao quadro preparava,
Que do Sol mostra a luz animadora:
O repouso do thálamo deixava
O Rei; correndo ao Templo, a Deos exóra,
Que desempenhe o oraculo profundo,
Que a Portugal dá gloria, assombro ao Mundo.

63.

Varões d'alto conselho então convoca,
E no seu Throno Imperial se assenta;
E no lugar, que á dignidade tóca,
Tão illustre coroa se apresenta:
Fica pendente da facunda boca,
No acatamento, e no silencio attenta;
Lança-lhe a vista o Rei, e a corre em vólta,
E a voz dest' arte magestosa sólta.

64.

Por vontade de hum Deos Omnipotente
Ao Throno Lusitano eu fui chamado,
Sei que he dever d'hum Rei de Lusa Gente
O limite estender do Imperio herdado:
E vós sabeis, que o lucido Oriente
Até agora tem sido em vão buscado;
Parece opposta ácinte a Natureza;
Mas Deos me escolhe, e me promette a empreza.

65.

Se he muito incerta, e perigosa a estrada,
Atraz não torna nem vacilla o passo,
Quando a força dos Ceos nos he mandada,
E quando mette a Providencia o braço:
Desde à origem dos seculos marcada
He Lysia pelos Ceos, e unir n'hum laço
Dois Mundos deve, e publicar no seio
Da Aurora a Lei, que desde o Ceo nos veio.

66.

Mostrou-se-me o mysterio, ao referillo
Inda sinto de espanto absorta a mente;
Digno de o ver eu fui, digno de ouvillo
A Embaixador de Deos Omnipotente:
A face era de luz, de fogo o estilo,
Qual não se ouve no Mundo á humana gente;
E rasgando-me os veos da sombra escura,
A nossa gloria devisei futura.

67.

Forão já vossos pais dos empolados
Tempestuosos, e medonhos mares,
Vencedores, em lenhos esquipados,
Té onde o Cafre habita adustos lares:
Sigamos com valor propicios Fados,
Vamos no Hydaspes levantar altares;
Não valha o brado em nós de humana Fama,
Valha maior motivo, hum Deos nos chama.

68.

Não pôde o Lusitano invicto peito
Transpor no mar as métas do Thebano?
Irrisoria columna, e campo estreito,
Ao que ha de ser senhor do vasto Oceano!
Não foi nosso primeiro o illustre feito
De tirar Ceuta ao jugo Mauritano?
Veja-nos n'Asia a Europa, inda confusa,
Quaes nos tem visto em campos de Ampelusa.

69.

Sei que em toda a do Sol queimada arêa
Da costa occidental d'Africa ardente,
Té muito além do turbido Gambêa,
Trofeos erguêra a Lusitana gente:
E o, que de nuvens, e tufões se arrêa,
Cabo foi visto aos mares imminente;
Das acções Lusas a maior he esta,
Se acaso outra que a vença inda não resta.

70.

Em minha alma presaga hum raio assoma
Já de luz, que derrama a patria gloria,
Que acima dos Heroes de Grecia, e Roma,
Nos constitue no Templo da Memoria:
O Luso esforço os seculos já doma,
E quando o Mundo absorto em tarda historia
Lêr de Alexandre o nome, e de Adriano,
Lerá primeiro o nome Lusitano.

71.

Com que assombro lerá dos Malabares
Avassallada a antiga Monarquia!
Em ruinas, em cinza os vís altares,
Onde incensos queimava a Idolatria!
Com que assombro verá rompendo os mares
Lenhos de Lysia aos thalamos do dia!
A cuja vista Idolatras, e Mouros
Deporão Sceptros, pagarão thesouros!

72.

Eis já prostradas de temor contemplo
A meus pés a Ethyopia, a Arabia adusta:
Nunca em Fastos de Roma achado exemplo,
A Persia ao nome Portuguez se assusta!
Com seus tributos alevanto hum Templo
De Deos Supremo á Magestade Augusta;
Virão nelle as Nações da Europa, absortas,
Contemplar do Oriente abertas portas.

73.

Pelos seios da Aurora, e Sol nascente,
Luso pendão tremóla, e se desprega;
Vejo em torno do Globo a Lusa gente,
Que por mares incognitos navéga;
No Mundo se descobre hum Mundo ingente,
Que sem poder, sem armas se me entrega;
De todo tiro huma porção tão vasta,
Que hum *quinto Imperio* a levantar só basta.

74.

Disse inspirado o Rei; e hum murmurio
Se escutou pelo grave ajuntamento,
Bem como no vergel basto, e sombrio,
Produz, quando o Sol nasce, o solto vento:
Ao grão projecto glorioso, e pio
Derão justo louvor: de acatamento
Cheio, entre todos, o fadado Gama,
Sente hum toque dos Ceos, e assim lhe exclama.

75.

Senhor, se á Patria hum coração votado
Póde o fim conseguir dest'ardua empreza,
Hirei transpor o termino vedado,
Que até agora marcára a Natureza:
Das tormentas o Cabo he já passado,
Mudou-lhe o nome a Gente Portugueza;
Mas nada inda se fez, ignora-se onde
D'Asia a derrota pelo mar s'esconde.

76.

Eu levarei na mão vosso Estandarte,
Como hum fanal, aos thalamos do dia;
Com elle hirei seguro a extrema parte
Que o pólo austral esconde em sombra fria:
Não mesquinho comigo o Ceo reparte
Para tal feito esforço, e valentia;
Talvez que eu, vencedor do mar profundo,
Deixe meu nome sempiterno ao Mundo.

76.

Mas se a meus passos se opposer Ventura,
Ou se opposerem Fados invejosos,
Que me preparem negra sepultura
Do mar entre os abysmos espantosos;
Affrontar vou contente a morte escura,
E exemplo deixo aos Posteros famosos
De amor da Patria, que me anima, e inflamma,
E á grande empreza me convida, e chama.

78.

Volvo as costas contente ao patrio Téjo,
A' triunfal Europa, e antigo Mundo;
Cresce em minha alma, expande-se o dezejo
De hum louro ás almas dos Heroes jucundo:
Não duvideis; Senhor, contente o vejo,
C'o pezo dos baixeis treme o profundo
Mar, e ao jugo das leis do Imperio Augusto,
Submette o collo o Malabar adusto.

79.

Porém talvez mui alto a alma levanto;
Nautas me escutão grandes, esforçados,
A quem mil vezes da tormenta o manto
Negro cobrio nos mares empolados:
E que mil vezes de terror, de espanto
Da Libya enchêrão campos dilatados;
Voltando além do Cabo agudas prôas,
Hiráõ tocar as regiões Eôas.

80.

Quaes no Tibre escutou doces louvores
O Heroe da Libya, Scipião valente,
Quando embarca os fataes conquistadores
Para vencer Carthago armi-potente:
Taes ouve o Gama festivaes clamores
Do grão congresso extatico, e contente;
E he muito mais que demolir Carthago
Hir buscar o Indostão no immenso lago.

81.

Mil valorosos nautas se offerecem,
Que hão de esquipar as faias encurvadas,
Amor da Patria, e Gloria os fortalecem
Na empreza, que transcende as já passadas:
Na vóz, no gesto alegres apparecem,
Sem se assustar das ondas indomadas;
E o Ceo, propicio em tudo á Lusa gente,
Dá-lhe hum claro sinal do achado Oriente.

82.

Tres igneos globos, vivos luminares,
Por tres continuas noites se accenderão,
E da vasta extensão dos turvos ares,
Aos altos topes dos baixeis descerão;
Vio-se o accesso clarão na terra, e mares,
E para a parte oriental corrêrão;
Obras não são das leis da Natureza,
A vóz forão do Ceo, que apróva a empreza.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO II.

1.

MEMORIA, abre o thesouro, e tu me ensina
Quantos c'o Gama intrepidos quizerão
Tentar a incerta liquida campina,
D'onde outros nautas para traz volverão:
Ao som d'épica tuba, alta, e divina
Aos Ceos levantarei quantos tiverão
Parte na gloria do extremado feito,
Que do Globo ás Nações deo novo aspeito.

2.

Vai o Gama, nascido onde vivera
Infatigavel, portentoso Infante,
Que a clausura do mar co' as náos rompera,
Que inda além forão do soberbo Atlante:
Que o Ceo medindo, e compassando a esfera,
Hum Mundo opposto adivinhou distante;
Porque em profundas leis a Natureza
De terra iguaes porções, e d'agoa péza.

3.

Vai Paulo, irmão do Heroe; e o que ensaiando
Continuamente o peito á guerra andava,
O grão Pacheco, que o Destino infando
Em penuria, e desprezo inda esperava:
Tristão, valente nauta, que assolando
Hirá depois a Libya inculta, e brava;
Menezes, que no rosto amor descobre,
E he Marte irado, se de ferro o cobre.

4.

De sizo profundissimo Coelho,
Sempre afeito ao furor do mar turvado,
De intrepidez vestido, e de conselho,
Ao grão Descobridor socio foi dado:
Nunes robusto, e destemido velho,
Que tinha além do Cabo as náos levado;
E Pedro d'Alemquer, brazão do Mundo,
Sabio Piloto, Astrónomo profundo.

5.

De bronzes digno, digno de alabastros,
Mais que quantos té hoje os mares virão,
Que em novos Ceos descortinando os astros
Do Globo á roda os lenhos conduzirão;
Se forão Cunhas, Albuquerques, Castros,
E os mais que á Lusa gloria a estrada abrirão,
Devem-te o trilho ao Templo da Ventura,
Como a meus versos tu fama segura.

6.

A fama em versos se eternisa: suba
Em meus hymnos teu nome á Eternidade;
A ferrea mão dos seculos derruba
Pyramides que aos Reis sagrou vaidade;
Mas acções, que decanta épica tuba,
Se esquivão da fatal voracidade
Do surdo Tempo, que, minando o Mundo,
Té do Sol gasta o resplendor fecundo.

7.

Se Magalhães terrivel, (dos humanos
Este he certo o maior!) n'hum fragil pinho
Ousado assoberbou dois Oceanos
Quando nega o paterno ingrato ninho;
Se Anson, ou Dracke, intrepidos Britannos,
Tentarão após elle igual caminho,
Se Cooke vezes tres nelle contemplo;
Tu déste ao nobre atrevimento exemplo.

8.

Velloso vai tambem, e o namorado
Leonardo infeliz, que nunca hum gosto
De Amor, sublime então, vira vingado;
Cobre-lhe a sombra da tristeza o rosto:
(Ingenua idade! Amor era prezado,
Sincero na repulsa era o desgosto!)
E traz em aurea lamina esculpido,
Devisa sua, o Nadador de Abydo.

9.

Estes os nobres são, que a Sorte, e os Fados
Vão commetter na empreza perigosa;
E já co' os leves pannos envergados
As curvas náos estão na praia undosa:
Dos frôxos ventos os pendões tocados
Varrem desd' aurea pôpa onda espumosa;
E aguarda já dos nautas a alegria,
Impaciente, da partida o dia.

10.

Em quanto mais ao largo as náos da prôa
Lançado o ferro tem na funda arêa,
E o ár de espaço a espaço o bronze atrôa
Quando a sulfurea massa arde, e se atêa:
Como de hum luto universal Lisboa
Se vê coberta, e de pezares chêa;
Vôa a empreza fatal de boca em boca,
Té corações indifferentes tóca.

11.

Nas corôas dos montes empinados,
Ao cristalino Téjo sombranceiros,
Em turmas mudos vão como assombrados
De Lysia os naturaes, e os estrangeiros:
Vão d'olhos turvos, rostos carregados,
E a grave passo, d'Africa os Guerreiros;
E, contemplando as náos com mudo aspeito,
Reprovão em silencio o illustre feito.

12.

Em quanto ao mar os olhos alongando
O mixto povo está como enleado,
Vendo os pendões nas pôpas ondeando,
Quasi na prôa o ferro a pique alçado:
D'entre todos hum Velho venerando,
De longas cans, de aspeito macerado,
Meneando com enfase a enrugada
Frente, ergue a vóz amarga, e assim lhes brada.

13.

Oh! quando, Amor da gloria, em teus altares
Deixará de espargir-se o sangue humano!
Quando de extinctas victimas milhares
Deixará de abrazar teu fogo insano!
Quantas tragadas de ferventes mares
Tem pranteado o Povo Lusitano!
Quanto lhe custa heroico ardimento
De ser Senhor do tumido elemento!

14.

Escrito vê nas paginas da Historia
Com caracteres immortaes seu nome;
Mas podem bronzes, inscripções, memoria,
Oppor-se ao Tempo, que os mortaes consome?
Altos brazões da vida transitoria
A morte os leva, a sepultura os come;
São insensiveis cinzas taciturnas;
Morrem os éccos do louvor nas urnas.

15.

Morra a memoria do primeiro humano,
Que deslumbrado, intrepido, atrevido,
Nas azas da ambição foi do Oceano
Cortar n'hum lenho o campo não sabido:
Ousou sem medo, sem pavor o insano
Ouvir do vento o horrísono bramido,
Deixando o berço natural, a Terra,
Os elementos afrontar em guerra.

16.

Fome d'ouro, e de fama! . . E na garganta
Em soluços lhe fica a vóz mudada;
Que he tal a dor que o peito lhe quebranta,
Que já não póde proferir mais nada:
Nisto antigo Guerreiro a vóz levanta,
E co'a robusta mão mostrando a armada,
Com tom pezado, que o denodo indica,
D'alma dest'arte a indignação publica.

17.

Oh mal aconselhados! Se o desejo
De estender mais o paternal limite,
Sem segurança de ver mais o Téjo,
Assim vos leva aos campos d'Anfitrite;
E se ouvidos dest'arte eu dar vos vejo
Da Fama ao sempre equivoco convite,
Não tendes aqui perto a Africa adusta,
Que só de o nome vos ouvir se assusta?

18.

Quereis buscar pela victoria o louro,
Que alcança preço, ou dá, do Heroe na frente?
Se o tendes certo no vencido Mouro,
Porque dubio o buscais no incerto Oriente?
Em barbaro poder jáz hum thesouro,
Jáz no dominio da Ottomana gente
O Sepulcro de Christo; e a Palestina
Inda a estrada da gloria a Heroes ensina.

19.

Hide acossar o A'rabe inhumano,
Se não cabeis no Téjo, ao turvo Oronte;
Ou de Bysancio o barbaro Tyranno
Vossa ousadia, vosso braço affronte:
De vossa fama o brado soberano
Mais se dilate alli, mais se remonte;
Inda ás falanges Scythicas põe medo
Na triunfal Jerusalem Gofredo.

20.

Se elle emmudece, a candida Donzella
Aos astros faz subir saudoso brado,
Vendo ondeante a desfraldada véla,
Que ha de aos olhos roubar-lhe o amante, e amado;
N'alma se finge turbida procella,
Os medonhos tufões, o mar cavado;
E não descobre nas revoltas agoas
Mais que a imagem fatal do Into, e magoas.

21.

O Rei na empreza concentrado, attento,
No vasto, e grão projecto anda embebido;
A alma sublime, o claro entendimento,
Traz por grandes objectos repartido:
Armas, presentes, munições, sustento,
Era aos baixeis undívagos trazido;
E prompta era a monção, propicio o encejo
De levar ferro do chorado Téjo.

22.

Do justo Ceo lembrado ao Templo vôa,
(Pequeno, humilde então) maquina ingente
Agora, assombro, e gloria de Lisboa,
Qual a que alçára o Rei da Hebréa gente:
Onde se escuta ainda, onde resôa
Perenne vóz do conquistado Oriente,
Sentado em cujos pórticos medito
Da Lusa gloria o circulo infinito.

23.

Aqui se prostra o Rei, o Eterno invóca;
Depois dos nautas o esquadrão famoso
A's ceremonias ultimas convóca,
Ao rouco som do bronze estrepitoso:
No ar então reproduzido, tóca
O mixto povo extatico, e medroso;
A todos he mudada a côr do aspeito,
E incerto bate o coração no peito.

24.

Da nautica falange á frente vinha
O Gama, a quem mil bens reserva o Fado;
Como Guerreiro, á cinta a espada tinha;
Como Chefe, nas mãos bastão dourado:
Com magestoso aspecto se encaminha,
O ar sereno, alegre, e não turvado;
Mui fausto agoiro, e manifesto indicio
De que abençôa a empreza hum Deos propicio.

25.

O Sacrosanto Divinal Mysterio
No altar se offerta ao Padre Omnipotente;
Victima a mesma que do assento etherio
Veio os ferros quebrar da escrava gente:
Entre nós quiz viver com doce imperio,
Té que o Mundo agonize. O Rei potente
Junto do throno, em que se assenta, chama,
Para dar-lhe o estandarte, o invicto Gama.

26.

Eis, lhe diz, o penhor, que hoje se entrega
Em tuas mãos do esforço Lusitano;
Vôa com elle, intrepido navega
Esse, intacto té agora, immenso Oceano:
Penetra o seio Oriental, e chega
Onde nunca chegou poder Romano;
Torna, qual vais, triunfante á Europa absorta,
E mostra aberta do Oriente a porta.

27.

Responde o Gama illustre: Em quanto o alento
Da fragil vida me assistir na Terra,
Eu farei que o sagrado monumento
Seja adorado em paz, temido em guerra:
Quantos transes o tumido elemento,
Quantos perigos, no seu seio encerra,
Hirei vencer, porque he de Deos e he vosso;
Vós o mandais, e Deos o quer, e eu posso.

28.

Do Templo vão sahindo; eis de Ulysséa
A' grande Scena concorrendo as gentes,
A passo lento na miuda arêa
Vão derramando lagrimas ferventes:
De hum lado, e d'outro lado a praia he chêa
Dos que ao Ceo mandão supplicas ardentes;
Entre o chôro, que os animos quebranta,
Antigo Sacerdote a vóz levanta.

29.

Fulgurou-lhe na frente ethereo lume,
Paréce que dos labios lhe rompia
Sonóra, insinuante a voz de hum Nume,
Que o coração pressago lhe accendia:
Dos Ceos olhando ao luminoso cume,
Ora o rosto se abraza, ora s'esfria,
Treme-lhe a frente encanecida, e nuta,
E com seus mesmos pensamentos luta.

30.

Bradava emfim profetisando: A gente,
Que até aqui foi de sombras enlutada,
Vê raiar o clarão da tócha ardente,
Que aos homens foi por Deos dos Ceos mandada:
Vejo-a romper do Téjo transparente,
Nas Lusitanas mãos brilha arvorada,
E hum Deos pendente n'huma cruz se adora
Onde primeiro resplandece a Aurora.

31.

Anjos velozes em cavados pinhos,
Nas frias azas rapidas do vento,
Abrem té agora incognitos caminhos
Ao passo, á vista, a humano entendimento:
Deixão contentes os paternos ninhos,
Novos astros vão ver no Firmamento;
A' força de seu braço em vão resistem
Povos, além dos quaes nenhuns existem.

32.

Nem Tifis eu contemplo, ou fabulosa
Argos levada ao Ceo; mas triunfantes
Heroes, que em alta náo victoriosa,
Vão retalhando as ondas espumantes:
Da praia Lusitana á luminosa
Praia, que observa os raios scintilantes
Do Sol no berço, avassallando a Terra,
Vão declarar aos Idolos a guerra.

33.

Nem mais levadas e ligeiras vôão
As nuvens pelos Ceos! O immenso, e fundo
Mar as bombardas hórridas atroão,
Tapa co'as mãos o ouvido o Mouro immundo.
Aguias não tanto aligeras revoão!
Os hemisferios dois correm do Mundo!
A Terra Oriental de bens abunda . . .
Ah! quão sublime Imperio alli se funda!

34.

Já (novo Mundo conquistado) ao Téjo
Vem, Portugal, teus filhos gloriosos,
Cheio de assombro, e dilatado eu vejo
Teu mesmo coração com dons preciosos:
Segue a victoria os passos do desejo
Quando acometes povos bellicosos:
Busca-te a multidão que o mar encerra,
Hes arbitro na paz, hes raio em guerra!

35.

Hide, invictos Heroes, que vos esperão
Ilhas do Mar pacifico, e espelhado,
Onde Imperios fataes jámais erguerão
Heroes, que os ferros ás Nações tem dado;
Os que á frente de exercitos romperão,
Do Tibre as Aguias conduzindo ao lado;
Onde nem fama de seu nome chega;
Tudo ao dominio Portuguez s'entrega.

36.

Rasgão-se os veos que os seculos occultão!
Vejo esquadrões de Idólatras armados,
Em poder, em riqueza, em força avultão,
Cobre-se o Mar de lenhos torreados:
No proprio orgulho confiando, insultão
Lusos Heroes, em numero apoucados;
Mas visivel seu braço hum Deos levanta,
E o cego orgulho aos barbaros quebranta.

37.

Vejo maior Imperio sublimado,
Qual não vio d'Alexandre a Terra Eôa;
Babel he Corte ao Macedonio armado,
Maior theatro do Heroismo he Gôa:
O Arabe he servo, o Persa avassallado
Manda de Ormuz tributos a Lisboa:
Tal Lysia aos thronos dá Mavorcio abalo,
Que ao que foi n'Asia hum Rei, chama hum vassallo.

38.

Dio, immortal brazão, posta na frente
Da discordante armigera Cambaia,
Da opulenta Mulaca o Imperio ingente,
Do Pegú, de Narsinga a adusta praia;
Refulsado Malaio, e Jáo valente,
E onde primeiro a luz fulgura, e raia,
Extremos Chins, Japões, humildes vejo
A's Leis, aos raios que lhe envia o Téjo.

39.

Vejo o Ganges volver-se, e verdejantes
Palmas regando vai, Palmas que hum dia
Hão de pezar nas dextras triunfantes,
Que n'Asia fundão Lusa Monarquia:
Caem decepadas frentes arrogantes
Da raça de Ismael soberba, impía,
Foge Scythico exercito, e recúa,
Como eclipsada, de Bysancio a Lua.

40.

Hide, invictos Heroes, que o Ceo vos chama,
Dos Ceos vós sois visiveis instrumentos,
O Eterno sobre vós seus bens derrama,
E propicios vos torna o mar, e os ventos:
Debalde em odio Satanaz s'inflamma,
E em vosso damno emprega os elementos,
Desce hum Anjo do Empyreo, e á turba fêa
Açaima a furia, os ímpetos lhe enfrêa.

41.

Hide a luz espalhar, que eu vejo as Gentes,
Indomadas, e barbaras té agora,
Hirem na trilha aos raios refulgentes,
Que o berço aclarão da nascente Aurora:
Mal surgís no Indostão, dos Reis potentes
A turba a Cruz, que levantais, adora;
Do Rei do Inferno anniquilando o culto,
Vingais o Ceo do recebido insulto.

42.

Hide dar nova face á Europa, ao Mundo,
Batendo á estrada que vos abre a gloria;
Combatereis na terra, e mar profundo,
Mas ante vós caminhará victoria:
Nunca os Lusos Heroes lugar segundo
Terão no Alcaçar da immortal Memoria;
Que he tão grande o valor que em vós contemplo,
Que na Historia não tem, nem teve exemplo.

43.

Dias sem Sol, tormentas pavorosas,
Negros Ceos de relampagos rasgados,
Densas nuvens do Sul tempestuosas,
Trovões medonhos, raios abrazados;
Parceis occultos. syrtes arenosas,
Onde se enrolem mares empolados,
A Natureza em convulsões, e tudo
Vence *o que embraça* da Virtude o escudo.

44.

Não se vence sem custo ingreme estrada,
Que vai da Fama ao Templo glorioso,
De sangue a deixa, e de suor banhada
O que busca na Terra hum nome honroso:
Por vós he já vencida, he já passada
No feito que intentais prodigioso;
Que esta façanha concebida chega
Onde antiga não foi Romana, ou Grega.

45.

Achareis o Indostão; prompto vigia
Hum Anjo sobre vós nos vitreos mares;
Por esses campos sem balizas guia
Vossos baixeis aos Indianos lares:
Vós hides ver os thalamos do dia,
E eu vou sobre os turícremos altares
Offertar com respeito a hum Deos propicio
Seu mesmo filho, augusto sacrificio.

46.

E tu, Monarca invicto, a voz me escuta;
Tu foste aos Ceos acceito, a ti foi dado,
Pela que rege os Orbes absoluta
Mão, teu Sceptro estender no Mar turvado:
Eis a despeito dos tufões em luta
Se acurva a teu poder, todo he sulcado;
E tanto Imperio, e resplendor te espera,
*Que hum tym*bre fórmas da armilar Esfera.

47.

Teu dominio, e poder pouco avultára,
Se incultos povos só d'Africa ardente
Teu braço sempre invicto ao jugo atára,
Sem descobrir o recatado Oriente:
Chega hum dia que hum seculo occultára,
E a voz que o traz d'hum Deos Omnipotente
Eis manda d'Asia aos timidos Monarcas,
Que a mão te beijem com que o Globo abarcas.

48.

De Cyro a sombra magestosa, e triste
Pelas campinas barbaras vaguêa
Do Eufrates, onde nem sequer existe
Hum resto de Babel na ardente arêa:
Vê que ao poder do Tempo em vão resiste
Cidade, que ella vio de gloria chêa;
Vê que a que dera outr'ora as leis ao Mundo
He de si mesma o tumulo profundo.

49.

Só por estragos corre o Egypcio rio,
E só ruinas na carreira alaga,
Por onde estende o vasto senhorio,
Té que ao Mar de si mesmo o feudo paga:
Vê que o manto dos seculos sombrio
De todo a luz extingue, a luz apaga
Da gloria antiga, e como tudo acabe,
Pois onde *Menfis* existio não sabe!

50.

O viandante indagador suspira,
Se nas medonhas solidões devisa
De pedras o montão, que foi Palmyra,
Umbraes lascados, e arquitraves piza:
(Do Tempo a roda, que incessante gyra,
Marmores fende, bronzes pulveriza;)
Dizem-lhe que he Persépolis, aonde
De Palacios hum resto a terra esconde.

51.

Essa de Imperios inconstante sorte
A Alexandre levou victorioso,
Marchou diante de seu rosto a Morte,
E ás margens o levou do Hydaspe undoso:
Em grilhões deixa a Persia ousado, e forte,
O Reino usurpa a Póro desditoso;
E apenas temos de tamanha gloria
Sómente o nome nos Annaes da Historia.

52.

Do grande Julio a sombra magestosa,
Inda em sangue escorrendo, inda turvada,
Gyra, enlutando o ár, pela arenosa
Margem do Tibre inerme, ao jugo atada:
Em vão busca de Roma a pavorosa
Grandeza!, em thronos de Nações sentada;
Sobre ella o Tempo vê, e o Tempo a piza,
E só ruinas immortaes devisa.

53.

Mas eu descubro na Indiana terra
Teu firme Imperio, que sustenta o Fado;
Trarão remotos seculos a guerra,
Que ha de mudar d'Europa aspecto, e estado:
Quasi o Luso esplendor n'Asia s'encerra
Em sombras sepulcraes; mas levantado
Hum resto contra os séculos te fica,
Que a extremos évos o que foi publica.

54.

Em seus thesouros os supremos Fados
Mais gloria para ti, mais bens reservão;
Mas são mysterios aos mortaes vedados,
Que de augusto silencio as leis observão:
Que Reis vencidos, Povos debellados
Para gloria de Lysia os Ceos conservão!
Tanto, tanto antevê presaga a mente,
Que mais descubro, que o buscado Oriente!

55.

Talvez possas na Syria erguer o Imperio,
Tu, conductor das legiões Latinas;
De Balduino o triste vituperio
Hirão vingar as Portuguezas Quinas:
Talvez por ti decrete o assento etherio
Salvar Jerusalem!... Talvez ruinas
A's portas Caspias levarás triunfante,
Vendo *a teus pés as* Luas, e o Turbante!

56.

Oh Monarca feliz! O Omnipotente
Talvez a gloria tal te haja guardado!
Abre-te as portas do escondido Oriente!
Nunca d'Europa aos Reis tal bem foi dado.
Já balizas não guarda o Mar fervente,
Já para traz não torna o nauta ousado,
E já da Cruz o triunfal madeiro
Do Globo chega ao termo derradeiro.

57.

Urdindo d'ouro estão dias ao Mundo
Concordes Parcas! Divinal portento!
De luz, de gloria pelago profundo! . . .
Grande Rei, tu da Fé grande incremento! . . .
Aos homens já se mostra o Ceo jucundo;
Hide, e tornai de tanto apartamento!
Bemdito sejas immortal Jehova!
A Graça desce, a Terra se ronóva! . . .

58.

Extatico ficou. Qual transparente,
Mimoso orvalho que das nuvens déce,
Que ao fructo sazonado, á flor nascente
O arôma solta, o calice humedéce:
Tal o valor da Lusitana gente
Co'a santa vóz fatidica recréce;
Estancadas as lagrimas se avança,
E em ligeiros baixeis as náos alcança.

59.

Larga-se a branca véla, e a forte Armada
Se retratava na corrente fria;
Nunca em socego tal, tanto espelhada
A vio surgindo no horizonte o dia!
Sôa o trovão fatal, e a carregada
Nuvem, que exhala a ferrea artilheria,
Em rolos negros se espalhou nos mares;
Fica o rebombo do canhão nos ares.

60.

O resoluto nauta do arenoso
Fundo arrancava o ferreo, curvo dente,
Eis se começa de encrespar o undoso
Téjo c'o sopro do purpureo Oriente:
Fatal momento! Ouvio-se hum mavioso
Brádo, que enfrêa ao rio a azul corrente;
Em quanto o povo permanece absorto,
Movem-se as náos, e se retira o porto.

61.

As tristes mãis (oh Natureza!) errantes
Nas praias vão com rostos macerados,
Solto o cabello ás ondas espumantes
Envião, mas de balde, ardentes brados!
Cruzão as mãos nos seios palpitantes,
E tem no pranto os olhos afogados;
A vista lhes cançou, nem sabem onde
O apartado horizonte a Armada esconde.

62.

Lá vais da gloria ao termo derradeiro,
O' portentosa audacia Lusitana!
Quantos males, e bens no Mundo inteiro
Farás sentir n'hum tempo á especie humana!
Leva-te amor da Patria, e verdadeiro,
Mas delle ha de abusar cubiça insana;
Não tardão dias em que a Europa veja
Quão fatal d'Asia o luxo, e o Sceptro seja!

63.

A Armada se esvaîo; de dor cortado
O Povo torna meditando o feito;
Rompe mais forte da tristeza o brado,
Té alli detido por valor no peito:
O coração mais vasto, e dilatado
He para dor tamanha hum campo estreito;
E o que ao mar outra vez seus olhos volve,
Em mais amargo pranto se resolve.

64.

Quasi na fóz do Téjo, onde s'erguia
Sobranceiro hum penedo, onde fervendo
Em solta tempestade o mar batia,
Grossos cachões d'espuma ao ar erguendo;
Huma Donzella extática se via
Desfeito em pranto o coração vertendo;
Com tão immobil gesto, e frio, e quedo,
Que a vista julga ser tudo hum penedo.

65.

Tinha solta a madeixa, aos ventos dada,
Tão negra como os ébanos lustrosos:
Tinha a vista tão languida, e turvada
Quaes são no eclipse os astros luminosos:
A côr de rosa em lyrios tem mudada
Nas faces, e nos labios graciosos;
O cóllo inda he marfim, e as mãos se cruzão;
Ao movimento os membros se recusão.

66.

Assim do Ponto o Vate enternecido
Nos pinta a Amante do infiel Thesêo,
Quando entre as vagas tumidas mettido
Vio ao longe o Baixel no mar Egêo:
Assim nos diz que o coração partido
De magoa, e dor cruel lhe esmoreceo,
E que, sentada em rigidos escolhos,
Só nella mostrão que inda vive os olhos.

67.

Tal a Donzella está: o amante chóra,
Surdo a seus ais, seus prantos maviosos;
C'o coração sómente os Ceos implora,
E acusa c'o Silencio os Ceos irosos:
Pôde no amante a sombra encantadora
Da gloria mais que os laços amorosos;
Mas do silencio a magoa se desprende,
E com taes queixas os penhascos fende.

68.

Ou não te vás, ou leva-me a teu lado
Onde eu comtigo expire, ou viva amante,
Onde o suspiro extremo, o ai magoado,
Possa em teus labios exhalar constante;
Tu mesmo, se te apraz, me apressa o Fado;
Derrama de meu seio o sangue ondeante;
Eu não me queixarei da infausta sorte,
Se expirar a teu lado, he doce a morte.

69.

Amante foi por certo, e foi perjuro
O monstro que primeiro em leve faia
Abrio do mar o campo mal seguro,
Perdendo a vista da nativa praia:
Ceos, vingai minha dor! Do seio escuro
Das nuvens o corisco estale, e caia,
Seja cinza . . mas não! respire, e viva!
Sinta eu sómente a sorte vingativa.

70.

A vóz se lhe cortou, muda, e suspensa
Debruça para o mar languida frente;
E, se de hum lado se lhe antolha a offensa,
Tambem d'outro lhe brada amor ardente:
Entre contrarios dois que guerra immensa
Em seu peito ateou Fado inclemente!
Enluta-se, esmorece, arde, enregela,
E a morte lhe conduz maligna estrella.

71.

Embaciados olhos alongando
Onde se lhe hia o coração, descobre
(Seu fado assim o quiz) as náos arfando,
Que inda de todo o ar não fecha, e cobre:
Scena espantosa, quadro miserando
Lhe obriga a dor que se reforce, e dobre:
O remoto horisonte a Armada envolve...
Quando mares só vio, morrer resolve.

72.

Não só foi contra Dido infausta a Sorte
Quando impio ferro delirante abraça;
A' feia injuria preferindo a morte,
O eburneo seio intrepida traspassa;
No passo extremo soberana, e forte,
Fugir sentio da vida a luz escassa:
Vio de amor huma victima Carthago,
E igual no Téjo se renova o estrago.

73.

A's ondas se arrojou; como assustadas
Do concavo penedo se afastárão,
E com bramido horrisono quebradas
Ao funesto espectaculo parárão:
E de repente as nuvens carregadas
Em subita tormenta fuzilarão;
O Corpo rasga o Mar, e ao fundo desce,
Da vista á Terra, aos Ceos desapparece.

74.

Eis das paixões o fructo venenoso,
Que tanto cegão triste humanidade!
Eis o termo funesto, e luctuoso,
De amor infausto ao despontar da idade!
Precipitou-se assim no Mar undoso
A Cantora de amor, e da saudade;
E o rochedo de Lêucate respira
Inda os accordes sons da eburnea Lyra.

75.

Desastrada paixão, que em teus altares
Te apraz de ver ondear sangue espumante;
Corra embora continuo, e corra em mares,
Nunca te abasta a sede devorante!
Cobres a Terra de mortaes pezares;
Tu do Sabio profundo, e Heroe prestante
Fazes escravos vís; poder superno
Tens de fazer do Eden o escuro Inferno.

76.

A sempiterna Providencia he justa
Pondo entre Mundo, e Mundo o vasto Oceano;
E não se atemoriza, e não se assusta
Da vista deste abysmo o peito humano!
Da gloria, ou da opulencia a sede injusta,
Lhe venda os olhos por não ver seu damno;
Não teme em guerra os mesmos elementos,
E faz servir a seu capricho os ventos.

77.

Deo-se ao mortal por domicilio a Terra,
Nella seu berço tem, nella o sustento;
Mas soberbo a desdenha, e se desterra,
E asylo vai buscar n'outro elemento:
Encontra nelle quasi sempre a guerra,
Mas não lhe enfrêa o impávido ardimento;
Inda que encontre eterna sepultura,
No Mar seu nome eternisar procura.

78.

Estas primeiras lagrimas vertidas
Presagios são dos funebres pezares
De tantas, tantas malogradas vidas,
Que termo inda hão de achar nos turvos mares:
Presagios são das victimas cahidas
Da indomada cubiça em víz altares,
Quando na estrada da famosa empreza
Não for verdade, e fé, mas avareza.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO III.

1.

Vai a Armada cortando o salso argento,
Que em rôlos dividido espuma, e sôa;
E d'onde assomma o Sol no Firmamento,
Por entre as vagas tumidas, se aprôa:
Das altas gaveas o Gageiro attento
Já não devisa os montes de Lisboa;
Sincera dôr universal se sente,
Quando se avista o Ceo e o Mar sómente.

2.

Vigilante Alemquer c'o leme duro,
Já c'o a Libya entestando, o Mar abria,
E pelos ermos liquidos seguro,
De Leste o rumo cognito seguia:
Se a noite desdobrava o manto escuro,
A vista perspicaz aos Céos volvia;
Observa o ferro que lhe mostra o Pólo,
E as náos esquiva aos ímpetos de Eólo.

3.

Tranquillo em quanto de Anfitrite córta
O campo o Luso explorador do Oriente,
E com seguro aspeito os seus exhorta
A anteverem da gloria o premio ingente.
Mal nas cavernas infernaes supporta
Satan do Luso a empreza alta, esplendente,
Quando lhe pinta acceza fantasia
N'Asia abolida a cega Idolatria.

4.

Sobre hum throno medonho, e acima alçado
Do pego immenso da sulfurea flamma,
Está do Inferno o Despota assentado,
E em todo, de si mesmo, o horror derrama:
Sanguineo o rosto tem, e inda assombrado
Do fundo trilho da trisulca chamma;
Quando o Supremo Arquitector do Mundo
O sepultou no Bárathro profundo.

5.

A luz Celestial serena, e pura,
Que a fronte lhe cingira inda innocente,
Toda está transformada em sombra escura,
E hum Arcanjo assim mesmo inda se sente;
Qual se nos mostra o Sol, se a Terra dura
Vai correndo interposta ao disco ardente;
Nem aureo dia fulgido apparece,
Nem toda negra a noite se conhece.

6.

Sahe-lhe a Morte da boca, abre-a, e levanta
Tal voz, que abala as infernaes cavernas;
De medo os monstros socios seus quebranta,
E augmenta o pezo ás penas sempiternas:
Todo o afumado carcere se espanta
Quando assim blasfemou: Ser, que governas
Os altos Ceos, que a Natureza reges,
Como he possivel que meu Reino invejes?

7.

Creio que o quiz só lei de ignoto Fado,
Que eu nas moradas dessa luz perdesse
Throno que eu tinha tanto ambicionado,
E que da empreza tão fatal cedesse:
Neste abysmo me vi precipitado;
Mandou-me a Inveja que daqui rompesse,
E que da immensa recebida afronta
Eu tirasse *no Eden* vingança pronta.

8.

Venci, firmei meu solio; entre as ardentes
Chammas reinei da lôbrega morada;
Desses dos Ceos Imperios reluzentes
Não tive já que desejar mais nada:
Anjos trouxe comigo obedientes,
D'Anjos he toda minha Corte ornada;
Se não fui similhante ao Ser Eterno,
Não me avilta o lugar, sou Rei no Inferno.

9.

Eu mesmo dei poder, e imperio á Morte,
Tirei os homens do innocente estado;
Eu, como author do mal, soberbo, e forte
Lhes puz no cóllo o jugo do peccado:
No Inferno renovei dos Ceos a sorte,
Quando no Globo, quasi avassallado,
Eu vi que se me erguia hum Templo immenso,
E em rico altar se me queimava incenso.

10.

Foi minha a potestade, e minha a gloria
Por seculos n'hum Mundo e independente
Soberano a meus pés tive a victoria,
Pude chamar-me, e ser omnipotente:
Não mais me atormentou triste memoria
Do Imperio que perdi no Ceo luzente;
Se eu sobre os astros desisti da guerra,
Vim ter hum throno universal na Terra.

11.

Mas, (oh lembrança turbida, e sombria!)
Eu matutina estrella, eu Sol radioso...
Pôde eclipsar-me o Filho de Maria...
Abre os fechados Ceos victorioso,
Meu poder quebrantou: mas inda eu via
Meu throno n'Asia dominar glorioso;
E lançallo por terra hoje pretende
(Que injuria!) hum só mortal, que os mares fende!

12.

De meu supplicio eterno o eterno fogo
Com ella s'augmentou, e o mal se avança;...
Mas não! Que eu tenho o prompto desafogo
Nos raios, que esta mão sopéza, e lança:
A hum leve aceno deste sceptro, logo
Irá morte, irá odio, irá vingança;
Sinta-me a Terra impavido, iracundo,
Qual no Eden me sentio nascente o Mundo.

13.

Esse mortal, do crime já triunfante
Meu Reino antigo universal conheça,
O raio tema accezo, e crepitante,
Que infatigavel braço inda arremeça:
Deste de fogo pélago ondeante
Vou levantar a triunfal cabeça;
A Terra, os Mares com meu sceptro abranjo;
Lembre-se o Luso que he mortal, e eu Anjo.

14.

Póde escapar da sanha abrazadora,
Que me ferve no peito, o in'migo ousado?
Acaso os climas profanar da Aurora
Irá n'hum lenho, aos ventos confiado?
Todo o Oriente, que meu Nume adora,
A' Cruz humilde se verá prostrado?
Se eu fiz d'horror no berço encher o Mundo,
Saiba, e sinta maior golpe o segundo.

15.

Qual fero Tigre em selva Americana,
Ou qual Leôa em Zara erma, estuosa,
Se o negro caçador lhe atiça a insana
Furia co' a setta, ou lança temerosa;
Que vendo o sangue, que do golpe emana,
Ruge de raiva, e espuma, e duvidosa,
Ora o duro agressor correndo alcança,
Ora aos filhos bramindo os olhos lança:

16.

De sanha inda maior enfurecido,
Co' a vista Satanaz o Inferno gyra,
Ergue a voz, que produz vasto estampido,
Como se hum raio a nuve' então partira:
Tremeo na base o Abysmo sacudido,
A noite eterna mais horror respira,
E de mór sombra, quando o brado escutão,
As sulfureas abóbadas s'enlutão.

17.

Quaes correm ventos que as prizões forçárão,
Ou quaes as chammas que ao Vesuvio o seio
Com trovão pavoroso espedaçárão,
Atravez d'hum negrume horrendo, e feio:
Taes os rebeldes Serafins voarão,
De que o poço do Abysmo immenso he cheio;
Como clarões de fogo as sombras fendem,
Em denso fumo equilibrados pendem.

18.

Toda do throno em volta se ajuntava
Rebelde turba, que dos Ceos cahira,
E da falange á frente se avançava
Da Morte o negro espectro ardendo em ira:
Na mão, que he sempre vencedora, alçava
Foice, que espanto universal inspira;
Horrenda producção do atroz Peccado,
Herança nossa, indeclinavel Fado!

19.

Logo apoz ella vai da insana Guerra
Genio, que os homens ás desgraças chama;
Discordia o segue, que no seio encerra
Fogo que o Globo em dissensões inflamma:
Vôa a Ambição, que he Déspota da Terra,
Que estrago, e luto aos mortaes derrama;
As azas sacudindo o Inferno atrôa
Da Tempestade o Espirito, que vôa.

20.

O impeto parou precipitado
De impia turba ante o solio pavoroso;
Lança-lhe a vista Satanaz irado,
E nella exprime a dôr do peito ancioso:
Tanto acima da turba he levantado,
Quanto he no Mar escolho pedregoso,
Cuja alta frente as nuvens lhe corôão,
Em quanto as ondas pelas bases sôão.

21.

Anjos . . (pára, e suspira!) Anjos no etherio
Reino em hum tempo campiões ousados,
Que a mais ditosos Querubins o Imperio
Comigo á frente, disputaste armados:
Não nos sirva de afronta, e vituperio
Ser das mansões celestiaes lançados;
Que em nosso eterno ser não ha mudança,
Em nós gloria haverá, se houver vingança.

22.

Se dos excelsos thronos refulgentes
Irresistivel mão vos precipita,
A Terra toda nos temeo potentes,
E os golpes soffre desta dextra invicta:
Temos Imperios, thronos eminentes,
Nesta negra extensão vasta, infinita;
Neste Reino do espanto, e do desgosto,
Do mal eu sou principio, aos Ceos opposto.

23.

Assoberbadas as Nações té agora,
Furtão ao jugo o collo avassallado,
Da Cruz o lenho triunfal se arvóra
Onde o Globo arde em fogo, onde he gelado;
E vai cahir nas regiões da Aurora
Meu throno, ha tanto seculos firmado:
Ufanos vão cortando o Mar tumente
Os que hão de o culto meu mudar no Oriente.

24.

Referva o turvo Mar, e o laço estale
Que em molle arêa encapelado o liga;
A terrea, humana habitação se abale,
Sinta do Cahos a discordia antiga:
Atroz vingança minha afronta iguale,
O abysmo tragará gente inimiga;
Não de outra sorte hum Serafim se vinga,
Estrago universal meu odio extinga.

25.

Vasto mar, em si mesmo equilibrado,
Desde a azul superficie ao negro fundo
Pelo poder do Inferno amotinado,
Deixe segunda vez naufrago o Mundo:
Do Luso explorador baixel ousado
Perca os astros de vista, e o Ceo jucundo;
Veja do abalo espavorida a Terra,
Que he, não dos homens, mas do Inferno a guerra.

26.

Mas esta guerra, e Soberana empreza,
Sendo digna de vós, pede o meu braço;
Serei com vosco, á gente Portugueza
Irei cortar o temerario passo:
Deixe-se hum pouco o Imperio da tristeza,
Vamos gyrar da luz no immenso espaço;
Segui-me o vôo, que assinála a estrada
Desde o Cabos ao Sol, do Sol á Armada.

27.

Disse o blasfemo; e sacudindo a ardente
Abobeda infernal, abre a garganta
Do negro, fundo Abysmo; o abalo ingente
Toda a Terra sacode, e ó Mar levanta:
Té no opposto Hemisferio a erguida frente
Dos Andes vacillou: com força tanta
Sahe do Cabos Satan, que extremo dia
Do Mundo a vasta maquina temia.

28.

Das sombras taciturnas se elevava
O Monstro horrendo ao ar turvo, e pezado;
Para as fauces do Abysmo o vôo alçava,
Das pavorosas Furias escoltado:
Do eterno pranto as regiões deixava,
Qual vai Cometa funebre abrazado,
Na marcha incerto, vacillante em passo,
Correndo eternas solidões do espaço.

29.

Tanto o Inferno perdeo de horror profundo,
Quão longe o Monstro vai! Com luctuoso
Véo, qual no eclipse entenebrece o Mundo,
Todo se cobre o Olympo luminoso:
A' frente do esquadrão blasfemo, immundo,
Bate as azas Satan fero, orgulhoso;
Por onde quer que passa, e se equilibra,
Noite medonha entorna, e raios vibra.

30.

D'alma luz pelo Imperio o espaço talha,
Já vê milhões de Soes no Firmamento,
Sombra Tartarea, que voando espalha,
Ao Sol roubava eterno luzimento:
O ether corta immenso, onde se coálha
A neve na atmosféra, e sopra o vento;
Eis se despenha Lucifer de chófre,
Qual globo ardente de ateado enxofre.

31.

Por onde cáhe, de escuridão fechada
Coberto deixa o rubido horisonte,
Co'as azas tapa a nitida, abrazada
Face ao brilhante claro Hyperionte;
Bem como a luz em sombra transformada
Fica, se fuma de Sicilia o monte,
Que nada mais descobre a vista absorta,
Que noite espessa, e a Natureza morta.

32.

Soberbos olhos alongando á undosa
Planicie, a observa trémula, esplendente,
E a côr dos ares, qual purpúrea rosa,
Que o seio desabrocha ao Sol nascente:
Vio leda a Natureza, e venenosa
Setta lhe disparou remorso ardente;
Os olhos tórce, e rebramando pára,
Quando o que tem c'o que perdeo compára.

33.

Hião as náos cortando os vitréos mares,
Soprava em pôpa equilibrado o vento;
Nem fluctuavão nuvens pelos ares,
De azul se arreia e d'ouro o Firmamento:
No rumo demandava adustos lares
Do brutal Azenegue o douto, e attento
Astrónomo Alemquer, que no profundo
Genio concebe a maquina do Mundo.

34.

Brama o fero Satan, d'odio abrazado,
Ao ver tranquilla a Armada que veleja,
E mais de perto ao coração rasgado
Lhe chega as serpes a assanhada Inveja:
O veneno sentio, e o vento irado
Ou forma, ou chama á fervida peleja;
Já sem elle hum vapor negro s'estende,
E o raio dentro do vapor se accende.

35.

Já do Occidente ao tumulo descia
No fulgurante coche o Sol dourado,
E dando o alento derradeiro ao dia,
Tinha debaixo do horisonte entrado:
Eis que então d'improviso urrar se ouvia
Na liquida campina o vento irado;
E os monstruosos peixes, que talhavão
O mar, presagios da tormenta davão.

36.

Já toldão todo o ar tufões violentos,
Quaes nas bocas de Aynão no Mar da China,
Que no embate espantoso aos elementos
Ameaçando vem fatal ruina:
Como em batalha os esquadrões cruentos
Se baralhão com furia repentina,
As frias ondas, e da noite o manto
Co'a sombra augmenta o Rei do eterno espanto.

37.

Por entre as sombras horridas bramindo,
Dellas derrama turbidas correntes,
E as carregadas azas sacudindo,
Redóbra a força aos ventos estridentes:
O raio accezo, as nuvens dividindo,
Deixa espadanas rubidas, e ardentes,
E o subito clarão, que fende os ares,
Só deixa ver por hum momento os mares.

38.

Das enroladas nuvens coruscantes
Se desatão chuveiros procellosos,
E os sacudidos ventos sibilantes
Levantão mais os rolos espumosos:
Resoão pelos lenhos fluctuantes
Os éccos tristes dos trovões ruidosos;
Ao mesmo invicto Gama o peito esfria,
Mais que tormenta na tormenta via.

39.

Qual entre o fogo, e fumo ennovelado,
Que da fauce o Vesuvio ao ar vomita,
Sóbe penhasco ardente, e do elevado
Ar no accezo Volcão se precipita:
Tal das trevas o Despota indignado
Entre a espantosa cerração se agita;
Do negro Mar subindo, as nuvens fende,
Desce das nuvens quando o raio accende.

40.

Ouve-se o rouco ao Mar que se quebrava,
E se redobra univeral espanto,
Quasi he continuo o lume que estalava,
Rasgando á noite o tenebroso manto:
Nas quasi immersas náos triste soava
Hum quebrantado, e lastimoso pranto;
O mais invicto coração se enluta,
Quando em rochas quebrada a vaga escuta

41.

Vai correndo sem rumo a forte Armada
Pela espadua das ondas espumosas,
Ora aos turvados Ceos arremeçada,
Ora tocando as furnas arenosas:
De todo a etherea abobada toldada,
Do Polo esconde as tochas luminosas;
Muito a agulha sympáthica declina,
Nem já tentada róta ás náos ensina.

42.

Ao mar afeitos, duros marinheiros
Immoveis ficão do pavor transidos,
Nem podem vélas amainar ligeiros,
Rasgadas dos tufões embravecidos:
Aboião já nas ondas os madeiros,
Das entalhadas pôpas divididos;
Bate o fervente mar, vão sem descanço,
Sem rumo as náos em fervido balanço.

43.

Rebenta em flor o mar, com furia tanta
Na erguida prôa de hum baixel cruzado,
De tal arte o alagou, tanto o supplanta,
Que immerso todo appareceo de hum lado:
O Gama, espavorido, ao Ceo levanta
A vista, as mãos, o coração turvado,
E á Providencia eterna, e bemfeitora,
Co' estas ferventes supplicas exóra.

44.

Deos immortal, que as humidas arêas
Por limites ao Mar constituiste,
Que as procellosas ondas Erithrêas,
Com braço Omnipotente dividiste;
E ás Tribus de Israel, d'espanto chêas,
Pelo meio do Mar caminho abriste;
Que sobre as azas vens dos soltos ventos;
Tu, cuja voz he lei dos elementos;

45.

Quererás permittir que irados Mares
Subvertão náos, que vão levar teu nome?
E os que abração teu culto, e teus altares
Dest'arte eterna sepultura os come?
Que sem tornar a ver paternos lares
Entre os braços do mal, que nos consome
Expiremos assim, sem que se arvóre
A cruz que o Povo Oriental adore?

46.

Que hade dizer na Europa a indocil gente,
Que a lei da Igreja Universal despreza?
Talvez diga sacrilega, insolente,
Que he dos homens, não tua, esta árdua empre
Que assim se desvanece, e assim desmente
Promessa feita á gente Portugueza;
Tu nos salva, Senhor, tu grande, e forte
Enfrea o turvo Mar, suspende a Morte.

47.

Fitos os olhos lagrimosos tinha
Inda o justo varão no ethereo assento,
E já dos Orbes cristalinos vinha
Descendo hum Anjo, que enfreava o vento:
Por entre as nuvens rapido caminha;
Tóca, e socega o tumido elemento,
Dissipa os furacões, e o raio apaga;
Todo se aplaina o Mar, se espelha a vaga.

48.

Espavorido o Despota fugia,
Não supportando o vívido, esplendente
Clarão dos Ceos, que as sombras dividia;
No fundo Cahos se occultou tremente:
Raio purpureo do nascente dia
D'ouro vinha esmaltando o Ceo do Oriente,
E, nuncia da manhã serena, e bélla,
De Venus surge a scintilante estrella.

49.

Em zefyro se muda o bravo Eólo,
Nas solidões do espaço se occultava
O Plaustro immobil no esplendente Pólo;
Todo no Mar o Ceo se retratava:
Do extremo ponto do Oceano Apollo
O disco fulgentissimo elevava;
A nevoa se desfaz, que o ar encerra,
Então brada da gavea hum nauta: Terra!

50.

De sobresalto chêa, e de alegria
Ao bordo corre a chusma alvoraçada,
E as náos, singrando na plasica fria,
Co' a Terra entestão no horisonte alçada:
Vê que de perto curva apparecia
Angra d'altos oiteiros assombrada,
Que entre elles mais se levantava hum monte,
Que em nuvens densas sepultava a fronte.

51.

De plumagens incognitas as aves
(Não receosas dos humanos) fendem
Ar, que embalsamão halitos suaves,
Que de selva aromatica recendem:
Mede-se a altura ao mar com prumos graves,
Ao Sol as vélas humidas s'estendem;
A's lizas ondas n'um baixel s'entregão,
E contentes vogando á terra chegão.

52.

De hum suave prazer banhada, e chêa
Nautica turba abraça a terra ingente,
E toda a praia concava rodêa
Alemquer, que pezava o Sol luzente:
Muito do Gama o espirito s'enlêa,
Quando não vio sinaes de humana gente;
Tenta ao cume subir do ignoto monte,
D'onde contemple em torno o horisonte.

53.

Por baixo de copados arvoredos
Com afan vai pizando intacta estrada;
Como arrojados de hum volcão, penedos
Lhe vão formando a cima alcantilada:
Eis chega ao cume! Incognitos segredos!
Scena c'o véo dos seculos tapada!
No mais alto da bruta penedia
(Obra dos homens) huma estatua via.

54.

Tinha hum cocar na barbara cabeça,
De peregrinas plumas enlaçado,
Curto saio de plumas a adereça,
E o tem no cinto gigantesco atado:
Hum arco com que a setta se arremessa
Nà esquerda tinha, c'o carcaz ao lado;
Todo o mais corpo he nú, e a tez escura;
De membros forte, e fêa catadura.

55.

Co'a dextra aponta, e mostra os climas onde
O Sol, correndo em coche luminoso,
A clara face no Oceano esconde,
E da noite começa o manto umbroso:
A immobil vista ao termo corresponde,
A que apontava o braço musculoso.
Os olhos alongando o Gama attento,
Nada vê *mais* que o tumido elemento.

56.

A estatua mede, ao pedestal attende,
Observa em bronzea lamina gravadas
Letras, que Argivas reconhece, e entende,
Mas já do pé dos seculos pizadas:
Inda o grande mysterio o Ceo defende,
Quiz que as sombras por fim fossem rasgadas;
Quiz que o fado do nauta Lusitano
Mostrasse ao Mundo o portentoso arcano.

57.

Virá, dizião, nos remotos annos
Nauta, que rasgue os seios do Occidente,
Que a parte, ás tres igual, mostre aos humanos
Que esconde, e que separa o Mar fervente;
A Europa contará dois Oceanos,
Que vistos devem ser da Lusa gente:
A's Nações franqueando outro hemisferio,
Entre todas terá mais vasto Imperio.

58.

De hum Pólo a outro corre, em levantado
Throno alli reina fertil Natureza,
Alli thesouros tem depositado:
De mór pompa se arrêa, e mór belleza:
Alli terreno immenso he povoado
De Nações inda em barbara fereza,
(Tanto segredo o Ceo te manifesta;)
Dellas a imagem natural he esta.

59.

Desde as bocas do Téjo em náos possantes
Hirão cortando as ondas procellosas,
Em outro rumo, ousados navegantes,
D'Asia buscando as regiões ditosas:
Por varedas de mim trilhadas d'antes,
Nas azas de tormentas espantosas,
Co'a prôa hirão tocar na immensa Terra,
Que hum véo té agora impenetravel cerra.

60.

Como, ao romper-se o tenebroso manto
Da noite, reverbéra a luz Febéa,
Que subito ao poder de ignoto encanto
Todo o quadro do Ceo se patentêa:
Assim de assombro, e desusado espanto,
Tomada fica a Gente de Ulysséa,
E na esperança d'encontrar a estranha
Terra, animosa desce da montanha.

61.

Mas eis brada Alemquer: D'hum sonho acordo!
Quantas sombras me rompe a fantasia!
Rasga-se o véo dos seculos, recordo
O que Athenas a hum Sabio outr'ora ouvia:
Com seu profundo oraculo concordo
Ser esta a Terra, que Timêo dizia,
Que devassando o Mar com largo gyro
Vira primeiro o morador de Tyro.

62.

Ou he, por certo, a Terra que tocára,
Ou julgou ter tocado, em lenho ovante
Annon Carthaginez, que atraz deixara
As barreiras de Alcides triunfante:
Que em perduraveis marmores gravára
A memoria do feito alto, e prestante;
Que na crença do arcano, que escutárão,
Indecisos os seculos ficárão.

63.

Quizera neste instante o invicto Gama
Ir demandar a annunciada Terra,
E dilatar de Lysia o nome, e a fama,
Tanto, e tanto crescida em paz, em guerra:
Novo argonauta illustre á empreza chama
A Providencia, que o segredo encerra;
Depressa levará no Mar profundo
Quem dê Reinos ao Téjo, á Europa hum Mundo.

64.

Em tamanha tormenta combatida,
Espalma a gente a fluctuante Armada,
E de novo valor apercebida,
Tentar espera a perigosa estrada;
Na immensa caça hum pouco divertida,
De que era a terra incognita abastada;
As náos provê, de caça se sustenta,
E ao trabalhado corpo a força augmenta.

65.

Deixar as ermas praias he forçado
O Capitão prudente, Ilha as julgava
Das muitas que inda o Mar, não devassado,
Co' as frias ondas resonantes lava;
E a que inda o Luso navegante ousado,
Nem nome eterno, nem colonias dava;
Pois poucas são nas vagas cristalinas,
Onde não fossem tremolar as Quinas.

66.

Vio que em propicio encejo hum brando vento
Soprava occidental, que a verdejante
Superficie do tumido elemento
Já se encrespava, e se movia ondeante:
E que já nova força, e novo alento
Tinha o robusto nauta; eis marca o instante
D'ir proseguindo a empreza; o bronze sôa,
E a Terra ignota a vez primeira atrôa.

67.

Bate da içada antenna o solto panno,
Volve-se a curva prôa ao Sol nascente,
E os não trilhados campos do Oceano
Corta segura a Lusitana gente:
Fervorosa soou no immenso plano
A vóz, que implora auxilio omnipotente;
A terra foge aos olhos, e escondido
Em *nuvens vai ficando* o monte erguido.

68.

O providente astrónomo, que attento
Leva os baixeis no rumo desejado,
Co' a certeza do nautico instrumento,
Peza, observa a distancia ao Sol dourado:
Pasmosa producção, sublime invento
Do engenho Lusitano ás Artes dado!
Té na exacta Sciencia alto, e profundo,
No seculo de sombra illusta o Mundo!

69.

Vio que o clima ardentissimo, e fervente
Poucos gráos do Equador cortando andava,
Por onde o Sol a prumo á escura gente
Dias iguaes na duração marcava:
Onde (segredo ignoto á humana mente!)
Natura a côr da noite á tez só dava;
He Zona que julgára a Escóla incerta,
Antes de hum Luso navegar, deserta.

70.

Sempre a acerba fadiga, a desventura
Co' a existencia mortal caminha unida!
Muitos no Mar encontrão sepultura,
Entre espasmos crueis lhes foge a vida:
A inexoravel fouce a Morte escura
Por toda a parte estende embravecida;
Huma mortal contagião corrompe
O sangue, e a têa da existencia rompe.

71.

De balde a fresca viração se espera;
O Mar em calma está como espelhado,
Pausa que mais os nautas desespéra,
Que o rijo repelão do vento irado:
Fogo, chammas respira a immensa Esfera,
De nuvens nunca o Ceo se vio toldado;
E o ar, que incendiou diurna chamma,
Nem nocturno rocío então derrama.

72.

Ou fallece, ou se damna o mantimento,
A agua se turva grossa, e corrompida;
De tanto mal ao pezo, e a tal tormento,
Cede a força vital enfraquecida:
O Nauta mostra aspeito macilento,
Tem dos olhos a luz amortecida;
E apenas, com suspiro intercadente,
Publica desta sorte a dor que sente:

73.

Quanto he mais doce, mais honrosa a morte
Do combatente, intrepido Soldado!
Com denôdo, e valor contrasta a sorte,
Se na Libya combate o Mouro armado!
Se acaba, expira como expira o forte;
He da Patria brazão, della he louvado;
Não lhe finda no tumulo a memoria,
Das sombras sepulcraes lhe surge a gloria.

74.

Mas que nos ganha a temeraria empreza?
Entre miserias, mortandades, sustos,
Combater peito a peito a Natureza
He de cegos sómente, he só de injustos:
Contra a louca ambição, baixa avareza,
Se armarão sempre os Ceos, e os Ceos são justos;
Tanta ousadia a Natureza offende,
E as atrevidas náos nas ondas prende.

75.

Corre o Gama animoso: O' Lusitanos,
Lhe exclama, ó Nação forte, ao Ceo preciosa,
E não sabeis que a desventura, os damnos
São dos mortaes a herança lastimosa?
E não sabeis que aos miseros humanos
Inevitavel he morte espantosa?
Que tem baliza, impreterivel termo,
Logo ao nascer chorando, hum corpo enfermo!

76.

Se nisto não cuidais, vede os famosos
Heroes, que o Lacio ou Grecia exalta, e canta;
Subirão por caminhos escabrosos
Onde da Gloria o Templo se alevanta:
Males vencerão, males horrorosos,
Com que a cega Fortuna Heroes quebranta;
Jazeria, sem tanto vencimento,
Cesar no pó de eterno esquecimento.

77.

O horrendo Cabo Austral já foi dobrado,
Alta barreira que assustava o Mundo;
E teme o Luso, porque vê ligado
Em calma pertinaz o Mar profundo?
Se he doce a guerra ao Luso em campo armado,
Seja este feito, que he maior, jucundo;
Busque-se a fama por trabalho, e lida,
Morre inglorio quem passa em ocio a vida.

78.

Do Cabo muito além pendões alçarão
Os que ante nós tal feito commetterão;
E dirá Portugal, que arrecuárão
Os que ir ávante á Patria prometterão?
Elles inglorios para traz voltarão,
E a nós as portas do Oriente esperão;
Até aqui louro intacto se offerece
A nosso esforço, e para nós florece.

79.

Como ao romper do Sol claro, e brilhante,
O Mar de noite em ondas levantado,
Mais amainando o vento sibilante,
Na praia escôa manso, e socegado:
Tal dos Lusos o esforço vacillante,
Do mal horrivel quasi supplantado,
Toma co' a voz do Gama alento, e alma,
E o vil furor da sedição se acalma.

80.

De zelo ardente, e d'honra as vozes ouve
Sempre hum Deos providente, enternecido;
Fez hum aceno á Natureza, e chóve:
Sacode o vento o Mar entumecido;
E subitaneamente as náos commove
Pelo encrespado pelago; o detido
Panno até alli nas vergas se desliza,
E a Armada as ondas espumantes pisa.

81.

As descarnadas mãos lédo encovando
Enche o sedento nauta da agua fria,
Que das nuvens se está precipitando;
E o ar, té alli de fogo, arrefecia,
Hum milagroso refrigerio dando
Ao sangue exhausto que na febre ardia;
Eis pouco a pouco o mal se desvanece,
E o Luso esforço natural recréce.

82.

A bafagem d'Oeste, que assoprava,
Para a costa da Libya a Armada lança;
O astrolabio Alemquer alevantava,
E a latitude austral já certo alcança;
Astros mais raros pelos Ceos notava:
Marêa o panno em pôpa, e não descança
Buscando a terra; ao despôntar do dia
Dubia entre nuvens terra apparecia.

83.

Terra, (exclama hum Gageiro), eis Terra á prôa!
Já nos parceis da costa o Mar quebrado,
Alvas espumas levantando, sôa,
Ao bordo corre o Luso alvoroçado:
No ar o bando aquatico revôa,
Sinal dos Nautas tanto dezejado;
Quando á Terra mais proximos corrião,
Palmas nos montes ondeando vião.

84.

Na encosta d'altas serras se descobre
Tranquillo surgidouro, angra espaçosa,
Que as trabalhadas náos defende, e cobre,
Do vento insano, e tempestade irosa:
Desfaz-se a nevoa da manhã, que encobre
A longa Terra tórrida, arenosa;
Ao fundear das náos despida gente,
De negra tez, occorre em copia ingente.

85.

Solto panno nas vergas enrolavão
Os Nautas á profia: em páos cavados
Subito os negros para as náos vogavão,
Ao Luso gesto, ás armas costumados:
De todo nus, só de algodão tapavão
Os cabellos felpudos, e enroscados;
Na agreste vóz, na estupida fereza
Rude se mostra, e inculta a Natureza.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO IV.

1.

Mal o ferro cahio no Mar fervente,
Reconhecer a região mandava
O forte Capitão, e a Lusa gente,
Em leve barco o pélago cortava:
Na testa do Esquadrão forte, e contente
Velloso sempre intrepido marchava;
E apenas salta na fervente arêa,
O negro bando attónito o rodea.

2.

Vão caminhando os lédos marinheiros,
Seguidos da buçal, e inculta gente,
Transpõem da costa os ingremes oiteiros,
E extenso campo lhes ficou patente:
E vem, quaes vira, quadros lisongeiros,
A primitiva idade inda innocente;
Quando a cubiça sordida, e a guerra
Inda não tinhão profanado a Terra.

3.

Com duro, agreste accento a vóz erguia
A negra turba, e saudava os Lusos,
E gente humana apenas parecia;
Tanto erão rudes, barbaros, obtusos!
Eis que da bruta multidão rompia
Hum que os Nautas deixou d'horror confusos;
O accento Portuguez lhe escutão ledos,
Elle absorto ficou, e os Lusos quedos.

4.

De espanto vem tomado, e na cabeça
Se lhe erriça o cabello, a voz pegada
Lhe fica; que o prazer faz que emmudeça,
Qual estatua de marmore formada.
Desafronta-se hum pouco, e assim começa:
Oh gente Lusitana, oh gente amada,
Que ha ranto tempo desterrado choro
Neste paiz incognito onde móro!

5.

Que rasgo de ventura, ou Providencia
Vos vem guiando a climas tão distantes,
Soffrendo a furia, a barbara inclemencia
Dos elementos sempre discordantes?
Depois de tão cruel, tão dura ausencia,
Sobre as azas dos ventos inconstantes,
Vejo chegar a gente vencedora
Das barbaras naçóes, que a Europa ignora!

6.

De menos sobresalto então passado,
Borbulhando-lhe as lagrimas, dizia:
Que desgraçadamente alli deixado
Fôra quando do Cabo Austral volvia;
Que longo tempo alli tinha levado
Dos negros, não brutaes, na companhia,
Reconhecendo em natureza rude
Presentimentos de hospital virtude.

7.

E, mais lhes diz, que a terra se chamava
O Reino de Ogané, grande, abundoso,
Que ao Austro, e pouco longe s'extremava
C'o vasto Congo, férvido, arenoso:
Que os dilatados campos lhe cortava
O Zaire, irmão do Nilo, immenso, undoso,
Communs na já sabida origem sua,
Além dos montes áridos da Lua.

8.

Que era a terra ardentissima, abastada
De ricas minas de metaes brilhantes,
Que ao pastoril emprego a gente he dada
Nutrindo o gado em pastos abundantes:
Que he vil cubiça sordida ignorada
Das nunca em guerra gentes discordantes;
Que, se ha da idade d'ouro a imagem bella
Entre as nações do Mundo, a dava aquella.

9.

Que alli dos rios pelos margens frias
Crescem continuo as arvores ornadas
De hum verde sempiterno, e assim sombrias
São refrigerio ás gentes abrazadas:
Que erão de espaço iguaes noites e dias,
De larga chuva as terras abastadas;
Que emfim de armento os campos abundosos
Tornão na vida os íncolas ditosos.

10.

Que o Zaire, as frias ondas augmentando
Com que o vasto paiz fecunda, e lava,
O dilatado curso accelerando,
Por larga boca no Oceano entrava:
Que hum pouco as margens humidas curvando
Contra os ventos ás náos guarida dava;
Que alli dar fundo, e descançar podia
Do longo, e duro afan da equórea via.

11.

Quizera dizer mais; porém tocados
De justo assombro os Nautas valorosos,
Do Portuguez contente acompanhados,
Vem demandar as praias pressurosos:
Varrem subito o Mar c'os compassados
Remos, buscando os lenhos alterosos,
E fita o Luso nos baixeis com magoa
A'vidos olhos, que se arrazão d'agoa.

12.

Como succede em Corte populosa,
Se ignoto peregrino se offerece,
Que em longo fio a turba curiosa,
Em roda delle subito recrece:
De estranhas novas sempre cubiçosa,
Pergunta, que costume ou lei professe;
Dest'arte a chusma nautica apinhada
Em roda delle, está como assombrada.

13.

Attento escuta o cauteloso Gama
Quanto o encontrado Portuguez dizia;
Por ver a terra ignota arde, e s'inflamma
Toda em desejo a Lusa companhia:
E mal dos Ceos Orientaes derrama
Clara, e purpurea luz nascendo o dia,
Do fundo erguer as ancoras já manda,
E a *foz do Zaire* c'os baixeis demanda.

14.

Vio que fervia o tumido elemento,
Todo em cachões altissimos formado,
Que tanto corre turbido, e violento,
Que a grão distancia o sente o Mar turvado:
Tanto se torna rouco, e turbulento,
Das circunstantes róchas apertado,
Que, qual o estrondo dos trovões, rebrama,
Ou qual Visuvio ao rebentar da chamma.

15.

Pairando hum pouco aguarda o ésto enchente,
E abicado ficou co'a barra undosa;
Porque o fluxo do Mar quebra a corrente,
E ao rio enfrêa a furia procellosa:
D'hum lado, e d'outro o vasto continente
Aos olhos mostra scena deleitosa;
Tudo são campos, em que formão flores
Hum quadro universal d'immensas côres.

16.

De densos bosques guarnecida estava,
Do lado Oriental, curva enseada,
Que abrigo aos lenhos contra os ventos dava,
Quando o Mar volvem na tormenta irada:
A altura aqui do pélago sondava
Vigilante Alemquer, e á forte Armada
Por fim dá fundo; as ancoras da prôa
Rasgão (cahindo) o Mar, que espuma, e rôa.

17.

Saltava em terra a turba, ao destemido,
Forte esquadrão da Lusitana gente
O desterrado he guia; hum monte erguido
Eis lhe mostra Pyramide eminente:
Ao porto chegão, grito enternecido
De piedoso jubilo se sente,
Quando de bronze em laminas fundidas
Virão de Lysia as Quinas esculpidas.

18.

De tão santo espectaculo tocados,
Enternecidas lagrimas vertião,
Quando o padrão da Cruz nos apartados,
Ferventes areaes d'Africa vião;
Que estranhas regiões, mares domados
A's futuras idades annuncião;
Que, cheias d'alma luz d'immensa gloria,
Do Luso esforço guardarão memoria.

19.

O conductor lhes diz, que hum tanto ao Norte,
Entre bosques de cedros, s'encontrava
Do grão Monarca a populosa Corte,
Que nos sertões vastissimos reinava;
Não por conquistas, nem por armas forte,
Mas que de hum Rei Pastor a imagem dava;
Quaes vira em tempo primitivo o Nilo,
Sem dar *inda ao saber*, e á guerra asylo.

20.

A Fama, que olhos cem, cem bocas conta,
Que em terra tendo os pés, já co' a cabeça
Além das nuvens rompe, os Ceos afronta,
Que mais que o raio, e que os tufões se apressa;
Que apenas nasce, cresce, e se remonta;
Pela Cidade entrando, alli começa
De publicar a força, e valentia
Da nova gente, que do Mar surgia.

21.

Velloso, e Leonardo os destinados
Mancebos são da Lusa companhia
A conduzir presentes estimados,
Que entre negros boçaes só tem valia:
Do forte Capitão como enviados,
Lhes vai servindo o Portuguez de guia,
Expondo quanta maravilha encerra
A, que hião vendo, afortunada terra.

22.

Pelos gramineos valles verdejantes
Diversos animaes pastando vião;
De instincto social os Elefantes
Nas floreas veigas socegados hião;
Sacudindo das Palmas ondeantes
Nectareos fructos com que se nutrião:
Notão Aves no exotico arvoredo
Mudas no canto, mas de aspecto ledo.

23.

Os carniceiros Tigres mosqueados,
Não raros, vão passando o alpestre monte;
Delles fugindo os timidos veados,
As agoas vem buscar d'argentea fonte:
Os Avestruzes, de plumage' ornados,
Que enfeitar vem na Europa a Regia fronte;
E o monstro mais opposto á especie humana,
Nunca farta de sangue a Hyena insana.

24.

Dispersos Negros vem, que andão buscando
O mel pelos rochedos saboroso;
Outros, em leves barcas mariscando,
Levados d'agoa são do rio undoso:
Alguns déstros no mato andão caçando
Com leve setta, ou laço insidioso;
Tal quadro tinha de immortal belleza
Inda em seu berço aggreste a Natureza!

25.

Eis ao longe entre grossas estacadas
Grande a barbara Corte devisavão;
E longos fios d'arvores copadas
Do Sol, a prumo sempre, a resguardavão:
Sobranceiras a tudo, e levantadas,
Mas toscas, galarias se amostravão;
Soberba habitação do Rei potente,
Chamada *Ambáca* pela inculta gente.

26.

Das tranqueiras attonitos sahião,
E quasi nús, os negros habitantes;
O passo, as armas vendo, atraz volvião
(Que ingenua he Natureza!) aos navegantes:
Outros ás altas arvores subião
Por ver o gesto dos Barões prestantes,
Té que entrarão n'hum campo, onde sentado
Era o Monarca com soberbo estado.

27.

Do collo aurea cadêa lhe pendia,
Entre os negros sinal de potestade,
E c'hum sendal não barbaro cingia
Da escura fronte a tôrva magestade:
Do cinto aos pés a veste lhe descia
(D'hum Leão era a pelle) em gravidade;
D'ouro no braço esquerdo o escudo raia,
E na dextra sustem ferrea azagaia.

28.

He de aspeito sereno, e magestoso,
(Que o Regio portamento a côr não tolhe);
Com repousado termo, e decoroso,
Nos braços com ternura os dois acolhe:
E do mixto concurso numeroso
Os Souvas, que são Principes, escolhe;
Ouve com estes só Lusa embaixada,
Do Portuguez interprete explicada.

29.

Vez em teu Reino, Principe excellente,
(Lhe diz) hum grande Capitão mandado
O Indostão descobrir por Mar fervente,
Nunca de lenho undivago cortado:
Ao Rei do claro Tejo armipotente,
Já tem da fama tua a voz chegado,
E nesse a prova tens disto, que ouviste,
Padrão, que aos mares sobranceiro existe.

30.

Esta do Imperio teu não dubia fama,
Que tanto sôa em regiões distantes,
Obriga, e move o formidavel Gama
A entrar do Zaire a foz co'as náos possantes:
Amor de gloria só seu peito inflamma,
Afronta o Mar, e os ventos inconstantes;
E agora hum pouco repousar intenta,
Em quanto a empreza proseguir não tenta.

31.

Que os dons prezados n'Africa mandava,
Não metal louro, ou pedras luminosas,
Mas o ferreo arcabuz, que vomitava
Fria morte nas pélas pressurosas;
E, quaes no Téjo o artifice forjava,
De ferreo punho laminas lustrosas;
Rico presente, dadiva prestante
De hum Reino vasto ao forte Dominante.

32.

Mostrou-se lédo o Principe Africano,
Ouvindo quanto o conductor dizia;
Muito do Luso acatamento ufano,
Com branda voz dest'arte respondia:
Não he de mim tão longe o trato humano,
Que a tão nobres acções não dê valia;
Quanto em meu Reino tenho, e quanto posso,
Com lizo trato, vos offerto, he vosso.

33.

Disse, e quiz ir á poderosa Armada
A ver de perto o Capitão valente:
Já na eburnea cadeira levantada
O conduz sobre a espadua a escrava gente:
Coberta vem de Povo a larga estrada,
Trás o novo espectáculo contente;
E já da velocissima almadia
O remo accelerado o Mar batia.

34.

Apenas da alta não descortinárão
Os ligeiros baixeis que o Rei trazião,
Das éneas bocas chammas fusilarão,
E os éccos pelo Mar se repetião:
De susto os negros pela mão largarão
Os remos com que as ondas dividião;
Que a Natureza candida se offende
Vendo hum raio não seu, que os ares fende.

35.

Recebe o forte Gama o Rei gosteso,
Que a mão sobre os canhões punha assustado;
Julga-os rivaes do fogo pavoroso,
Que dos ares despede o Ceo nublado:
Em pulido cristal dá-lhe espumoso
Licôr, que exalça o campo dilatado
Do ameno Téjo, que ávido recebe;
Do prompto effeito ignáro alegre o bebe.

36.

C'o Monarca Africano á Terra vinhão
Os Lusos navegantes socegados;
Entre os negros, attonitos, caminhão,
De verem homens d'aço fino armados;
Alli certa guarida os Nautas tinhão,
Alli doces manjares não comprados;
Feliz gente, que o preço ignora ao ouro,
E crê dos fructos publico o thesouro!

37.

Sabem que o vasto Reino he tributario
D'outro maior, que álém se dilatava,
Dos montes donde o Zaire immenso, e vario,
Da fonte, á Europa incognita, manava:
Que os annuaes tributos, feudatario,
A Oriental Ethyope mandava;
Que deste a Regia investidura tinha,
E que o Sceptro, e poder, delle lhe vinha.

38.

Que hum Souva áquelle Reino o Povo envia,
Depois de ter seu Principe acclamado,
Que a voz apenas ao Monarca ouvia,
Porque falla entre véos como encerrado;
Que aurea e brilhante cruz dalli trazia,
Brazão de hum culto, que dos Ceos foi dado;
Que em Reinante tão alto, e tão subido,
Estava Imperio, e Sacerdocio unido.

39.

Ser este o Reino os Lusos conhecerão,
Que Candace regeo na antiga idade;
Que a Cruz alli se vio, que alli romperão
Eternas luzes de immortal verdade:
Que inspirados Barões alli podérão
Alicerces lançar da Christandade,
E que era finalmente o decantado
Reino, até alli por Lysia em vão buscado.

40.

Em quanto o Gama invicto, e a gente forte,
Taes segredos ouvio, profunda pena
Sente no peito, e lhe offerece a morte
Triste, qual he seu uso, e infausta Scena:
Do Rei a hum filho inexoravel Sorte
A prematuro tumulo condemna;
Repentino da vida estala o fio,
A alma fugio do carcere sombrio,

41.

Na subitanea perda o Povo afflicto,
Sente tão grave dor, mágoa tamanha,
Que de ternura ao Lusitano invicto
O rosto em doces lagrimas se banha:
Pavoroso clamor, barbaro grito
Se escuta retumbar na Terra estranha,
Quando o mortal despojo aos hombros trazem,
Quando os extremos funeraes lhe fazem.

42.

N'hum dilatado campo se levanta
De troncos de Cypreste altar ingente,
Com quanta pompa, e magestade quanta
Rito sagrado inspira a inculta gente:
Lanção por cima da funerea planta
De ignoto arbusto aroma recendente,
E em torno vezes tres da excelsa pyra
C'hum facho accezo hum Sacerdote gyra.

43.

Não sem pungente magoa os Lusos vião
Hum tão novo espectaculo, e tristonho.
Desafinados anafins tangião
Os negros á porfia em som medonho:
Em rudes canções barbaras carpião
Da humana vida o passageiro sonho;
E o ar, que acaso s'ennegrece hum tanto,
Dá tom mais triste do sepulcro ao canto.

44.

Já sobre a Eça funebre pousava
O corpo enregelado; eis de donzellas
Melancolico terno se amostrava,
Se em negra côr ha formosura, bellas:
Felpuda, e crespa grenha s'enfeitava
De brancas, e odoriferas capellas;
Duro holocausto são da morte impía,
Que huma cruel superstição pedia.

45.

Do Fanatismo a lei barbara, e dura
Lhes mandava, que victimas cahissem,
Miserandos troféos da morte escura,
Que os Reis álem do tumulo servissem;
Que sobre a negra, infausta sepultura
Em sacro fogo a cinza as redusissem;
Pois tanto a Natureza se encruéce,
Se dos Ceos a illustralla a luz não déce.

46.

De terrivel semblante, e carregado
O Sacerdote arvora o facho ardente;
Hia a pôr fogo ao féretro sagrado,
Que em cima sustentava o corpo algente:
Alvoroça-se a turba ao triste brado
De hum Negro, que poz medo á inculta gente;
Correndo vinha com trementes passos,
E á mais bella das seis lançava os braços.

47.

A malfadada victima mostrava
Entre todas mais dor no aflicto rosto,
Huma sombra maior nelle pousava,
Tinha nos olhos seus Amor seu posto:
Mudo alli s'entendia, alli fallava;
Mudo se queixa alli do Fado opposto;
Nelles accusa á mesma Natureza
Do Fanatismo a barbara fereza.

48.

O Negro com seu pranto a Sorte accusa
Cega, inconstante, caprichosa, e dura;
Maldiz poder tyrannico, que abusa
Da lei mais santa que dictou Natura:
A tanto mal sobreviver recusa,
E abraçado co' a triste formosura,
De dor transido, furioso brada,
E pede o mesmo golpe, a mesma espada.

49.

Não póde hum peito humano atormentado
Ver por mais tempo a scena luctuosa,
Ver dos labios fugir-lhe ao desgraçado,
Quasi sôlta em queixume, a alma maviosa;
Nem o rosto tristissimo, e quebrado
Da miseranda victima formosa:
Não foi, Jerusalem, não foi mais triste
A scena, que em Sofrónia, e Olindo viste.

50.

Velloso então bradava: O' Rei sublime,
Ouve a sagrada voz da humanidade,
Que até dos Tigres o furor reprime;
Não provoques o raio á Divindade:
Da lei cruenta as victimas exime,
Eis digna acção da Regia potestade;
O duro golpe, e deshumano impede;
Razão, Justiça, a Natureza o pede.

51.

Ouve amor, e razão... Já murmurava
Toda a falange Lusitana armada,
E as innocentes victimas cercava,
Nas mãos sustendo a fulminante espada:
O intrepido Velloso ao lado estava
Da triste Negra, em pranto suffocada;
O Rei, que teme, subito resolve,
Todas da lei fatal da morte absolve.

52.

E manda ao velho, que a sulfurea téda
Chegue á pyra odorifera, ondeante;
Subito estala viva labareda,
Com nuvens tolda o fumo o Sol brilhante:
De vapores o manto aos olhos véda
O vasto espaço azul do Ceo radiante;
Tudo he cinza n'hum ponto, e tudo he terra,
Que dentro em toscos marmores se encerra.

58.

De tão novo espectaculo tocados,
Vão cheios os Lusiades d'espanto,
E os dois amantes lédos, e abraçados,
De ternura, e de amor derramão pranto:
Virão propicios subito seus Fados,
Todo se rasga da tristeza o manto,
E ao leito nupcial, das mãos da morte,
(Quanto inconstante he tudo!) os leva a Sorte!

54.

O Gama entanto providente ordena
Das reparadas náos prompta a partida,
Dos fructos que produz a terra amena
Era a undívaga armada abastecida:
E da eminente aparelhada antenna,
Ondea ao vento a véla desferida;
Só de agoa doce, saborosa, e fria,
No salso mar a Armada carecia.

55.

Bem como no fecundo ardente estio
Correm formigas próvidas, lembradas
Das agras privações do inverno frio,
Dos grãos do louro trigo carregadas:
Que nunca secegado o negro fio
Passa, e repassa as veigas dilatadas:
Taes das vertentes limpidas voltavão
Os Lusos para as náos, das náos tornavão.

56.

Em quanto pelos bosques espargidos
Na proxima partida andão cuidosos,
E de animaes no caça divertidos,
Alguns fatigão montes pedregosos:
Mancebos dois, ao desterrado unidos,
Em quanto vagão nos vergeis umbrosos,
Com scena vão topar de horror profundo,
Qual nunca vira em seu theatro o Mundo.

57.

De hum penhasco reconcavo truncados
Ouvem sahir gemidos, que os Hircanos
Tigres deixárão de pezar cortados,
E sem furia os Leões, mansos, e humanos;
Chegão junto á caverna, e perturbados
Volvem atraz o passo os Lusitanos;
E quem á morte, ao vento, ao mar resiste,
He fraco ao devisar scena tão triste.

58.

Lançados virão sobre a terra dura
Feridos corpos, sangue espadanando;
São victimas da morte injusta, escura,
Dois funestos troféos d'amor infando:
Já dos olhos a luz com sombra impura
Negras azas da morte hião tapando;
Rompe dos labios ultimo bocejo,
E absortos deixa os íncolas do Téjo.

59.

Entre ambos os cadaveres estava
Hum Negro immobil; taciturno, e quedo,
Ferrea azagaia na direita alçava,
Que ao Luso, inda que intrepido, pôz medo:
Os Nautas devisando, alto bradava,
E as sombras rompe do fatal segredo;
No passo extremo posta, a Natureza
Fez eloquente a barbara fereza.

60.

Venturosos mortaes, se em vossa terra
Do lisongeiro amor se chora, e sente,
A enganadora paz, a eterna guerra,
A barbara cadêa, o facho ardente:
Vêde o que nesta escuridão se encerra,
Não cuidado espectaculo da gente,
Qual nunca ao Mundo os seculos tem dado;
Vinde ver em duélo Amor, e o Fado.

61.

Essa misera victima banhada
No sangue, que espadana aberto o peito,
Para meu damno, e seu, foi minha amada,
Amor nos quiz unir n'hum laço estreito:
Esse, que he já troféo da morte irada,
Ao mesmo jugo (oh Ceos!) viveo sujeito;
Hum mesmo Amor a deo, e Amor a tira,
Quando n'alma a dois émulos respira.

62.

Se hum puro affecto a Unhamba me ligava,
(Unhamba! hum nome he só!) o amor ordena,
Que o meu rival, que a Unhamba se votava,
Sentisse da repulsa injusta pena:
Mas s'elle a mão d'esposo a Unhamba dava,
A hum golpe igual meu Fado me condemna;
Amor nos inspirou, (e o quiz a Sorte,)
Em todos tres a voluntaria morte.

63.

Igual Fado nas mãos me pôz o ferro,
Roubão dois golpes da infeliz a vida,
Esse a morte se deo; se amor foi erro,
Delle nos damos pena merecida:
Eu á luz odiosa os olhos cerro,
Vou nos braços da morte achar guarida;
Por Unhamba vivi, por ella expiro,
Dei-lhe o primeiro, e o ultimo suspiro.

64.

Contra victimas tres Amor seu braço
Quiz armar vingativo, e hum golpe duro,
Rompendo á vida o detestado laço,
Em paz nos guarda no sepulcro escuro:
Soube unir-nos a morte ella abre o passo
A's eternas mansões d'hum Ceo mais puro,
Onde dos terreos carceres já sôltos,
Vivamos, não rivaes, na gloria envoltos.

65.

Co' a pressa do relampago, no peito
O duro ferro, e deshumano encrava,
Fica menos escuro o turvo aspeito,
E o quente sangue em borbotões brotava:
Da aborrecida vida o laço estreito,
Como indignado, então se desatava;
Findou-se assim de amor o imperio, e guerra;
Lança hum suspiro, e s'estendeo na terra.

66.

Sobre elle todo o tenebroso manto
A crua Morte lúgubre estendia;
Cerrão-se os olhos, que afogava o pranto,
Nem da gelada fauce hum ai rompia:
Inda incendio de amor o abraza tanto,
Que no extremo soluço o braço erguia
Para o corpo da amada, e em sangue tinto,
Assim mesmo expirando, o abraça extinto.

67.

Qual costuma ficar mudo, assombrado,
Mortal, que em noite taciturna, umbrosa
Vio subito cahir do Ceo rasgado
Ignea setta trisulca, estrepitosa;
Que a esta, áquella parte inda turvado
Se agita na extensão caliginosa:
Taes os Lusos estão, que a scena virão,
E arranco extremo do infeliz ouvirão.

68.

Como a par d'hum rochedo outro rochedo,
Insensiveis estão no alpestre monte,
Cada qual delles, taciturno, e quedo,
Conserva mutuamente immobil fronte;
Imprime-se em seu rosto a côr do medo:
Antes que o Sol se afunde no horisonte,
E se desdobre o véo que a noite enluta,
Fogem tremendo da espantosa gruta.

69.

Não vio por certo a fabulosa Athenas,
Ao levantar do tragico sipario,
De sangue, e morte tão funestas scenas,
Que á Terra sempre deo Destino vario:
Nem vio Minturno mais atrozes penas,
Quando oppresso da morte observa hum Mario;
Até na mesma Fabula não posso
Quadro, ó tristes, achar, que iguale o vosso.

70.

Aos barbaros sertões desgraça chega,
E segue os passos dos mortaes o crime!
Nem gente inculta, na ignorancia cega,
Do ferreo imperio das paixões s'exime!
Pois se ao jugo d'Amor seu collo entrega,
Nunca os funestos ímpetos reprime;
E se ha Tragedias de terror profundo,
As tem dado por certo Amor ao Mundo!

71.

Entre tantas catástrofes Carthago,
Roma entre tantas, as não vio sómente,
Leva Amor exterminio, e leva estrago
A's barbaras Nações, e inculta gente:
Apraz-se em ver fumar de sangue hum lago;
Nem com lagrimas mata a sede ardente,
E huma só vez Senhor do peito humano,
Delle se torna indomito Tyranno.

72.

Em tanto o forte Gama os dons recebe
Do Principe Africano, hum precioso
Carcaz d'ouro batido, onde s'embebe
Setta ensopada em succo venenoso:
Nelle nem se devisa, nem percebe
Douto cinzel d'Artifice engenhoso,
Que alli, como em seu berço, a Natureza
Das Artes não conhece inda a belleza.

73.

Mal os negros podião (que a amizade
Té forma em gente inculta a sympathia!)
Dissimular a mágoa, e saudade,
Vendo que o Luso Nauta emfim partia:
Pinta-se a dor co'as côres da verdade
No rosto, quando vem que o Mar fendia
A forte Armada, e que, soltando o panno,
Corta, deixando o Zaire, o vasto Oceano.

74.

Já roxeava o Ceo pelo Oriente,
E suspendia as âncoras a Armada;
Corta do Zaire a foz quando o luzente
Sol descobria a face illuminada:
Com valor natural nautica gente
Hia rompendo a perigosa estrada;
Em pôppa leva as náos fagueiro vento,
Já não vem mais que o Ceo, e o salso argento.

FIM DO QUARTO CANTO.

O ORIENTE.

POEMA.

CANTO V.

1.

Já' se engolfão no Mar: nas devorantes,
Lividas chammas da infernal caverna;
Contra os ousados Lusos navegantes
Respira Satanaz vingança eterna:
Chama, e lhe acodem, monstros discordantes,
Que elle no Cahos Déspota governa;
Abre a boca blasfema, e a voz iguala
Do Vesuvio o trovão, se o fogo exhala.

2.

Não triunfámos no fatal combate;
(Lhes diz) opposz-se Imperio, ou Lei mais forte;
Mas nunca meu furor cede, e se abate,
Seja contraria, ou lisongeira a Sorte:
A pertinacia indomita rebate
Raios, iras do Ceo: se o Luso á morte
Eu conduzir não pude, astuto engano
Perdido o faça pelo immenso Oceano.

3.

Farei tranquillo, e quedo o Mar bramoso;
Desconhecido rumo, e desviado
Hirá seguindo o Gama, o pego undoso
Vendo sempre de sombras abafado:
Terreno fingirei delicioso,
Que mostre grande Imperio, e rico estado;
Que o Malabar pareça á gente illusa,
Que temeraria, e cega os Mares cruza.

4.

Assim me vingarei; vós sois chamados
A tanta empreza, Serafins ditosos,
Que, se fostes dos Ceos precipitados,
Tendes no Inferno thronos poderosos:
Sempre de força, e de rancor armados
Contra os fataes Destinos invejosos,
Chamai os Anjos que vos são sujeitos,
Vós, Querubins na luz, no ser perfeitos.

5.

Quaes transmarinas aves, que apressadas
Desamparão no Estio a Libya ardente,
E vem buscar do Trópico adoçadas
Regiões, que olha obliquo o sol luzente;
Da occidua Iberia as praias encurvadas
Cobertas são da turba ali potente:
Taes em torno do Solio se amontoão
Rebeldes monstros, que nas sombras vôão.

6.

No throno observão Lucifer sentado,
A que serve de base eterna flamma;
Horrenda magestade! No afumado
Calabouço co'a vista horror derrama!
Sobre sulfureo pélago elevado,
Parece o Hécla, que vomita a chamma;
O accezo raio o cerca, a sombra o enluta,
Espavorido o Inferno a voz lhe escuta.

7.

Anjos, Anjos! (bradou); quiz o Destino,
(Ou quiz vontade de hum rival Eterno,)
Que eu dos Mares no campo cristalino
Não ganhasse hum triunfo, eu, Rei do Inferno!
Hia a punir n'hum Luso o desatino,
Que audaz se oppunha a meu poder superno;
Hia, vedando a temeraria empreza,
Vingar meu culto, oppor-me á Natureza.

8.

Quiz sepultar no fundo do Oceano
Com tormenta espantosa a indigna Armada;
Eu mesmo dei mais furia ao vento insano,
Do Globo eu tive a maquina abalada;
Eu vi suspensa por occulto arcano,
Como em cadêas, a tormenta irada;
Hia vencendo, foge-me a victoria;
Não se me rouba de intentalla a gloria.

9.

Victorioso o passo suspendemos,
Que mais nos hia dilatar o Imperio;
Novo golpe mortal descarreguemos,
Que vingue de meu throno o vituperio:
Da imminente ruina, emfim, salvemos
Todos, que he nosso, o Indico hemisferio;
O que visivel não consegue o braço,
Vá conseguir astucioso hum laço.

10.

Então Blasfemia, espirito arrogante,
Que iguaes aos de Satan sentira os Fados,
Que até, cahindo desde o Ceo brilhante,
Vinha insultando os raios abrazados;
Ergue a voz, que soou qual retumbante
Trovão que atrôa os ares dilatados,
Quando da nuvem negra o raio estála;
E ao Déspota chegando, assim lhe falla.

11.

Se do Cahos os términos forçámos,
Té onde brilhão sóes; se em pavoroso
Inferno igual ao nosso o Eden mudamos,
Pizando o collo d'hum mortal vaidoso;
S'erguemos tanto, e tanto dilatamos
Na Terra, toda nossa, Imperio honroso;
Eu sou Blasfemia, e julgo desabono
Firmar na astucia occulta Imperio, e Throno.

12.

Guerra, e só guerra ao Ceo! Vento iracundo
Amotine, revolva o vasto Oceano;
Eu mesmo, eu só no pélago profundo
Vou sepultar o atrevimento humano;
E para sempre desterrar do Mundo
A gloria, a fama, o nome Lusitano;
E conheça o mortal, que o Inferno insulta,
Quanto, e quanto o poder do Inferno avulta.

13.

Retumbou pelo Bárathro horroroso
A voz, qual sóe trovão no ardente Estio;
Quando subito véo caliginoso,
Deixa suturno o ar, negro, e sombrio:
Ou qual da catadupa o pavoroso
Estrondo, que produz do Egypto o rio:
Responde ao écco, com louvor profano,
A turba condemnada a eterno damno.

14.

Não, puro Querubim, (Satan dizia),
Não te lembres que he só mesquinha gente
Quem se me oppôz no Mar com força impía;
Sou no Inferno, e na Terra omnipotente:
Porém meu braço em vão levantaria
De novo em tempestade o Mar fervente;
Pois, confiando no que eterno existe,
O Luso audaz em contrastallo insiste.

15.

Sirva hum ardil, esconda-se meu braço,
E se mallogre a empreza começada;
Lisongeiro fantasma, occulto laço
Toda anniquile a temeraria armada;
Corra sem tino o Mar; no equoreo espaço
Ilha entre muitas jaz despovoada;
Vós a hireis habitar, com fórma humana,
Vós fingireis nações da Taprobana.

16.

Assim s'engane o Luso.—A turba immensa
Já vai sahindo da morada escura,
Rompe a sombra do abysmo, e sem detença,
O vasto Mar Antarctico procura:
Assim da noite vai sombria, e densa
Das tristes aves a caterva impura;
Melancolico o ar murmura, e sôa,
S'entre cyprestes sepulcraes revôa.

17.

Em frente ao Cabo Austral, e opposta á terra,
Que a hum lado tem pacifico Oceano,
Onde vencendo a Natureza em guerra,
Foi pelo estreito o invicto Lusitano,
Que insoffrido do Téjo se desterra,
E excedeo quanto póde esforço humano;
Jaz entre muitas pedregosa, inculta
Ilha, que em mão Britanna ind'hoje avulta.

18.

Satan, rompendo do Tartareo assento,
Vôa a prumo do Mar encapelado;
C'o sopro expande o ar, produz o vento,
E as náos faz aberrar do rumo achado:
Condensa a nevoa, tapa o Firmamento,
Que em medonho vapor fica encerrado;
De huma noite continua o manto escuro
De dia esconde o Sol, de noite o Arcturo.

19.

O Astronomo confuso ignora o rumo,
A sabor vai do vento a errante Armada;
Lança-se ao pego o carregado prumo,
Não toca o fundo a sonda dilatada:
Todo o horizonte circunscrito he fumo,
E he todo o tempo noite carregada;
Como Queiroz no Pólo, em noite absorto,
Julgou que o Sol parára extincto, e morto.

20.

Chegue embora e'os fulgidos Ethontes
Onde em partes iguaes divide o dia,
Não vê nos apartados horizontes
O Luso mais que a nevoa escura, e fria:
Té que do mar tumultuoso em montes
Ao perto o vagalhão bramindo ouvia,
Qual quando açoita as costas arenosas,
Que estoirão nella as ondas espumosas.

21.

Cedendo aos surdos repelões de vento,
Em mar ignoto s'engolfava a Armada;
Eis repentino o Sol no ethereo assento
Mostra dos Ceos a cúpula azulada:
Obra d'engenho Luso, ergue o instrumento
Alemquer, com que mede ao Sol a estrada;
O grão genio astronomico fallece,
E o mar, que corta absorto, desconhece.

22.

Em quanto se afadiga, equóreo bando
Das Alcióneas aves lhe resôa
Junto ao bordo da náo, e o ar rasgando,
Vio que buscava a terra erguida á prôa:
Balsamico vapor suave, e brando,
Sobre as azas dos Zefyros revôa;
Ceilão dest'arte ao longe o Nauta sente,
Pelo espargido cheiro em copia ingente.

23.

Começão montes de chegar-se umbrosos,
Que pelas nuvens vão metendo a fronte,
E a dilatar-se os valles deleitosos;
Daqui, dalli rompendo argentea fonte:
E, quando o Sol de raios luminosos
Do mais alto dos Ceos enche o horisonte,
A fertil terra se descobre toda,
Parece que do mar banhada em roda.

24.

Celeste fogo, ou ímpeto sagrado,
Que em mim produz thesouros d'harmonia;
Enthusiasmo férvido, abrazado,
Que imagens grandes na minh' alma cria:
Tu me sustenta a vôo alevantado,
Com que pinte os ardís, que o Monstro urdia,
Quando, qual foi no Eden perverso, o vejo
Detêr a Armada dos Heroes do Téjo.

25.

Qual já fôra o Jardim delicioso,
Habitação da humana creatura,
Antes que o pomo infausto, e luctuoso
Dos abysmos chamasse a Morte escura:
Tal se descobre desde o pégo undoso
Da terra ignota a magica pintura;
Mostra no verde chão, no azul da esféra,
Ser estação continua a Primavera.

26.

Batia preguiçoso o mar na arêa,
Em leve espuma della se escoava;
De hum largo rio a cristalina vêa
Se mostra, e sem fragor no mar entrava:
Hum vergel, inaccesso á luz Febêa,
As encurvadas margens lhe assombrava,
Onde Aves, que voando os ares fendem,
Entre as folhas c'o canto os ventos prendem.

27.

De toda a parte os livres horisontes
D'auri-rosadas nuvens se guarnecem;
No longo fio de não rudes montes
(Painel soberbo!) os olhos desfallecem:
Rebentão-lhes da falda argenteas fontes,
Que os umbríferos valles humedecem;
Fórma o matiz das peregrinas flores
Ao longe huma só côr de immensas côres.

28.

O viço, e côr dos lindos campos era,
Qual do Ganges esmalta os ferteis prados,
S'intenso brilha o Sol, o ardor modéra
Nos vapores da terra ao ar levados,
E se torna suavissima a atmosfera,
Com perfumes de balsamo exhalados:
Tal a incognita terra, que apparece
Aos Lusos como extaticos, s'off'rece.

29.

Lançáo logo hum batel nas ondas frias,
E aventureiro intrepido Velloso
Quer explorar as solidões sombrias,
Que pelas margens vem do rio undoso:
Não teme expôr da vida os frageis dias,
Nos mais difficeis transes animoso;
Ao lado seu o interprete não falta,
Com elle explorador na terra salta.

30.

Não muitos passos dão na ignóta arêa,
Eis que se embrenhão logo em selva escura,
Onde da clara alampada Febêa
Entrava frôxamente a chamma pura:
De Palmares umbriferos s'arrêa
Aquella estranha, lugubre espessura;
Triste a cópa dos Cedros corpulentos
Suturnos éccos reproduz dos ventos.

31.

Rompem n'hum valle ameno, e dilatado,
Andando hum pouco, os Lusos caminhantes;
Era de forma circular, fechado
Em roda está de Teixos verdejantes;
No mais remoto fundo hum levantado
Templo se vê de marmores brilhantes;
Qual levantára Egypcia arquitectura
Por onde vai do Nilo a linfa impura.

32.

Seis columnas o Portico sustentão,
Entre huma, e outra em pedestaes erguidas,
Bronzeas estatuas vem, que representão
Divindades te alli desconhecidas,
Que temor, que esperanças alimentão,
Nas gentes d'Asia em sombras envolvidas:
Extaticos os Lusos se suspendem,
De estranhas scenas taes nenhuma entendem.

33.

Volve-se a tudo a vista, e se arrebata
No augusto Templo collossal; e tudo
Da fantasia o termino dilata;
Quanto c'os olhos se descobre, he mudo:
De humanos pés se julga a terra intacta.
Eis de aspecto nem barbaro, nem rudo,
Subito hum velho aos Lusos se apresenta,
Que assombro, e não pavor n'alma lhe augmenta.

34.

Trajado vem de negra vestidura,
Que desde o collo aos pés fluctua ondeada;
Tem rosto venerando, a côr escura,
Rugosa a frente, a barba dilatada:
A nobre, não vulgar, alta estatura
Do tempo ao pezo traz como encurvada;
Tem nas robustas mãos nodosa vára,
E, mal descobre os Lusitanos, pára.

35.

Não se perturba o generoso peito
Do Portuguez c'o vulto inopinado,
Co'a triste côr da veste, e turvo aspeito,
De hum modo estranho, livido, escarnado:
Rompe o Velho o silencio, e com respeito
Em doce tom de vóz grave, e pausado:
Quem sois, lhes diz, mortaes, que vejo, e admiro
Neste do Mundo incognito retiro?

36.

(Da Arabiga linguage' o nóto accento
Pasma de ouvir). Nós somos, hum responde,
Desse Imperio, que o Sol no Firmamento
Na Europa ultimo vê quando s'esconde.
Pelos campos do tumido elemento
Buscando vimos os paizes, onde
No berço a Aurora aos homens apparece,
Onde a Asia mais s'eleva, e mais florece.

37.

Envoltos, pelo Mar, no manto escuro
De hum, como a noite, espesso nevoeiro,
Da vista nos fugio brilhante, e puro,
Baliza em Polo Austral, vivo Cruzeiro:
Té que o véo sepulcral, medonho, impuro
Rompeo do Mundo avivador luzeiro;
Esta, incognita a nós, terra tocámos,
E aqui dos homens o vestigio achámos.

38.

Tu nos descobre, que paiz he este,
Se diste muito o lucido Oriente;
Que Terra he esta, que s'enfeita, e veste
De viva Primavera, em Ceo clemente?
Se a habita hum povo, que soccorros preste
A quem batido vem do Mar tumente;
Quem sejas tu, que portentoso Templo
He este, que elevar-se ao ar contemplo?

39.

Estais, lhes diz o Velho, em dilatada
Ilha, que cerca o Indico Oceano;
Dessa riqueza, e mérces abastada,
Por quem se afana tanto o peito humano:
He esta augusta maquina sagrada
Dos Ceos, da Terra, e Mar ao Soberano;
E d'outra vida em solida esperança
Dos nossos Reis a cinza aqui descança.

40.

Alcaçar he da Morte: eu consagrado
Seu Sacerdote sou neste profundo
Profetico silencio, e separado
Da estrepitosa confusão do Mundo;
Da Eternidade nos umbraes lançado,
A solidão me apraz, só me he jucundo
Da morte, e do sepulcro o pensamento,
Delle me animo, delle me apascento.

41.

Do trato humano longe, e mui distante
Existo aqui da Corte populosa;
Vinde admirar na maquina prestante
Sentada a Morte em cinza luctúosa.
Sobe os degráos de marmore brilhante
C'os Lusos, entra a porta sumptuosa,
E no recinto vem, d'ambos os lados,
Os mausoleos de pórfido lavrados.

42.

Sobre Leões de bronze alto s'erguião
Funestas urnas, de inscripções coalhadas;
Em torno aureas alampadas, que ardião,
Dalli afastão sombras carregadas:
Com desusado assombro os Lusos vião
Em jaspe Oriental as entalhadas
Effigies de Reis barbaros; sustinhão
Na dextra a espada, e diademas tinhão.

43.

No centro bem do Templo, e levántado
Mais que os outros, hum tumulo se ostenta;
De mais soberbos simbolos ornado,
Aos enlevados Lusos se apresenta:
De alabastro finissimo lavrado
Feminil busto a magestade augmenta,
E diz que illustre cinza alli se encerra,
(Se he nobreza o que he cinza!), e vacua Terra.

44.

Que despojos mortaes no seio occulta
(Velloso exclama) a triste sepultura,
Que entre os soberbos mausoleos avulta
Mais na funerea pompa, e na escultura?
Este o poder dos seculos insulta
Troféo de amor, e tymbre da ternura,
(Lhe diz o Velho; e se lhe enfia o rosto,
Onde se pinta a imagem do desgosto.)

45.

Aqui s'esconde misera donzella,
(Torna em soluços), que a mesquinha Sorte
Fez entre todas por extremo bella;
Deo-lhe a belleza hum throno, e deo-lhe a morte:
A seu berço fulgio maligna estrella;
Do que hoje he nosso Rei já foi consorte,
E a mesma augusta mão, que a eleva tanto,
A' morte a quiz votar, e a nós ao pranto.

46.

Desde a origem do Imperio he lei guardada,
Que esposa véda ao Regio Dominante,
Que possa ao Throno alçar-se, e ser chamada
Sobre estes povos Arbitra, e Reinante:
Lindára, tanto por seu mal amada,
Tanto soube prender o incauto amante,
Que elle da lei fundamental se absolve,
E erguer ao Solio o misera resolve.

47.

Chega o termo fatal; fausto, e grandeza
Se contemplava em tudo, em tudo havia;
Subia ao Throno; toda a Natureza,
Vendo-a no Solio, he subito sombria:
Eu vi n'hum vêo de funebre tristeza
A nossos olhos esconder-se o dia;
Eu tudo em luto vi, tudo em desmaio,
E vi sem nuvens fuzilar hum raio.

48.

Lindára muda a côr, treme, e s'espanta,
E cuida o Reis, que o Ceo se mostra irado,
Que manda o raio, porque a lei quebranta,
Que não permitte esposa ao Regio estado:
Do magestoso Throno se levanta,
Como da morte horrifica assombrado;
Mais, e mais cresce a sombra horrenda, e fêa,
O Ceo fuzila, a Terra balancêa.

49.

Com tão tristes signaes espavorido,
Cuida escutar a voz de eterno arcano;
(Do Fanatismo barbaro opprimido,
Seu mesmo mal abraça o peito humano;)
Julga que o Ceo se aplaca, enfurecido,
A golpe, qual não dera hum Tigre Hircano:
Sem se abalar da Natureza ao grito,
Julga virtude heroica hum delicto.

50.

Assim confuso, trémulo, e suspenso,
Co'a malfadada esposa permanece;
Mais se carrega o ar sombrio, e denso,
Que subito relampago esclaréce:
Rompe o lume trisulco o espaço immenso,
Lambe-lhe o sceptro, e purpura, e fenece:
Elle, a chamma fatal vendo apagada,
N'hum ponto arranca a fulminante espada;

51.

E clama: Eu quiz no Throno a formosura,
Qual nunca a Natureza a humanos déra;
Não foi cego capricho da ventura
Quem Lindára conduz do Throno á esféra;
Mas oiço a voz do Ceo na sombra escura,
Que me intima do Imperio a lei sevéra;
Sacrifique-se á lei de amor a chamma;
Que do Estado o dever mais alto clama.

52.

Eu sei cortar d'amor o laço estreito. . . .
E abaixa a espada triunfante em guerra;
Todo no eburneo, delicado peito,
O ferro infausto, e deshumano enterra:
Só ficão lyrios no formoso aspeito,
E corre o sangue em borbotões na terra.
Logo a cabeça do formoso busto
Com golpe novo separou, sem susto.

53.

Do tremendo espectaculo da morte
Mudo se aparta o Povo espavorido,
Nos annaes que com sangue escreve a Sorte
Nunca foi quadro similhante ouvido:
Nada póde existir que o Rei confórte,
Inda hoje em magoa, em sombras envolvido;
E he testemunha o mausoléo soberbo,
Do amor antigo, e do tormento acerbo.

54.

Com tão barbara scena ambos os Lusos,
Sem saber ond'estão, se olhão pasmados,
Os olhos volvem, trémulos, confusos,
Pelos tristonhos tumulos sagrados:
Crem que magica vara os tenha illusos!
O Sacerdote que interpreta os *Fados*,
Vendo o assombro que nelles se derrama,
Com tom de voz profetica lhe exclama:

55.

Em voz de assombro a imagem se devita,
Offendida observando a Natureza;
Dest'arte o Fanatismo a tyrannia,
E os brados seus indomito despreza:
Assim Déspota horrendo insulta, e pizа
Ternura, amor, poder, sceptro, e grandeza,
E d'Asia, onde hides, os Imperios cheios
São destes quadros, horridos, e feios.

56.

Este onde estais Imperio poderoso
Abrange quasi a fertil Taprobana,
Grande em commercio, em guerras he famoso,
De antiga origem, de troféos se ufana:
Talvez que seja o berço glorioso
Onde teve principio a especie humana;
Mas perdem-se os annaes, perde-se a Historia
Nesta, escondida em seculos, memoria.

57.

Mas no meio huma voz d'antiga gente,
De gerações em gerações mandada,
Nos diz, que huma nação desde o Occidente,
Virá do Mar cortando a vitrea estrada;
Hum povo, ao qual cativa inclina a frente
Asia preza em grilhões, Asia domada:
Sois vós por certo o promettido povo,
Que deve dar á Terra aspecto novo.

58.

Neste Templo he guardado o grande arcano.
Disse, e bronzeo ferrolho a hum cofre abria;
Delle hum lenço extrahio, que ao Lusitano
Estranhissimo quadro offerecia.
Quando, o Velho lhes diz, fôr do Oceano
Cortada a parte austral profunda, e fria,
Por mui fortes Barões, de ferro armados,
Mudar-se-hão d'Asia de repente os Fados.

59.

Nova lei se ha de ouvir nos climas, onde
O Indo, o Ganges, retalhando a terra,
Dentro das ondas tumidas s'esconde,
Mais que tributo ao mar trazendo a guerra:
Virá grande Nação das partes d'onde
A' Europa posto o Sol s'esconde, e encerra;
Com quantos golpes, e com força quanta,
Quasi o Globo este povo opprime, e espanta!

60.

Vós, que o ferro trajais, ao Mar lançastes
O pezado grilhão nunca sentido;
Vós no escuro Occidente o Sol deixastes,
He este o vosso aspecto, este o vestido:
Vós co' a espada, que em guerra fulminastes,
Tendes grandes Nações d'assombro enchido;
A tal empreza vos tem certo o Fado,
Desde a origem dos seculos, guardado.

61.

Hide buscar a Corte populosa,
Que não longe do rio á marge' impende;
Alli tereis Piloto, que a espumosa,
Liquida estrada muitas vezes fende:
Larga enseada, placida, arenosa,
Alli dos ventos muitas náos defende,
Té que aponte a monção doce, e tendente,
Que a Armada leve ás terras do Oriente.

62.

Os Lusos dois attonitos voltavão,
Todos absortos na impensada scena;
A conhecida estrada atravessavão,
Que do Templo divide a selva amena:
A fluctuante Armada demandavão,
Já quando a noite placida, e serena
O véo de estrellas recamado abria,
E a Lua o rosto no horizonte erguia.

63.

C'o mesmo assombro o Capitão famoso
A maravilha annunciada escuta,
No peito a volve insomne, e cauteloso,
Em quanto o véo da noite o Mundo enluta:
Mal do Ganges assoma o Sol formoso,
Ao som do bronze chama a resoluta
Nautica chusma; co' a maré já chêa
Sóbe do rio a cristalina vêa.

64.

Entre densos umbríferos Palmares,
Que pelas ribas ferteis verdejavão,
Orientaes habitações aos ares
Com pompa erguer-se os nautas devisavão:
E os Pagodes dos Deoses tutelares,
Coalhados d'oiro, o Sol reverberavão:
Dest' arte Armida nos Jardins, co' a vara
Magica aos astros torres levantára.

65.

Na Carta Oriental, sabio, e prudente,
Ilha tão grande o Astronomo buscava;
Mas nem Pomponio, e Estrabo diligente,
Em seus doutos escritos a marcava;
Porém pezando o Sol claro, e luzente
A'quem do Cabo tormentoso a achava;
E dest'arte enleado, mudo, e absorto,
Manda dar fundo ás náos no ignoto porto.

66.

Lança a pezada sonda ás agoas frias
Antes que o ferro lance ao fundo algoso;
Eis de immensos Catures, e Almadias,
He coberto n'hum ponto o rio undoso:
Nellas, de carnes baças, e sombrias,
E mal tapadas d'algodão lustroso,
Vem de íncolas da terra immenso bando,
Com remo compassado as náos buscando.

67.

A tudo attenta o providente Gama,
Receando nos barbaros cilada,
Com acenos a turba immensa chama,
Tendo da paz a senha despregada:
Chegão-se ás náos, o interprete lhes clama,
Com voz de todos subito escutada;
Que, peregrino, conhecer deseja
Em que ignota porção do Globo esteja.

68.

Hum delles, que nas vestes parecia,
E até no alfange que lhe pende ao lado,
Ter visto a luz na barbara Turquia,
Ou da Persia, ou da Arabia em rico Estado;
Mostrando o rosto cheio de alegria,
Tendo em veneno o coração banhado;
Estais, lhe diz, no Indico hemisferio,
Em frente do Indostão n'hum vasto Imperio.

69.

Este o maior da grande Taprobana,
Ilha opulenta, e terra afortunada,
Que ergue entre todas frente soberana,
Qual he rico o Catay, rica, abastada:
Do flagello cruel da guerra insana
Nunca ferida, nunca profanada;
De Reinos muitos dividida, e chêa,
D'ouro, perfumes, pérolas, se arrêa.

70.

Seguro lhe afiança, que podia
Cortar do rio a limpida corrente,
Que hum vasto ancoradouro encontraria,
Em que desse repouso ás náos, e á gente:
Que do accezo diamante, e especiaria
Dalli tirava a Persia copia ingente;
E que altas náos a Arabia alli mandava,
Em que as riquezas do Indostão levava.

71.

Qual prisioneiro em carcere, cercado
De continua suturna obscuridade,
De duros cepos, e grilhões gravado,
Sem vêr jámais dos Ceos a immensidade;
Que se julga do tumulo arrancado,
Se lhe resôa a voz da liberdade;
Tal da tristeza ao seio da alegria
Julga o Luso passar, que o monstro ouvia.

72.

Dobra o joelho humilde, a voz levanta
Dos claros Ceos ao rutilante assento,
Hymnos entoa á Potestade santa,
Que tem seu throno além do Firmamento;
Pois condoída de fadiga tanta,
Cumpre do Luso o heroico ardimento.
Oh mente dos mortaes, que abysmo escuro
Sempre t'esconde aos olhos o futuro!

73.

Levanta hum Reino a hum throno, ennobrecido
Das virtudes dos Reis tão longos annos,
Monstro que sangue, e tanto tem vertido
Entre os escravos miseros humanos;
Cuida arrojar hum jugo envilecido,
E estragos chama, e se prepara os damnos;
E onde incauta imagina achar ventura,
O opprobrio encontra, morte, e sepultura.

74.

Em tanto os nautas, mareando as vélas,
Ao longo vão da terra, e os lenhos guião;
Fere a celeuma nautica as estrellas,
Da opposta marge' os éccos respondião;
Tanto proseguem mais, quanto mais bellas
Scenas de fausto, e pompa apparecião;
Vasto espaço, por onde a vista gyra,
Todo vapor balsamico respira.

75.

Em quanto os olhos ledos se apascentão
No soberbo painel, sobre alto monte
Os Paços vem, que as cupulas ostentão
D'ouro, que enche de luz vasto horisonte:
Duros nautas então co' a voz se alentão,
O cabrestante geme; á terra em fronte
Manda dar fundo o Gama, a artilheria
Medonho som no mar reproduzia.

76.

Ferve na praia a turba alvoroçada,
Que olha raivosa a força Lusitana;
Já feita em cinzas se figura a Armada,
Pasto de odio mortal, de inveja insana:
Em fogo mais voraz fica abrazada,
Vendo a gloria a que chega a estirpe humana;
He de seu peito lenitivo, e afago
Certa esperança do futuro estrago.

77.

De toda a parte em ondas se derrama
D'estranho, negro aspecto a turba impia;
De atroz inveja, de rancor rebrama
Quando os baixeis victoriosos via:
Para de perto ir saudar o Gama
Negro Genio do mal, Perfidia envia;
D'hum Naire apropriou forma, e vestido
Grave no rosto, e peito fementido.

78.

Tóca co'a dextra mão o infido peito,
E inclina (usança Oriental) a frente,
Té quasi á terra; imagem de respeito
Mostrava o Genio ao Capitão valente:
Perfidia todo no estudado aspeito,
Levanta a voz harmonica, eloquente;
Em torno os Lusos o cercavão todo,
Notando o gesto estranho, o trage, o modo.

79.

O Rei vos mande perguntar, se a guerra
Armados vos conduz, ou se amizade
Expedição tão portentosa encerra,
Que vence o mar, que afronta a tempestade:
Mas que, se afflictos demandais a terra,
Prompto he nella o soccorro á humanidade;
Que Rei tão justo, e da virtude amigo,
Se apraz de dar aos miseros abrigo.

80.

Pára hum pouco, e lhe diz, que tambem vinhão
A'quelle Porto as náos da Arabia ardente,
Que a elle como a Emporio s'encaminhão
As ricas producções do vasto Oriente:
Que alli de aromas preciosos tinhão,
E de aljofar do mar thesouro ingente;
Que á terra sem receio áfoito desça,
E quanto diz, co'a vista reconheça.

81.

O forte Gama hum pouco sossobrado
Do cauto Embaixador co'as vozes fica,
Vê que a voz branda, o gesto mesurado,
Alguma coisa, que não sabe, indica:
Da espada ao punho hum tanto recostado,
Com voz segura, e energica replica:
Mandado eu sou do Rei da Lusa Terra,
E não rejeito a paz, nem temo a guerra.

82.

Deixei do Téjo a tumida corrente,
E por Mar, já do Luso em náos cortado,
A ponta demandei da Libya ardente,
Termo do esforço Portuguez tocado:
Vi da arenosa costa a adusta gente,
Clima a prumo do Sol sempre abrazado,
E contrastando horrísonas procellas,
Vi no hemisferio austral novas estrellas.

83.

Não longe d'entestar c'o tormentoso
Cabo, ou baliza da Africana Terra,
Hum repentino véo caliginoso
O Sol da nossa vista, e os Ceos desterra:
Do vento sempre incerto, e sempre iroso,
Ao sopro, de seu rumo a Armada aberra,
Té que do escuro nevoeiro hum dia
Vimos que a densa sombra o Sol rompia.

84.

Quando em copia maior de luz as fontes
Lançáo mais vivo ardor, sereno, e quedo,
Vimos o mar nos vastos horisontes,
O ar purpureo, o Ceo tranquillo, e ledo:
Todo o panno largando, os altos montes
Se descobrem cobertos de arvoredo;
Na arêa meigo escorregando o pégo
Deo-nos de longe aos animos socego.

85.

Do maior Rei da Europa armi-potente
A quem de Lysia o Throno o Ceo tem dado,
Descobridor das terras do Oriente,
De todo o Globo em roda, eu sou mandado:
Levo o penhor da paz, não guerra, á gente
Que tanto Mar de nós tem separado;
E rematando o heroico desejo,
Eu devo do Indostão tornar ao Téjo.

86.

Pois da India, que eu busco, o Soberano
Nesta Terra não tem seu regio assento,
Pela inquieta estrada do Oceano
A véla hirei largar de novo ao vento:
Só Piloto desejo afeito ao insano
Furor do indocil tumido elemento,
Que, dirigindo o esforço á gente Lusa,
Ao Malabar buscado as náos conduza.

87.

Qual fica o Lobo insómne, e carniceiro,
Que na invernosa noite, e carregada,
De circunfuso, espesso nevoeiro,
Busca assaltar pacifica manada;
Que os latidos ouvindo do rafeiro,
Uivando foge á fraga alcantilada;
E sentido do golpe que fallece,
Novo assalto feroz medita, e tece:

88.

Ou qual Tigre cruento, que rebrama,
Da crua, e cega fome esporeado,
Que dos olhos despede a ardente chamma,
E se espoja no chão desesperado:
Tal o Monstro ficou, e ao forte Gama
Torna com riso amargo, e simulado;
Tendes certo o Piloto, e nós o damos,
Porque a virtude heroica prezamos.

89

E mais lhe diz, que retalhar a fria
Onda do mar tão prestes não quizesse,
Que digno gazalhado encontraria
Se á Côrte hum pouco repousar viesse;
Onde á cançada gente em longa via
O refrigerio necessario désse,
Té que a sulcar o pelago indomado
Fosse o momento da monção chegado.

90.

Mas quanto pode hum coração presago!
Se o mortal lhe ouve a voz, jámais s'engana.
Sôa alli brado annunciador do estrago,
Miseravel condão da estirpe humana!
Suspeita vil traição no ingenuo afágo
Experto o Capitão; mas Lusitana,
Não desmentida, intrepidez despreza
Receios vãos da fragil Natureza.

91.

Em seu valor intrépido firmado,
Comsigo exclama o Capitão valente:
Não devo recear, pois tenho ao lado,
Invencivel em guerra, a Lusa Gente:
Se o despido Gentio, e desarmado,
Ouvir troar do bronze o raio ardente,
Buscará, qual a Pomba espavorida,
Na *fuga a salvação*, na fuga a vida.

92.

Mas notando que o Naire desgostoso
Da prudente repulsa se partia,
Manda outra vez explorador Velloso,
A quem fiel interprete seguia:
Desce da grande náo, do caudaloso
Rio a planicie liquida varria
De finas sedas o escaler coberto,
E voga o remo compassado, e certo.

93.

Na terra entesta co'a dourada prôa
O baixel conduzindo os fortes Lusos;
Na praia a negra turba se apinhôa
De horrendos monstros, de pezar confusos:
Prompto clamor universal resôa
No vasto campo, e montes circunfusos,
Das náos que atirão; fumo salitroso
Em nuvens pousa sobre o rio undoso.

94.

Quatro membrudos pagens sustentavão
Eburneo Palanquim nos hombros duros,
Sobre elle os Lusos dois se recostavão
No jus de ingenuos hospedes seguros:
E já com passos rapidos entravão
Da populosa Corte os altos muros,
E falso assombro o fementido povo
Mostrava ao quadro desusado, e novo.

95.

O Luso pár seguro caminhava
Ao Alcaçar do Rei da infida gente,
Vasto, e triste edificio que elevava
Quasi entre nuvens a soberba frente:
Em columnas de marmore formava,
D'Ordem Toscana, Peristilio ingente;
Mas entre a pompa barbara, que admira,
Tristeza, horror da habitação respira.

96.

Por magestosa escada a huma espaçosa
Sala os Lusos intrepidos subião;
Temeroso Ancião em sumptuosa,
Aurea cadeira recostado vião:
Armados guardas, turba numerosa,
Postos em ala, os lados lhe cobrião;
Tem larga, e negra clamyde vestida,
D'aureo diadema a testa guarnecida.

97.

Com grave passo o Luso se adianta
Aos degraos da cadeira onde sentado
Era o fingido Rei, que se alevanta,
E nos braços recebe o Nauta ousado:
Entre esplendor de magestade tanta
O Luso a voz erguia; e não turvado;
Em silencio o congresso immenso fica,
Quando elle as causas d'alta empreza explica.

FIM DO QUINTO CANTO.

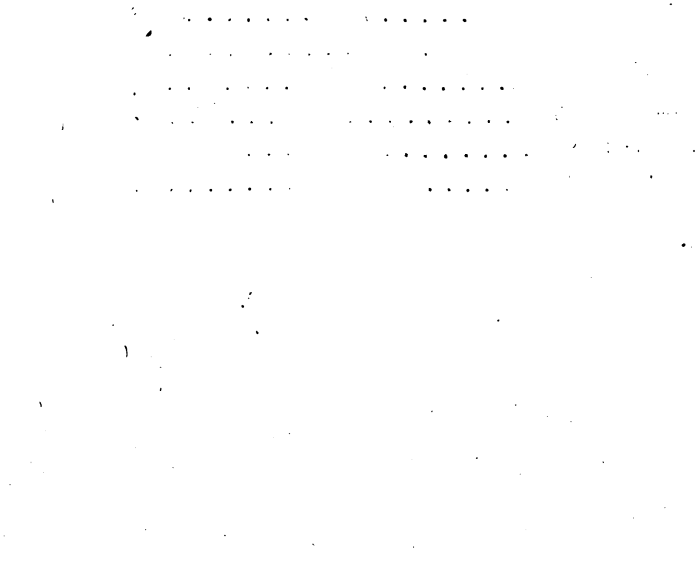
INDICE

DO

PRIMEIRO VOLUME.

Dedicatoria á Nação Portugueza . . . . . Pag. 3
Discurso Preliminar 37
Canto Primeiro 101
Canto Segundo 129
Canto Terceiro 157
Canto Quarto 187
Canto Quinto 213

FIM DO PRIMEIRO TOMO.



O

ORIENTE,

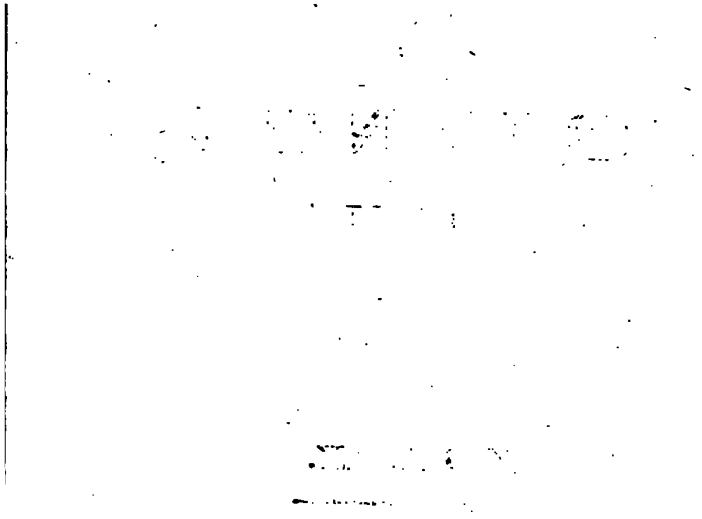
POEMA

DE

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

VOL. II.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1814.
Com Licença.



O ORIENTE,

POEMA.

CANTO VI.

1.

Em quanto o Luso falla, eis lá no etherio
Throno, que he centro a tudo, o glorioso
Nobre brazão do Lusitano Imperio,
Que mais o dilatou no pego undoso;
O que abrio passo a incognito hemisferio
Grilhões lançando ao Mar tumultuoso,
Da alma Patria a favor supplica o Eterno,
E se oppõe todo ao Despota do Inferno.

2.

Qual, quando Lysias fero as mãos impías
Levantou com sacrilega maldade
Contra o sagrado altar, hum Jeremias
Orou nos Ceos á Eterna Potestade;
Da mão suprema do Ancião dos dias
A espada recebeo da liberdade,
Que, concedida ao Macabeo valente,
Salvou Jerusalem da infesta gente:

3.

Tal fervoroso Henrique, vendo agora
Desde o estellante assento o Lusitano,
Que ás mãos do Monstro, que o rancor devora,
Hia soffrendo irreparavel damno;
Que a forte armada, quasi vencedora,
Ou émula do Sol, no turvo Oceano,
Sem ver o fim do heroico desejo,
Era roubada para sempre ao Téjo:

4.

Vendo urdidas tão perfidas ciladas
Aos que, na Terra barbara detidos,
Não descobrem as chammas ateadas
Nas mãos dos monstros pela inveja unidos:
Vendo as possantes náos quasi abrazadas,
Tantos trabalhos, tanto afan perdidos,
Sem que de hum feito que inspirára a gloria
Ficasse ao Mundo ao menos a memoria:

5.

Vendo o illustre projecto anniquilado,
Qual não coube té alli no humano peito,
E á eterna Fama o timbre levantado,
Como ligeira exhalação, desfeito;
E para sempre incognito, ignorado,
O sem igual na Historia excelso feito;
Dest'arte exora a Magestade eterna,
Que o Mundo fez co'a voz, co'a voz governa.

6.

Se vossa lei sagrada, e augusto nome
Vai ser ouvido no apartado Oriente,
Deixareis que Satan se vingue, e dóme
O invencivel valor da Lusa gente!
Mandai que a Armada undi-vagante tome
Do Mar o rumo milagrosamente;
Mandai, Senhor, que Lucifer não possa
Vedar a empreza, que sómente he vossa.

7.

He valiosa a supplica do Justo,
Ignotos aos mortaes prodigios obra;
Se humilde se aproxima ao throno augusto,
Hum Deos irado á piedade dóbra:
E quando o raio, a que precede o susto,
De mais terror o coração sossóbra,
Afervorado exora, o auxilio desce,
O bem se expande, o mal desapparece.

8.

Acena-lhe o Immortal ; do ethereo assento
Já desce Henrique a socorrer a Armada ,
Qual d'hum pólo a outro pólo o raio , ou vento ;
Assim transpunha a abobeda azulada :
Immobil deixa o Sol no Firmamento ,
E á Terra chega lugubre , e pezada ;
No ar se suspendeo , qual clara estrella ,
Observa a Armada , e se doeo de vella.

9.

Surgia então do palido regaço
Do enlutado Occidente a noite fria ,
Pela estensão do tenebroso espaço
Dos aureos astros o esquadrão rompia :
O lisongeiro somno em doce laço
Cançados olhos dos mortaes prendia ;
Da Natureza dom , que o mal atalha ,
Que em dor acerba balsamos espalha.

10.

Do luminoso alcaçar do Oriente ,
Que he dado abrir-se quando a rubra Aurora
Do recatado berço auri-esplendente
Quasi annuncia a luz animadora :
Prompto hum sonho sahio , que ali-potente
No vôo excede a setta voadora ;
Na mente ao Gama subito s'entranha ,
E de celestes néctares a banha.

11.

Dentro d'alma observou forma tão bélla,
Qual nem fingira o pensamento humano;
Mais que mortal se lhe antolhava aquella,
Que vê baixar do Olympo soberano:
Com menos luz a matutina estrella
Vira surgir mil vezes do Oceano;
Eis que do centro da brilhante chamma
Rompendo Henrique, se descobre ao Gama.

12.

Já não mortal, ao Luso se apresenta
A imagem d'hum Barão, robusto, e forte,
Que na dextra conserva, e inda sustenta
Ferro que busca irrequieto o Norte;
De hum resplendor Celestial se alenta
A vida que ora tem, que ignora a morte;
A Esfera ao lado traz, raro portento!
E hum timbre diz; Benefico talento.

13.

Abre os olhos o Gama, e parecia
Que d'esplendor em mares s'engolfava;
A' clara forma os braços estendia,
Só transparentes luzes abraçava:
Como ligeira exhalação fugia,
Como ligeira exhalação tornava;
Entre celestes hálitos que exhala,
Com voz, que hum Nume sôa, ao Gama falla.

14.

O' dos Ceos escolhido, ó Nauta, quanto
Da meta Oriental vais desviado!
Das regiões do sempiterno espanto
Contra a empreza sahio Satan armado:
A morte, a crua morte o escuro manto
Tem quasi todo sobre ti lançado;
Se dos Ceos lhe não desce a fortaleza,
Cede vencida a humana Natureza.

15.

Quem hes tu, que assim fallas, (lhe dizia
Trémulo hum tanto o Capitão prudente,)
Que luz he essa, que assim vence o dia,
E a par de quem se afrôxa o Sol ardente?
Hes acaso illusão da fantasia,
E, sem que existas, te produz a mente?
Não; lhe diz huma voz que as luzes fende,
E mais, e mais extatico o suspende.

16.

O filho sou do Heróe, que o Luso Imperio
Fundou de novo, e resgatou do Hispano
Poder, que immensa afronta, e vituperio,
Ameaçava ao nome Lusitano;
Agora habitador do assento etherio,
Ja livre das prizões do corpo humano,
Em que mortal tentei n'hum fragil pinho
Abrir do mar o incognito caminho.

17.

Eu, de thesouros immortaes seguro,
Do Imperio além dos astros levantado,
Vejo, se Deos o mostra, o que he futuro,
Como o presente agora, e o que he passado:
Eu dos Justos no Reino eterno, e puro,
O louro cinjo que á virtude he dado;
Mas inda assim, na possessão da Gloria,
N'alma a Patria me existe, e na memoria.

18.

Eu prosperei com supplicas seus passos,
Quando ao redor das praias Africanas
Foi proseguindo em descobrir espaços,
Onde arvorasse as Quinas Lusitanas,
Onde, Nações prendendo em mutuos laços,
Tocou da Gloria as metas soberanas;
Té que ousada entestou co' a austral baliza,
Que o brutal Hotentote inculto piza.

19.

Proximo agora, ó forte Lusitano,
A te cingires da naval corôa,
E, assoberbando o tumido Oceano,
As portas franquear da terra Eôa;
Em minha alma no assento soberano
A voz, que o mal te decretava, sôa;
Subito peço ao Creador do Mundo,
Que as furias quebre ao Báratro profundo.

20.

Vi como Satanaz, que na sombria,
Tartarea furna condemnado habita,
As náos do rumo Oriental desvia,
E como a empreza mallograr medita:
Vi como transformára a turba ímpia,
A quem odio, e rancor, e inveja excita,
E, condoído do imminente estrago,
A Deos auxilio peço, e auxilio trago.

21.

Pelo espantoso turbido Oceano
Errado vais no fluctuante pinho,
Do negro Inferno o pérfido Tyranno,
Já te afastou do cognito caminho:
Victima hes quasi do funesto engano,
E o projectado golpe he já visinho;
Mas seguro respira, hum Deos peleja
Por quem seu nome engrandecer deseja.

22.

A voz emmudeceo, eis se apodera
Subitamente hum extasis do Gama,
Levantar-se sentio, quasi na esfera
Onde o Sol (fixo centro) a luz derrama:
Dentro em seu peito hum claro reverbera
Lume ignoto aos mortaes, celeste chamma,
Com que de hum golpe vê que a Terra núa,
Planeta errante pelo ár fluctua.

23.

Então lhe brada Henrique, ó Gama invicto,
Olha sem luz, e sem grandeza a Terra,
Dos vastos Ceos no campo indefinito,
Onde de Mundos multidão s'encerra:
Oh! quão pequeno Globo, e circunscrito
He esse onde a ambição se abraza em guerra!
Pelos ermos do espaço immenso, e puro,
Entre os outros parece hum ponto escuro!

24.

Vê como neste Globo anda enganado
Quem delle da virtude o premio espera,
Recompensa immortal, que tem guardado
Sómente aquelle que nos Ceos impéra:
Mas desçamos do termino apartado
A' do terreo Planeta humilde esfera,
Onde te mostre dos purpureos ares,
Quantos rodeão fluctuantes mares.

25.

Menos desce apressado, e menos vôa
Terrifico fulgor, que as nuvens fende,
Onde o trovão bramindo o ár atrôa.
Rápido vôo extatico suspende:
Ao ponto onde fulgura a tócha Eôa
D'alma luz sustentado, a vista estende
Mais que mortal o Gama, e mede, e marca,
Quanto na Asia, e na Libya o mar abarca.

26.

Nesta vasta extensão que desde o undoso
Téjo (Henrique lhe diz) se comprehende,
Té onde no Oriente o luminoso
Sol em seu berço fulgurante esplende;
Té onde, além do mar tempestuoso,
Do Globo a mór porção nova s'estende,
Neste que he quasi hum circulo infinito
O nome se ouvirá do Luso invicto.

27.

Nome em terras incognitas gravado,
Que na remota geração tardia
Servirá de fanal ao que em cavado
Lenho os campos abrir de Thetis fria:
Até no Pólo austral sempre abafado
Co' as negras azas d'estação sombria,
Britanno Nauta, absorto c'o prodigio
Do Luso nome, encontrará vestigio.

28.

A mesma inculta, e pedregosa terra,
A que aportado tens co' a forte Armada,
Onde em sinaes pacificos a guerra
Te faz do Inferno a turba conjurada;
Não distante o futuro hum dia encerra,
Em que entre as ondas tumidas achada
Seja da Lusa venturosa antenna,
Que o nome lhe dará de Santa Helena.

29.

Entre todos os Nautas o primeiro
(Dos homens o maior) em porto Hesperio,
Armará lenho undivago, e ligeiro,
E hirá cercando o duplice hemisferio;
Dentro d'alma abrangendo o Globo inteiro,
O Sceptro illustrará do Hispano Imperio,
Com desdouro, e baldão das Lusas Quinas,
A estrada mostrará mais breve aos Chinas.

30.

Encontra, audaz! o estreito imaginado
(Isto o nome offuscou Grego, e Romano)
Por elle rompe em campo dilatado;
Dito será pacifico Oceano.
Nelle hum sepulcro lhe reserva o Fado;
E, sem o Heroe sublime, ao porto Hispano
Vélas a náo victoriosa sólta,
Dando em torno do Globo inteira volta.

31.

Desde este ponto hum vasto continente
Se estende, inda maior que antigo Mundo,
N'hum Pólo, e n'outro Pólo o encerra algente
Impervio ao homem pelago profundo:
O que a fundar o Reino do Oriente
Vier depois Navegador segundo,
Arrebatado dos Tufões em guerra,
Nelle Imperio achará d'immensa terra.

32.

Então d'Europa as bellicosas gentes,
Transpondo o mar com temeraria véla,
Viráõ pôr termo a Imperios florescentes
Co' as leis da Natureza, inda singella:
Viráõ trazer aos povos innocentes
Dos vicios sociaes cruel procella;
Ah! que eu vejo surgir do fundo abysmo
A fome d'ouro, e cego Fanatismo!

33.

Do paternal Imperio despojados,
Proscriptos Incas, ferros arrastrando,
Da ambição, da sevicia ao carro atados,
Sem mais crime que a Patria, eis vão rodando:
Tigres em fórma humana, alli banhados
De sangue, crime a crime vão juntando,
E já não tendo que abrazar a flamma,
Então paz a hum deserto Almagro chama.

34.

Doce mãi Natureza consternada
Lança hum véo neste quadro aborrecido;
Tu delle a vista aparta, e azul estrada,
Vem vêr donde Satan te traz perdido:
Olha a medonha face alta, escarpada,
Do Promontorio em nuvens envolvido;
Nem he já esta, porque hum Luso a piza,
De audazes nautas ultima baliza.

35.

He dado a ti do pelago espumante
Outras transpôr barreiras diamantinas,
De Cabo Prasso surgirás ávante,
Té mostrar ao Indostão do Téjo as Quinas:
A Lusitana espada fulminante
Fará daqui tremer Japões, e Chinas;
Mostrando tu primeiro á Europa absorta
No mar aberta do Oriente a porta.

36.

Sou do centro da Gloria a ti mandado,
Qual conductor nas ondas espumosas,
A mostrar-te hum caminho não trilhado
Das armas Gregas, e Aguias orgulhosas:
Onde nunca Europeo de força armado
Levou jámais falanges bellicosas;
Onde do Eterno o divinal conselho
Quer que fulgure a tócha do Evangelho.

37.

Esse, que vez aos mares eminente,
Dobrando afoito Cabo tormentoso,
Extrema gradação d'humana gente
Verás, o Cafre bruto, e temeroso:
E ao norte costeando a Libya ardente
Sempre a braços c'o mar tempestuoso,
As largas vélas mareando em cheio,
De hum largo rio surgirás no seio.

38.

Folga em descanço hum pouco, e corre avante,
A dar á terra inculta o nome santo
Do sagrado natal do Eterno Infante,
Que encheo de gloria o Ceo, Satan d'espanto:
Acima observa hum rio amplo, espumante,
Que tanto corre, e se dilata tanto;
Dá-lhe o nome dos Reis, que ethereo lume
Trouxe ao portal do Palestino Idume.

39.

Olha o Cabo das rapidas correntes,
Que mal podem romper ferradas quilhas;
Acharás álém delle estranhas gentes,
A' culta Europa ignotas maravilhas.
Lageadas as ondas transparentes
Hirás notando de diversas Ilhas;
Deixa Madagascar, deixa te fique
A' terra unida a enferma Moçambiqne.

40.

Foge da terra infesta, ó forte Gama,
Que já do mar á vencedora Armada
Aqui negras traições o Inferno trama,
Acharás guerra em paz dissimulada:
Evita a chusma, que professa, e ama
Lei por fero Impostor na Arabia dada;
Nunca deixes impune a gente imiga,
Que vingar quer no Luso a injuria antiga.

41.

Põe sempre ao Norte luminoso a prôa
Foge da Costa ao mar aparcelado,
Não te detenha aurifera Quilôa;
Onde o Moiro em traição te espera armado:
Ouvé alli como a vaga estálla, e sôa
Sobre arrecife de escarceos cavado:
Se a perfida Mombaça as náos atraza,
Tu dispara os canhões, seu muro arraza.

42.

Hirás então por mares socegados
Com bafagem serena aos deleitosos
Campos de hum bosque umbrífero cerrados,
Onde crescem os E'banos lustrosos:
Campos, prodigios n'Africa, regados
D'argenteas agoas, zefiros mimosos,
Quaes finge em Tempe antiga Poesia,
Ou quaes Lysia em si toda ostenta, e cría.

43.

Eis da Melinde o Reino, a Lusa gente
Nelle ha de ter habitação segura;
Dos trabalhos do mar, fadiga ingente,
Na amiga terra descançar procura:
Hum Monarca acharás sabio, e prudente,
Que hum Piloto te dê, que a limpa, e pura,
Planicie hirá cortando até que enteste
Co'os Malabares, cujo Imperio he este.

44.

Olha o rico paiz que foi chamado
Indostão de seus íncolas ditosos,
Do Norte, e Sul está como encerrado
Entre espumantes rios caudalosos:
O Ganges, que se diz dos Ceos lançado,
Baliza o Indo dos Heroes famosos,
Onde o Grego temeo vasto Oceano,
D'onde as Aguias atraz voltou Trajano.

45.

O Indo que dá nome á Terra, e fende
Do antigo Poro os Reinos sublimados,
Os vastos campos do Delly defende,
Dos Povos do Mogol contr'elle armados:
Seu curso ao Reino de Cambaia estende,
E alli rasgando os mares empolados,
Tanta agoa pela foz bramindo envia,
Que os éstos faz parar de Thetis fria.

46.

Da parte Oriental (se tanto abranges
Co'a vista em véo terreno inda encerrada)
A turva immensa lynfa enrola o Ganges,
Que he para os cegos íncolas sagrada:
Aqui de Lysia ás inclytas falanges
De palmas grande mésse está guardada;
Olha a carreira tumida, e violenta
Como a furia do Mar na Costa augmenta.

47.

O Indostão dividindo, eis vem correndo
A Serra como o Caucaso espantosa,
Chama-se Gate o monte, a immensa erguendo
Frente aos serenos Ceos tempestuosa:
Das escarpadas faldas vem rompendo
De muitos rios a torrente undosa;
Do Norte, e Sul nas opulentas Costas,
Muitos Imperios, e Nações são postas.

48.

O Malabar Idólatra do lado
Occidental, que vez, habita, e mora,
Todo em trevas da morte inda engolfado,
Abominaveis Idolos adora:
Do Arabigo Impostor o alfange ousado
Aqui já trouxe a lei dominadora;
Que estende as pontas do fatal crescente
Pela Asia quasi toda, e Libya ardente.

49.

Do Malabar soberbo a Corte he esta...
Grande Cidade ao Gama se mostrava,
Qual no Téjo Ulysséa a excelsa testa
Nas inquietas agoas retratava:
Vio de mastros densissima floresta,
Que em seu tranquillo porto o mar coalhava,
Qual vio já Tyro, ou mercantil Fenicia,
E, do Nilo na foz, Canopo Egypcia.

50.

O adusto morador do Oronte, e Nilo,
O que habita Suez seco, arenoso,
O que da lei da Arabia inverte o estilo,
Da rica Persia morador ditoso;
Aqui, se os mares corta, encontra asylo,
Aqui commercio encontra vantajoso;
E quanto do Oriente o Mar navega
Aqui co'as artes, e opulencia chega.

51.

Aqui de Banda a quente especiaria,
Que tanto a Europa bellicosa préza,
Louro metal, luzente pedraria,
De que se fez Idólatra a Avareza;
Aqui vem quanto precioso cria,
Ou furta ao luxo cauta, a Natureza,
Do Chim longiquo á torrida Ethyopia;
Aqui s'encontra com sobeja copia.

52.

Aqui dará principio o Luso Imperio,
E terá mais que Roma eterno augmento,
Daqui penetrará co'a fama ao etherio
Dos aureos astros luminoso assento:
Será Senhor do Indico hemisferio:
A Europa absorta em tanto vencimento
Dirá, medindo a Lusa Monarquia:
Sempre no Imperio Portuguez he dia!

53.

De sublimes Heroes serie ditosa
Eterna aqui fará de Lysia a gloria,
Por feitos, quaes não vió Roma orgulhosa,
Ha de hir subindo ao Templo da Memoria:
Se ao campo os provocar guerra espantosa,
Na sua frente marchará victoria;
Se em náos troarem pelo mar profundo,
Ficará cheio de seu nome o Mundo!

54.

Se vive em bronze, em marmore Trajano,
E são na Historia os Scipiões famosos,
Inflexivel Catão, Curio, e Serrano,
E Augusto, e Julio monstros orgulhosos:
Excedidos serão do Lusitano
Invicto braço em feitos portentosos;
E Deos, que a Lysia a gloria participa,
Tão grande quadro aos olhos te antecipa.

55.

Comigo te conduzo ao dilatado
Campo ignoto aos mortaes, ó forte Gama;
Deixemos o grão circulo apartado,
A que o Sol desde o centro a luz derrama:
Entra os umbraes do alcaçar consagrado
Pelas mãos da virtude á eterna Fama;
Lá da torpe Lisonja a voz não sôa,
E só Justiça o merito corôa.

56.

Disse, e transpondo os ares prazenteiros
Mais que indocil Cometa, o espaço trilha;
Tão distante vai já, que o luminoso
Sol nos ermos do Ceo nem luz, nem brilha:
Quasi nos fins da Creação gloriosa
S'eleva o Templo, eterna maravilha,
Cujo sublime, original modello
Na mesma essencia se formou do bello.

57.

Alli nem aureo gonzo, ou portas são;
Mas dá soberbo Peristilio entrada
Aos que de ingenuos louros se coroão,
Que jámais profanou Bellona irada;
Aquella estancia divinal povoão
Os que pizando vão tranquilla estrada
Da social virtude, e a longa idade
Gastão na luz, no bem da humanidade.

58.

De hum lado, e d'outro em pedestaes firmadas,
Como apontando ao Portico imminente,
Duas estatuas s'erguem, que formadas
São de hum Pirópo lucido, esplendente;
De conhecidos symbolos cercadas
Fortaleza, e Justiça observa a mente;
Huma em columnas solidas descança,
Outra equilibra imparcial balança.

59.

No fastigio do Portico elevado
Do Tempo o emblema está, qual tortuósa
Serpe c'o corpo em circulo formado,
Na boca esconde a cauda venenosa:
Como em ferreos grilhões maniatado
Debaixo hum monstro está, Furia espantosa;
Seu proprio seio lacerar forceja
A só do Tempo supplantada Inveja.

60.

No horizonte infinito alta Figura
Da Fama vai rompendo, e sustentava
Retumbante clarim; c'huma luz pura
Pelas sombras dos seculos raiava:
E o negro manto da Calumnia escura
Com fulgor ardentissimo o rasgava,
Roubando ás ondas do lethal Cocyto
A virtude do Heroe, do Sabio o escrito.

61.

Cruzavão já do alcaçar luminoso
O diamantino liminar, patente
Todo se mostra o Templo magestoso,
A quem banha de luz perpetua enchente:
De alabastro finissimo, e radioso
Erguem bustos de Heroes aos Ceos a frente;
Cingida a tem de sempiterno louro,
E o nome aos pés gravado em letras d'ouro.

62.

Os que mostravão aos mortaes a estrada
D'alma Virtude, alli resplandecião,
Os que co'a mente acceza, ás Musas dada,
Desde a Terra cantando aos Ceos subião;
Os que primeiro á Terra fecundada
Com providente arado o sulco abrião;
Os que ousárão primeiro em fragil pinho
Tentar do Mar o liquido caminho.

63.

Os que com braço armado em justa guerra
Usurpadores barbaros vencerão;
Esses que em sabias leis da patria Terra
O nome, o estado, a gloria engrandecerão;
E os que quantos Natura em sombra encerra
Mysterios com luz vívida romperão;
Alli seguros, gloriosos mórão
Quantos a sorte dos mortaes melhórão.

64.

Em sobrehumanos extasis levado
O Gama observa maravilha tanta;
Tem-lhe de perto o coração tocado
Alma Virtude que os mortaes levanta:
Rompe o silencio, e diz: Se immobil Fado,
Ou do Immortal a Providencia santa,
Permittirá que eu suba á companhia
De tanto Heróe prodigioso hum dia?

65.

Deves subir; celestial ventura,
Lhe diz Henrique, estatua te reserva
Nesta estancia da Fama excelsa, e pura,
E já teu nome em seus annaes conserva:
Mas tu com feitos immortaes procura
Tal premio merecer; e agora observa,
Quem sejão estes, que no eterno Templo
Te dão da gloria, e da virtude exemplo.

66.

Este, que vês de fluctuante manto,
De fulgidas estrellas recamado,
Que enche a todos os seculos d'espanto,
A quem saber universal foi dado;
He Salomão, que descortina quanto
A Natureza em si tinha encerrado;
Que tentou, conseguio com Regia frota
Achar de Ofir a incognita derrota.

67.

Por onde o povo as ondas Erithrêas
Da Egypcia escravidão passou triunfante,
Pizando enchutas, humidas arêas,
Vendo suspenso o pelago espumante,
Sahio das altas náos co' as vélas chêas,
Correndo a praia d'Africa estuante;
E de lá pouco a pouco o mar abrindo,
Co' as mérces retornou do Hydaspe, e do Indo.

68.

Vês a seu lado Hirão, que predomina
Da mercantil Fenicia o Imperio undoso,
Que rompe ao pégo a vêa cristalina,
Fixo notando o Polo luminoso:
Ao sombrio Occidente a pròa inclina,
Rompe as Herculeas portas, o espantoso
Mar afrontou; talvez que a terra visse,
Que entre os Gregos Atlantide se disse.

69.

Lá vês do opposto lado o invicto, o forte
Machabeo, que a Nação santa defende;
Leva em lenhos undivagos a morte,
De Tyro o mar victorioso fende:
De Oligamber co' as náos tentando a sorte,
Do incerto mar á Patria o Imperio estende;
Nas sepulcraes Pyramides erguidas
Gravadas tem do in'migo as náos vencidas.

70.

Vez o busto sublime, que adornado
Está d'estranhas palmas verdejantes,
Que, co' a vista no Polo levantado,
Parece que inda observa astros brilhantes?
O magnetismo á Nautica applicado
Por elle foi nas ondas espumantes;
Dando-me neste portentoso arcano
Chaves que abrirão portas do Oceano.

71.

O busto agora vê do Heroe prestante,
Douto inventor do nautico instrumento,
Que a carreira medindo ao Sol brilhante,
Do Pólo ensina ao certo o apartamento:
(Rara invenção!) ao Nauta vacillante
Marca o rumo no liquido elemento,
Salva quasi no abysmo o lenho immerso;
Este prodigio em Portugal tem berço!

72.

Esta te mostra o Lígure afamado,
Que a ser grande aprendeo no Téjo undoso;
Alli Piloto ouvio, e aos mares dado,
Terras suppôz no Occaso nebuloso:
Nem seria por elle hum Mundo achado,
Sem roteiro encontrar maravilhoso
Nas mãos d'hum Luso, cujo nome a Historia,
Conservar deve sempre envolto em gloria.

73.

Este o busto do Heroe, que o Lusitano
Salvou das garras do Leão rompente,
E o que depois do vencedor Romano,
Levou primeiro a guerra á Libya ardente:
Por armas leva Ceuta ao Mauritano,
E o sulco abrio da messe florecente
Dos louros immortaes na illustre guerra,
Que pouco admira, ou desconhece, a Terra.

74.

Grande até no silencio, hia passando
A estatua Henrique, que brilhando estava;
E huma luz fulgentissima espalhando,
D'hum louro mais distincto a frente ornava:
Os olhos para o Ceo suspenso alçando,
Sobre armilar esfera a mão pousava;
Como em acção de quem dos Ceos descia,
Dava a Henrique o compasso a Astronomia.

75.

Na base a imagem tem do ignoto Mundo,
Que as recatadas portas lhe franquêa,
E d'hum assombro extatico, e profundo
D'outro lado se via a Europa chêa:
N'huma figura o pelago iracundo
Seus mais escusos seios patentêa
Aos pés do grande Heroe; o Globo mudo
Diz no silencio, que lhe deve tudo.

76.

Observa os pedestaes já destinados
De Heroes aos bustos, que o futuro encerra,
Que por cima dos mares empolados
Hirão levar seu nome aos fins da Terra:
Que a livres póvos, por amor ligados,
A paz conduzirão, não luxo ou guerra
Com que em seu sangue a deslumbrada Europa,
Como herança perpetua, a espada ensopa.

77.

Alta base alli vê, nella gravado
O Promontorio austral, e o vasto ondeante
Oceano a seus pés, manso espelhado,
O Ceo sem nuvens, lucido, radiante:
(Cinzel divino o pôde) encadeado
Eólo alli se vê tumultuante;
A Asia em figura, que os laureis enrama,
E escrito em letras de diamante: Ao Gama.

78.

Entre os que dignos são de larga historia,
Porque o mesmo Oceano avassallarão,
E a par de Magalhães da immensa Gloria
(O mar vencendo) os penetraes entrarão:
E que hum padrão de insolita victoria
Sobre Natura, que se oppunha, alçarão;
Mais claro aqui reluz brilhante espelho
De virtude, e valor, o Heroe Botelho.

79.

Aqui já tem lugar, e apenas goza
Da luz vital no natalicio dia,
Já commettendo a empreza perigosa,
Ante a qual todo o esforço he cobardia:
Desde Cambaia armigera, orgulhosa,
Té onde o Téjo ao mar tributo envia,
(Não crendo os olhos que o verão na praia)
Ha de hir em fragil, pequenina faia.

80.

Quando ás potentes armas, e ao famoso
Cunha inclinar o cóllo a entrada Dio,
(Monumento perpetuo, e glorioso
Nunca arrancado ao Luso senhorio);
Quando a seus pés o Heroe victorioso
O Turco vir prostrado, e o Mouro frio,
N'alma resolve a insolita façanha,
Qual o Mundo até alli não vio tamanha:

81.

Qual te mostra, armará nadante faia,
Em que apenas afoito hum nauta ousára
Perder de vista n'hum momento a praia,
Ou pescador do Téjo a foz cruzara:
Rompe os medonhos mares de Cambaia,
Que sem susto alta náo jámais cortára;
Elle impavido a furia ao pego afronta,
Toca na Libya ao Prasso a erguida ponta.

82.

Sempre em luta c'o pelago indomado,
Do Cafre adusto pelas margens vôa;
Nem se aterra seu animo esforçado
C'o turvo mar que brame, e Ceo que tôa:
Ao Cabo extremo de tufões cercado,
Quasi nas mãos da morte, eis volve a prôa;
Oppõe-se á morte pertinaz na empreza;
Surrí-se então de vê-lo a Natureza.

83.

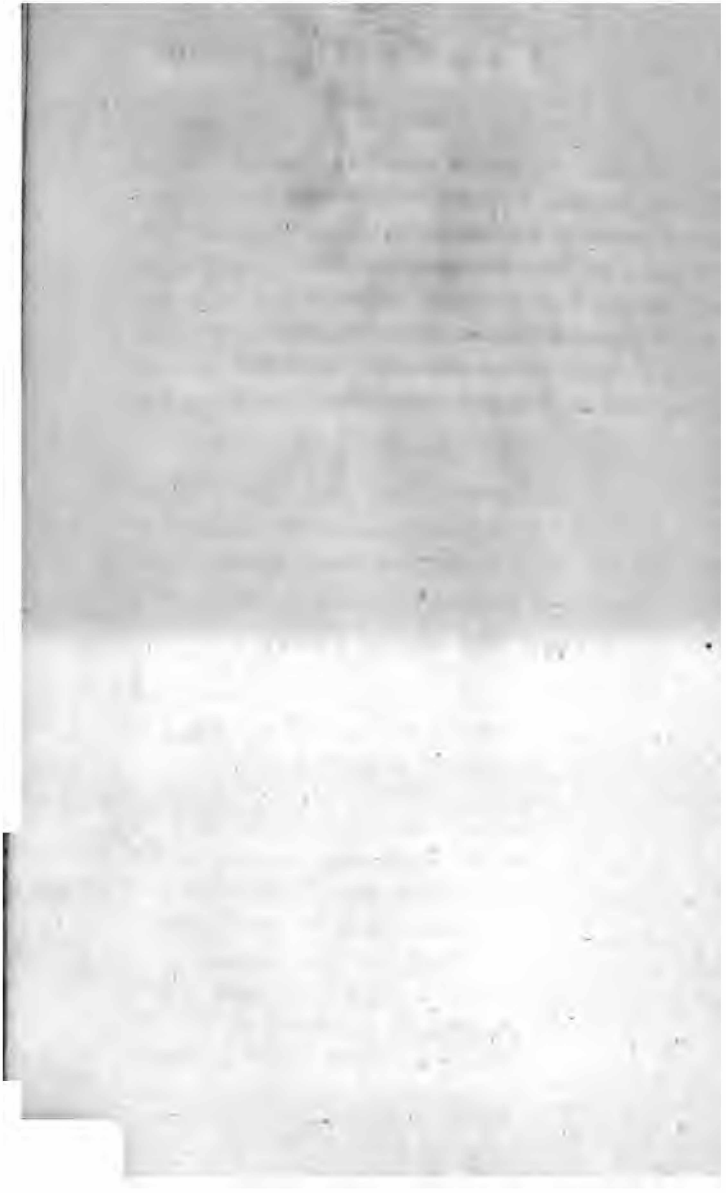
Manda lhe seja lisongeiro o vento,
Que se lhe aplaine a superficie undosa,
Ou vencida do insolito ardimento,
Ou por se honrar da empreza alta, espantosa:
Ao tempo que he por vir deste portento,
Talvez pareça a fama mentirosa;
Mas neste alcaçar vive a imagem sua,
Aqui já s'eternisa, e perpetua.

84.

Inda maior prodigio o tempo encerra,
E aqui já tem lugar o Heroe prestante;
Hum Luso Rei da Patria se desterra,
A Europa deixa escrava, agonizante:
Rompe Lysia os grilhões vencendo em guerra,
N'hum fragil berço do Oceano ondeante
Passa a extensão, trazendo a ignoto Mundo,
Da liberdade o annuncio almo, e jucundo.

85.

Não mais a douta Grecia exalta, e canta
De Tyfis o valor, e o mar vencido;
Nem entre estrellas fulgidas levanta
Argos ao Pólo nunca obscurecido:
Sirva o fragil baixel ao navegante
Cá entre os astros de fanal erguido,
E d'outros mares Cynosura seja,
De gloria a Portugal, e ao Mundo inveja.



O ORIENTE,

POEMA.

CANTO VII.

1.

Rompe o Sol no horizonte, e do cavado
Bronze já sôa horrisono estampido;
O marinheiro audaz mal acordado
Corre ao trabalho, e posto conhecido:
Inda em sublimes extasis levado,
E nas visões celestiaes detido,
Ao som do bronze, que no ar rebrama,
Nautica turma convocava o Gama.

2.

Prestes á Terra envia os mais valentes
Marinheiros, e intrepidos Soldados,
Que ás altas náos conduzão diligentes
A' ignota Corte os Lusos enviados:
Assim mandou: nas ondas transparentes
Vão já vogando os remos alutados,
E mal nas praias humidas tocarão,
A magestosa habitação buscarão.

3.

Quanto humanos sentidos lisongêa
De toda a parte aos Lusos se mostrava;
A Terra he toda de opulencia chêa,
Com que d'Asia a grandeza arremedava:
Até na humilde condição plebêa
A pompa Oriental se devisava;
Com tanto ardil Diabolica potencia
A's coisas deo fantastica apparencia!

4.

Da baça turba rodeados hião
Os Lusitanos Nautas cuidadosos,
Quando aos soberbos Porticos subião,
Pomposa estrada aos Paços sumptuosos:
Eis que os buscados companheiros vião
Dos imminentes males não cuidosos:
Tal de Gofredo o Cysne, em voz subida,
Pinta Rainaldo nos Jardins de Armida.

5.

Mas a penas a voz do excelso Gama
Lhes foi dos Nautas destemidos dada,
Com subitanea confusão s'inflamma,
Furores toda, a turba condemnada:
Nas impias mãos arvora a horrenda chamma,
Que a cinzas possa reduzir a Armada,
De quem jurára Lucifer o estrago,
Que o Gama ouvio no Oráculo presago.

6.

Da encantada quimerica Cidade
Hia passando o Luso os altos muros,
Subitamente estranha tempestade
Fecha em fundo negrume os ares puros:
Em luto o Sol s'envolve, a immensidade
Do espaço s'escondeo nos véos escuros,
E hum raio á nuvem que no ar s'estende
O seio, sem trovão, lhe rasga, e fende.

7.

Nada continha os Nautas esforçados,
Que atracar c'os baixeis promptos desejão
Contra os medonhos vagalhões cruzados,
Té de vóga arrancada em vão forcejão:
Vem com pavor rochedos escarpados,
Escondidos té alli, que ora negrejão;
Chegão ás núos, mas quasi submergidos
Do mar revolto, e dos tufões batidos.

8.

Na infernal confusão sem perder tino
Seguro, e invicto o Gama então declara,
Qual improviso golpe, e qual destino,
A's náos a furia de Satan prepara:
Mas que do Mundo o Creador Divino,
Com paternal amor a empreza ampara,
Que he sua, e quer, que a Lusitana gente
Sugeite ao Téjo os Climas do Oriente.

9.

Bem como na tranquilla, ingenua aldêa,
De singelos Pastores habitada,
Se a labareda subita se atêa,
E lambe o colmo de que está forrada:
Que o Lavrador attonito recêa
Perder com doce lar pingue manada;
Com todos, á porfia, trabalhando,
Salva o que póde, as chammas apagando:

10.

Taes os Nautas, apenas escutárão
O que exposera o Capitão famoso,
Correndo ás gavias subito trepárão,
Dando hum bolço de véla ao vento iroso:
O rijo cabrestante outros voltárão,
Tirão com elle o ferro do arenoso
Fundo, e na prôa subito o pendurão,
E o pouco panno com trabalho amurão.

11.

Põe no Oriente a prôa, os abrazados
Temerosos canhões nos ares soão,
Aos bramidos das vagas misturados,
As montanhas, a praia, o mar atroão:
Oh magico portento! Os levantados
Muros, Palacios como as nuvens voão,
Por entre a escuridão se mostra incerta
Sómente a Terra barbara, e deserta.

12.

Só confusos medonhos alaridos,
Que as carnes de pavor arripiavão,
Das enlutadas nuvens repetidos,
No Mar distinctamente s'escutavão:
No abafado horisonte os accendidos
Azues sulfureos lumes serpeávão;
E o ar que em negras sombras s'envolvia,
Indistinctos tornava a noite, e o dia.

13.

Do fundo abysmo o Despota tremendo
Deixa a barbara terra accelerado,
Vio-se enrolada sombra o ar correndo,
E, nella envolto, Lucifer levado:
Vão-lhe da Inveja os aspides mordendo
O coração no mal sempre obstinado;
De novo estrago em vívida esperança
Entre os sulfureos turbilhões se lança.

14.

Assim como nos vastos horizontes,
De mineraes exhalações turvados,
Se mostrão nuvens, que parecem montes
Pelos ares diáfanos levados;
Que apenas Febo aos rapidos Ethontes
Bate, nascendo, os freios inflamados,
A's vibrações da luz, fragil escudo,
Cede o negrume, e s'esvaece tudo;

15.

Tal depois que desceo da etherea Corte
O grande Arcanjo tutelar á Terra,
Dos Aquilões a indómita cohorte,
Dos transparentes ares se desterra:
Foge espantosa inexoravel Morte,
E no afumado carcere se encerra:
Delle sahir o Despota não ousa,
Na eterna base a Natureza pousa.

16.

Do berço Oriental, roseo aposento,
Vinte vezes sahira o Sol radioso,
E declinando do sidereo assento,
Outras tantas buscára o pego undoso:
Depois que, de Satan frustado o intento,
Hia a Armada cortando o mar sanhoso,
Sem que o douto Alemquer da terra Fôa,
Medindo os astros, apartasse a prôa.

17.

Hião varrendo os campos procellosos,
Só dos Focas incognitos cortados,
Vendo nos Ceos austraes astros radiosos
Aos olhos Europeos té alli vedados:
Inda da terra perfida, medrosos,
Crem ver em torno os monstros conjurados;
Quando longe, ao romper da Aurora, hum monte
Se lhe antolhou no rúbido horizonte.

18.

Tanto as vélas em cheio enfuna o vento,
E a Lusa Frota undívaga rompia
Tanto, em pôpa levada, o salso argento,
Que alvos rolos d'espuma á prôa abria:
Rompe o disco do Sol no Firmamento,
Góza, acordando, a Natureza o dia,
Nocturna sombra universal desterra,
E doce aos nautas se mostrava a terra,

19.

Com tres montanhas se corôa a frente,
Que vai das nuvens muito além rompendo,
Duro padrasto aos mares eminente,
Da tormenta espantosa alvergue horrendo:
Na base estála o mar com furia ingente,
Aos ares sobe em borbotões fervendo;
O Cabo Austral o Astrónomo conhece,
Onde a Libya ardentissima fenece.

20.

Esta, bradava o Gama, esta a baliza,
Que invencivel julgára o medo antigo,
E o Luso nome aqui se immortaliza,
Que soube ousado desprezar o p'rigo:
Mas não se acaba aqui, nem finaliza
Vasta derrota que constante eu sigo;
Se tememos aqui, se aqui paramos,
Que exemplo ao Mundo d'heroismo damos?

21.

Acabou de fallar, e os esforçados
Nautas ás gaveas trémulas subião;
Da vacillante altura, alvoroçados,
A' estranha terra os olhos estendião:
Dos raios, ou dos seculos lascados,
Huns sobre os outros os penhascos vião;
E parece que acena a Natureza,
Que as costas volte a humana fortaleza.

22.

Este o termo fatal, termo prescripto
Ao mais que pertinaz denodo humano,
Onde nunca chegára incircunscripto
Fatal Imperio do poder Romano:
Ouvio-se alli da Natureza o grito,
Que nunca aos homens deo todo o Oceano;
Dos seculos no dórso assoma o dia,
He todo o Mar da Lusa Monarquia!

23.

Da ousadia mortal como afrontado
Negras vagas o Mar encapelando,
Com tanta furia espuma, e tão cavado,
Que hia as aereas nuvens açoitando:
De raios todo o Ceo se mostra armado;
Tufão caliginoso eis vem bramando;
A terra toda, em triste parocysmo,
Parece que se solta, e cahe no abysmo.

24.

Mortal se sente o Gama, e desfalece,
(Qual de antigos heroes não temeria?)
Vendo o ar que de nuvens se obscurece,
E que lhe falha de repente o dia.
Nada produz o acaso; o estrago tece
O soberbo Satan que na sombria,
Profunda habitação d'horror e morte,
Vê d'Asia toda transformada a sorte.

25.

Deixa o Reino da noite, e sobe á Terra,
Rompe das fauces d'hum volcão de Java,
C'o fumo que rebenta a luz desterra,
Corre em torrentes a sulfurea lava;
E o grão diluvio, que a montanha encerra,
De fogo rompe: o Ceo reverberava;
Satan co'a propria sombra o ar offusca,
E o tormentoso Promontorio busca.

26.

Neves, que vio Quiróz, mares crestados
De geladas montanhas, que povoão
Do frio e morte a região, levados
Alguns pedaços pelos mares sôão
Agora não do vento arrebatados;
Porém do braço de Satan, já vão
Do Cabo Austral ao longo o mar inundão,
Todas subitamente as náos circundão.

27.

Assim Cooke os vio já, quando a escondida
Terra, onde lhe só Madrasta a Natureza
Buscava pertinaz, repouso, e vida,
Sacrificando á gloria, ou á avareza;
O mar revolto, a esfera obscurecida
Via, e do eterno tumulo a tristeza;
A mesma Morte armada lhe resiste,
E cego vezes tres no empenho insiste!

28.

Fluctua o gelo em montes; tempestade
A' Lusitana experiencia alhêa!
Sentio-a Magalhães, que a immensidade
Do frio Pólo Austral vio delles chêa:
Como invisiveis vão na escuridade
Daquella noite repentina, e fêa;
Mas ao clarão dos raios serpeantes
Os vem correr os tristes navegantes.

29.

Táo fechado, e tão denso era o negrume!
Do Sol central o eclipse parecia;
De espessa escuridão sulfureo lume,
De momento em momento, o véo rompia:
Do mortal frio o retalhante gume
Tristes nautas attonitos transia,
E Satanaz da insolita tormenta
Mais, co'a sombra que expande, o horror augmenta.

30.

A noite veio, o tenebroso manto
Deo mais horror á cerração pezada,
Leva as nuvens o vento, e as rasga hum tanto,
Mostrou-se a Lua palida, eclipsada:
O natural fenómeno de espanto
A ignara gente encheo, grita assustada,
Cuidando ver do Mundo agonizante
Aproximar-se o derradeiro instante.

31.

Por entre a sombra ao lado do Oriente
Grito nos ares retumbou tremendo,
Entre a sulfurea luz d'hum raio ardente
Fantasma immenso foi apparecendo:
Quasi toca nos Ceos co'a altiva frente,
E inda os pés vai nas ondas escondendo;
Teve no Inferno o berço, e a séde impia
Em quasi todo o Globo, a Idolatria.

32.

Este era o Monstro; e rodeado estava
De abominaveis Templos, e d'altares,
Nelles ardia, delles se exhalava
De sacrilego incenso o fumo aos ares:
Do Fanatismo a dextra alli sangrava
Até de humanas victimas milhares,
E apontava c'o braço a Furia immunda
A quanto o pego Oriental circunda.

33.

Com temerosa voz bradou: Que intentas,
Tu, que ousas profanar mares vedados?
Assim se afrontão lôbregas tormentas,
Assim se mudão das Nações os fados?
Tu dos Destinos a vingança augmentas,
E provocas a sanha aos Ceos irados;
Se a ambição te conduz a estranha terra,
Nella acharás perpetuamente a guerra.

34.

Nas mãos a espada da vingança trago,
Ou volve atraz, ou negra sepultura
Do Oceano hirás ter no immenso lago,
Onde ultrajadas leis vingue Natura:
Foge do golpe, e do espantoso estrago,
Em quanto em vida te mantem ventura,
E o raio não descer, que vingue o insulto
De dar, a hum Mundo ignoto, ignoto Culto.

35.

Se acaso vens do Fanatismo armado
Dar nova crença e leis ao vasto Oriente,
Mortal, desiste; que implacavel Fado
Abre n'Asia hum sepulcro á Lusa gente:
Ah! nunca Imperio em lagrimas fundado
Pôde alicerce ter, firme, e potente;
Olha que á tua criminosa empreza
S'oppõe visivel toda a Natureza!

36.

Sou do Oriente o Numen poderoso,
Vem do berço dos seculos meu Culto;
Da Erithréa garganta ao Indo undoso,
E desde o Ganges sacro ao China occulto:
Africa toda he minha, em portentoso,
Já visto em parte, novo Mundo avulto;
Suspende a que te cega audacia, e furia,
Que eu sei vingar-me de tamanha injuria.

37.

Eis se desfaz em linguas coruscantes
De intenso fogo a collossal figura,
E as dispersas sentelhas fulgurantes
Rasgão d'espaço a espaço a sombra escura:
Rangem da Terra os Pólos vacillantes,
E, no tremor universal, segura
Mal se pode suster, no horror profundo
Parece abrir-se o tumulo do Mundo.

38.

Espavorido dos funestos brados,
Aos Ceos o invicto Gama então clamava:
Que ruinas, Senhor, que acerbos Fados,
Este espantoso Espectro annunciava?
Vejo montes de gelo aos Ceos alçados,
Desusada tormenta os mares cava,
Não póde o peito humano ousado, e forte
Lutar dest'arte com tão longa morte.

39.

He crime as sombras desterrar do Mundo,
Hir plantar vossa lei n'hum clima inculto?
Acaso he crime abrir no mar profundo
Caminho aos olhos Europeos occulto?
Tirar da Terra o Paganismo immundo,
E fazer que as Nações aos Ceos dem culto?
Se esta empreza he tão vossa, oh Deos eterno,
Pode acaso estorvala o escuro Inferno?

40.

Ouvio nos Ceos o Padre Omnipotente
O magnanimo Heroe: fez leve aceno,
Co'a cabeça immortal, eis de repente,
Se mostra o mar tranquillo, o Ceo sereno:
A furia se mudou do Austro fremente
No brando sopro de Favonio ameno;
Fogem da noite as sombras horrorosas,
Mais cedo a Aurora se toucou de rosas.

41.

O gelo ao Pólo os ventos impellião,
Do Cabo se descobre a aérea fronte,
Aureos raios do Sol, que se espargião,
Tingem d'acceza purpura o horizonte:
Azues as ondas liquidas tremião,
Quando da luz as fere a immensa fonte;
Co'a subita mudança os nautas cobrão
Perdido alento, o Promontorio dobrão.

42.

Temos, bradava o Gama, oh Lusa gente
Passado á quem do obstáculo temido,
E o tão buscado Imperio do Oriente
Contemplo descoberto, e já vencido:
He obra só do braço Omnipotente,
De nosso longo afan compadecido;
Abrio da Providencia almo thesouro,
E nos guarda na Patria eterno hum louro.

43.

Este padrão, que poz a Natureza
Como barreira ao tumido Oceano,
Vencido foi da gente Portugueza,
Com mór força que a dada a peito humano:
Nós igualámos tanta fortaleza,
E vamos excedella: hum grande arcano
A tormenta, a visão me mostra á vista,
E alto me brada que na empreza insista.

44.

Disse, e a Armada pujante o mar talhava,
Que he já planicie trémula, e lustrosa;
Ao lado esquerdo a terra s'encurvava
N'huma bahia concava, espaçosa:
Repousada guarida ás náos mostrava,
Contra a furia do mar tumultuosa,
E fatigada da tormenta insana,
Aqui se acolhe a gente Lusitana.

45.

D'alta gavia os robustos marinheiros
A' terra ignota os olhos alongando,
Vem nos risonhos, ingremes oiteiros
Altos Cedros a cóma aos Ceos alçando;
E por entr'elles limpidos ribeiros
Com suave murmurio escorregando;
Devisão verde campo, e lhes parece,
Que assidua mão d'agricultor conhece.

46.

Da Natureza a scena encantadora
Nas horas da manhã se apresentava,
Do grande quadro a luz animadora
Do espesso bosque as sombras realçava:
E do regaço da Africana Flora
Ao ar vapor balsamico voáva;
Painel inopinado, almo, e jucundo
Naquelle canto incognito do Mundo.

47.

Ledos saltavão na risonha terra,
Em ferro envoltos, Lusos esforçados,
A cuja vista insolita se aterra
Turba immensa de negros espantados:
Era-lhe ignoto o ferro, ignota a guerra,
Das luzes naturaes pouco afastados;
Mas apenas hum Luso em paz lhe acena,
Titubeantes animos serena.

48.

Apresenta alguns dons ao povo escuro,
Que o Luso armado barbaro chamava;
Na iugenuidade natural seguro,
Riqueza não comprada apresentava:
Traz o fructo espontaneo, o leite puro
Do manso armento que no pasto andava;
Tanto do trato dobre, e engano alheio,
Que ás choças leva os Lusos sem receio.

49.

Doce era ver errantes na espessura
Lanigeros rebanhos espargidos,
Dos prados, e vergeis louçã verdura
Lembra os campos do Téjo alli trazidos:
He da margem do Téjo a formosura,
Que mostrão climas tão desconhecidos,
E da innocencia o natural thesouro
Faz lembrar mais que o Téjo a Idade d'ouro.

50.

Em vagarosos Bois vinhão sentadas,
Tão negras como os ébanos, donzellas;
Vestião rudes pelles, e ennastradas
As frontes trazem de gentís capellas:
Em doces sons, e em vozes concertadas
Erguem canções que parecerão bellas;
Amor ao peito humano o canto inspira;
Nelle exalta seu bem, seu mal suspira.

51.

Sem arte, e sem saber ditosa gente,
A quem só Natureza os bens derrama,
A quem ouro he metal indifferente,
Que da cubiça não desperta a chamma!
C'o pão que pede ao campo he só contente,
He-lhe Numę ignorado gloria, ou fama;
Só commum julga domicilio a Terra,
E honra não chama á sanguinosa guerra!

62.

Nunca exista hum cruel, que a venturosa
Venha paz perturbar, que estais gozando!
Nunca cega ambição tumultuosa
O traga em curvo lenho o mar talhando!
Mas á scena cruel, scena espantosa,
O tempo o véo correo! Medonho bando,
De avarento Hollandez vos trouxe o ferro,
Deo-vos na Patria o carçere, e o desterro!

53.

Tem mór preço, e valor rude ignorancia,
Que as Artes, que soberba, e luxo adóra;
Mais doce he vida inculta, que a arrogancia
Do sabio que da vida os bens ignóra;
Do vencedor a barbara jactancia,
Que tinge em sangue a espada assoladora,
Quando, qual Cesar, vai do Mundo ao termo
Não vale do Hottentote a choça, o ermo.

54.

He mór ventura em bosques ignorados
Ver correr, e acabar tranquilla vida,
Que hir imprimindo em campos assolados,
De sangue humano a planta humedecida;
Que indomavel lançar grilhões pezados
D'hum Polo a outro á Terra submetida;
De Imperio universal co'a imagem cego,
Roubar ao Mundo attonito o socego.

55.

O negro monstro da sedenta Inveja,
Que o berço tem no Tartaro maldito,
Dos ermos nunca o morador baſeja,
Nem lá lhe escuta o pavoroso grito:
Ella atiça a ambição, e ella forceja
Para a Imperios dar circulo infinito;
Com ella da ventura o homem diverge,
Do mal no abysmo universal s'immerge.

56.

Não se descobre o vicio enthronisado
Por vil lisonha nos agrestes lares;
Nem fantastico merito elevado
Enche hum rival de turbidos pezares:
Nem vingança com ferro ensanguentado
De holocaustos povoa os viz altares:
Ah! nunca a Europa chame agreste, e bruta,
Gente que ao perto a Natureza escuta!

57.

Em tanto o forte Gama na espessura,
Volvendo altas idéas, divagava,
Comparando dos campos a ventura
Co' as tormentosas ondas que cortava:
Ao tranquillo Hottentote em vão procura
Pelo Oriente, que buscando andava;
Que o povo ingenuo mostra por aceno,
Que só conhece seu natal terreno.

58.

Sôa o bronze á partida, e logo ordena,
Que em terra tão feliz fossem deixados
Dois que de cá tão longe á extrema pena
Justo imperio da lei tem condemnados:
Já pendem soltos da breada antenna
Ao rijo vento os pannos desfraldados;
Nos altos tópes flamulas ondeão,
Prestes todos em pôpa ás náos mareão.

59.

Era a Alva já nos Ceos: da fertil terra
A nautica celeuma alevantando,
Com serena bafagem se desterra
A Armada hum mar incognito talhando,
Mas, instavel Fortuna! Accende a guerra
De novo o vento, as nuvens ajuntando;
Com tanta furia vem, que outra desgraça,
Outra tormenta os nautas ameaça.

60.

Em serras levantado o mar rebenta
Por cima dos cachopos escondidos;
Vôa a desfeita horrisona tormenta
Nas azas dos tufões embravecidos:
No Ceo confuso a cerração se augmenta,
Vão de tal arte os lenhos impellidos,
Que de Alemquer o espirito fallece;
O mesmo Gama impavido estremece.

61.

Ferrado todo o panno entre inclementes
Vagas fluctua a combatida Armada;
Até que o vento as azas estridentes
Hum pouco equilibrou, e a levantada
Ponta se vio do Cabo das Correntes,
Nunca dos lenhos Europeos dobrada;
Tanto alli refluia onda espumante,
Que dar não póde a fróta hum passo avante.

62.

Nem volta atraz, nem teme o Lusitano
Hir proseguindo na arriscada empreza;
He negro e todo espuma o vasto Oceano,
He dos tufões insólita a braveza:
Tanto em bolina amura o solto panno,
E tanta emprega o Astronomo destreza,
Que emfim dobrado o Cabo procelloso,
Entesta a larga foz d'hum rio undoso.

63.

Oh Lusitana Gloria! em debil lenho
Desde o Téjo se lança a ignoto Mundo!
Nem Romana Potencia, ou Grego engenho,
Conheceo ser tão vasto o mar profundo!
O Gama insiste no pasmoso empenho,
E a braços vai c'o pelago iracundo,
Inda que aos Ceos que vio, e ondas que corta,
Se lhe antolhasse a Natureza morta!

64.

Aos quebrantados Lusos se offerece
Scena até alli não vista de alegria;
Multidão de Pirógas apparece,
Que as inquietas ondas dividia:
Inda que ao longe posta, se conhece
Ser gente baça, e que do mar sabia:
Traz na cabeça Arabicos turbantes,
Cobrem-lhe as carnes roupas ondeantes.

65.

Pela Arabiga lingua perguntava
O interprete fiel á estranha gente;
Daquella terra o nome, e que distava
Daquelle ponto o clima do Oriente?
Alegre a chusma dos baixeis bradava
Em voz delle entendida, e tão contente
Fica c'o fausto auspicio o invicto Gama,
Que Sinal venturoso ás aguas chama.

66.

Daqui largando a véla ao fresco vento
Os animados nautas demandavão,
Pela campina azul do salso argento,
Altas terras que ao Norte se amostravão:
Mas a Satan, no Imperio do tormento,
Eternos odios mais desesperavão;
Ferve o veneno da vingança antiga,
Que alto lhe bráda, que no mal prosiga.

67.

Estragos volve em si, mortes respira,
Manda sahir do Bárathro abrazado
A Suspeita, a Calumnia, a Inveja, a Ira,
Que o Mundo tem de lutos abafado:
Rompe a medonha turba, e chega, e inspira
Receio, e susto a hum Povo socegado,
E lhe faz crer que he barbaro inimigo
Quem do mar vem cortado, e busca abrigo.

68.

Se á pestilente Moçambique chega
Cançado o Luso de tão longa via,
Asylo a terra barbara lhe nega,
Cilada encontra, encontra aleivosia:
Se pelo mar incognito navega,
Mui perto vai das mãos da morte impia;
Quanto mais animosa a empreza arrostra,
Mais odio, mais rancor Satan lhe mostra.

69.

Mas do Eterno Motor he sempre attenta
Paternal Providencia vigilante,
A hum leve aceno a rigida tormenta
Dissipa, ou prende em laços de diamante;
Suspende a Terra a concussão violenta,
E o bravo Mar depõe furia espumante;
As azas cerra o vento, e á Natureza
Conhece a eterna mão que os Mundos péza.

70.

Hião rompendo o mar, quando a serena
Doce luz da manhã doirava os montes,
Quando a Aurora desmaia, e ó Sol acena
Bater a redea aos fulgidos Ethontes;
Eis que hum Gageiro da elevada antenna,
Lançando a vista aos claros horisontes,
Clama que ao longe terra dilatada
Se lhe antolhava de vergeis ornada.

71.

Desde que a Armada o Téjo saudoso
Tinha, as vélas largando, abandonado;
Tão soberbo painel, grande, e formoso
Nunca fora dos nautas esperado!
Não longe do Equador pelo arenoso
Ethyópico sitio hum rematado
Transumpto vêm de Lysia; alma belleza
Em tudo espalha a fertil Natureza.

72.

Já vão perto da terra, entre os copados,
Frescos palmares, e Jardins viçosos,
Vem soberbos Palacios levantados,
E, quaes na Europa, muros alterosos:
D'estranhas scenas taes como espantados
Cortão com todo o pano os espumosos
Rolos do turvo mar, e quando aproão
A'barra, os ares c'os canhões atroão.

73.

Eis sahem do porto as curvas Almadias,
De cabaias finissimas toldadas;
Dividindo a compasso as ondas frias,
Vem buscando sem susto as náos paradas:
Não são de pelles pretas, e sombrias,
Quaes vistas já nas regiões passadas,
As gentes que alli vem: suspensas ficão;
E pela lingua Arabiga se explicão.

74.

Com pacifica senha o forte Gama,
Do destrissimo Interprete mostrada,
A não barbara gente a bordo chama,
Que não mui longe está da forte Armada:
Apenas vio cessar sulfurea flamma,
Contente sobe ás náos já não turvada;
Contempla absorta a peregrina gente,
Qual nunca vira alli surgir do Oriente.

75.

Era Melinde; á terra foi mandado
Cunha, depois alli victorioso;
Assim com fausto agoiro ordena o Fado
Tudo o que exalça o feito portentoso:
Em triunfo da turba era levado,
E assim penetra alcaçar magestoso;
Ao Rei, que espera em tapizada sala;
Com despejo, e repouso, elle assim falla:

76.

O Conductor da Lusitana gente,
Que ha longo tempo dividindo os mares;
Os climas busca do apartado Oriente,
Onde tem Côrte o Rei dos Malabares;
Mandado d'hum Monarca alto, e potente
Primeiro a ver os Melindanos lares,
Em vosso porto vos demanda abrigo,
E se á paz dais valor, vos acha amigo.

77.

Contente o Rei seus braços estendia
Ao Nauta Portuguez que assim fallava;
De prazer doces lagrimas vertia,
Tranquilla paz no rosto lhe assomava:
Prestes seu proprio filho ao Gama envia,
E o Joven satisfeito as náos buscava;
O Rei, sem que lho vede ultima idade,
Por ver de perto as náos deixa a Cidade.

78.

Desce logo aos batéis prudente o Gama,
Nelles aguarda o Principe excellente;
De hum lado, e d'outro com prazer exclama
Do Téjo o morador, da Lybia a gente:
O accezo bronze subito rebrama,
No ar s'expande o fumo, e a chamma ardente;
Repercute-se o som nos áltos montes,
Cinzenta nuvem tolda os horizontes.

79.

Digno quadro da ingenua humanidade!
O Gama, e o Regio Moço se abraçarão:
Da singela, sympathica amizade,
As espontaneas chammas s'exhalárão:
Só vozes da innocencia, e da verdade
D'ambas as bocas subito soarão;
Tanta candura o barbaro apresenta,
Que hir ver a Terra amiga o Gama intenta.

80.

Aos Regios Paços a ligeira Fama
Penetrou pressurosa, annunciando
A fausta vinda do esforçado Gama,
Que vinha as ondas tremulas cortando:
De alegres vivas todo o ar rebrama;
Vem correndo de povo immenso bando;
Transido o velho Rei de amor sobejo,
Quer receber na praia o Heroe do Téjo.

81.

Entre os braços o acolhe; ambos sentados,
O Gama seu poder, seu fausto ostenta;
Os Mouros, que conduz ao ferro atados,
Ao Rei (gostosa dadiva) apresenta:
Mas do ferreo arcabuz, lanças, terçados
Mais se apraz o Monarca, e se contenta;
Tudo em silencio fica, tudo attende,
Tudo em circulo immenso ao Gama impende.

82.

Rompe o silencio o circunspecto Gama,
Com voz segura, e face magestosa:
Grão Monarca, lhe diz, teu nome, e fama,
Não se encerra na Libya erma, estuosa;
Chega onde raia a matutina chamma,
Chega onde surge a noite tenebrosa;
E se em teu Reino celebrado o vejo,
O ouví primeiro no ceruleo Téjo.

83.

Se tu prézas acaso a fama, a gloria,
Que vão após os feitos sublimados,
E contra quem, nem vida transitoria
Tem poder, nem os seculos pezados;
E que ao sublime Alcaçar da Memoria
Vão, nas azas do Tempo, a ser gravados;
Verás, Senhor, que nesta acção se encerra
Quanto grande até aquí tem visto a Terra.

84.

Talvez não veja mais, e isto me obriga
Impávido a deixar meu patrio ninho,
Dando as vélas ao vento, e á sempre inimiga
Furia de ignoto mar n'hum fragil pinho:
Manda-me a Patria, e basta, que prosiga
D'arduas virtudes ingreme caminho:
Serve d'escudo a Patria a hum peito forte,
Com elle se defende, e afronta a morte.

85.

Da mais Occidental, e extrema praia,
Onde termina a Europa bellicosa,
E bate o mar d'Atlante, onde desmaia
Do Sol no occaso a tócha luminosa;
Entre os Reis o maior mandou, que em faia
Curva viesse d'Africa arenosa
Buscando em roda Antartico hemisferio,
Té surgir do Indostão no immenso Imperio.

86.

Levados a sabor da instavel sorte,
Os Campos do Oceano ao Sul cortamos;
Da vista se nos foi brilhante o Norte,
Quando áquem do Equador nos engolfamos:
Nem hum passo sem ver o aspecto á morte,
Pelas ceruleas ondas avançamos;
Vimos o Inferno conjurado em guerra,
Vimos sustos no mar, traições na terra.

87.

Do Tufão supportando a furia immensa,
Que traz no escuro seio a tempestade,
Que em subito negrume, em nevoa densa,
Dos Ceos azues nos rouba a claridade:
Ora climas passando, onde a doença
Abre a porta espantosa á eternidade;
Ora soffrendo o Mar turvo, e revolto,
E longo tempo o Polo em sombra envolto.

88.

Chegamos a dobrar o austral limite,
Que poz a Natureza á Libya ardente,
Onde, Senhor do Imperio d'Anfitrite,
Ergue padrões o Luso armi-potente:
Não basta á Patria que est'exemplo imite,
As portas devo abrir do accezo Oriente,
E deixando vencido o mar profundo,
Os confins reçuar do antigo Mundo.

89.

Em Mombaça senti de atroz in'migo
Astuto engano, barbara cilada;
Fiz que sentisse aspérrimo castigo,
Provando o fio á Lusitana espada:
De hum naufragio em certissimo perigo
Errou sem tino a fluctuante Armada;
Mas, contrastando hum mar tempestuoso,
Vim no teu Reino abrigo achar ditoso.

90.

Se esta nunca de Heroes tentada empreza,
Que a especie humana deixa ennobrecida,
Merece estima da Real grandeza,
Qual eu descubro em tí nobre, e subida;
Teu Sceptro unindo á força Portugueza,
Terás a fronte de laureis cingida,
Quando a derrota trabalhosa finde
C'o prompto auxilio da Real Melinde.

91.

Manda, se o tens, Piloto, que cortado
Já tenha do Indostão ceruleos mares,
Que o rumo vá marcando em vão buscado,
Que as náos conduza aos ricos Malavares:
Assim teu nome deixarás gravado
D'alto Templo da Gloria nos altares,
Em perpetuo commercio, e paz sincera
Ç'o Monarca serás que ao Téjo impéra.

92.

Calou-se magestoso; e o Rei que ouvia
Os discursos do illustre Aventureiro,
E, mais que humana, a inclyta ousadia
Com que quasi gyrára o Globo inteiro:
A alta fama da Lusa Monarquia,
(Lhe torna o Rei singelo, e verdadeiro)
Os seus triunfos, seus troféos, ignotos
Não são da Libya aos angulos remotos.

93.

Nesta Corte, Senhor, foi recebido
Hum Barão como vós no aspeito, e trage,
Desde esse Reino occidental trazido,
Por longes terras, e aspera viage:
Do Luso Throno, ao Mundo tão temido,
Por muitas vezes me pintava a image;
Em meu peito excitou desejo ardente
De ver ao perto, e conhecer tal gente.

94.

Hoje que amiga, e próvida ventura
Vos trouxe ao Reino meu, firme alliança
O Melindano Rei vos assegura,
Em paz sincera, ingenua confiança:
Em vossa dextra armi-potente a jura,
E nunca o tempo lhe trará mudança;
Nada meu Sceptro, meu poder recusa,
Piloto vos darei, que as náos conduza.

95.

Agora hum pouco do trabalho insano
Vós deveis repousar, antes que a praia
Demandeis do Indostão pelo Oceano,
De tão longo caminho ultima raia:
E pois começa o Sol do soberano
Assento a se esconder, e a luz desmaia,
Vamos n'huma tranquilla ingenua meza
Dar c'o sustento força á Natureza.

96.

Disse, e o Gama conduz pelos dourados
Soberbos Paços aos Jardins frondosos,
De cristalinas fontes rociados
Entre os fios dos E'banos umbrosos,
A'quelle clima fervido só dados,
Entre outros lenhos mil mais preciosos:
O Luso a pompa dos Jardins admira,
Quaes os teve Babel, ou vio Palmyra.

97.

De todo o Sol nos mares do Occidente
Tinha escondido a face luminosa
Quando o Monarca, e Lusitana gente
Entrado havião pela estancia umbrosa:
E, debaixo d'hum cedro alto, e frondente,
Preparada s'erguia a sumptuosa,
Regia meza de opíparos manjares,
Que recendião nos serenos ares,

98.

Sobre molles cochins nos esmaltados
Tapetes de mil flores se assentárão,
Os Lusos Argonautas fatigados
Do sempre incerto mar com quem lutárão:
Em preciosos calices dourados
Das altas Palmas o licor libárão,
Que alli suppria os pampanos virentes,
Que Bromio nega ás regiões ardentes.

99.

Desde que as sombras lugubres cahirão
De cima das montanhas, e que a Terra
Em negro manto s'envolveo, fulgirão
Os fanaes com que a tréva se desterra:
Luminosos faróes se repartirão
Pelo ameno vergel, que em torno cerra
Alta sebe de alegres Cynamomos,
De flor cobertos, que lhe suppre os pomos.

100.

Desde o Téjo até alli tão grata scena
Jámais aos Lusos se mostrára hum dia,
A estiva noite tepida, e serena,
De mil astros bordado o manto abria:
De luzes rodeada a selva amena,
Quasi a diurna alampada suppria;
E ás verdes folhas brando movimento
Dava no ar equilibrado a vento.

FIM DO SETIMO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO VIII.

1.

Já' das soberbas mezas removião
Attentos Pagens panos preciosos,
Com fasto, e pompa Oriental ardião
De toda a parte sandalos cheirosos:
Pelo esmaltado leito inda jazião
Os Lusitanos Nautas valorosos;
Quando, volvendo o rosto ao forte Gama,
De Melinde o Monarca assim lhe exclama:

2.

Feliz Navegador, que tens domado
A furia do Oceano embravecida,
A quem parece que se humilhe o Fado,
E a cujos passos vai Fortuna unida:
Pois tem Lusa Nação tão forte brado
Feito soar, por armas tão temida,
Que enche co'a fama de seu nome a Terra,
Se a paz concede, ou se fulmina em guerra:

3.

Antes que ao solto vento o leve pano
Desfiras outra vez na azul estrada,
E vás seguro achar pelo Oceano
Do accezo Oriente a terra desejada;
Se em memoria a retens, do Lusitano
Reino me conta a origem sublimada,
As façanhas dos Reis da illustre Gente,
Que assoberba dest'arte o Mar fremente.

4.

Suspenso e mudo o Capitão famoso
Vastas idéas n'alma revolvia;
Dubio hum pouco parece, e em magestoso
Accento, finalmente, assim dizia:
Do grande Reino o quadro portentoso,
Estrangeiro pincel traçar devia,
Descrever seus brazões a estranhos toca;
Que he suspeito o louvor na propria boca.

5.

Mas sabe, ó Rei, que em clima afortunado,
Onde jámais a Primavera cessa,
E o, que ao Norte he balisa ao Sol doirado,
Do Cancro accezo Circulo atravessa;
No mais occidental, e extremo lado,
Onde a Europa termina, e o Mar começa,
Jaz, sem muita extensão, do Luso a terra;
Mas grande sempre em paz, grande na guerra.

6.

Patria, e berço de Heroes, que a já prostrada
Roma sempre temeo, Roma que hum dia,
Sobre as ruinas das Nações sentada,
Imperio universal se promettia:
Negra traição, dos fortes detestada,
Da Lusa terra os penetraes lhe abria;
Com ferreas Leis, e com grilhões a doma;
E o jugo arrastra da soberba Roma.

7.

Da potencia Romana o duro Imperio,
Que o grão sceptro empunhou de ferro, ou d'ouro,
Que as Aguias fez voar pelo hemisferio,
Do Araxe ao Reino occidental do Mouro;
Sente o que dera aos povos vituperio,
D'escravo, e tambem vil, sente o desdouro;
Desfez-se em cinzas o fatal colosso,
E entrega a hum jugo barbaro o pescoço.

14.

Era Henrique seu nome, e vai co'a espada
D'huma em outra victoria ávante abrindo
Para seu Throno independente a estrada;
A'lém do Douro os Arabes seguindo.
Affonso he filho seu; da conquistada
Terra com forte exercito sahindo,
Sobre as ruinas da Agarena gente
Funda (inda existe) Imperio armi-potente.

15.

Qual em Zara o Leão, que o gado assóla,
Batendo a longa cauda, e espessa juba,
Os Touros ferocissimos dególa,
E só d'hum golpe intrepido os derruba:
Dest'arte o Mauro arnez, e o elmo abóla
Invencivel Affonso, e ao som da tuba,
Por onde quer que vai, leva a victoria,
Cesar iguala, e Scipião na gloria.

16.

De louros forma Imperial corôa,
Victorioso proseguindo a guerra,
Sitia, escala, assalta, entra Lisboa,
Que hoje he Corte, e ha de ser brazão da Terra!
Por onde a fama de seu nome sôa,
Os Agarenos Campiões aterra;
E onde quer que em peleja enrista a lança,
Novos triunfos immortaes alcança.

17.

Do Luso Throno o fundador á morte
Cede, e se murchão no sepulcro os louros;
Mas deixa o Solio independente, e forte
Na firme base d'armas, e thesouros:
Sancho igual no valor, e igual na sorte,
Como o Pai combateo, combate os Mouros;
Quando a primeira vez a espada estrêa,
Do Téjo inunda em sangue a argentea arêa.

18.

Mui cedo o fecha o tumulo, e transmitte
O valor a seu Filho ás armas dado;
E porque Affonso o Genitor imite,
Os terminos dilata ao Reino herdado:
Quer que o Real exemplo o Povo excite,
Na dextra a lança tem, na esquerda o arado;
Que em base hum Rei mui firme se assegura,
Se ennobrecer proficua agricultura.

19.

Outro Sancho reinou, que cede ao pezo
Do Sceptro então temido, e bellicoso,
Nas cadêas d'amor se arrastra prezo,
Jugo suave, jugo indecoroso:
Deo Amor á discordia o facho aceso,
Eis em tumulto o Reino venturoso;
Sómente a furia das facções sócega,
Quando ao Terceiro Affonso o Sceptro entrega.

20.

Mal as redeas sustem, sanguinea espada
Forte embebe no peito á Maura gente,
O Algarve doma, terra afortunada,
Mãi de Heroes a quem cede o mar fremente:
Teve aqui fonte a idéa sublimada
De buscar no Oceano o accezo Oriente,
Onde Real espirito profundo
O Téjo ao Mundo deo, e ao Téjo o Mundo.

21.

O Sceptro deixa a hum Filho afortunado,
Que Diniz se chamou, e a Lusa terra
Hum sabio vio no Throno, e hum pai sentado,
Que a sombra da ignorancia emfim desterra:
Ao bem dos povos seus, e á gloria dado,
Ama as artes da paz, e ama as da guerra:
Templos consagra a Deos, reforça os muros
Contra as falanges do Invasor seguros.

22.

Leões gérão Leões, e as Aguias gérão
Outras, que o vôo alçando ao Sol luzente,
Co'a vista os raios férvidos tolérão,
E além do Imperio vão do raio ardente:
Taes de esforçados Reis filhos nascerão,
Quasi sempre, no Téjo armi-potente;
Tal do grande Diniz vem bravo, e forte,
Rival Affonso do feroz Mavorte.

23.

Qual dentro em seio ignívomo d'hum monte
Se expande, e rarefaz sulfurea chamma,
Que da afumada boca no horizonte,
Rompendo em fumo, em lava se derrama:
Tal, ind'antes que ao Solio se remonte,
Conter guerreiro fogo em que se inflamma
Mal pôde Affonso, e pela Lusa terra
Derrama incendios de discordia, e guerra.

24.

Mas apenas do Reino as redeas tóma,
Na frente d'esquadrões, de ferro armado,
Da Libya as hostes orgulhosas dóma,
Com sangue engrossa as ondas do Salado:
Modesto vencedor, qual não vio Roma
No que enramava de Laureis o arado,
Do inimigo não quer, que talha, e fende,
Mais que as bandeiras que no altar suspende.

25.

Morre da Palma militar cingido,
Hum Filho ao Throno de seus Pais deixando;
Que em severa justiça foi temido,
Foi austero nas Leis, no afecto brando:
Este foi Pedro; hum Idolo querido
Lhe foi roubado, por destino infando!
Terrivel scena, e miseranda he esta,
Nem mais cruel a Historia a manifesta!

26.

Amava Pedro a Iguez, crua fereza
Contra a mesquinha huns monstros alardêão;
Cobrio de luto o rosto a Natureza,
E onde foi morta os campos a pranteão:
Para a vingança da infeliz belleza
Nas mesmas mãos de Pedro o raio atêão:
Elle lembrado foi da injuria antiga,
E dos Tigres no sangue a dor mitiga.

27.

He victima a infeliz da morte irada,
E trocou-se-lhe o Solio em Sepultura;
Cobre os despojos lapida pezada,
Entre elles vive amor, vive a ternura:
He já cinza, e por Pedro alevantada
No throno Soberana o Povo a jura;
Prova de amor por certo unica, ou rara,
Ama hum Cadaver, que já vivo amara.

28.

Eis succede Fernando ao rigoroso
Pai, sentindo como elle amor tyranno,
Que armado vem d'hum rosto tão formoso,
Que delle fica escravo hum Soberano:
Quando expira, vacilla duvidoso
O Sceptro, que herdar quiz Monarca Hispano;
Novo Cesar surgio; co'a invicta espada
Franquea ao throno gloriosa estrada.

29.

O forte Heróe do campo Marathonio,
Que o Persiano exercito retalha;
O susto d'Asia, o raio Macedonio,
Que as campinas d'Arbella em sangue coalha;
Esse que em Accio ao desditoso Antonio
Disputa o Mundo n'huma só batalha;
Tão dignos não serão de nome, e gloria,
Quantos dera ao Rei Luso huma victoria.

30.

Cobrem-se em torno os campos dilatados
De falanges armigeras, valentes;
Hispanos esquadrões marchão formados
De multi-formes Povos differentes:
Deixão, passando, os montes aplainados;
Secão, bebendo, as rapidas torrentes;
E já theatro, e victima da guerra,
Era opprimida a Lusitana terra.

31.

Deo signal pavoroso a Marcia tuba,
João, na dextra sopesando a lança,
Qual sanhudo Leão que erriça a juba,
Por entre os fortes esquadrões avança:
Qual raio accezo cáe, fere, e derruba,
Eternos louros na victoria alcança:
Co'a fama de seu nome o Mundo atrôa,
A Patria he livre, e cinge-lhe a corôa.

32.

Os ganhados confins transpoz primeiro,
Deixa Lysia segura, e sulca os mares,
O habitador de Abylla derradeiro
Acoça, humilha nos paternos lares:
Elle n'Africa adusta ao verdadeiro
Culto do Ente Immmortal levanta altares;
Ceuta, conquista gloriosa he sua,
Que tanto assusta de Bysancio a Lua.

33.

Nunca depois dos Campiões Romanos,
Gente, da Europa bellicosa, armada,
Ergueo padrões nos campos Tingitanos,
Ou teve a Libya ao jugo avassallada:
Alli sómente os fortes Lusitanos,
Gente ás emprezas immortaes fadada,
Das Mauras lanças sempre vencedora,
Em praças muitas seus pendões arvóra.

34.

Deixa o Heroe successor, que alta sciencia
Até no meio das conquistas ama;
He Duarte seu nome; a Sapiencia
Em seu amor celestial o inflamma:
Prezando sempre a Nautica excellencia,
Busca, de Libya nas conquistas, fama,
Em quanto nas campinas de Ampelusa,
Vai seu filho exaltando a gente Lusa.

35.

He este o Quinto Affonso; os altos muros
Entra d'Arzila em férvida batalha,
E os Bastiões de Tangere seguros
De sangue Ismaelita inunda, e coalha:
Sobre os jaspes Numídicos mais puros
Alli triunfador seu nome entalha;
Alli se diz Getúlico, Africano,
Qual deo Carthago o nome a Heroe Romano.

36.

Outro João reinou, diz-se o segundo,
E a frente acima dos Heroes levanta,
Cujo nome immortal ind' hoje ao Mundo
Imaginosa Poesia canta:
Descobrimentos pelo Mar profundo
Fez com tanto valor, com força tanta,
Que áquem do Cabo, já passado agora,
Seus estandartes triunfaes arvóra.

37.

Elle o primeiro Rei que este horroroso
Promontorio passou com lenho ovante,
Elle o primeiro Rei que o mar undoso
Vio sugeito a seu sceptro alto e triunfante:
Elle da Aurora o berço luminoso
Hia quasi a tocar; não quiz que ávante
Na empreza fosse a deshumana morte,
Quasi em flor corta a vida a Heroe tão forte.

38.

Reina agora Manoel, que o santo, e justo
Deos ao throno chamou da Lusa terra;
Nem Julio foi mais forte, ou sabio Augusto,
Ou Alexandre mais feliz na guerra:
Enche co'as armas a Africa de susto,
E só c'os brados de seu nome a aterra;
Este bem digno de mandar só era,
Se a Europa hum throno só, e hum Rei quizéra.

39.

Este vem coroar os começados
Empenhos de seus pais, e os procellosos
Mares manda cortar nos encurvados
Lenhos que vês soberbos, e alterosos:
Trago comigo Heroes, que os Lusos Fados
Vem conduzindo aos Reinos poderosos,
Onde desponta a Aurora, e o Sol envia
Primeiro raio matutino ao dia.

40.

He tão grande o poder do Sceptro d'ouro
Que sustenta Manoel na Lusa terra,
Que não sómente o teme adusto Mouro;
Mas na Europa dispensa a paz, e a guerra:
Busca n'Asia colher mais nobre hum Louro,
E intenta a porta abrir que o mar lhe cerra;
Entre immortaes trofeos, com que s'exalta,
Só este á gloria de seu nome falta.

41.

Só porque isto intentou lhe são devidos
Mais que aos Titos, aos Cesares, e Augustos,
Que virão Povos a seus pés vencidos,
Os arcos triunfaes, de bronze os bustos:
Não vem da Morte exercitos seguidos,
A seu mando lançar grilhões injustos
Ao livre Povo: manda a liberdade,
A paz sincera, a candida amizade.

42.

Vive do Povo generoso amado
De tal arte este Rei, que o peito forte,
Qual rompente Leão fero, indomado,
Expõe, porque elle o manda, á horrenda morte:
Porque elle o quiz, no pélago empolado
Sem pavor vou tentando a instavel sorte:
Entre os negros tufões do vento solto
Nunca do Sol ao berço as costas volto.

43.

Vê magnanimo Principe, se amada
Merece ser por ti tão nobre gente;
Hes Rei, conheces que a Fortuna irada
Vem afrontando por seu Rei contente:
E se te apraz a fama dilatada
Ver de teu nome em climas do Occidente,
Terás dos Lusos o Monarca amigo,
Se a empreza ajudas que no mar prosigo.

44.

Disse o forte Argonauta, e transportado
O Melindano Velho lhe lançava
Ao collo os braços, de prazer banhado,
Que doce pranto aos olhos lhe mandava:
Oh muitas vezes bemaventurado,
Lhe diz com voz que a espaços se truncava,
O momento em que alegre, e absorto vejo
No Imperio de Melinde o Heroe do Téjo.

45.

Felices cans, e idade venturosa,
Eu me aproximo ao tumulo contente,
Não se me antolha a sombra luctuosa
Depois que abraço a Lusitana gente!
Vós, astros que descobre a noite umbrosa,
Vós, que a gloria cantais do Omnipotente,
Desse, d'onde luzís, sidéreo assento,
Ouvi, firmai meu santo juramento.

46.

Quanto s'estende o Imperio Melindano,
Que a meu Sceptro obedece, e Leis respeita,
Ao grão poder do Solio Lusitano,
Armas, thesouros, quanto tem, sugeita:
Em primeiro penhor do soberano
Constante laço d'amizade estreita,
Hum Piloto tereis sabio, e prudente,
Que as náos conduza em rumo do Oriente.

47.

Pois vai no meio da carreira escura
A noite em carro d'ébano sentada,
E na abobada azul, brilhante, e pura
Já corre obliqua a Lua prateada:
Do somno no regaço, e na doçura,
Restaurador da vida trabalhada,
Podeis ir repousar, Varão prestante,
Té que a chamar-vos torne o Sol radiante.

48.

Ouve-se a voz de applauso, e de alegria,
Quando, do Rei contente acompanhado,
O forte Gama dos vergeis sahia
Em demanda das náos no mar salgado:
Por lei que a empreza insolita regia,
Ficar na terra estranha lhe he vedado,
Antes que a Armada undívaga co'a prôa
As praias não tocar da plaga Eôa.

49.

Aos baixeis s'encaminha, a lynfa fria
Dos compassados remos he cortada,
Dos espelhados mares reflectia
A froxa luz da Lua prateada:
O ar em torno todo se cobria
D'huma nuvem de fumo, que exhalada
Era dos bronzes, e os trovões ruidósos
Se repetem no montes cavernosos.

50.

Dos aureos berços do purpureo Oriente
Inda dubia a manhã seu rosto alçava,
Já nos zambucos de Melinde a gente
A ver os Lusos Campiões vogava:
O Rei buscando o Capitão valente
Em dourada almadia á não chegava,
Onde a Real Bandeira solta ao vento,
Fluctua, e varre o tumido elemento.

51.

Subia o Rei, dos seus acompanhado,
Com pompa nobre, e porte magestoso,
Contempla a grande não como espantado,
Tactea, observa o bronze estrepitoso:
Robusto Velho traz comsigo ao lado
D'olhar severo, aspecto cauteloso;
He Moalem, que prático conhece
O vasto mar que no Indostão fenece.

52.

Dos annos já curvado a penteada
Barba em ondas no peito lhe descia,
Na cabeça huma gorra foteada
De nação Guzarate o descobria:
A liquida carreira dilatada
Do mar não visto de Europeo sabia;
Da pratica ensinado, e engenho agudo,
Astrónomo subtil d'Arabe estudo.

53.

Despede-se o Monarca; e em quanto o vento
Espera favoravel do Occidente,
Erguer mandava o Gama hum monnmento
Sobre huma rocha aos mares imminente:
Padrão do Luso nautico ardimento,
Que nos futuros seculos á gente
Descubra, e mostre em permanente historia
Mudo pregão da Lusitana gloria.

54.

Marmorea alta columna se levanta;
(Inda existe o sinal victorioso,
Inda em Melinde está, e alli supplanta
Formidavel poder do Tempo iroso:)
Tal, nem Musa Latina, ou Grega canta,
E tal em si não vio Tibre orgulhoso,
Quando ao Nilo roubada ergue a Trajano
A eterna prova do poder Romano.

55.

Mas já soprava por monção tendente
O suspirado vento, que enerespando
O campo azul do pélago fervente,
Bate nos mastros socegado, e brando:
Já rebomba o canhão, e a Lusa gente
Vai das vergas as vélas desfraldando;
C'o ferreo pezo o cabrestante geme,
Alemquer cede ao Guzarate o leme.

56.

Ao pavoroso som da artilheria
Do Nauta afoito o grito se mistura,
O fumo em negro rôlo ao ar subia,
Ao sol tapando a luz brilhante, e pura:
Da reconcava agreste penedia,
Se repercute o écco, o mar murmura;
Incha as vélas o vento, a chusma exulta,
E fica a terra no Horisonte occulta.

57.

Manda o Piloto Arabio, e no Oriente
Experto punha a pôa recurvada;
A agoa rompida da Européa Gente
Espumava em cachões, como afrontada:
Fez-lhe hum aceno o Ser Omnipotente,
Foi continua planicie a azul estrada,
Nem mais o vento ao resonante pego
Ousou turbar o natural socego.

58.

Erão vinte e dois Soes por fim passados
Depois que os Nautas Lusitanos fendem
Mares da Europa nunca devassados,
Que desde a Libya ao Malabar s'estendem:
De Moalem, que os ares dilatados
Sempre especula, os argonautas pendem,
Que visto só na incognita vareda,
Nunca do rumo do Indostão se arreda.

59.

Dos Astros, e dos Soes a magestosa
Scena á noite tranquilla os veos corria;
Pela campina liquida, espumosa
Derramava (não triste) a sombra fria:
A dura chusma insomme, e cuidadosa
Pela alta prôa válida vigia,
E repousando o Capitão valente;
Tregoas hum pouco faz co' a lide ingente.

60.

Mas eis que pura, e repentina chamma
A grão distancia os ares lhe esclarece,
Que tantos raios fulgidos derrama,
Que apontando do berço o Sol parece:
E do centro da luz, que arde, e s'inflamma,
Ao transportado Gama se offerece
Do Grande Henrique a Imagem, que baixava
Desde o sidereo throno, e assim bradava:

61.

Venho (Henrique lhe diz), ó Lusitano,
Do Motor Sempiterno a ti mandado,
Hoje que á méta do poder humano
Tens, por gloria da Patria, em fim chegado:
E da Fama no alcaçar soberano
Teu busto em bronze sempiterno alçado,
Este o dia que mostra á Europa absorta
A hum quinto, e mór Imperio aberta a porta.

62.

Quando apontar dos thalamos o dia
Verás do Gate a cima levantada,
Do Malabar a rica Monarquia,
Pela extensa marinha dilatada:
Onde ha de ser a torpe Idolatria
Prestes em Culto Divinal mudada;
Marcado instante pelo Rei celeste,
Desde a origem dos seculos, he este.

63.

De ignoradas Nações a fortaleza,
E os Reis dos mares nunca navegados,
Ao rude estado, e barbara fereza,
(A Providencia o quer) serão tirados:
E da nódoa que avilta a Natureza
Nas agoas salutiferas lavados;
E no altar onde o erro hoje se adora,
Tu mesmo inda o verás, a Cruz s'arvora.

64.

Começão de brotar frondosos louros,
Que hão de cingir co' a rama verdejante
Heroes (que a Terra assombrarão) vindouros,
Que o Téjo á India enviará triunfante:
Egypcios, Persas, Arabes, e Mouros,
Terão pizado o barbaro turbante,
E em Bysancio do Bosforo o Tyranno
Treme aos écoes do nome Lusitano.

65.

Em base eterna s'ergue, e se levanta
Desd'este instante n'Asia a Lusa gloria,
Que ha de offuscar com maravilhas quanta
Fama conservão os Heroes na Historia:
Toda aqui s'esvaéce, ou se quebranta
A de Alexandre triunfal memoria;
E Aguia de Roma, que assombrára a Terra,
De tanta luz á vista, as azas cerra.

66.

Aureos, risonhos seculos se avanção,
E as mãos de eterna, santa Providencia
Rios de nectar pela Terra lanção,
Que enchem Lysia de gloria, e de opulencia:
Seus filhos, seus Heroes no Hydaspe alcanção
Trofeos d'immensa militar potencia;
Qual Sol, que em todo o Globo a luz accende,
Tal Lysia em todo o Globo o Sceptro estende.

67.

Eia, surge; pois rompe a luz serena,
Que a Aurora traz de perolas toucada,
Verás os montes assombrando a amena
De Calecut palmifera enceada:
Manda as vélas tomar na liza antenna;
Que ao termo chegas da penosa estrada;
O Ceo te deo dos mares a victoria,
E tu darás sómente a Deos a gloria.

O vio da parte Oriental dourado:
Da Aurora era hum listão; todo o elemento,
Que a Terra cerca, he placido, e espelhado:
Prestes nos rôxos, limpos horisontes,
Descobre ao longe levantados montes.

69.

Sobre a tólda o Piloto diligente
Descortinando andava os livres ares,
Eis subito bradou ledo, e contente:
Vejo de perto os Indianos lares!
Alvoroçada a Lusitana Gente,
Subito ao bordo acóde, e os vitreos mares
Vio que já perto as ondas enrolavão,
E sobre a area mansos se quebravão.

70.

Eis que do seio do Oceano ondeante
(Assim se mostra aos Nautas) a inflammada

71.

Neste momento desde o centro escuro
Firmes bases da Terra se abalárão,
E o laço eterno, de diamante duro,
Vivas chammas centraes despedaçárão:
Sobre o nutante Gate, e mal seguro,
As levantadas rochas estalárão;
Desde o seio Erithrêo da China aos mares
Tremem Pagodes, Idolos, e Altares.

72.

Continuo lume, que em tributo paga
Com rito impuro o torpe Mahométa,
Sem vento, ou sópro, subito se apaga
Ante o sepulcro do falaz Profêta:
Subito o mar, correndo, o mar alaga
Na grão Melispar a fadada méta;
Momento a tantos seculos marcado
Em que d'Asia se mude aspecto, e Fado.

73.

Eis prodigio maior; no dilatado
Dos Ceos espaço Oriental fulgura
Repentino hum clarão; nelle gravado
Era o sinal d'eterna, alma ventura:
Qual Constantino o vio no campo armado,
Que a grão victoria, e throno lhe assegura,
Tal aos olhos dos Lusos se offerece;
Immobil brilha, immobil resplandece.

74.

Encurvando o joelho o invicto Gama,
Para os Ceos humilhado as mãos levanta:
O' Creador do Mundo, (assim exclama)
Sejais bemdito em maravilha tanta!
Vossa dextra immortal mil bens derrama,
Ella vence o perigo, o mal supplanta;
Vós o mostrais, he vossa est'ardua empreza,
Entre as Nações he vossa a Portugueza.

75.

Seguio-se á vóz o pranto: eis branca arêa
Da extensa costa proxima se via,
De possantes baixeis coalhada, e chêa,
Vasta abrigada, concava bahia:
As largas vélas subito marêa
O Nauta Guzarate, e a lynfa fria
Cortando, ao som do bronze estrepitoso,
Lança o pezado ferro ao pego undoso,

FIM DO OITAVO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO IX.

1.

PENDENTE já das ancoras a Armada,
Os montes abalou co'a artilheria,
Por entre a luz sulfurea, entre a cerrada,
Fumosa nuvem, que os baixeis cobria,
A maritima chusma, alvoroçada,
A nautica celeuma aos Ceos erguia;
Do espanto, e susto arrebatado o povo
Concorre ao quadro desusado, e novo.

2.

As peregrinas náos considerando,
Quaes não vira até alli nos patrios lares,
Acode á curva praia immenso bando
Dos sumptuosos, ricos Malabares;
Co'as mãos o ouvido tímido tapando,
Se a sulfurea explosão rasgava os ares;
Como attonito fica, e fica absorto
Em grão distancia do tranquillo porto.

3.

Nunca n'hum debil lenho a escura gente
Vira a luz, que o relampago imitava,
Recúa espavorida ouvindo o ingente,
Medonho som que os montes abalava:
O Capitão magnanimo, e prudente,
A' terra o nauta Moalem mandava,
Que ao mixto povo extatico assegura,
Que era hum signal de paz sincera, e pura.

4.

Hum ligeiro escaler logo he lançado
Da grande náo nas ondas transparentes,
De robustos mancebos esquipado,
Rompe a compasso as cérulas correntes:
Toca nas praias humidas, cercado
Subito foi das assombradas gentes,
Que atraz, de susto, hum pouco se retirão,
Quando Europêos em ferro envoltos virão.

5.

O velho Guzarate acena, e brada
A' circumfusa turba, que fugia;
Que aguardasse sem susto a alli chegada
Gente que só commercio, e paz trazia;
Que inda que em aço e ferro a veja armada,
Não vem trazer á India a guerra impia:
Com taes vozes então, menos medrosa,
A'vidos olhos volve á praia undosa.

6.

Eis d'entre o povo hum só, que se arreava
D'alto turbante, e trajos Mauritanos,
E no encurvado alfange, que terçava,
Filho se diz dos campos Tingitanos:
Mais do que os outros enleado estava,
Vendo de perto os nautas Lusitanos;
Como convulso, e attonito, levanta
A voz, de assombro preza na garganta.

7.

O' Gente, ó Gente invicta, a quem Natura
Não longe pôz d'Orão, meu patrio ninho!
Que inopinado acaso, ou que aventura
Do Globo em torno vos abrio caminho?
Não temestes eterna sepultura,
Tanto mar afrontando em fragil pinho?
Agora vejo com terror profundo,
Que ao valor Portuguez he pouco o Mundo!

Premeo Bysancio da victoria ao brado.
Quando de Ceuta os muros arrazastes,
Foi pouco a vosso Imperio o mar salgado:
E se ha terra onde esconde o Sol seu rosto,
Espero as Quinas no hemisferio opposto!

9.

Socéga hum tanto, e conta, que trazido
Fôra da Patria alli pelo arenoso
Estreito de Suez ao suspendido
De seu Profeta tumulo famoso:
Que era acceito ao Monarca, e seu valido,
Entre os illustres Naires poderoso;
Que inda que o ferro Portuguez provára,
Nas façanhas d' Orão tal gente amára.

10.

Então pedio que subito o levassem
Da empreza ao Conductor, que longe estava;
Que lhes diria quanto desejassem

11.

Nos ligeiros Catures vão distantes
Após o Mouro os Indios perturbados;
Baços de carnes, feios de semblantes,
Trajando roupas d'algodões listados:
Pasmão das altas náos; dos fulminantes
Canhões, se os tocão, fogem de assustados;
No entanto o Ismaelita se adianta,
E ante o Gama chegando, a voz levanta.

12.

Patente a todos foi quanto dizia,
Porque claro fallava a lingua Hispana;
Prazer mui grande, vívida alegria
Ouvir tal lingua além da Taprobana!
Prudente o Gama acautelado envia
Paulo c'o Mouro á Corte Soberana;
Deo-se-lhe hum rico alfange, e n'hum momento
As ondas cortão do ceruleo argento.

13.

Saltão na praia; subito cercados
Forão de espessa multidão tamanha,
Que os Lusos nautas vão como espantados,
E a custo rompem pela gente estranha:
São dos Naires ao Paço emfim levados,
Té onde o Povo absorto os acompanha;
Entrão dos vastos porticos a guarda,
E nada em vellos o Monarca tarda.

14.

Mancebo era o Monarca, e lhe cingia
Toda a frente hum subtil sendal precioso;
Oriental, brilhante pedraria,
Lhe enche a veste que cobre o Corpo airoso:
D'hum bracelete o braço se atavia
Onde a luz brilha d'hum rubim radioso;
Do Reino hum Grande, que da esquerda estava,
A folha ardente a mastigar lhe daya.

15.

Longas álas de Naires se observavão,
Tinhão na cinta o criz, na dextra a lança,
Dos hombros nus o escudo penduravão,
A frente nua, Oriental usança:
A' camilha do Rei se aproximavão
O Portuguez, e o Mouro ao chão se lança
Este, e a dextra inclinado ao peito aplica,
E a mensagem do Luso assim lhe explica:

16.

Vós, Grão Monarca, que excedeis em gloria
Quantos reinar tem visto Indiana terra,
Vós que ao lado levais preza a Victoria,
Se os altos feitos cometeis da guerra:
Que accrescentais os tymbres á memoria
De Perimal, que o Paraizo encerra,
A quem Bramá, Senhor do assento etherio,
Grande tem feito, e singular no Imperio.

17.

Sabei, Senhor, que o Principe potente
Da mais forte Nação que os campos ara
Da bellicosa Europa, que a luzente
Sol, quando morre no Oceano, aclara;
Ouvio de vossa fama o brado ingente,
Que só do Globo nos limites pára:
Com mais que humano esforço abrindo os mares,
Amigo busca o Rei dos Malabares.

18.

Com ancia, com prazer vem procurando
Vossa alliança aquelle Lusitano,
Que, espantosos perigos afrontando,
Se fez Senhor do tumido Oceano:
Das tormentas o solio atraz deixando,
O limite excedeo do esforço humano;
Passando d'outro ao Indico hemisferio,
Alliado vem ser do vosso Imperio.

19.

Não vem dos inimigos combatido
Buscar soccorros no longiquo Oriente,
Nunca nos trames marciaes vencido
Foi do Ibéro Leão bravo, e rompente;
Feroz Leão de horrisono rugido,
Que nos lançou da Iberia armi-potente;
Ora que aos golpes da fulminea espada,
Se faz Senhor do Betis, e Granada.

Assim caino na Inglatina terra:
Nas muralhas de Ceuta o levantado
Pendão de Lysia toda a Libya aterra;
Tangere, Arzila, Orão d'hum golpe abate;
E quasi ás portas de Marrocos báte.

21.

Busca tanto poder vossa amizade,
E o grande Capitão, que o mar vencêra,
O vento insano, a negra tempestade,
Para fallar-vos vosso aceno espéra:
Julga suprema lei vossa vontade,
Este o mandado que seu Rei lhe déra;
E quer com plena, ingenua confiança
Lançar a base á solida alliança.

22.

Disse o Mouro fiel; e o Soberano
Ao Luso mensageiro os braços dava;
Julga mais que mortal quem do Oceano

23.

Vai demandando a fluctuante Armada
O ledo Ismaelita, e já da fria
Noite se hia espargir sombra pezada,
Já d'estrellas bordado o véo se abria:
Repousa, e dorme a turba fatigada,
E o Gama sem repouso aguarda o dia,
Em que ostentando a gloria Portugueza,
Vá concluir maravilhosa empreza.

24.

Já começava de assomar a Aurora
D'onde o Ganges revolve a lynfa impura,
Zefiro, amante da Indiana Flora,
Seus assopros balsamicos apura:
O Sol brilhante do Horizonte fóra
Se antecipa a romper, arde, e fulgura:
O Gama as armas formidaveis veste....
O' sorte d'Asia, teu momento he este!

25.

Tiveste já fataes conquistadores;
Huns sahem de Macedonia, outros do Egypto:
Estenderão do Tibre os vencedores
Em ti do Imperio o circulo infinito:
Mais fortes vais sentir dominadores,
D'outras victorias ouvirás o grito;
Com quanto sangue, e lagrimas eu vejo
Alçar-se o throno que te vem do Téjo!

26.

Sobre o batido arnez se cinge a espada,
Que novo Sceptro lavrará no Oriente;
Pezado murrião, ferrea cellada,
Com brancas plumas, lhe assombrava a frente:
(Nella a c'roa naval será firmada,
Assombro, inveja da vindoura gente:)
A forte cinta a banda lhe guarnece,
Que em aureas franjas fluctuando desce.

27.

Entra assim no batel, que acobertado
Hia de seda, e recamados pannos,
E vão do Heroe victorioso ao lado
Em nobre assento os Nautas Lusitanos:
Voga a chusma c'o remo, e está coalhado
Todo o mar dos Catures Indianos;
E em quanto o bronze horrisono dispára,
Geme o baixel roçando, e e em terra vára.

28.

Firma o Gama seus pés na ardente arêa
(Cego acaso não foi, mas soberano
Eterno aceno!) a Terra balancêa,
Sem vento s'entumece o vasto Oceano:
De nuvens n'hum momento o ar se arrêa;
Terriveis vozes de profundo arcano,
Com que patente fez Motor Divino
D'Asia a queda fatal, d'Asia o destino.

29.

Sente vastos Imperios abalados;
Que entregão aos grilhões pulsos trementes;
Torres voando ao ar, muros entrados,
D'Albuquerque nas mãos raios ardentes:
E vê boiando corpos destroncados
De sangue humano em tépidas enchentes;
E o quadro vendo deste horror profundo,
Suspira a Natureza, e dóe-se o Mundo.

30.

Com pompa Oriental aguarda o Gama
Illustre Catual, que o Rei lhe envia,
Ao novo objecto, que apregoa a Fama,
Turba dos Indios subito acodia:
Na attonita Cidade se derrama
De assombro huma torrente, e d'alegria;
E o sentimento do pavor lhe excita
Das náos o bronze, que os trovões imita.

31.

A Pandarane o Gama he conduzido,
Lugar delicioso, onde habitava
O Grande Rei n'hum Paço guarnecido
De umbrifero vergel, que o Sol vedava:
Era alli denso o ar, repercutido
Delle o calor a terra então queimava;
Mas he doce o vapor, nelle respira
Estranho aroma Zefiro, que gyra.

(Qual o Nilo inda ve,) s'ergue a inchada:
Entrava o Gama, a vista na escultura
Das portas lhe ficou como enleáda,
Vendo em douto lavor, que alli não falta
Quanto a Grecia encaréce, e Roma exalta.

33.

O Macedonio Heroe se lhe apresenta,
Que as hostes rompe do infeliz Dario,
Que seu Imperio violento augmenta,
Pondo á Persia, e Cambaia hum jugo impio:
C'o braço levantado os seus alenta,
A proseguir no injusto Senhorio;
Como apertado nos confins da Terra,
Anhela Mundos a que leve a guerra.

34.

Em fogoso Ginete ajaezado
Hum Varão d'outro todo apparecia,
Romano o gesto: n'hum pendão dourado

35.

Bem como Cesar, que com braço injusto
Dera á Romana liberdade a morte,
Que vendo d'Alexandre o excelso busto,
Té lhe invejou com lagrimas a sorte:
Tocado d'outro estimulo mais justo,
Fica suspenso o Gama invicto, e forte;
E sem conter da gloria émula chamma,
Alevantando o braço, aos seus exclama:

36.

Illustres socios meus nest'ardua empreza;
Vede té onde as armas penetrárão
Da Argiva, e da Romana alta grandeza;
Quasi onde estamos nós, tambem chegárão:
De seu valor, de sua fortaleza,
Aqui memoria os seculos guardárão;
Nós vencemos o mar, e elles a terra,
O mesmo termo, ou circulo nos cerra.

37.

Isto a hum Luso inda he pouco... A turba ingente
Dos recatados Brâmenes chegava:
Nada mais disse o Capitão valente,
Que entre as ondas do povo o Paço entrava:
Chega onde o Samorim sobre eminente
Throno, assombrado d'hum docel, estava;
Turva-se hum tanto, observa com respeito,
As armas, e o Varão d'estranho aspeito.

38.

A virtude, (este diz,) mais que a corôa
Que te adereça a magestosa frente,
Grande Monarca, e poderoso, sôa
No Luso Imperio, e climas do Occidente:
Meu Rei me manda, que descubra a Eôa
Terra, onde tens teu throno alto, e potente;
Oppoz-se tudo, a Natureza, os mares;
Tudo venci, descubro os Malabáres.

39.

Soltei no Téjo a véla ao vago vento,
Dos mares vim cortando a immensa estrada,
E vezes mil no tumido elemento
Eu tive quasi submergida a Armada:
D'hum Anjo, vindo do celeste assento,
Foi contra as Furias infernaes guardada;
Pois nesta illustre, portentosa empreza,
Maior parte tem Deos que a Natureza.

40.

Grande se fez o Imperio Lusitano
Por feitos d'armas altos, e subidos;
E agora estende o sceptro soberano
Nos mares todos, quasi submettidos:
Nem buscamos corôa, ou premio humano
Debaixo destes Ceos desconhecidos;
He nosso intento dilatar sem guerra
A Lei que hum Deos annunciára á Terra.

41.

D'hum Rei somos Vassalos, que aprecia
Mais esta Lei que a Terra avassallada;
Quer sómente exaltalla, e nos envia
Correr do Mar a perigosa estrada:
Esta verdade eterna te annuncia
A carta, que aqui vês co' a mão firmada
Do mesmo Rei. — O Samorim, contente,
Das mãos a toma ao Capitão valente.

42.

Pelos vastos salões, pelos dourados
Tectos s'escuta alegre murmurio,
Ficão co'a Lusa voz como espantados,
Cheios de assombro, Idólatra, e Gentio:
Cresce surdo rumor, como em copados
Cedros produz gyrando o vento frio,
Té que o Rei diz, que conhecer dezeja
Lei que aos homens do Ceo mandada seja.

43.

Sim, lhe tornava o Gama: he Lei gravada
Por sabia mão d'hum Deos Omnipotente;
Entre sombras primeiro aos homens dada,
No seio posta de escolhida gente:
Por Elle mesmo ao Mundo publicada
De luz, e graça em perennal enchente;
Quando, volvendo os seculos a roda,
A quiz fazer ouvir na Terra toda.

Na essencia sua, pelago reunio:
"Começa;" (disse ao Tempo) a obscuridade
Se rompe, e o Mundo he subito creado;
A voz lhe escuta o Nada, e lhe obedece,
E quanto existe subito apparece.

45.

Rompem do escuro abysmo os Ceos, e a Terra,
E sahe do abysmo o Mar tempestuoso,
Fecha nas ondas turbidas, e encerra
O terreo Globo informe, e pavoroso;
Divino sopro a confusão desterra,
A hum lado foge o pélago espumoso,
Seca a Terra apparece, e nella he tudo
Informe, e rude, e solitario, e mudo.

46.

Neste infinito vão medonho, escuro,
Em que o Mundo no berço era envolvido,
Em combate incessante, em choque duro,

47.

Deste immenso clarão se forma o dia,
Nelle ha doce manhã, tarde saudosa;
Dos astros a materia inda sombria
Recebe a luz na abobada espaçosa:
Pelo incognito espaço se volvia
Do aberrante Cometa a pavorosa
Frente, infausta ao mortal. No Ceo profundo
He cada estrella hum centro, e a roda hum Mundo.

48.

Então se arquêa o vasto Firmamento,
Qual crystalina cúpula brilhante;
Deos co'a voz immortal n'hum só momento
Separa as agoas do Oceano ondeante:
Deo-lhe, (incognito arcano!) em cima assento!
Nellas se ensopa a nuvem fluctuante;
Nas que ficárão circundando a Terra,
Da fonte, e rios o principio encerra.

49.

Novo decreto do Immortal s'escuta
Depois que as aguas limpidas separa,
Quando de todo a pavorosa luta
Dos elementos discordantes pára.
A Terra então se mostra, árida, enchuta;
E, no espaço que nella o Mar deixára,
Sobre o immenso nivél nos horizontes,
Surgem sombrios, pedregosos montes.

50.

Do Eterno a dextra, variando as scenas,
O terreo Globo d'arvores povôa,
E pelas folhas vívidas, e amenas,
Primeiro sopro dos Favonios vôa:
Vastas campinas ferteis, e serenas
Com seu sopro vivífico abençoa;
O campo se alegrou, e os prados rirão,
De esmalte verde todos se cobrirão.

51.

Nesta infancia do Mundo a Primavera,
Em rosea nuvem desde o Ceo baixando,
Com perfumados hálitos modéra
O terreno vapor: Zefyro brando
As azas bate pela immensa esfera,
Recem-nascidas plantas orvalhando;
Desabrocha-se a Rosa, e o ar serena,
N'agoa se espelha a candida Açucena.

52.

Vem mais feliz instante, as luminosas
Constelações no Firmamento ondeão,
Do vasto espaço em solidões pasmosas
Os Turbilhões dos Mundos s'encadeão:
Do Planetar systema as numerosas
Massas de luz nas órbitas vagueão,
Bórdão nocturnos véos, descem, remontão,
E as variantes Estações apontão,

53.

Disse ao Sol, "apparece!" A frente envolta
Traz n'huma nuvem d'escarlata, e d'ouro;
Das brilhantes prizões emerge, e solta
D'huma luz inexhausta almo thesouro:
Rompe a serena Lua, e a Terra escolta,
E volve o disco variante, e louro;
Na incerta face, e na carreira sua,
Ind' he mysterio indecifrado a Lua.

54.

Mais nobres seres no seguinte instante
Produz voz immortal; eis he cortado
O circumfuso Mar pelo nadante,
De immensos peixes esquadrão cerrado:
Vai na frente arrojando alta, espumante
Columna d'agoa Leviathan pezado,
E por morada se lhe assigna o Pólo,
Onde em throno de gêlo impera Eólo.

55.

Maravilha maior, maior portento
Então manifestou seguido instante;
Sahe do seio do liquido elemento
Das Aves todo o exercito volante:
O instincto escuta, e rapido, qual vento,
Atravessando o fluido ondeante,
Campinas, montes, arvores povôa,
E grato ao Creador canções entôa.

56.

A muda escuridão da noite umbrosa
Quando segunda vez do ether separa
Do Sol brilhante a face luminosa,
Ou seu gyro segundo a Terra aclara;
Diz-se que a voz do Rouxinol saudosa
Universal silencio quebrantára
Pela primeira vez; d'assombro preza,
Quasi que pára a ouvillo a Natureza.

57.

Eis hum novo prodigio, eis maravilha
Inda maior da Eterna Potestade;
Apparece na Terra, a Terra trilha
D'hum novo Ser a infinda variedade;
Os brutos animaes: assoma, e brilha,
Nelles a luz da immensa magestade;
De Autómatos se he número infinito,
Nelles que existe hum Deos se escuta o grito.

58.

De membros collossaes vasto Elefante
A todos sobrepuja, a tudo excede;
Entre os brutos pacifico gigante,
Nenhum bruto com elle as forças mede:
Eis o Leão magnanimo, arrogante,
Fogo dos olhos, e pavor despede;
Brame, atroa o deserto em Zára, e Barca,
Entre as feras he Despota, ou Monarca.

59.

Vence os mais na carreira accelerada
O generoso, férvido Ginete,
Parece que lhe apraz gloria ganhada,
Que ao vencedor no campo se promette:
Esvoaça-lhe a clina ao vento dada,
Se as falanges contrarias arremete;
Lanção-lhe, a boca espuma, os olhos fogo,
Se a trombeta o convida ao marcio jogo.

60.

Mas inda falta Augusto Soberano,
Cujo alto Imperio seja a Natureza;
Inda falta na Terra hum Ser humano,
E nelle a imagem da immortal belleza:
Hum Ser que a fronte na existencia o damno,
Que ao corpo traz do tempo a ligeireza;
Hum Ser que o Eterno Artifice conheça,
Que a voz lhe escute, humilde lhe obedeça.

61.

O Sempiterno Author, nas mãos tomando
De terra huma porção, fórma o prestante
Simulacro mortal, que o venerando
Rosto levanta ao Pólo scintilante:
Abertos olhos para os Ceos voltando,
Com sopro divinal vivificante,
Faz que a terrena maquina se anime,
E n'alma hum germen immortal lhe imprima.

62.

Mortal, lhe diz o Eterno, a teu Imperio
Sugeito fica o Mar, sugeita a Terra,
E quantos seres duplice hemisferio
No vasto seio productor encerra:
Teu Solio he só menor que o Solio etherio;
De ti depende a paz, depende a guerra
Das soberbas paixões; ponho em tu' alma
Serena paz, equilibrada calma.

63.

Então lhe arquitetou Palacio augusto,
De tal Monarca digno; a hum deleitoso
Jardim leva o Mortal tranquillo, e justo,
De seu corpo lhe fórma hum pár formoso:
De amor gozando, e do prazer sem susto
Existe o Rei da Creação ditoso;
Seguindo a luz de original justiça,
Impera dentro em si, dóma a cubiça.

64.

He producção de hum Deos Omnipotente
Toda a prestante maquina do Mundo,
A Terra productora, o Ceo luzente,
E o circumfuso Pélago profundo:
Quanto invisivel he, quanto he presente,
Teve o ser de seu halito fecundo;
Elle he centro d'hum circulo infinito,
Centro immutavel, centro incircunscrito.

65.

Nem sempiterno o Mundo, ou produzido
Foi pelo acaso, que n'hum vacuo eterno
Os vagabundos átomos unido
Tinha sem leis de Arquitector supremo:
Nem pela vasta maquina espargido
Tem por causa, ou principio hum fogo interno;
Creou Deos no principio os Ceos, e a Terra,
Eis verdade, que hypotheses deixara.

66.

D'hum Deos foi producção, e imagem sua
O primeiro Mortal, sempre constante
Na propria especie a si se perpetua,
E he deste Globo augusto dominante:
Pouco esteve do crime a Terra nua,
Ergueo a mão sacrilega, arrogante,
E audaz descarregando o golpe extremo,
Quiz ser igual ao Creador Supremo.

67.

Ferreas portas de Abysmo abre o Peccado,
Sahe dos eternos carceres a Morte,
A Natureza he sua, e traz ao lado
Dos males todos a fatal cohorte:
O Rei da Creação sente o pezado
Jugo de escravo vil, muda-lhe a Sorte
Em nunca enxutas lagrimas o riso;
Fugio-lhe a paz, fechou-se o Paraizo.

68.

Brandindo hum Anjo fulminante espada,
Com rosto irado fere, e temeroso
Do fadado Jardim defende a entrada
Ao primeiro Mortal pecaminoso:
Junto da esposa mal aventurada
Eis vai fugindo trémulo, e medroso,
Dentro dos bosques lugubres s'encerra,
Pede o pão com trabalho á indocil terra.

69.

Rompem-lhe ardentes lagrimas dos olhos,
Suor na terra sem cessar derrama,
Ella lhe torna ríspidos abrólhos,
E desfecha-lhe o Ceo trisulca chamma:
Té alli tranquillo, o Mar pelos escólhos
A vez primeira turbido rebrama;
Oscila o Globo espavorido, e logo
Abrem-se os montes, e rebenta o fogo.

70.

Perdeo risonho aspecto a Natureza,
E nos astros, no Sol, claro, e brilhante,
Diminuida a luz, pousou tristeza,
Foi todo o espaço azul menos radiante;
Fugio dos campos, dos vergeis belleza,
He mais turva a Cecem, menos fragrante;
Na grão scena do Mundo escuro, e triste
O Mortal a si mesmo ignoto existe.

71.

A humana especie multiplica e cresce,
E o mesquinho mortal desatinado,
Duro, e soberbo á lei desobedece,
Firma, e dilata o Reino do peccado:
Dos Ceos o raio da vingança desce,
Do crime universal desafiado,
Encontra apenas o Motor Augusto,
Entre tantos sacrilegos hum Justo.

72.

Quasi lhe pêza de ter feito o Mundo;
Huma pancada deo no Firmamento,
O sobrolho abaixou torvo, iracundo,
E as bases fez tremer do ethereo assento:
"Aos homens darei fim!"... Grito iracundo!
Cumprio-se logo o eterno juramento;
Para ministros da eternal vingança,
A mão que os Mundos péza aos raios lança.

73.

Não finda a especie humana; alta, e segura
Noé fabrica huma arca fluctuante;
Deos rasga aos mares a garganta escura,
De nuvens tolda a abobada, brilhante:
Fique, diz, alagada a Terra impura,
Nem tenha margens o Oceano ondeante;
As fontes abrirei do Abysmo fundo,
No antigo Caos se sepulte o Mundo.

74.

Santa familia se recolhe em tanto
No concavo baixel prodigioso,
Eis noite repentina estende o manto,
Universal trovão sôa espantoso:
Dos homens todos com profundo espanto
Se ouve o ronco do mar tempestuoso;
Vendo bramir no campo ondas estranhas
Fogem, tremendo, ás ingremes montanhas.

75.

Cresce, e se enrola o mar entumecido,
Rasga o raio continuo os turvos ares,
Vôa o negro tufão desconhecido,
Qualquer regato he rio, os rios mares:
Aboião já no pégo embravecido
De gélidos cadáveres milhares;
He tudo confusão, e he tudo estrago,
Tudo perece no infinito lago.

76.

Nos altos montes, rochas escarpadas,
Onde nunca jámais nuvens subirão,
Das espumosas vagas assaltadas,
No interminavel pélago cahirão;
Do Globo todo as bases reforçadas,
C' os vingativos golpes se aluirão;
Deo nos Pólos a Terra horrendo estalo,
Inda mostra inclinada antigo antigo abalo.

77.

O lenho guardador da especie humana
Pelo Oceano universal fluctúa;
Assobérba do vento a furia insana,
E a guerra dos tufões medonha, e crúa:
Omnipotencia eterna, e soberana
Nem assim mesmo esquece a imagem sua;
Em quanto vinga justiceira o crime,
Do naufragio infinito a especie exime.

78.

Bradou do assento sempiterno: Basta!...,
O Mar lhe escuta a voz, e espavorido
Já das montanhas ingremes se afasta,
Fica nos ares o tufão detido:
Em tanto o lenho os vórtices contrasta,
Corre, fluctua, e tóca no subido,
Alto monte Ararat, e alli descança
Do triste Mundo naufrago a esperança.

79.

Os rochedos do Caucaso escalvados
Começão de surgir, e as nuvens vôão
Menos densas nos ares dilatados,
E os ares menos os tufões atrôão:
Do immenso Tauro, e Gate levantados
De todo as agoas túmidas escôão;
Hum vento abrazador sopra, e recrece,
E o Mar o termo original conhece.

80.

A Terra appareceo triste, e mudada
Da superficie a regular figura;
De secundarios montes povoada,
Já não conserva antiga formosura:
Do ar a massa immensa, e dilatada
Já não he tão diafana, e tão pura;
Ilhas surgem nos liquidos espaços,
Que são do Globo, que estalou, pedaços.

81.

Sinal da paz nos ares apparece
Arqueado listão, que encerra as côres,
Nos rarefeitos ares resplandece,
Suspensos mostra os raios vingadores:
O diluvio de luz s'augmenta, e crece
Té que sem sombra o Sol dardeja ardores;
E da parte que o Mar por fim deixára,
O novo Pai do Mundo os campos âra.

82.

Pela benção de hum Deos multiplicados
Forão logo os mortaes, nações surgirão;
Cá dentro d'Asia Imperios dilatados,
Com magestade, e com poder subirão:
Na Europa, e Libya povos sublimados
A renovada Terra emfim cubrirão,
Que a Deos roubarão, com profano insulto,
Da Natureza o primitivo culto.

83.

Nos conselhos está da Omnipotencia
Desde a origem dos seculos firmado,
Reproduzir o Imperio da Innocencia,
Sobre os trofeos da Morte, e do Peccado:
Reguladora mão da Providencia
Tem das nações hum Povo separado,
Entre o qual, homem feito, hum Deos Eterno
Vença a Morte cruel, desarme o Inferno.

84.

Do turvo Nilo na fervente arêa
Esta Nação prodigiosa crece,
De antigo pai, nascido na Caldêa,
Por tradição constante hum Deos conhece:
Mésse de Justos sazonada, e chêa,
Alli se multiplica, alli florece;
E, co' a esperança que no peito encerra,
Vai soffrendo os grilhões na estranha terra.

85.

Aos Ceos envia lugubres gemidos,
Que envoltos vão no pranto fervoroso,
Forão no Solio do Immortal ouvidos,
E o Povo arranca ao jugo vergonhoso:
Entre prodigios nunca repetidos
As margens deixa emfim do Nilo undoso;
Seus grilhões afrontosos despedaça,
De escravo vil a soberano passa.

86.

Deos a seu povo o Conductor prepara,
E, para obrar insolitos portentos,
Dá-lhe huma quasi omnipotente vara,
Que imperio tem nos mesmos elementos:
A huma pancada sua, a Terra pára,
Accende os raios, encadêa os ventos;
Se ao Sol a volve, fica o Sol exangue,
Se toca o Nilo, se converte em sangue.

87.

Mas nega o duro, incredulo Tyranno
Ao portentoso Povo a liberdade,
Ouve o decreto do Immortal, e insano
Lhe oppõe a pertinacia, oppõe maldade:
Só quando indocil sente o extremo damno
Dos filhos seus na vasta mortandade,
Como esmagado do celeste braço,
Blasfemo, e a seu pezar, desata o laço.

88.

Mas de novo obstinado inda resiste,
Inda suspende o eterno mandamento;
O Egypto he solidão medonha, e triste,
E o Nilo s'estagnou sem movimento:
O contumaz incredulo persiste,
E contra os justos Ceos mostra ardimento;
Quasi no abysmo, os raios não recêa;
De novo engrossa a barbara cadêa.

89.

De seu Solio a Moysés o Eterno clama,
(Lançando ao raio a mão) : "Corre apressado,
Vôa, em torrentes o pavor derrama
No coração do Déspota obstinado :
Desde o cahos profundo as sombras chama,
Que o claro disco ao Sol deixem toldado,
E seja a sombra de continua noite
Do obstinado mortal sevéro açoite."

90.

As mãos apalpão sombra taciturna,
Não surge, não se vê no Egypto o dia,
Brilha ao resto do Mundo a luz diurna,
Mas quanto o Nilo alaga he sombra fria :
Dentre as trevas então da eterna furna
A dura Morte horrifica sahia,
Nas mãos a foice traz, que o Mundo assolla,
Hum só golpe vibrou, milhões dególa.

91.

Dos Egypcios cadáveres coalhado,
Mostra o Nilo espectaculo tristonho,
E o Tyranno secrilego aterrado
Cede ao flagello horrifico, e medonho :
Sobre o throno Real o espectro alçado
Da fria Morte se lhe mostra em sonho ;
Então brada a Moysés : "Teu Povo leva,
Suspende a espada truculenta, e seva."

92.

Ao som da tuba, que rebomba, immenso
Moysés ajunta exercito potente;
Já piza de Ramesse o campo extenso,
E, qual marchára hum Deos, lhe vai na frente:
O Egypto em tanto attonito, e suspenso,
Do flagello mortal mil golpes sente;
E os escravos Hebreos, té alli de rojo,
Da terra in'miga exultão c'o despojo.

93.

Formão-se em grosso batalhão cerrado,
Que faz, marchando, vacillar a terra,
Buscão da Persia o mar aparcellado,
Onde o golfo Erithreo s'estreita, e encerra:
Inda o Tyranno perfido, indignado,
Declara ao Povo libertado a guerra;
Eis ordena, e conduz falange infesta,
Vingar a injuria da Nação protesta.

94.

Deos em tanto do Povo os passos guia,
Ou venha a noite lùgubre, e pezada,
Ou no roxo horisonte assome o dia,
Elle lhe manda assignalar a estrada:
Se accezo Sol flammigero rompia,
O ar toldava a nuvem condensada;
Se abria os negros véos a noite, he logo
A mesma nuvem transformada em fogo.

95.

Hia a Nação já proxima ás ribeiras
Do pélago Erithreo tumultuante,
Eis volta a vista, e tremulas bandeiras,
Vê do Egypcio esquadrão que marcha óvante:
O mar lhe oppunha as humidas barreiras,
E tem na espalda o exercito arrogante;
Dos lados todos se offerece a morte,
E mais que o captiveiro a infausta sorte.

96.

"Que teme o Povo? (o Sempiterno brada
Desde os Ceos a Moysés) meu braço armado
Póde nas ondas franquear-lhe a estrada;
Se o mar me escuta ficará parado."
Toda a planicie liquida rasgada
Eis se transforma em muro levantado;
D'hum cabo, e d'outro aberta onda Erithrêa
Mostra no fundo a rubicunda arêa.

97.

Desce hum Anjo do assento ethereo, e puro
Leva as nuvens diante, e o revoltoso
Egypcio envolve de vapor escuro
N'hum condensado véo caliginoso:
Vaguea em densa treva o Povo impuro,
Tudo o que vio foi noite, e o luminoso
Clarão celeste todo o Povo abarca,
E o trilho ignoto, e milagroso marca.

98.

Pizando o leito ao mar Moysés erguia
Com mão segura a vara portentosa;
Daqui, dalli suspenso o mar sentia
Do Ser Eterno a voz imperiosa;
E, contra as leis universaes, subia
Pelo estranhado espaço onda espumosa;
Da solta vaga os impetos recêa
O Povo, e pára na espraiada arêa.

99.

Ousado Campião primeiro avança,
Sem temer d'agua a liquida muralha,
Nas mãos alçada leva a ferrea lança,
O Ginete arremeça, e o campo talha:
Na multidão tão subita mudança
Do moço o esforço fez, que o leito coalha
Do fugitivo mar; com seca planta
Passa, e n'Arabia seus pendões levanta.

100.

Apenas Faraó co'a vista abrange
Que o Povo a riba oriental ganhava,
E que á frente da bellica falange
De fogo huma columna o ar rasgava:
Ergue orgulhoso o recurvado alfange,
E aos seus dest'arte impavido bradava:
Esta a luz ha de ser que marque a estrada;
Segui comigo a turba rebellada.

101.

Eis pela vasta, liquida abertura
Já começão d'entrar carros falcados,
Marcha o potente exercito, e procura,
Colher na opposta marge' os libertados:
Mas repentina o cobre a sombra escura,
Correm do mar os vortices parados,
Pela Divina mão: no abysmo fundo
O Egypto fica, e se lhe esconde o Mundo.

102.

Da parte opposta o grito da victoria
Pelos alegres esquadrões resôa,
Deste prodigio insolito a memoria
De boca em boca pelos povos vôa:
Ao supremo Senhor de eterna gloria
Moysés, Vate primeiro, hymnos entôa;
A tal milagre, e maravilha tanta,
Em versos immortaes padrões levanta.

103.

Das ondas vencedor, entre espantosos
Ermos da ardente Arabia o Povo avança;
Alpestres montes, secos, pedregosos,
He tudo quanto ao longe a vista alcança:
Nos estuantes campos arenosos
Já de marchar o exercito se cança;
Assiduo Sol a prumo abraza, e fére,
Sem que a nuvem volante o ardor modére.

104.

Acha-se apenas salitrosa, impura
Lynfa, dos mesmos animaes deixada;
A indocil turba contra os Ceos murmura,
Das promessas d'hum Deos já não lembrada:
Tóca Moysés co'a vara a penha dura;
Como sensivel á fatal pancada,
A agua rompendo burbulhante, e fria
A sede ao Povo attonito sacia.

105.

Nos quentes areaes falha o sustento,
Todo o vigor nos corpos se consome,
E prematuro, triste monumento,
Abre em tão tristes solidões a fome:
Olha afflicto Moysés ao Firmamento,
Com pranto invoca do Senhor o nome;
Deos a voz lhe escutou, Deos se enternéce;
Manda, e dos ares o sustento déce.

106.

Dos Ceos sem nuvens o Mannà se espalha
Dos arraiaes em torno ao campo extenso,
Como d'orvalho nitido se coalha,
Manjar celeste, saboroso, immenso:
A' despiedada morte o passo atalha;
Reproduz o favor, nunca suspenso,
D'hum Deos compadecido a mão Divina,
Té se avistar a fertil Palestina.

107.

Eis o soberbo Amalecita armado
Em numeroso exercito corria;
Ataca o Povo inerme, e fatigado,
E já de sangue a espada se tingia:
Ao campo sobranceiro em levantado
Cabeço as mãos aos Ceos Moysés erguia;
Em quanto hum Deos á piedade excita,
He derrotado o torpe Amalecita.

108.

Da Maquina do Mundo o Author Seperno
Ao Povo quer dar Lei santa, e divina,
Visivel alliança, e pacto externo,
Que desde a Terra aos Ceos a estrada ensina:
Desce elle mesmo do seu Throno eterno;
As esferas suspende, os Ceos inclina;
Sobre espantosas nuvens s'encaminha,
Ant'elle a Morte aterradora vinha.

109.

Celeste voz com magestade chama
Por seu nome a Moysés; eis n'hum momento
Nas cavidades do Sinai rebrama
Trovão que atrôa o vasto Firmamento:
Incessante fulgura a etherea flamma,
Oscilla a Terra, e ruge o Mar violento;
E a forte voz da estrepitosa tuba
O Povo, de pavor, no chão derruba.

110.

Abafa a nevoa o limpido horisonte,
(Profunda escuridão, triste, espantosa !)
Rompe do cume do convulso monte,
Como em diluvio, a chamma luminosa :
Espavorido o Sol retira a fronte,
Suspende o Mar em torno onda espumosa ;
Moysés sómente pelas nuvens entra,
Na sombra augusta todo se concentra.

111.

De roda o Povo está como assombrado,
Ouvindo as vozes do trovão ruidoso,
He todo o monte em sombras sepultado,
Qual he do Eterno o Throno magestoso:
Da voz Divina, se lhe escuta o brádo
Profundo, augusto, santo, e pavoroso,
A Nação toda espavorida sente,
Inda que ignoto á vista, hum Deos presente.

112.

Alli de jaspe em laminas escrita
Moysés recebe a Lei, que hum Deos dictára ;
Com sapiencia incognita, infinita,
Tudo, em preceitos dez, manda, e declara:
Tudo o que a pura Natureza dicta,
Converge, e brilha alli com luz mais clara ;
Por elles a razão segura busca
A primitiva luz, que o crime offusca.

113.

Dez os preceitos são da Lei sagrada
Que entre dois pontos unicos s'encerrão,
Dos feios vicios a falange armada
De nós com força triunfal desterrão;
Da estrada da Virtude alta, elevada
Nunca com elles os mortaes aberrão;
De Deos no eterno amor nos encadeão,
A immensa gloria os porticos franqueão.

114.

A nevoa foge, o resplendor se occulta,
Despido o monte aos olhos apparece,
A face de Moysés com fogo avulta
Quando dos picos escarpados dece:
N'hum mar' profundo de alegria exulta
A escolhida Nação que hum Deos conhece;
D'incircuncisos sem temer a guerra,
A'vante marcha á promettida terra.

115.

A levantado monte a mão Divina
A Moysés conduzio; co'a vista alcança
Quanto s'estende a fertil Palestina,
Possessão milagrosa, eterna herança,
Que Deos ao Povo liberal destina;
Alli teve seu tumulo, e descança
Moysés o justo; o Povo inda até agora
Onde se esconda o conductor ignóra.

116.

Então, do forte exercito na frente
Para eternas victorias caminhando,
Se acclama Josué santo, e valente,
E se lhe entrega universal commando:
Da tuba marcial co'a voz sómente
Leva á Cidade in'miga estrago infando;
Aonde quer que triunfante chega,
Tudo ao fogo, á ruina, á morte entrega.

117.

Extensos campos, montes levantados,
Já nas fronteiras da fadada terra,
S'enchem de immensos esquadrões armados,
Que ao Povo triunfal declarão guerra:
Quasi infinito exercito dos lados
Todos as Hostes de Israel encerra;
Ergue o grão Josué potente braço,
A morte o segue, e lhe franquea o passo.

118.

A' victoria famosa he pouco hum dia,
E já quasi de todo o Sol luzente
Na rotante carroça ao mar descia;
E da montanha ás Hostes imminente
Sombra mais densa horisontal cahia;
Exora então dest'arte o Omnipotente:
Senhor, fazei parar nest'ardua empreza
O progressivo móto á Natureza.

119.

Novo milagre, e nova maravilha
Encheo de vivo assombro a Terra toda;
Retrocedendo o Sol fulgura, e brilha,
Pára dos tempos a incessante roda:
Ao mortal que se abate, e que se humilha
O soberano Artifice acommoda
Da vasta creação plano profundo:
Nunca hum dia maior surgio no Mundo!

120.

Eis co' a victoria Josué termina
A sanguinosa fervida batalha;
E toda em volta a barbara campina
De inimigos cadaveres se coalha:
Ao portento maior da mão divina
Padrões em bronze sempiterno entalha;
E o Sol, do feito estavel testemunha,
Seguindo o usado móto, então se punha.

121.

Assim caminha o Conductor valente
Entre immortaes laureis ao promettido
Imperio glorioso, alto, e potente,
Hoje no Mundo errante, e dividido:
Já do Jordão tocava a grossa enchente,
Subito pára o rio entumecido,
E a mão que outr'ora abrira agua Erithrêa,
Rasga do rio a cristalina vêa.

122.

Leva na frente o cofre da Alliança
Onde a sagrada lei se deposita;
Entre sublimes canticos avança
Do Povo a multidão vasta, infinita;
E com prodigios se apossou da herança
Desde a origem dos seculos prescrita;
O vasto Imperio ás Tribus se reparte,
Da Lei se arvora o inclyto estandarte.

123.

Republicano Imperio em Monarquia
Foi, c'o volver dos tempos, transformado,
Cresceo na guerra, e paz; na margem fria
Foi do Eufrates cativo, e libertado:
Entre mil dias se assignala hum dia,
Em que lhe seja hum Redemptor mandado,
Que o crime humano com seu sangue apague,
E aos pés o monstro do Peccado esmague.

124.

Este comsigo traz do Ethereo assento
Aos cativos mortaes nova alliança;
Abre as portas do eterno Firmamento
Ferreo jugo ao Peccado, e á Morte lança:
Volveo-se ao Tempo a roda, eis o momento
Por quem bradou Profetica esperança;
Ouve, ó Monarca, como hum Deos celeste
Da humana carne se circunda, e veste.

FIM DO NONO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO X.

1.

Foi mysterio antevisto entre os fumantes
Incendios do Sinai, e aos apartados,
Inda vindouros seculos distantes
Expresso foi nos extasis sagrados:
As Profeticas chammas fulgurantes,
Penetrão do futuro os véos pezados;
Co'a mente hum Vate os seculos alcança,
E o termo fixa á timida esperança.

2.

Como presente a quatro Monarquias,
Sua vindoura duração lhes marca,
E a grande scena de futuros dias,
Co'a vista perspicaz descôbre, e abarca:
Dos profundos arcanos as sombrias
Cortinas rasga ao pavido Monarca:
Tanta luz recebeo do immenso, eterno
Sacrario augusto do Senhor supremo!

3.

Ante seus olhos seculos correndo
Espantosas catástrofes declarão:
Vão os Reinos surgindo, e vão morrendo,
Todos na cinza, e no silencio párão:
Ante o sublime Vate apparecendo
Enigmas vão, que os seculos aclarão;
E desde o Empireo espirito que déce,
O que he segredo, e sombra lhe esclarece.

4.

Em soberanos extasis levado,
Dos mares vio sahir torva Leôa,
Que deixa o Mundo de pavor cortado,
Se o seu bramido horrifico resôa:
Do turvo Oronte ao Ganges dilatado
Co'as azas d'Aguia grande espaço vôa;
Tal he Nabuco, que as Nações aterra,
Se horrenda sahe de Babylonia a guerra.

5.

Do procelloso Mar rasgando o seio,
Com tres ordens de dentes defendido,
Sahe monstro informe, sanguinario, e feio,
E do Globo aos confins chega o rugido:
He este Cyro que da Persia veio,
Já de Babel arraza o muro erguido;
Firma, dilata sobre a cinza fria
De Assyrio Imperio nova Monarquia.

6.

Por toda a parte assolação derrama,
Com sangue os rios a torrente estendem,
Enche-se a Terra de seu nome, e fama,
Só com seus brados as Nações se rendem:
E quaes aos golpes da trisulca chamma
Se escachão cedros, marmores se fendem,
Taes a seus golpes timidos, convulsos,
Reinos aos ferros dão seu collo, e pulsos.

7.

Terceiro monstro sahe dos espumantes
Rolos do turvo Mar, informe, ingente,
Muito mais fero que os que vira d'antes,
Tem d'hum velóz leopardo o corpo, a frente,
Em quatro se divide, e ventilantes
Azas desprego ao ar puro, e luzente;
Diante delle desfalece a Terra,
Inda o não farta quanto o Globo encerra.

8.

Este o raio fatal forjado em Péla,
Alexandre se diz, co'a altiva planta
Nações esmaga, povos atropéla,
E no Hydaspe, veloz, pendões levanta:
Em Suza, em Tyro, Babylonia, Arbella,
Em toda a Terra conquistada, espanta;
A morte atalha ao vencedor os passos,
Surgem Reinos do seu feito em pedaços.

9.

Rompe das mesmas ondas horroroso,
E mais fero animal; traz ferreos dentes,
Sobre a Terra com impeto espantoso
Vôa, e desprega as azas estridentes:
Grande, forte, terrivel, poderoso,
Tantos escravos tem, quantas as gentes:
A Terra quasi conquistada geme,
E da Besta espantosa á vista treme.

10.

Foi esta o emblema do Remano Imperio;
Toda com sangue derramado alaga
A triste face ao cognito Hemisferio,
Qual tormenta no estio a mésse estraga:
Foi das Nações afronta, e vituperio,
A quem livre cerviz co'a planta esmaga;
Aguia sangrenta aos Reis o throno empolga,
E co'a carnagem dos Monarcas folga.

11.

Assim descobre o Vate altos arcanos,
Que em seus decretos o Immortal encerra,
Té que o maior dos Principes Romanos,
Publique a paz universal á Terra:
Foi então que entre os miseros humanos
Findou do crime primitivo a guerra;
Marca, contando, os dezejados dias,
E nelles nasce o Divinal Messias.

12.

Prescripto pelos Ceos chega o momento,
Nas margens do Jordão profetizado
Dos sacros Vates no sublime accento;
Eis o grão véo dos séculos rasgado:
Inclina os Ceos, e deixa o Firmamento;
A gloria, a doce paz desce a seu lado;
De eterna luz do pelago profundo
Claro dia immortal se mostra ao Mundo.

13.

Do collo arremeçou servil cadêa
A libertada Terra, enxuga o pranto,
E do orvalho do Ceo fecunda, e chêa,
Veste da gloria, e liberdade o manto:
Foge ao Cahos a Morte horrenda, e fêa;
E a bondade de hum Deos resplende tanto,
Que a progenie de Adão soberba, in'miga,
Dos grilhões arrancou da culpa antiga.

14.

Eis o mysterio incognito, do Eterno
O Filho, a mesma, a identica substancia,
Para vencer, morrendo, a Morte, o Inferno,
Desce da immensa, e gloriosa estancia:
Do Ser mortal, e do Senhor superno
Une em seguro vinculo a distancia;
Gerado no esplendor celeste, e santo,
D'home' em materno seio assume o manto.

15.

De huma Donzella nasce: os Ceos contentes
Afugentão brilhando a sombra fria;
Rompem no espaço estrellas refulgentes,
Que a noite mudão no clarão do dia:
Cá dos Reinos da Aurora os sapientes
Vão adorar o filho de Maria;
O Ceo c'hum Astro subitaneo exulta,
E o berço vai mostrar que hum Deos occulta.

16.

Firma as bases de solida alliança
Entre os homens, e Deos Omnipotente,
Triunfos immortaes do Inferno alcança,
Quando da antiga Serpe esmaga a frente:
Do Mar co' huma palavra a furia amansa,
Que nelle a mão do Creador pre-sente:
E de graças n'hum pélago profundo,
Mostra-se aos homens Redemptor do Mundo.

17.

Dos Ceos descido, he luz, verdade, e vida;
Mil arcanos incognitos ensina,
A' penitencia o povo seu convida,
Abrindo a escola d'immortal doutrina:
Em voz nunca dos seculos ouvida,
Os mysterios expõe da Lei Divina;
A Sapiencia em ondas se derrama,
Dos miseros mortaes no amor s'inflamma.

18.

Em milagres Moysés tão longe excede,
Quanto excede a hum mortal a Divindade;
De seus prodigios a grandeza mede
Pelo poder de Eterna Magestade:
Hum divino fulgor de si despede,
Se ergue a seu rosto o véo da humanidade,
Quando entre sombras lugubres, e frias,
No Thabor descobrio, que era o Messias.

19.

A seu aceno a Morte obediente,
Seus Vassallos, e victimas entréga;
Se he convulsa da Terra a mole ingente,
Manda, e na horrenda oscilação socéga:
Se o fragil corpo enfermidade sente,
Precursora da morte infausta, e céga,
A leve sombra de seu corpo basta,
Sente o contacto, pávida se afasta.

20.

He Deos, o Arquitector por quem formada
Foi n'hum só ponto a maquina do Mundo;
A' sua voz Omnipotente o Nada
De quanto existe se tornou fecundo:
E fez brilhar na abobada azulada
Em periodo eterno o Sol jucundo,
E faz que desção da celeste esféra
O Estio, o Outono, o Inverno, a Primavéra.

21.

Em suas mãos o próvido sustento,
Se elle quer, se transforma, augmenta, e crec,
Qual no deserto o fez, d'outro alimento
As circunstantes turbas abastece:
Da morte á estancia, triste monumento,
Como Senhor Omnipotente, dece;
Da vida o sopro delle se derrama,
Da eterna escuridão Lazaro chama.

22.

Se os tristes ais, se o pranto enternecido
D' inconsolavel viuvez escuta,
De tão ferventes lagrimas movido,
Oh que prodigio insolito executa!
" Eia, suspende o lugubre gemido ",
Exclama á triste mãi, que a dor enluta
C'o sopro com que ao barro a vital aur
Dera, os vitaes espiritos restaura.

23.

O pavoroso Imperio do Peccado,
Que ferreo jugo impunha á humana gente,
De todo foi proscripto, anniquilado
Aos golpes de seu braço Omnipotente:
Embora brame Satanaz ligado
Para sempre em grilhões de fogo ardente,
Seu ferreo throno o Redemptor supplanta,
Da innocencia, e da paz trofeos levanta.

24.

Da mente humana as sombras afugenta,
Rompe com luz reconditos arcanos,
Com sapiencia próvida alimenta,
Dados ao erro, os miseros humanos:
O Fado extremo de Israel lamenta,
De perto vendo aproximar-se os annos,
Que eterna assolação, total ruina,
Devem trazer á escrava Palestina.

25.

Pasmados, diz, os seculos futuros
Verão Conquistador, que em cinza fria
Deixe estes altos, e soberbos muros,
E profane este Templo a turba impía:
Cumprio-se a pena dos Hebreos perjuros,
Longa idade de gloria acaba hum dia,
E vem, não tarda, do orgulhoso Tibre
Aguia, que traga a morte, e os raios vibre.

26.

Da Latina potencia ao miserando
Jugo os tristes Hebreos vão submettidos;
Qual he d'escravos vís mesquinho bando,
São ás Nações idolatras vendidos:
E são com golpe barbaro, e nefando
O Templo, e Altar a cinzas reduzidos;
Sempre hirão vendo os seculos futuros
Da Cidade de sangue em cinza os muros.

27.

Digno objecto de assombro! Inda proscripta
A existente Nação se vê na Terra,
Vai coberta d'opprobrio, inda infinita
Ira d'hum Deos, que he vingador, a aterra!
Dos Povos todos, onde está, maldita,
Tem na desprezo universal a guerra;
Do Sacerdocio despojada, e Templo,
He de eterna vingança eterno exemplo!

28.

Assim se mostra aos homens o Messias
De soberana luz acompanhado;
Assim, cumprindo antigas Profecias,
Reproduz da innocencia antigo estado:
Mas vem raiando os promettidos dias
Em que devem ter fim Morte, e Peccado;
Em que o tremendo, augusto sacrificio,
Torne aos homens, ao Mundo hum Deos propicio.

29.

De Deos o Filho soberano, e forte
Os fechados umbraes da Eternidade
Abre co' a mão potente, e abraça a morte,
Torna, d'escrava, livre a humanidade:
Então se muda dos mortaes a sorte,
Foge da Terra a antiga iniquidade;
Lava-se em sangue o primitivo crime,
E o Mundo inteiro dos grilhões s'exime.

30.

Qual vem da mão Sacerdotal trazido
Cordeiro ao sacro altar, manso, innocente,
Tal á morte espantosa conduzido
De Deos o Filho marcha obediente;
Vai de oprobrio coberto, e vai ferido;
Cinge-lhe infausto diadema a frente;
E qual rebelde, ou scelerado infame,
Mandão que o sangue divinal derrame.

31.

Caminha emfim ao Gólgotha, arvorado
Sobre sagrada Cruz se mostra ao Mundo;
Eis apparece pelos Ceos lançado
De repentino eclipse hum véo profundo:
Da vista foge o Sol como espantado,
Sem vento o Mar s'empóla furibundo,
Os rochedos firmissimos estalão,
Ambos os Pólos tremulos se abalão!

32.

Deo sinal consternada a Natureza,
Quando entre sombras lugubres expira
Aquelle que de pompa, e de belleza
Do Mundo o quadro universal vestira:
A Terra toda he luto, o Ceo tristeza,
Conduz hum Anjo a Morte, e diz que fira;
Chegou prompta, e ferio, e o sangue corre;
Ao peito inclina a frente, exclama... e morre!

33.

Com seu suspiro extremo o prepotente,
Ferreo Imperio cahio do escuro Inferno,
E das mãos immortaes o raio ardente,
Cumprida a Redempção, depoz o Eterno:
Já libertada exulta a humana gente,
Fecha-se a porta do medonho Averno;
Mudando a Terra de destino, e sorte,
Aberto fica o Ceo, vencida a Morte.

34.

Desce então do sepulcro ao seio escuro;
Mas vai sahir qual Deos! Todo se abala
No eixo o Globo sólido, e seguro,
Com violentas concussões estála:
Qual golpe que precede o fumo impuro,
A cinza, a chamma, que o Vesuvio exhala:
Tal a Terra soou quando reassume
Já não mortal despojo o Eterno Nume.

35.

Sahe da sombra do tumulo triunfante,
Dos divinos trofeos acompanhado;
Cerca-o dos Anjos o esquadrão brilhante,
E fecha a porta ao Tartaro abrazado:
Rojando vão nos laços de diamante
Cativos a seus pés Morte, e Peccado;
De torrentes de graça a terra inunda,
E nella hum culto sempiterno funda.

36.

Assim das trevas sepulcraes a gloria
Brilhou d'hum Deos, que debellara a Morte;
Assim se mostra esplendida a victoria,
Assim dos homens se melhora a sorte:
Do crime antigo a lugubre memoria
De todo se apagou, seu braço forte
Conduz os justos, que celeste estrada
Leva á Patria do bem, da paz morada.

37.

A hum monte sobe, as nuvens lhe obedecem,
Unidas formão throno portentoso;
D'Arcanjos mil milhões do Empyreo descem,
Do Rei da Gloria exercito formoso:
Bem como Soes, seus olhos resplandecem,
E he mais que hum Sol seu rosto luminoso;
E as Estrellas deixando em luz absortas,
Dos Ceos Monarca, lhes franquêa as portas.

38.

Erguendo o braço, os homens abençôa;
De espessas nuvens sobre hum throno alçado,
Deixando a paz á Terra, aos Astros vôa,
E á direita do Pai ficou sentado:
Seu nome em tanto pelos Povos sôa;
He desde as margens do Jordão levado
Aos terminos da Terra, e mares, onde
Parece que o Sol nasce, o Sol se esconde.

39.

Fez da conquista sua emprego a Terra,
Não conduzindo exercitos potentes;
Que autor não póde ser da infausta guerra
Quem da Culpa quebrára o jugo ás gentes:
A Lei se intima que no seio encerra
Moral celeste, ignota aos sapientes,
De cujas linguas, e fecundas pennas
Inda era então theatro a antiga Athenas.

40.

Não erão grandes, nem guerreiros erão
Os que a lei vão prégar dos Ceos mandada,
São, pequenos, e incognitos, e encherão
De luz a Terra attonita, assombrada:
Grandes sabios do Mundo emmudecerão,
Do honesto, e justo se descobre a estrada;
E a Cruz, ludibrio dos mortaes outr'ora,
Dos Reis na frente triunfal se arvora.

41.

De balde hum Monstro, Despota de Roma,
Apparece de ferro, e sangue armado,
Quando o clarão da luz no Tibre assoma,
Por homens Anjos para alli levado:
Furor que o Globo tyrannisa, e dóma,
Por mais que esforço humano he supplantado;
E os Martyres, que em sangue a terra alagão,
Da morte nascem; della se propagão.

42.

Roma de extinctos Martyres se alastra;
Tenra donzella, candida, e mimosa
Ao medonho patibulo se arrastra;
Não perde o viço no seu rosto a rosa!
De louros immortaes a frente ennastra,
Não lhe põe medo a morte pavorosa;
Nem gemidos, nem ais lhe exhala a boca,
E a Terra pelos Ceos contente troca.

43.

Canção por fim crueis perseguidores,
Cahio desfeita em cinza a Idolatria,
A Fé tem culto, e Deos adoradores,
Quaes lhos não dava a vã Filosofia:
E do Evangelho os immortaes fulgores,
No Occaso observa, e no Oriente o dia;
Nem tem Roma no Imperio hum povo inculto,
Que viva ao lume da verdade occulto.

44.

Nos mais remotos angulos do Imperio
Fulgurou do Evangelho a tocha ardente,
Tocou no Pólo do Arctico hemisferio,
A Lei que dera hum Deos Omnipotente:
Ao mais profundo, incognito mysterio
Faz de si mesma sacrificio a mente;
E o fragil coração, que o crime afaga,
Das soberbas paixões o orgulho esmaga.

45.

Desde as praias da Syria ás procellosas
Ondas do immenso Atlantico Oceano,
Onde eleva as bandeiras gloriosas
O triunfal Monarca Lusitano,
Do Christianismo as hostes portentosas
Sem armas chegão, sem poder humano;
Conquistas que dos Reis são nobre herança,
E Deos sobre seu throno as vistas lança.

46.

A Providencia fez nobre instrumento
Com que estenda no Mundo a lei sagrada,
Deo-lhe seguro eterno fundamento,
Abrio-lhe da grandeza, e gloria a estrada:
Teve no berço seu grande incremento,
Poz-lhe nas mãos victoriosa espada;
No impuro sangue de Ismael se tinge,
Vence, e na frente o diadema cinge.

47.

Desce o Senhor dos Ceos, e se amostrava
A Affonso Rei primeiro; elle o conforta,
E qual ao filho de Isaí chamava,
A' grão peleja sanguinosa o exhorta:
Então fortalecido aos seus bradava:
Para o triunfo hum Deos nos abre a porta;
He elle o nosso escudo, a nossa gloria,
Nosso o triunfo he já, nossa a victoria.

48.

Não vos assuste multidão tamanha,
De insano orgulho, e de furor armada;
Cubra potente exercito a campanha,
Mais do que a vista alcança dilatada;
Não he tal gente para nós estranha,
Mostre-se embora barbara, indomada;
Se he numerosa, e forte a turba impía,
Com menos braços Gedeão vencia.

49.

Deos, que cercou de immarcessiveis louros
Do Rei primeiro a soberana frente,
Sobre as ruinas dos vencidos Mouros,
Firma, e dilata o throno á Lusa gente:
O que em armas cresceo, cresce em thesouros,
Entre as Nações da Europa independente;
Só quer que seu brazão, seu tymbre seja
Mais dilatar os terminos da Igreja.

50.

Quando o primeiro Affonso em paz descança,
Sancho seu filho, successor glorioso,
Do pai triunfador recebe a herança,
Sempre, qual elle foi, victorioso:
Cinge a fulminea espada, enrista a lança
No Campo que humedece o Téjo undoso:
As Agarenas hostes desbarata,
E quanto estende o Reino, a Fé dilata.

51.

Outro Affonso da gloria e estrada piza,
Nas conquistas da Fé seu braço emprega;
Exalça o throno, o nome immortaliza,
E todo ás guerras do Senhor se entrega:
Da grandeza mortal toca a baliza,
Entre gloria, e trofeos á morte chega:
Sancho seu filho em piedade brilha
A mesma estrada gloriosa trilha.

52.

Ludibrio foi da caprichosa sorte,
Que óra no excelso throno os Reis levanta,
O'ra no pó da desventura, e morte,
Com braço soberbissimo os supplanta:
Sancho na guerra, e desventura forte
A terra toda co' a virtude espanta;
Grande no Solio, grande na desgraça,
Na frente o louro do heroismo enlaça.

53.

Terceiro Affonso valoroso, ardente,
No seio, qual Vesuvio, o fogo encerra,
Desembainha a lamina fulgente,
De Lysia as hostes de Ismael desterra:
Nos Templos do Senhor Omnipotente,
Nobres despojos suspendeo da guerra;
No regaço da paz seus dias feicha,
A Diniz a fortuna, e o Reino deixa.

54.

He este o Pai da Patria, este levanta
Pelos confins do Imperio hum monumento
A' Lei que Deos nos deo divina, e santa,
Que he de seu Reino estavel fundamento:
Ajuntou-lhe o Senhor riqueza quanta
Já déra a Salomão; novo portento!
Mais se dilata a gloria do Evangelho,
Do Grande Rei co' as armas, e conselho.

55.

Do Reino o quarto Affonso as redeas tóma,
Foi na guerra feroz, bravo, e temido;
Immensas forças Agarenas dóma,
Hum rio deixa em sangue convertido:
Mais generoso que os Heroes de Roma,
Dos despojos do exercito vencido
Não quiz mais que os pendões, co' a dextra pura,
No Templo do Immortal elle os pendura.

Decepa o collo ao vicio rebellado:
E, se do amor se acurva ao jugo injusto,
Em triunfo conduz virtude ao lado;
A' Lei dos Ceos a Magestade humilha,
E a Fé por elle se dilata, e brilha.

57.

Ao Solio, que deixou, subio Fernando;
Se he menos forte, e menos valoroso,
Toma dos Lusos o supremo mando
Entre os Reis do Universo o mais famoso:
João, qual raio a nuve' espedaçando,
Pelas ondas voou do pego undoso;
Conduz em forte Armada a Gente Lusa,
E d'armas cobre os campos d'Ampelusa.

58.

Nas muralhas de Ceuta a Cruz arvora;
Esta he do braço Luso a mór empreza!

59.

Estreitos os confins do antigo Mundo
Julga a seu zelo a Lusitana Gente,
E a clausura romper do Mar profundo
Primeiro intenta com denodo ingente:
Vai contrastando o vento furibundo,
Toda engolfada em pelago fremente;
Seu terreno natal perde de vista,
Manda-lhe o Ceo que no trabalho insista.

60.

As praias devassou d'Africa adusta,
Do mar de Atlante tumido banhadas,
E leva a Lei que ouviste, eterna, e justa
Da ardente Zona ás gentes abrazadas:
Não se serve da força, ou mão robusta,
Para as deixar de ferro ao jugo atadas;
Detesta os laços da servil cadêa,
Só quer que a Lei dos Ceos se adore, e crêa.

61.

Duarte isto buscou, e o quiz seu filho
O magnanimo Affonso, o bellicoso,
Que proseguindo dos Heroes no trilho
De Arzila o muro entrou victorioso:
Com mais vivo clarão, mais alto brilho,
Entre todos os Principes famoso,
O segundo João se exalta, e cobre,
Quanto mais terras n'Africa descobre.

62.

Espalma, esquipa os lenhos nadadores
Com mór poder d'ousados navegantes;
Debaixo do Equador soffrendo ardores,
Vêm mares nunca navegados d'antes:
Da Fé derramão vivos resplandores,
Tanto da Europa armigera distantes,
Que áquem do Cabo Austral padrões levantão,
Em frente d'Asia os estandartes plantão.

63.

Não podérão mais longe os empolados,
Turvos mares cortar; volvendo a prôa,
A' foz do Téjo tornão fatigados,
Inda ignota deixando a terra Eôa:
Mas o Rei que nos manda os começados
Triunfos no Oceano aperfeiçôa;
Quer, e Deos lh'o mandou, que a gente Lusa,
Ao remoto Oriente a luz conduza.

64.

Oppõe o Mar debalde a furia insana;
Embora se taxou d'ousado o feito;
O que se antolha excesso á força humana
Mais estimula o Lusitano peito:
Quanto espaço ha do Téjo á Taprobana
Ao Portuguez se mostra hum campo estreito;
Sabe que hum Deos o manda, hum Deos o escolhe,
[illegible]nca as azas, que desprega, encolhe.

65.

Em vão quizera, ó Principe famoso,
Expor-te os transes que passado tenho,
Quadro medonho, horrifico, espantoso,
Cuja pintura excede humano engenho:
Oppoz-se o Rei do Abysmo pavoroso,
Quasi dos mares sossobrado venho;
Mas quem olha ao laurel, que hum Deos promette,
Co'a mesma morte impavido arremete.

66.

A's convulsas Nações na sombra escura,
Que aguardavão debalde a luz do dia,
Esta vinda dos Ceos brilhante, e pura
Do Luso Povo pelas mãos se envia:
Perto estive da triste sepultura,
Do longo Mar cortando a incerta via,
E dando volta ao pélago profundo,
Ao Téjo emfim surgi no opposto Mundo.

67.

Deve cumprir-se o oraculo sagrado,
Que no volume divinal se encerra,
Da Fé se escutará sonoro brado
D'onde o Jordão fluctua aos fins da Terra:
Chega o momento ha seculos marcado;
A luz já brilha, a sombra se desterra;
N'hum Pólo, e n'outro, Antarctico, e Calixto,
A Lei se escute, e se conheça Christo.

68.

Ao teu remoto povo, ao mais distante,
Além do qual nenhum se reconheça,
Quer do Universo o Eterno Dominante,
Que a luz do Christianismo resplandeça:
Quer que ao Globo em delictos naufragante,
De luz, e paz hum dia lhe amanheça;
Que os Reis imperem ao clarão do lume,
Que ao Mundo trouxe em seu natal o Nume.

69.

Com profundo respeito escuta ao Gama
Quanto lhe diz de hum Deos Omnipotente
Absorto o Samorim: celeste chamma
Como calar-lhe dentro d'alma sente:
Entre nós (lhe tornou) não dubia fama
Nos publica os trofeos da Lusa Gente:
Adoro a santa Lei, quero a alliança,
Tu da fadiga hum pouco aqui descança.

70.

Do throno se levanta: aureo aposento
No magestoso alcaçar se adornára,
Digno do Heroe que o tumido elemento
Da fóz do Téjo ao Malabar cortára:
Com regia pompa, e regio acatamento
Aqui foi repousar; e em nada avára
De ricos dons gentilica grandeza,
Acolhe, e serve a gente Portugueza.

71.

E vai tambem no leito magestoso,
(Do que escutára o Rei como assombrado)
No regaço do somno achar repôso
De maravilhas tantas assombrado:
Hia no carro d'ébano orvalhoso
A Lua já descendo ao mar salgado;
O ar escuro, e rarefeito deixa,
O Rei socéga hum tanto, e os olhos feicha.

72.

Eis que dos Ceos o sem-piterno arcano
Entre huma viva luz se lhe amostrava,
Vê do extremo Occidente o vasto Oceano
Que a Lisya d'ondas, e troféos cercava:
Vê das margens erguer-se hum, mais que humano,
Feminil vulto que a cabeça alçava,
Com grave gesto, ao luminoso assento,
Inda pizando o tumido elemento.

73.

Sobre huma nuvem para o Sol nascente
(Nuvem da cor do Ceo, se aponta o dia)
Vôa, rompendo o ar co'a rosea frente,
Fugindo ant'ella nevoa sombria:
Quanto mais se aproxima he mais ardente
A luz celeste que do rosto envia;
E quando a vê pousar na Indiana terra,
Vê que de todo a noite se desterra.

74.

Descobre a paz no candido semblante,
Nos olhos, e na voz só vê doçura;
Se força armada se lhe põe diante,
A vê mudar de aspeito, e de figura;
C' huma pancada só do pé triunfante
Faz abalar de susto a Terra dura,
O Inferno se alvorota, e ardendo em ira,
De balde estragos Satanaz respira.

75.

Bem como o Globo vacillando estála
De central força ignota sacudido;
De hum Polo a outro tremulo se abala,
Com soturno trovão reproduzido:
Ou como quando o vortice s'exhala
De fumo, e fogo nos Volcões detido,
Que ao medonho estridor, que a Terra estruge,
O Mar s'empola, e foge, e torna, e ruge.

76.

Assim se antolha ao Rei que o Gate inclina
O dorso alpestre; attonito, assombrado,
Precipitar-se em queda repentina
Observa os Templos do Indostão mudado:
Via altares em cinzas, e em ruina,
E o culto via aos Idolos negado,
Quando a Matrona de seu rosto puro
Co'a luz aclara a Terra, e abysmo escuro.

77.

Vio cahir dos Pagodes as fachadas;
Os Peristylios orgulhosos jazem;
E as eminentes cúpulas douradas,
Quaes as nuvens nos ares, se desfazem:
Monstruosas imagens transformadas
Em pó, como ludibrio, os ventos trazem;
D'espectros negro bando em torno gyra,
E de infernal indignação suspira.

78.

Entre medonhas nuvens luctuosas
Envolto observa a Satanaz que fréme;
Do rosto espalha sombras horrorosas,
De raiva, e susto horrendamente treme:
Dos olhos vibra chammas, e amargosas
(Se o pranto he delle) lagrimas esprême,
Quando a Matrona com poder superno
Mandava abrir os alçapões do Inferno.

79.

Subito o seio se divide á Terra,
Vorage' immensa então se patentêa,
Nenhuma luz as sombras lhe desterra,
Da escuridão da morte a estancia he chêa:
He vasto Imperio da cruenta guerra,
Onde o Peccado estragos alardêa;
Todo o infinito carcere referve
De eterno fogo, que aos tormentos serve.

80.

E quantos restos no Indostão jazião
Dos sacrilegos Templos arrazados,
Que as labaredas rubidas lambião
Forão do Inferno subito tragados:
Fechão-se as portas, com fragor rugião
Ferreos gonzos com impeto abalados;
Com pranto ao golpe os réprobos respondem,
E pelas sombras eternaes s'escondem.

81.

Como em Carroça triunfal levada
Vio depois que a Matrona ao Ganges hia;
Que a Terra deixa em nectares banhada
Té d'onde aponta, d'onde nasce o dia:
Vio que a gente, que á sombra está sentada,
Da escura Morte, alegre resurgia;
Que a vida a todos, e que a paz se dava,
Se a lei vinda dos Ceos se annunciava.

82.

Vio té raiar na recatada China
Huma angelica luz resplandecente;
Vio que o Japão remoto o cóllo inclina,
E abraça a lei d'hum Deos Omnipotente:
Vio que ás Ilhas do Mar missão divina
Era levada pela Lusa gente;
Que da verdade espalha almos fulgores,
E o chão tapiza de celestes flores.

83.

Vio desterrado o Vicio immundo, e feío,
E que se adora a candida Virtude;
Que se lhe encosta no materno seio
Gente escrava até alli, barbara, e rude:
Vio como a Lei, que do Occidente veio,
Suavemente seus costumes mude;
E sem sangue verter, sem dura guerra
Como se apure, e se renove a Terra.

84.

Logo a seus olhos hum sinal se mostra,
A cuja vista o Bárathro s'espanta;
Vê que a nação mais barbara se prostra,
Se entre incenso Sabêo s'ergue, e levanta:
Vê que os tormentos, e que a morte arrostra,
Que dos Tyrannos o furor quebranta
Quem na frente o recebe, e quem do abysmo
Por elle surge no immortal Baptismo.

85.

A Matrona emfim vio, Mãi carinhosa,
Que os povos d'Asia ternamente abraça;
E em fraterna união santa, e ditosa
Os homens todos como Irmãos enlaça,
Mandando soccorrer com mão piedosa
Aos que gemem na fome, e na desgraça;
Fazendo-os crer que a vida he crua guerra,
Os Ceos só Patria, e sô degredo a Terra.

86.

E vio que os homens, mais que Heroes, vencião
Indomitas paixões tumultuosas;
Que os Monarcas humildes submettião
A' santa Lei coroas poderosas:
Que os mesmos rios para traz volvião
A' sua voz. Das sombras luctuosas
Vio que o cadaver sahe, que a luz respira,
Que da morte aos grilhões se rouba, e tira.

87.

Prodigios taes extatico, assustado
O Rei passar por entre as sombras via;
Mas eis maior portento: o Ceo, tocado
D'huma luz ardentissima, se abria:
E repentinamente o Sol dourado
Do roseo berço matinal s'ergnia;
Os aureos astros no esplendor encerra,
D'estranhas luzes enche os Ceos, e a Terra.

88.

Do mais alto do ethereo Firmamento,
Abobada azulada, augusta, immensa,
Lhe parece baixar Divino accento,
Que a alma lhe deixa de prazer suspensa;
Da Terra lhe levanta o pensamento,
Nova contemplação profunda, intensa;
Sente levar-se em extasi, em transporte
Pelos umbraes da sempiterna Corte.

89.

Vê, (que estranho espectáculo!) os sagrados
Exercitos d'hum Deos Omnipotente,
Escuta os hymnos bemaventurados,
Que entôa o Côro aligero, esplendente:
Vê d'ouro fino os thronos levantados
Em tanta copia pela Corte ingente,
Que de estrellas a noite he menos chêa,
Menos são do Oceano os grãos de arêa.

90.

Nelles os Santos vê: sidereo manto
Dos hombros lhes cahia, e tem segura
Nas mãos Harpa divina, acorde ao canto,
Qual nunca ouvira humana creatura:
He-lhe ignota a tristeza, ignoto o pranto;
Dia perpetuo tem, sem noite escura;
Para o Solio immortal todos se inclinão;
D'hum Deos são servos, sobre os Reis dominão.

91.

Passando as portas do celeste assento
Em carro triunfal auri-radiante
A Matrona observou, que acatamento
Dos Córos eternaes recebe óvante:
Como troféo de illustre vencimento,
Lhe foi posto na mão pendão triunfante;
De Estrellas se corôa, o Inferno insulta,
Entre esplendores immortaes se occulta.

Fundando Imperio universal no Mundo:
Nelle estandarte triunfal arvóra,
E o throno abate do Peccado immundo,
Quando dos Ceos Jerusalem descia,
E aos Ceos os muros d'alabastro erguia.

93.

Qual o Vate ficou, fica o Monarca,
Sem que o véo rasgue, attonito, enleado,
Nem vê c'os olhos, nem co'a mente abarca
Qual deva ser do Imperio, e d'Asia o fado:
Mas tudo lhe assignala, e tudo márca
O antigo Culto Idólatra mudado;
Outros Templos descobre, outros altares,
E a Cruz triunfante levantada aos ares.

94.

Subito vê no mar nadantes faias,
Que, contrastando os ventos procellosos,

95.

Foge em tanto a visão: do Ganges fóra,
Já de todo escondida a argentea Lua,
O raio assomma da punicea Aurora,
E a noite ao termo occidental recua:
Abre os olhos; a scena encantadora
Se lhe produz na mente, e perpetúa;
E da Matrona o angelico semblante,
E o novo Imperio, se lhe põe diante.

FIM DO DECIMO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO XI.

1.

VOLVE na mente turbulenta, e cega
O ultrage não vingado, e antigos damnos
O Déspota infernal, que não socega,
E jura a perda aos miseros humanos:
Novo, cruel estratagema emprega,
Que frustre a empreza aos fortes Lusitanos;
Pelo Bárathro immenso os olhos gyra,
Chama dois monstros, e o furor lhe inspira.

2.

Do negro Abysmo surge a macilenta
Inveja atroz, que morde, e dilacera,
O proprio seio; em males se sustenta;
Nem contra a morte os impetos modera:
Da mesma escuridão rompe a cruenta,
Venenosa Calumnia, horrenda, e fera;
Cortão as regiões do pranto eterno;
Ao vellas mais se afuma o escuro Inferno.

3.

Vós, (lhes bradou das Sombras o Tyranno,)
Me seguistes fieis com braço armado,
Naquella empreza, e feito soberano,
Ao qual nos altos Ceos so oppoz meu Fado:
Não tenho opposto hum Anjo; hum fraco humano
Contra mim se rebella, e mostra ousado;
A guerra me declara, a Cruz arvóra
No, que era Imperio meu, berço da Auróra.

4.

Em cinzas vejo os Templos, e as fulgentes,
A meu, e a vosso nome consagradas
Estatuas; já vão ser nas insolentes
Mãos dos monstros em chammas abrazadas:
Apressai-vos, livrai-me incautas gentes
Das vís cadêas, que lhes são forjadas;
Vós sois meu braço e força em vóz espero;
Hide o golpe frustrar medonho, e fero.

5.

Disse: as Furias crueis se equilibravão
No ar que assombra o Bárathro profundo,
Negras serpes a frente lhe emmistravão
Parte menor de seu cabello immundo:
Das negras bocas mortes exhalavão,
Seu halito corrupto enluta o Mundo;
Do Sol, que as vio sahir do Abysmo escuro,
O clarão se afroxou brilhante, e puro.

6.

Turvos se tornão, lividos os ares,
E sanguineo parece o Sol dourado,
Se verticaes aos Indianos lares
Roção do Gate o cume alevantado:
Espumão, tremem de repente os mares,
E as costas batem com medonho brado;
A Terra as sente, consternada geme,
E desde o centro sacudida treme.

7.

Do Malabar a Corte ao longe virão,
E já nos turvos ares imminentes,
Como no Inferno se surri, surrirão;
Libradas vão nas azas pertinentes;
Da espessa grenha da cabeça tirão
Co' as mãos cruentas lividas serpentes,
E arremeçadas na mesquinha Terra,
Do bafo se produz discordia, e guerra.

8.

Os fortes Lusos a Calumnia espia,
Venenosos farpões prompta arremeça;
De vís enganos a caterva impia
Na illusa plebe de lavrar começa:
Sagaz se occulta do clarão do dia,
E lhe apraz envolver-se em sombra espessa;
Veste co'as roupas da verdade o engano,
Faz crer in'migo o ingenuo Lusitano.

9.

De ambiguas cores mascarando a frente,
De aspecto muda, e muda de figura;
Com mais afinco da Agarena Gente
Envenenar o coração procura:
Lembra-lhe o damno antigo, e cautamente
O rancor nunca extincto accende, apura;
E abafada dos seculos, a chamma
Com maior sopro pestilente inflamma.

10.

Vede (n'alma lhes diz) os inimigos,
Que vossos pais, e estirpe despojarão
Dos lares seus pacificos, e antigos,
E álém do mar na Libya os acoçarão:
Não vos lembrais das mortes, dos castigos,
Que a Ceuta, Arzila, e Tangere levárão?
São os mesmos indomitos, e bravos,
Que em ferros querem ter milhões d'escravos.

11.

Tem de Numidia os campos assolado,
Alardeando estragos, e ruinas;
Não couberão na terra, o mar salgado
Cede, e se humilha ás triunfantes Quinas:
Os Tigres açaimai com braço armado;
Rompei, despedaçai prizões indignas;
Frenetica ambição, torpe avareza,
Tem por bases sómente a louca empreza.

12.

A ruina do Luso assim medita
O Mouro sempre infesto, e cavilóso,
E a varia plebe, e discordante excita
Contra o feito immortal, sublime, honroso;
A negra Inveja os corações irrita
Do fanático Jogue, e Naire iroso;
Que dos illustres Campiões murmurão,
E deshumanos no seu mal conjurão.

13.

Clamão dest'arte ao Rei: Como consentes
Do abençoado Perimal na terra
Estas do ferro, e fogo armadas gentes,
Que tem no proprio gesto expressa a guerra?
Não de alliança idéas innocentes
De tantas armas o apparato encerra;
Ah! não se afrontão desta sorte os mares
Por ver sómente o Rei dos Malabares!

14.

Assim de Ceuta os muros levantados,
Assim de Arzila as torres escalárão;
Do mar transpondo os terminos vedados,
Assim grilhões ao Senegal lançárão:
Da infausta fome d'ouro esporeados,
Do Zaire immenso pela fóz entrárão;
E por fartar de gloria o vão desejo,
Querem dar no Oriente as leis do Téjo.

15.

Dest'arte a negra Furia, derramando
Seus venenos mortiferos, inspira
Ao mal esperto Rei, voluvel, brando,
Sustos, receios, sobresaltos, ira:
Mas d'outro lado o feito memorando
Da grão viagem perigosa admira;
Turva-se o peito, o espirito s'enlêa,
De pensamento em pensamento ondêa.

16.

Os Agarenos perfidos, traidores,
Com vil ciume os barbaros excitão;
Cresce o receio, dobrão-se os clamores,
Que os innocentes animos irritão:
O Fanatismo atroz vomita horrores,
Guerra, e só guerra, os Brâmenes meditão;
Em conselho infernal decidem logo
Os Lusos acabar com ferro, e fogo.

17.

Da visão portentosa inda lembrado,
Ouvido o Rei não dava á voz impia;
He d'alma nobre, e de animo elevado,
Detesta altivo a torpe aleivosia:
A consultar oraculo sagrado
Dos Jogues o Pontifice se envia;
Quer dos Ceos escutar quem seja a gente,
Que o Fado trouxe ao lucido Oriente.

18.

Junto a Panane havia hum denso, escuro,
Antigo bosque d'arvores copadas;
Intactas forão sempre ao ferro duro,
Do tempo velocissimo acatadas;
Com Gentilico rito, e culto impuro
Erão do Inferno ao Déspota sagradas:
Nellas nem aves agoireiras pousão,
Nem junto revoar-lhe os Manes ousão.

19.

Os verdenegros Teixos corpulentos
Cruzão daqui, dalli, troncos annosos;
Cedros que ondeão c'o soprar dos ventos
Alli dilatão ramos pavorosos:
Melancolicos tymbres, e ornamentos
Do sepulcro, os Cyprestes luctuosos
Tanta tristeza dão na selva escura,
Que inda he menor o horror da sepultura.

20.

Neste medonho asylo hum levantado,
Antigo Templo está, que aos tutelares
Genios do escuro Abysmo he consagrado;
Aqui tem culto, Sacerdote, altares:
De negros, lisos marmores lavrado,
Vasto zimborio se levanta aos ares;
E entre cortinas lugubres s'esconde
Hum Jogue, a cuja voz Satan responde.

21.

Aurea, soberba alampada se via
Unica arder na estancia, a cuja entrada
O mais seguro coração se esfria,
Fica sempre do rosto a côr mudada:
Daqui se espanca, e se retira o dia,
Só tem noite continua aqui morada;
No subterraneo o Jogue entra, e se occulta,
Onde o infernal Oraculo consulta.

22.

Quando do negro Abysmo os Genios chama
O peito a humana victima traspassa;
Sangue no altar sacrilego derrama,
Que recolheo primeiro em ferrea taça;
A' triste luz da moribunda flamma,
Os desangrados membros despedaça;
No Altar os planta, funebre offerenda,
Antes que a voz de Lucifer entenda.

23.

Pelos atrios fatidicos entrava
O macerado Jogue, a nua testa
D'hum sendal preciosissimo cercava;
Os olhos fundos tinha, a côr funesta:
Co'a descarnada mão toda ensopava
No peito do infeliz a espada infesta;
No Altar o sangue fervido derrama,
Os membros despedaça, o Inferno chama.

24.

Qual dos Andes na frente aérea, e fria
Retumba o écco do trovão ruidoso,
Quando o raio rasgou nuvem sombria;
No ar já rarefeito estála iroso:
Tal na medonha abobada se ouvia
Rebramar hum clamor surdo, horroroso;
Sente o Jogue o signal, cahindo em terra,
De medo os olhos deslumbrados cerra.

25.

Então lhe manda o Samorim, que ouvisse
A recondita voz do immobil Fado;
Que o subterraneo pavoroso abrisse,
Té do Monarca á vista alli vedado:
E que em ondas de sangue o altar tingisse,
Té ser do Inferno o Déspota aplacado,
E ouvir lhe faça o Oraculo recluso,
Que a sorte marque do potente Luso.

26.

Então tres vezes por Satan bradava
Trémulo o Jogue, e para o chão curvado;
Eis que Satan visivel se mostrava,
Do conjuro fatidico obrigado:
Com voz pezada exclama: Oh gente escrava!
Oh Réi mesquinho! Oh Reino desgraçado!
Que me quereis, se a sorte iniqua, e cega,
Para lançar-vos nos Abysmos chega!

27.

Assim se acolhe a temeraria gente,
Que jura aos golpes da sanguinea espada
Ver a humilde cerviz do vasto Oriente
Ao ferreo jugo Portuguez ligada?
Ao mesmo jugo altivo, e prepotente
Tem a Maura cerviz na Libya atada;
Do Imperio universal tanto o desejo
Póde, que trouxe á India armas do Téjo!

28.

Grilhões, algemas, guerras sanguinosas,
Impias náos, profanando os virgens mares,
Com sulfureas bombardas pavorosas
Viráõ trazer a escravos Malabares:
E vós, fugindo, em cinzas lastimosas
Vossos Templos vereis, vossos altares;
Dar-vos-hão novas leis, e Imperio novo,
Com ferrea vara governando o Povo.

29.

Quanto o pujante mar correndo abrange,
No potente Indostão, co'a lynfa fria,
Quanto ha do Arabio seio a fóz do Gange,
E desde o Gange aos thalamos do dia;
Desta gente feróz, e impia falange,
Temendo a sanha, e impavida ousadia,
As Leis acceitará, depondo a c'rôa,
Que lhe hão de dar huns Déspotas em Gôa.

30.

Quantos, rasgando o tumido Oceano,
Após este hão-de vir de ferro armados!
Hum vem ao raio igual na força, e damno;
Lá cahe d' Ormuz nos muros levantados!
Leão sanhudo, barbaro Tyranno,
Qual nunca virão seculos passados,
Apenas sólta horrisono rugido,
D'Arabia, e Persia treme o throno erguido.

31.

Vem de Giddá correndo aos altos muros
De Malaca, e pendões alli levanta,
E fórça altivos Jáos que em ferros duros
Cheguem humildes a beijar-lhe a planta:
Nem no berço do Sol vivem seguros
Japões soberbos de potencia tanta;
Que huma pancada do bastão sómente,
De Norte a Sul abála o immenso Oriente.

Das Lusitanas armas triunfantes:
La vai pizando da victoria a estrada,
E esmaga altivo as Luas, e os turbantes,
E protesta tirar (profano insulto !)
Ao Nilo o proprio leito, a Méca o culto.

33.

A morte o leva: monstros na fereza
O vão seguindo ! Injusto senhorio
Da sempre atroz bandeira Portugueza
Até se estende á torreada Dio !
Do Luso braço a immensa fortaleza
Transpõe as metas do sagrado rio;
Nunca as Aguias do Tibre o Ganges virão;
Mas os Lusos Leões nellas rugirão.

34.

Oh desgraçadas, e infelices gentes!
Se vossas leis amais, e a Patria antiga,

35.

A alampada se apaga; os levantades
Tectos do escuro Templo retumbando
Ficárão c' o trovão dos tristes brados,
Que derradeiros dera o Monstro infando:
Logo de negros corvos infamados
Revoou sobre o Templo immundo bando;
Repete-lhe o grasnido a selva escura,
Do Sol se turva a face etherea, e pura.

36.

Confuso o Rei ficava, e esmorecido
Co' a voz medonha do Tartareo Nume;
Crê já no peito timido embebido
Da invicta espada Lusitana o gume:
Cuida escutar horrisono estampido
Do canhão, que vomita a morte, e o lume;
Comsigo mesmo em porfiada luta,
N'alma observa a Matrona, e a voz lhe escuta.

37.

Attende ao Jogue, e quer que demorada
Fosse com vãos pretextos apparentes
De proposta alliança a forte Armada,
E intenta a perda dos Heroes valentes:
Prestes espera na monção chegada
Da arenosa Suez barbaras gentes,
Que em possantes Galés sulcando os mares,
Salvem d' afronta os Indianos lares.

44.

Eis que enfunadas vélas apontavão
No horisonte da vitrea incerta estrada,
E pelos livres ares ondeavão
Pendões que indicão poderosa armada:
Já fluctuantes torreões entravão
Na fóz da extensa, concava enceada,
Quando da terra em longas almadias
Os Mouros vem cortando as ondas frias.

45.

Era o feroz Timoja, que assustava,
Potente Rei d'Onor, o pégo undoso:
Bravo Leão das aguas se chamava,
Em refregas navaes victorioso:
Desde a garganta Persica infestava
Quantas costas batia o mar furioso;
O Mouro nelle crê, e o Rei confia,
Que ao fim lhe leve a torpe alcunha.

46.

Altérosos baixeis conduz, possantes
Em combate naval, e guarnecidos
De Arabios feros, Turcos arrogantes,
Dos povos todos de Indostão temidos:
Quatro se vião Juncos fluctuantes
De grossos cabos, e de arpéos atidos;
Como medonho torreão fluctúa,
E armada nelle a Morte horrenda, e crúa.

47.

Batidos bramem barbaros tambores,
Produz-se o som nos mares dilatados;
Do Sol reflectem vivos resplandores
No ferreo arnez, nos murriões dourados:
Pelo bordo dos lenhos nadadores,
Muitos se mostrão barbaros armados:
O mar das quilhas retalhado geme,
E co'a grita confusa, a terra treme.

48.

Prestes estava alvoroçada a gente
Por desfraldar o panno ao leve vento,
E os baixeis aproando no Occidente
Tornar-se emfim de tanto apartamento:
Novo transe fatal, perigo ingente,
Lhes traz o Monstro do eternal tormento;
Mas o raio cruel, que o Mundo estraga,
No meio da carreira hum Deos o apaga.

49.

Ferventes olhos para os Ceos erguia
Não perturbado o Gama, e assim bradava:
Soccorro, eterno Deos! ó Deos, valiá!
E o soccorro dos Ceos prompto baixava.
Para o combate então se apercebia,
E já victoria os louros lhe annastrava:
Já desce, já lhe cinge a illustre rama,
Do Luso aqui começa eterna fama.

50.

De rija malha, e de pavez armado,
E em ferreo capacete envolta a frente,
C'hum montante nas mãos, duro, e pezado,
Falla dest' arte o Gama á Lusa gente:
(Seguro está de gesto, e socegado
Como á vista do p'rigo Heroe valente;)
Daquelles torreões nos chama a gloria.
E Deos nos afiança hoje a victoria.

51.

Se o valor immortal da gente Lusa
Não tivesse da Terra o globo enchido,
Se eu não vira nos campos d'Ampelusa
Hum Templo á Fama sempiterna erguido:
E se quanto encarece a antiga Musa
Não fôra já com feitos excedido,
Neste transe arriscado esmorecera,
E a tanta força desigual cedera.

52.

Mas com vosco venci perigo horrendo,
Que maior pareceo, que esforço humano;
Peito a peito co' as ondas combatendo,
Puz eternos grilhões ao vasto Oceano:
Vem contra nós agora o braço erguendo,
Não toda a Natureza, hum Mouro insano!
Do Imperio Luso n'Asia ao fado, á sorte,
Dai começo feliz; victoria, ou morte.

53.

Os mesmos inda sois, que generosos
Vos apartastes da nativa terra,
Que sem temer os mares tormentosos,
C'os elementos sustentastes guerra:
Messe de palmas, louros gloriosos
Naquelle armado torreão s'encerra;
A nos temer aprenda hoje o Gentio,
Qual nos teme na Libya o Mouro frio.

54.

Eu só vos lembro o santo juramento,
Dado nas mãos do Rei junto aos altares,
Antes que as vélas desferisse ao vento,
Para sulcar com vosco ignotos mares:
Deos o quiz acceitar no ethereo assento,
Elle nos trouxe aos Indianos lares;
E se Imperio nos dá no mar, e terra,
Tambem triunfos nos dará na guerra.

55.

Quanto possa o valor, sinto, e conheço
Em peito Portuguez: sei que a victoria
Soube sempre comprar da vida a preço,
Mais que a vida lhe apraz renome, e gloria:
Opponha-se a Fortuna, ou Fado avesso,
Co' a vista fixa em posthuma memoria,
Sempre o perigo denodado afronta,
E por trofeos aos astros se remonta.

56.

A Europa nos contempla, e observa o Mundo,
Que chamou temeraria a illustre empreza;
Se a furia se venceo do mar profundo,
Tambem se rompa a Maura fortaleza:
Conheça no Oriente o Mouro immundo,
Qual vio na Libya, a gente Portugueza;
Combatei com denodo, eu vou seguro,
Que a bom Soldado só corage he muro.

57.

Acabou de fallar, e em torno sôa
Já de illustre triunfo hum brado ingente,
Dos Ceos parece que a victoria vôa,
Que traz a Palma ao Vencedor valente:
Aos Lusos mostra Oriental corôa,
Que a cingir não chegou Romana gente;
Prestes range a carreta, e roda, e estâlla,
Guerreira grita o mar, e a terra abala.

58.

Sereno estava o ar, e o Firmamento
D'hum véo ceruleo, e d'aurea luz bordado;
Novo prodigio, subito portento,
Do Luso augmenta o animo esforçado:
Sem nuvens vê cahir do etherco assento,
Orvalho como aljofares formado;
Cobre os Lusos Heroes, e as náos sómente,
De luminosas perolas a enchente.

59.

Não era, não, na doce madrugada
O que a Fabula dia pranto d'Aurora,
Que do abrazado Sirio á flor crestada
O aveludado calice vigora:
Desceo, desceo da abobada azulada
Espargido da mão reguladora,
Que com sinaes á humana sapiencia
Visivel torna eterna Omnipotencia.

60.

Manda o Gama investir co'a fluctuante
Torre, que o mar azul correndo talha;
A Lusitana juventude óvante,
Sedenta corre á fervida batalha:
E com tranquillo intrepido semblante,
Já pelos postos marciaes se espalha;
Ferreos canhões ignivomos bornêão,
Range a rija carreta, as náos ondêão.

61.

Quaes pinta a Poesia impios Gigantes,
Que de Jove a mão rubida prostrára,
E abrindo a fauce aos montes fumegantes
Dentro do seio lôbregro os lançára:
Taes presunçosos Turcos arrogantes,
Mal Lusa Fróta nndivaga dispára,
Rompendo as ondas liquidas, se occultão,
E em sempiterno abysmo se sepultão.

62.

Sobranceiros á praia os Malabares
Olhão com susto o negro, ennovelado,
Salitroso vapor, que tolda os ares,
De hum medonho relampago rasgado:
Cuidão que infesto Nume abraze os mares,
Que estale ou caia o Ceo precipitado,
Que soltas dos grilhões do fogo eterno
As Furias rompão do medonho Inferno.

63.

Entre sangue, entre corpos destroncados
Feroz Timoja anima os que afroxavão,
Que, do estranho fragor como assustados,
Espavoridos para traz voltavão:
Como Leões os Lusos indomados
Co' a fluctuante maquina atracavão;
Cála-se o fogo dos canhões, e a espada
Vai ser no sangue barbaro banhada.

64.

Apoz o Capitão corre Velloso,
Logo o forte Pacheco, e Cunha ousado,
Logo todo o esquadrão victorioso,
Afeito a ver o Mouro em campo armado:
O sangue corre fervido, espumoso,
Cede o Arabe, o Persa, o Turco irado,
Que ou se lança no pélago fervente,
Ou curva á espada vencedora a frente.

65.

Talvez em Accio na passada idade
Maior não fosse a lide sanguinosa,
Quando avultada a Regia magestade,
Cedia a Amor Cleopatra formosa;
Quando do Imperio a inteira potestade
Quiz dar a Augusto a Sorte caprichosa;
Como terrivel foi primeiro ensaio,
No Indico mar, do Lusitano raio.

66.

O' gente Lusitana ousada, e forte,
(Se exterminar os homens tem valia!)
Tu primeira no mar tentaste a sorte
Desse infernal acaso, a artilharia:
Não basta o ferro, que provoque a morte;
Raios accezos imitar devia
Teu braço, e assim fazer no Mar a guerra,
Como se accaso não bastasse a Terra!

67.

Quaes costumão cahir das fluctuantes
Nuvens no Inverno globos congelados,
Taes das Lusas espadas coruscantes
Os golpes cahem nos Mouros aterrados:
Tem já no sangue envoltos os turbantes,
E dão, morrendo, lastimosos brados;
Ao lado a Morte vai do invicto Gama,
Em tudo espanto universal derrama.

68.

Todo fogo, e vingança, a vista estende
Onde he mais crua a guerra, e mais acceza;
Tal das nuvens o Açor, que os ares fende,
Desce, qual raio, demandando a preza:
Nem a vulgares Campiões attende,
Só Timoja procura, os mais despreza;
Como a Tancrédo se offerece Argante,
Assim Timoja se lhe poz diante.

69.

Turquesco alfange esgrime, e denodado,
E afeito á guerra intrepido o vibrava,
Em nobre sangue Portuguez banhado,
Com militar exemplo os seus mandava;
De todo o cobre o escudo sobraçado;
Plumagem rica o elmo lhe assombrava;
Veste (não qual Gentio, inerte, inhabile)
De hum Tigre mosqueado a irsuta pelle.

70.

Qual Massilio Leão, que vem ferido
Do Mouro Caçador co' a lança dura,
Que a cauda bate, e grenha, e enfurecido,
Entre milhares, o agressor procura:
Tal corre o Gama forte, e destemido,
De vís Arabios pela turba escura;
Pula-lhe o sangue, a raiva lhe recrécte
Quando o soberbo Campião conhece.

71.

Aprende, ó fero, a conhecer a espada,
(Lhe diz parando o Capitão valente)
Vê como de honra ao grito provocada,
Sabe a gloria augmentar da Lusa gente:
Foi eleita dos Ceos, dos Ceos mandada,
Mudar o Fado ao lucido Oriente;
E pois despreza a paz, e accende a guerra,
No mar a sinta, e sentirá na terra.

72.

Disse, e de ponta o fere, e elle turvado
A esta, áquella parte, eis nata ancioso,
Qual aos golpes do rigido machado
Ferido, antes que caya, o Freixo annoso:
Tenta esgrimir a Cimitarra irado;
Porém da morte o manto luctuoso
O cóbre; o sangue em borbotões derrama,
E expira blasfemando aos pés do Gama.

73.

Jaz, e morto inda assusta: espavorida
A turba foge ao ferro Lusitano,
Cuida mercar com vilipendio a vida,
E ás ondas salta do fremente Oceano:
Foi n'hum momento a maquina comida
Do insaciavel fogo de Vulcano;
E a Lusa gente alegre, e vencedora,
Da victoria o pendão nas náos arvora.

74.

Vinha estendendo a noite o manto escuro
De safiras Celestes recamado,
Chamando ao somno placido, e seguro,
Ao Lusitano lidador cançado:
Eis se avista no espaço immenso, e puro,
Subitamente o rosto afogueado
De excentrico Cometa, e a dilatada
Cauda mostra em feição de aguda espada.

75.

Pelas ignotas solidões remonta
Ao ponto vertical do Ceo luzente,
Marcando sempre, co' a sanguinea ponta
Da rubra espada, os Reinos do Oriente:
A's regiões occidentaes aponta
Com menos tôrva, e carregada frente;
Na vasta creação quadro injucundo,
Que nunca vio sem sobresalto o Mundo.

76.

Em quanto aos Ceos os olhos alongando
Hia o Gentio extatico da terra,
Inda vertendo pranto, inda chorando
O duro ensaio da primeira guerra:
Rompe o silencio hum Jogue, alto gritando,
Com triste voz que os animos aterra,
E os mais seguros corações abala:
Ouve, ó vasto Oriente, o Ceo te falla.

77.

Eis o momento pavoroso, escrito
N'hum livro aos olhos dos mortaes vedado;
He este o golpe que te está prescripto,
Pela immudavel lei de immobil Fado:
Ao Téjo armipotente, ao Téjo invicto
Devè prostrar-se o Malabar domado;
De teu Reino a catastrofe se chèga
D'outro Monarca ao jugo o collo entrega.

78.

Olha nos Ceos a espada coruscante
De miseranda escravidão presaga;
Já vejo hum rio, rápido, espumante,
De rubro sangue que o Oriente alaga:
Já corta o mar em lenho fluctuante
Heróe que a frente triunfal lhe esmaga;
Já vejo cinzas, solidões, ruinas,
E sobre tudo tremolando as Quinas.

79.

Subito hum denso véo d'horror profundo
Cobre dos Ceos a cúpula azulada;
Rouba-se á vista dos mortaes o Mundo,
Sem astros fica a noite carregada;
Mostra-se á luz d'hum raio o Ceo jucundo,
E logo fica a escuridão pezada;
Fere o Jogue espantado; a altiva Corte
Ficou coberta do terror da morte.

80.

Tanto o Genio do mal se mostra irado,
Que céva n'hum Gentio a sanha impia,
Foge o negro vapor ennovelado,
Resta apenas do corpo a cinza fria:
Já de todo nos Ceos, desassombrado,
Começa de assomar brilhante o dia,
O Monarca tremendo ás náos despede
Hum Catual, que a paz supplica, e pede.

91.

Em ligeiro Paráo leva arvorado
Hum candido pendão; e a azul corrente
Cortando vai com remo compassado,
Em demanda das náos da Lusa Gente:
No centro d'huma lança recostado
Ao bordo chega o Capitão valente,
Com gesto grave, e magestoso ordena,
Que suba o Naire, que do mar lhe acena.

92.

Subindo a frente inclina, e logo alçando
A voz hum pouco trémula, dizia:
Escuta, excelso Heroe, com gesto brando
O que a dizer-te o Samorim me envia:
Do Monarca de Onor delicto infando,
Do peito dóbre a torpe aleivosia,
Tem por certo teu animo offendido;
Mas dá-se a paz mil vezes ao vencido.

83.

O Samorim te acolhe, e te respeita
Como imagem de hum Rei da Lusa terra,
E como base d'alliança acceita
Mutuo auxilio na paz, mutuo na guerra:
Baixo temor, e perfida suspeita,
De seu ingenuo coração desterra;
Do que singelo em minha voz protesta,
Não duvideis, Senhor, que a prova he esta.

84.

C'o joelho encurvado lhe offerece
Aureo cofre riquissimo cravado
De opálos, e rubins, que resplandece,
Qual véo nocturno d'astros recamado:
Aos Lusitanos olhos apparece
O primeiro tributo, que humilhado
Aos pés do Rei do Téjo armi-potente,
Manda Vassallo o descoberto Oriente.

85.

Dentro delle o Diploma ao Gama entrega
Em caracteres Arabes lavrado;
A' boca o Naire humildemente o chega,
C'o rosto hum pouco para o chão voltado:
No glorioso documento pega,
Que impunha o sello ao feito sublimado.
Ouvindo em torno a Lusa companhia,
Assim com pausa ao Catual dizia:

Que me viste ennastrar no campo armado:
Que bem conhecem cavillosos Mouros,
Que o fim, porque se afronta o mar salgado,
He por servir o Ceo, que approva a empreza,
Não desejo da gloria, ou da riqueza.

87.

C'o poderoso Rei dos Malabares
Hoje começa a paz firme, e segura,
E da pública fé sobre os Altares
Hoje a palavra Portugueza a jura:
Tu retorna tranquillo aos patrios lares,
Que eu vou tentar nos mares a ventura,
Té conduzir do Téjo á azul corrente
Certo o signal do descoberto Oriente.

FIM DO UNDECIMO CANTO.

O ORIENTE,

POEMA.

CANTO XII.

1.

Estendeo finalmente a noite umbrosa
Ultima o véo d'estrellas recamado,
E a nautica falange bellicosa,
Ao somno entrega o corpo fatigado:
Sabendo já que a estrada perigosa
Deve hir cortar do pélago indomado,
Mal venha a Aurora matutina, e fria
Co' as roseas mãos abrindo a porta ao dia.

No rorejante coche então chegava:
Na morada do pranto, e desventura
Inda indignado Satanaz bramava;
Da vingança inda tem sede infinita,
E nova, atroz traição inda medita.

3.

Tem nos laços do somno o corpo atado,
E irrequieto o espirito vigia;
Eis se lhe antolha Espectro inopinado,
Que d'entre sombras palidas rompia:
C'o medonho espectaculo excitado,
De subitaneo medo o Gama infia;
Grande de membros se lhe mostra, e grande
Luz, mas sanguinea, de seu rosto expande.

4.

Toda em somba s'envolve a face escura,
Que de hum guerreiro, e vencedor, parece,

5.

A alma excitada ao Capitão valente
Do lasso corpo o somno lhe desterra;
Ergue-se, empunha a lamina fulgente,
A fronte augusta na vizeira encerra;
E brada desta sorte: Espectro ingente,
Quem és, que armado me declaras guerra?
Porque fugindo do clarão diurno,
Da noite vens envolto em véo soturno?

6.

Não, (lhe responde a Sombra) ó Lusitano,
Não me deves temer; não venho armado
Para trazer-te aqui ruina, ou damno,
Nem te assustes de vêr meu braço alçado:
Fui mortal como tu, composto humano
Sempre em armas envolto, e á guerra dado;
E sombra nua, até depois da morte,
Guardo aspecto de hum Rei, e armas d'hum forte.

7.

Vês do grande Alexandre a alma elevada,
Que aos sublimes alcáçares da Gloria,
Soube por armas franquear-se a estrada;
De meu nome immortal vive a memoria:
Trouxe a meu carro triunfal atada,
Por todo o Globo attonito, a Victoria,
Deixando á força de meu braço em guerra
Muda de espanto, e de pavor a Terra.

8.

Em pouco o Reino paternal contando,
Fui de Reinos, e Imperios destroçados
Hum quasi Reino universal formando,
E aos Monarcas lancei ferros pezados:
Nações sobre nações atropelando,
Vim no Hydaspes colher laureis sagrados;
Senti no coração pezar profundo
De ser tão pouco, e tão pequeno o Mundo.

9.

Depois de quantos seculos tu pizas
Esta, que lava o Indo, immensa terra!
Mais que Alexandre, rompes as balizas
Em que intacto Oceano o Globo encerra!
Aqui teu nome, e fama immortalizas
Só n'hum ensaio de sanguinea guerra;
C'hum golpe só de Póro o Imperio abalas,
N'huma só lide meus trofeos igualas.

10.

Que espantoso theatro o eterno Fado,
O' magnanimo Heroe, te patentêa!
Tu podes penetrar com braço armado
Onde o berço tem posto a luz Febêa:
Podes levar teu nome sublimado
Pelos Reinos que banha onda Erithrêa,
Podes, cingindo os louros da Victoria,
Ser meu igual, ou vencedor em gloria.

11.

Mesquinho, e tão pequeno esqueça o Téjo
A quem n'Asia ser póde independente;
Pelo vasto Indostão campo sobejo
Te dá de gloria o Fado omnipotente:
Rasgão-se as sombras do futuro, e vejo,
Que aureo Sceptro te entrega o accezo Oriente,
Que todo a teu Imperio a frente inclina,
Que as raias tocas da soberba China.

12.

Pegús, Narsingas, Tartaros, Mogores,
Indomadas nações teu jugo acceitão;
De tua espada aos golpes vencedores
Todas se acurvão, todas se sujeitão:
Té do Japão remotos moradores,
Que esconde immenso mar, tuas leis acceitão;
Deixa de ser vassallo, ó Lusitano;
Sô tu n'Asia qual fui, qual foi Trajano.

13.

Não volvas mais á Patria, que prezado
Talvez não haja o inclyto ardimento,
Com que o gyro immensissimo formado
Do Globo tens no tumido elemento;
D'hum golpe viste hum Reino subjugado;
Hes vencedor, e vê se o pensamento
Dois tão oppostos terminos te abarca,
No Téjo ser vassallo, aqui Monarca!

E dos olhos do Heroe desapparece,
Que perturbado ignora o como, e aonde:
Levanta a voz, a voz lhe desfallece;
Chama o negro Fantasma, e não responde,
E na rebelde, na execranda idéa,
Hum pouco se suspende, e titubêa.

15.

Da ingenita ambiçãe, do peito humano
Pasto fatal, prestigio lastimoso,
Quantas vezes á gloria immenso damno,
Tu tens feito de Heroe victorioso!
Assim de Roma ao Despota tyranno
Do Mundo o Sceptro se antolhou glorioso,
Quando ao passar do Rúbicon soberbo,
A' Hesperia trouxe, e ao Globo hum Fado:

16.

Porém mais pôde que a mortal grandeza,
N'hum peito Portuguez, fidelidade.

17.

Na terrivel visão caliginosa
Inda absorto, e suspenso o Luso estava,
Dentro em sua alma attonita, e medrosa,
Contra a funesta suggestão luctava:
Eis que immenso clarão de luz pasmosa
A seus despertos olhos se amostrava;
Vê subito romper do seio occulto
Hum novo, estranho, e desusado vulto.

18.

Os pés descalços tinha, a vestidura
Como de sangue vinha borrifada,
Dos olhos tinha a luz serena, e pura,
E tinha a barba intonsa, e dilatada;
Traz hum livro nas mãos, traz a cintura
D'aspera corda, ou cingulo apertada,
Calva a frente rugosa, austero, e grave
O portamento tinha, a voz suave.

19.

O silencio se rompe, e doce accento
Lhe escuta o grande Heroe como enleado:
Não te conturbes, diz, do Firmamento
Sou pelo Omnipotente a ti mandado;
Dar nova força, e sobrehumano alento
A teu constante espirito tentado;
Pois destinou dos Ceos o Arbitro augusto
Acrisolar nas tentações o Justo.

Filha da horrenda noite, ou sombra escura?
— Não, fantasma não sou; a ti me envia,
O que impera dos Ceos na estancia pura:
Eu me chamo Thomé, no Empyreo moro;
Servo de hum Deos, que eternamente adoro.

21.

A santa lei que salva a creatura
Do cego, e fundo abysmo do peccado,
E a victoria innocente, eterna, e pura,
Que a justiça aplacou d'hum Deos irado,
Aqui préguei; tranquilla sepultura
Aqui teve meu corpo em pó tornado,
C'o ferro d'huma lança extincto, exangue,
O Evangelho attestei co'a vida, e sangue.

22.

De novo a luz celestial se atêa,
Que já brilhou no profanado Oriente,

23.

Eis outra vez da cruz s'ergue o estandarte
Nestes do Paganismo infestos ares;
Onde no berço o Sol fulgor reparte
Ver-se-hão da Igreja universal altares:
E desde lá correndo á extrema parte,
Que inda escondem no seio ignotos mares,
Executor do divinal conselho,
O Luso embóca a tuba do Evangelho,

24.

Mais que o de Roma, Imperio dilatado
Hum Deos ao povo Portuguez destina,
D'estranhos povos, e nações formado,
Onde não foi voando Aguia Latina.
Esse, que viste, Espectro abominado
Foi da soberba tentação maligna:
Pois soube resistir teu peito nobre,
Verás arcanos, que o Senhor descobre.

25.

Disse; e comsigo extatico levava
Pelos espaços fluidos o Gama;
As socegadas regiões pizava,
Acima donde o raio arde, e s'inflamma:
O milagroso vôo equilibrava
O conductor celeste, assim lhe exclama:
A prumo estamos sobre o rubro seio,
Por onde o povo de Israel já veio.

26.

Aqui começa Imperio ennobrecido
Do Luso: observa Ormuz, que senhorèa
Quanto d'hum lado, e d'outro entumecido
Da Persia o vasto mar lava, e tornêa;
C'os passados trofeos desvanecido,
Inda de antigos titulos se arrêa;
Soberba Persia, nunca ao jugo afeita,
Paga tributo ao Téjo, as leis lhe acceita.

27.

Ao mesmo jugo a Arabia o collo entrega,
A Arabia em guerra sempre ás armas dada,
E que de Alcides ás Columnas chega,
Co' a grande força Sarracena armada:
Se hum pouco Bassorá resiste, e nega
Aos Lusitanos campiões a entrada,
Seu braço triunfal a arraza, e abate
C' o mesmo golpe a mercantil Mascate.

28.

Cede Giddá guerreira, e a extensa praia
Que hum bolso forma de grandeza tanta.
Agora attento observa, olha Cambaia,
Que a fronte soberbissima levanta:
Dos Lusos esquadrões treme, e desmaia,
Humilde beija ao vencedor a planta;
Mais que Alexandre hum Luso em sangue a alaga,
E de Badur potente o orgulho esmaga.

29.

Olha do Hydaspe a aurifera ribeira,
Onde o mesmo Alexandre altivo, iroso,
A hastea cravou da triunfal bandeira,
E fez parar o exercito medroso:
Este o termo, a baliza derradeira,
Do vencedor de Poro desditoso;
Onde Alexandre pára, e retrocede,
Começa o Luso, que em valor o excede.

30.

De Tamorlão, de Saladino os brados
Apenas nestas praias s'escutárão,
E nunca os braços Europeos armados
A tão remotas regiões chegárão:
Até aqui, rodeando os empolados
Mares, os Lusos seus pendões alçárão;
Prodigio he este que na humana Historia
Igual não teve, nem terá na gloria!

31.

Surrate, Baçaim, e a torreada
Chaul franquea ao vencedor as portas;
Ao lampejar da Lusitana espada,
Ficão vastas Nações d'espanto absortas:
Nem tu, d'alta Bysancio ó força armada,
O passo ás armas vencedoras cortas;
Tu socorres Cambaia, he toda estrago,
De cinzas hum montão, de sangue hum lago.

32.

Na extensa praia entradas, e rendidas
Olha immensas Cidades abrazadas;
As torres de Coulão são consumidas,
Onor, Dabul, Baticalá tomadas:
De Coulete as muralhas abatidas
Em cinza Cangranor, Bripur tornadas;
Já sobre os muros da soberba Góa
A alada serpe Lusitana Vôa.

33.

A opulenta Cochim, do Luso amiga,
Do Malabar Emporio, álem deviza;
Aqui furia Mahometica inimiga
O raio Portuguez derruba, e piza:
Em seu tranquillo porto as náos abriga,
E com sincera paz se immortaliza:
Aqui primeiro tem seguro assento.
Do Luso throno o eterno fundamento.

34.

Cabo pyramidal d'além vai vendo,
Que foi de antigos Comorim chamado;
D'hum lado, e d'outro lado o mar fervendo
Alli corre furioso ao Sul nublado;
Com medonho estridor, impeto horrendo,
Retarda ás náos o passo accelerado;
Mas dos Nautas do Téjo o esforço e arte
Hirão daqui do Oriente á extrema parte.

35.

A rica Taprobana eleva a fronte,
Opposta ao Cabo, pelo mar cercada;
Recende em torno o rúbido horisonte
Do vapor da cannella alli plantada:
Olha no meio aos Ceos alçar-se hum monte,
Onde se diz que a planta assignalada
Foi do mortal primeiro; incerta fama
Tal memoria entre os incolas derrama.

36.

Esta, que vêz ao Malabar opposta,
Terra d'além, Coromandel se chama,
Dita será da Pescaria a costa,
Que de riqueza, e perolas se afama:
Olhando ao berço Oriental he posta
Além Meliapor de antiga fama;
De meu corpo o despojo alli se guarda,
E dia extremo, em que resurja, aguarda.

37.

Vê do Pegú riquissima, opulenta
Como s'estende a grande Monarquia;
No seio de seus montes se alimenta,
E multiplica ardente pedraria:
Olha o Reino Orixá d'onde a pimenta,
Como em tributo, o povo ao Téjo envia;
E a terra de Siam tão vasta, e chêa,
Que de Imperio com titulos se arrêa.

38.

Depois de Travancor lá vai cortando
Turvo Ganges as flóridas campinas,
Na larga foz s'espraia, então mais brando
Lá se mistura ás ondas crystalinas:
Ver-se-hão nestas ribeiras tremolando,
Entre excelsos troféos as Lusas Quinas,
Aqui brota fecunda, aqui recresce,
De Palmas Marciaes gloriosa messe.

39.

Olha o soberbo Emporio, alto, eminente,
Em bases d'ouro, e perolas firmado,
Opulenta Malaca, do Oriente
Brazão, com sangue Portuguez comprado:
Nunca aqui penetrou da Europa a gente;
Mas Affonso magnanimo, esforçado,
Em armas, em Politica profundo,
Mostra Malaca Portugueza ao Mundo.

40.

Nunca até aqui, nem Gregos, nem Romanos,
Co'as triunfantes armas penetrárão;
Nunca do Polo os povos inhumanos,
Cobrindo a Europa, e Libya, aqui chegárão:
De Gengiskan triunfos soberanos,
A'quem do Ganges turbido parárão;
Mas os pendões do Lusitano Imperio
Correm do Gange ao termo do Hemisferio.

41.

Cabo até agora ignoto, o Singapura,
Viráõ dobrar do Téjo os navegantes;
Em tufão rijo, em tempestade escura,
Nos mares surgirão não vistos d'antes:
Onde primeiro a luz serena, e pura
Esparge a Aurora, chegarão triunfantes;
Hirão, que assombro! as Lusitanas Quinas
Além do Imperio dos astutos Chinas!

42.

Volve os olhos á incognita enceada
De Aynão, por onde estala o mar fervente;
Olha ondear bandeira despregada
Nas vencedoras mãos da Lusa gente:
Olha as portas da China, olha a afamada
Macáo, que exalça mercantil a frente;
Mas nem neste limite inda s'encerra
O Luso Imperio; porque ind'ha mais terra.

43.

Correndo o Norte, e Sul do acceso Oriente,
Quaes ligeiros relampagos fogozos,
Inda estreito limite o Continente
Será n'Asia a seus feitos portentosos:
Nas Ilhas que circunda azul Tridente
De conquista ergueráõ trofeos gloriosos;
Sunda, Borneo, Timor, Ternate, e Java,
Dão aos Lusos grilhões a planta escrava.

44.

Neste, que vez, interminavel pégo
Os Lusos gyraráõ navegadores;
Nelle guardão pacifico socego
Sôlta tormenta, e ventos rugidores:
De seus trabalhos, e fadiga emprego
Das Ilhas darão nome aos moradores:
Viráõ depois o Bátavo, o Britano,
Em tudo vendo o nome Lusitano.

45.

Olha de muitas, e opulentas Ilhas
Do Globo nos confins Reinos formados:
Nem forão vistos das nadantes quilhas,
Nem de antigos Geografos marcados:
Testemunhas de tantas maravilhas
Serão primeiro os Lusos esforçados;
Nestes Reinos Japões, e extrema terra
Ha de ter gloria o Christianismo, e guerra.

46.

Olha agora do Globo a parte ingente
Já por Colon tentada, e não sabida,
Onde inda joven Natureza a gente
Tem nas barbaras sombras envolvida:
Nesta grande porção cortando a algente
Vitrea estrada, dos ventos combattida,
Para que abranja o duplice hemisferio,
Virá fundar o Luso immenso Imperio.

47.

Vê rompendo de altissimas montanhas
Hum rio, feito hum mar, que busca os mares,
D'hum lado, e d'outro barbaras, e estranhas
Gyrão muitas Nações sem Patria, e lares:
E se tanta extensão co'a vista apanhas,
Debaixo do Equador corre milhares
D'estadios, e só perde a fama, e nome
Quando no mar immenso as agoas sôme:

48.

Será chamado turbido Orelhana.
Vê outro álém dos Tropicos correndo,
Quasi igual na riqueza; immensa, e plana
Campina vem cortando, em si trazendo
O feudo d'outros mil; da Lusitana
Gente será cortado: ao pégo horrendo
Chegando já, na foz se abre, e dilata;
E o nome insigne lhe darão da Prata.

49.

Não vês enormes montes levantados
Além das nuvens pelo espaço extenso?
Espantosos volcões afogueados
Arrojão fogo, e fumo escuro, e denso;
Daquelles picos turbidos, núblados,
Hum, e outro Oceano observa immenso;
Desde aqui ás Atlanticas campinas
Inda hão de ter Imperio as Lusas Quinas:

50.

Talvez maior que a Europa! Em throno d'ouro
Como sentada, a mesma Natureza
Descubrindo o recondito thesouro,
Força ao Téjo dará, brilho, e riqueza:
E o que não tarda, seculo vindouro,
De Lysia vendo a colossal grandeza,
Dirá, levado em extasis profundo;
Eis quasi todo Portuguez o Mundo!

51.

Qual em seu centro existe o Sol luzente,
De luz enchendo o vasto Firmamento,
E a immensos globos em distancia ingente,
Atrahe, regula, outorga o movimento:
Assim Lysia na Europa armi-potente
Do grande Imperio seu tem firme assento;
De lá, n'Asia, e na Lybia, e opposta parte,
Armas, forças, e leis dicta, e reparte.

52.

Como se fosse estreito, e inda apoucado
No Globo seu Imperio, as escondidas
Terras do Polo Antarctico gelado
Hirá tocar co' as quilhas atrevidas:
Mais que dado a mortal, Queiroz ousado
Hirá romper as regiões metidas
Dentro do seio de perpetuo Inverno,
Nellas deixando impresso hum nome eterno!

53.

Tão sublimes brazões serão ganhados
Com força invicta por Heroes prestantes,
Quaes não vio Roma, em seculos passados,
Entre os grandes Democratas reinantes;
Seus nomes immortaes serão gravados
Em bronze eterno, em marmores brilhantes;
He Deos quem te revela, ó Lusitano,
Este, que inda o futuro encerra, arcano.

54.

O primeiro entre os raios soberanos
De huma gloria sem par te mostro, ó Gama;
Talvez que outro maior entre os humanos
Não publique a Latina, ou Grega fama:
Afoito hirá correr dois Oceanos,
Seu glorioso domador se acclama;
Da Iberia á náo Victoria o panno solta,
E dá, rival do Sol, do Mundo a volta.

55.

Não he na Historia dos Heroes primeiro;
Por fortes armas na Indiana terra,
Inda que aurea Malaca o vê guerreiro,
D'Affonso ao lado fulminando em guerra;
De grande adquire o tymbre verdadeiro
Na pequenez que a humanidade encerra,
Pela mais nobre, mais sublime empreza
Que em peito d'homem soffre a Natureza.

56.

Magalhães immortal (nunca tamanha
Idéa teve o pensamento humano!)
Gyrará tudo quanto lava, e banha
No terreo Globo o tumido Oceano:
Iguala, ou vence esta inclyta façanha,
Quanto ennobrece o Imperio Lusitano;
Concebe o grande Heroe vasto, e profundo,
Toda em sua alma a maquina do Mundo.

57.

Une a grande valor sciencia, estudo,
Desse terraqueo Globo, e rodeado
Primeiro o tem c'o pensamento agudo,
E marca o gyro immenso, e dilatado:
Os mares vence, a tempestade, tudo;
E certo encontra estreito imaginado
Em vasto mar; por elle desemboca,
E aos Reis a meta promettida tóca.

58.

Digno de nome eterno, e permanente
Entre immortaes Barões, que o Mundo admira,
Se tornará no descoberto Oriente
Esse que segue o que teu lenho abrira:
Tanto se ha de engolfar no mar fervente,
Que pelas praias ignoradas gyra
Da terra vasta, que ha de ser hum dia
Base, e refugio á Lusa Monarquia.

59.

O sempiterno braço então rasgava
Denso véo que o futuro esconde ao Mundo,
Mostra-se ao Gama Heroe que destroçava
Em sanguinosa lide o Mouro immundo:
Que óra as Hostes na terra afugentava,
Ora as náos investia em mar profundo;
Era Pacheco, igual a Belizario,
Grande, e misero o fez Destino vário.

60.

Entre luzes d'hum Nova destemido
A excelsa imagem vio, que o louro enrama;
Deo-lhe Fortuna hum berço escurecido,
Porém virtude lhe eterniza a fama:
Ilhas encontra em mar desconhecido,
Leva as Mauras Galés sulfurea chamma,
Corre as praias da Libya, e do Oriente;
Na força, e golpe, e gyro he raio ardente.

61.

Este ha de ter pyramides erguidas,
Lhe diz o Santo, pelas mãos da Gloria,
Onde se vejão das Nações vencidas
Os ganhados trofeos d'alta memoria;
Abalroadas náos, Galés rendidas;
Ante o sublime Heroe vôa a victoria;
Grande, e illustre se fez; se a origem teve
Baixa, a coroa dos Heroes obteve.

62.

De mais famosos Scipiões em guerra
Os bustos vê d'Almeidas, que inundados
Os campos deixão da Indiana terra,
De seu sangue, e do barbaro coalhados;
Mas ah! que estranho tumulo os encerra!
Entre Cafres brutaes sentem seus fados;
A' Patria não viráõ, que terna os ama;
Mas seu nome immortal conserva a Fama!

63.

Para animar-me amortecido canto
Desce, ó Verdade, do celeste assento;
Com teu fulgor angelico levanto,
E sólto o vôo ousado ao pensamento:
Eu só comtigo me aventuro a tanto,
A meu estro darás força, ardimento;
Se tiro acordes sons d'Epica tuba,
Farei que aos astros Albuquerque suba.

64.

Ao Gama se amostrava em fortaleza
Bravo Leão no mar; sólta hum rugido,
Eis se acurva á Bandeira Portugueza
A força toda do Indostão vencido:
Sempre terrivel he, nas garras preza
Leva a victoria impavido, e temido;
E pelos campos que assolados trilha
Thronos, Povos, Nações supplanta, humilha.

65.

Este, o Santo lhe diz, as bellicosas
Turmas, que o Turco indomito aparelha,
Hade vencer nas ondas procellosas,
A quem dará c'o sangue a côr vermelha:
Do Cabo Guardafú co' as alterosas
Prôas correndo hirá, viva sentelha;
Sobre os muros d'Ormuz, que altivo arraza,
Os Turcos, Persas, e Arabes abraza.

66.

Qual Aguia os vôos soltará; nos muros
Hirá cahir da aurifera Maláca;
Achens ferozes, e os Bintões perjuros,
Com subita peleja, afronta, atáca:
Nem Malaios da furia estão seguros,
Mil canhões lhe hão de ser barreira fráca.
Levanta immensa torre, e nella arvóra
As Lusas Quinas, que o Oriente adóra.

67.

Qual corre o Araxes turvo, que abatendo
Hum rochedo após outro o campo alaga,
Que, a carreira veloz jámais detendo,
Tudo c'os negros vortices estraga:
Tal hirá de Maláca o Heroe correndo,
Quando ao duro Sabaio a frente esmaga;
De eternos louros cingirá corôa,
Quando o throno de Lysia erguer em Gôa.

68.

Não lembre mais o nome pavoroso
Do sanhudo Leão, que erriça a coma,
Que o Hellesponto passou victorioso,
E a prostituta Babylonia dóma:
Não lembre mais o meteóro iroso,
Que em cadèas serviz sepulta Roma;
Ambos vence Albuquerque em nome, em gloria,
E só lhe falta, o que elle quiz, a Historia.

69.

Vê depois o magnanimo Soares
De Gangeticas palmas guarnecido,
D'altas náos vai coalhando os turvos mares;
Dos Heroes do Oriente o mais temido:
De todo anniquilou dos Malabares
O antigo throno, o Imperio engrandecido;
E ao grão poder da espada Lusitana
Sugeita, e vence a rica Taprobana.

70.

Vê sobre o Indo Hydaspe o Grão Sequeira,
Que verdadeiro Heroe se manifesta;
Vai do Arabico mar pela ribeira
Assolando do Turco a Armada infesta:
Alevantando triunfal bandeira
Dos Lusitanos esquadrões á testa,
Chega ao paiz do Ethyope inimigo,
Encontra de Candace o Reino antigo.

71.

Hão de vir dois intrepidos Menezes;
Hum de louros em Ceuta coroado,
Este com força arvorará trez vezes
D'Ormuz nas torres o pendão sagrado:
Outro, rompendo os rigidos pavezes,
Vencerá todo o Malabar armado:
Taes Palmas colherá nos verdes annos,
Que offusque a gloria dos Heroes Romanos.

72.

Digno de fama o intrepido São-Paio
Virá de louros d'Africa cercado;
A cujos pés o perfido Sabaio
Dará seus pulsos ao grilhão pezado:
Com violencia, ou impeto d'hum raio
O mar de mortos deixará coalhado,
Quando em Dabul os inimigos busca;
Mas cruel ambição seu nome offusca!

73.

Do grande Mascarenhas o semblante
Vem respirando sanguinosa guerra,
E quando erguer a espada fulminante,
Malaca a frente inclinará na terra;
Voando pelo pelago espumante,
Bintão com duro assedio opprime, e cerra;
Assaltos amiuda, e não descança
Té que nos pulsos os grilhões lhe lança.

74.

Após elle huma luz fulgente raia,
Como estrella n'hum Ceo nocturno, e frio;
Este a cerviz da perfida Cambaia
Hade esmagar na torreada Dio:
Alli, d'ouvir-lhe a vóz treme, e desmaia,
O Turco, o Persa, o Arabe, o Gentio;
Terá tumulo eterno em mar profundo,
Mas cheio deixa de seu nome o Mundo.

75.

Se mil vezes de premio a sorte priva
Heroe que nome eternizou na Terra;
Se a torpe Inveja cega, e vingativa
Tem co'a virtude interminavel guerra;
Posteridade seu renome aviva,
E assombrada calumnia emfim desterra;
Junto ao sepulcro a Inveja encosta a lança,
Respeita a fria cinza, então descança.

76.

De grande coração, de aspeito augusto
Noronha vê, que as armas triunfantes
Ao monte hirá levando onde hum Deos justo
Baixou da gloria em chammas coruscantes:
Erguendo o braço intrepido, e robusto,
Na entrada Dio humilhará turbantes;
Da bombarda ao rebombo os mares gemem,
Chega o écco a Bysancio, e as portas tremem

77.

Virá feroz hum Sousa, que traslado
Absorto o povo chamará de Marte;
E chegará de fogo, e ferro armado,
A erguer em Dió o bellico estandarte:
Se os vulcaneos canhões dispara irado,
De Onor arraza o immenso baluarte;
Se ao Indo a foz em nãos de novo corta
Abre Cambaia ao vencedor a porta.

78.

O magnanimo Luso, o invicto Castro,
Após elle virá, e a Fama entôa
Hymnos ao grande Heroe; cem de alabastro
Estatuas lhe ha de erguer a terra Eôa:
De Curio, e de Fabricio segue o rastro,
E acaba pobre, e triunfante em Gôa:
No Ceo recebe o premio, os astros pisa,
Aurea penna na Terra o immortaliza.

79.

A imagem vê depois de Constantino
De Real sangue, e d'alma generosa,
E sobraçando escudo diamantino,
Converte em cinza a Armada poderosa,
Do fero Achem no campo cristalino,
Sem suspender a mão victoriosa,
Té que indomitos Turcos afugente,
E de Palmas n'hum throno a Paz se assente.

80.

Sublime vulto ao Gama então mostrava;
De suas Palmas o circunda o Ganges;
Co' a fulminante espada afugentava
Do Mogor fero as barbaras falanges:
Desde os muros d'Ormuz á occulta Java,
Vai repellindo Arabicos alfanges;
Era o Grande Ataíde: o Luso Imperio
N'Asia salvou de afronta, e vituperio.

81.

Entre outros muitos brilhará fulgente
Do sublime Furtado a valentia,
Co'as armas chegará no accezo Oriente
Aos fulgurantes thálamos do dia:
Maluco vencerá, que o cravo ardente,
E metal louro nas entranhas cria:
Ignoto mar correndo além dos Chinas,
Hade erguer no Japão triunfantes Quinas.

82.

Mas eis que novo assombro, e novo espanto,
Entre tantos Heroes se mostra ao Gama;
Sublime vulto, e roçagante manto,
Em ondas desde os hombros se derrama:
Este, o Santo lhe diz, que sobe tanto
Entre os maiores que celébra a Fama,
Pouco em Lysia será; mas vence, e dóma
Quantos inda hoje Heroes celebra Roma.

83.

Da especie humana tymbre verdadeiro
A quem honra, a quem gloria immortaliza,
Esforçado, e magnanimo Ribeiro,
Será chamado ao throno, e o throno piza:
Huma estatua ha de ter, nella hum letreiro
O mais remoto seculo deviza,
E nelle lê, de assombro em forte abalo:
"Este não quiz ser Rei, quiz ser vassallo!"

84.

Pois aos olhos de hum Deos Omnipotente
Nada ignoto se amostra, e nada escuro,
Ante seu throno existe o que he presente,
O que he passado, o que será futuro;
Elle te mostra em luz resplandecente
O Templo da Memoria eterno, e puro,
Onde a tantos Heroes se guarda assento,
Que a treva assoberbou do esquecimento.

85.

Em sempiternos Porfidos gravadas,
As illustres acções lá se devisão,
De nobre sangue Palmas rociadas,
Com que os nomes mortaes se divinisão:
Vôa, lhe diz o Santo; as levantadas
Abobadas dos Ceos ambos já pizão:
Entre o fulgor, que os olhos deslumbrava,
O Templo eterno o Gama contemplava.

86.

Aqui virão, lhe diz, deixando a Terra
Os Lusos immortaes viver hum dia;
Tu entr'elles famoso em paz, e em guerra,
Terás na Gloria eterna companhia:
Entre muitos que o Templo immenso encerra,
Modesto Solio hum pouco reluzia;
Tinha na base fulgida esculpida,
Ligeira pena de Laureis cingida.

87.

Tão famosos Heroés, o Soberano
Senhor, lhe diz o Apostolo, destina
Para estender o Imperio Lusitano,
Das bocas do Mar Roxo, ao Mar da China:
Nesta empreza sublime o esforço humano
Sustentado será da mão Divina;
Marchando á vossa frente Anjo da guerra
Vosso o Mar será todo, e quasi a Terra.

88.

Atrás se hão de volver as estridentes
Settas, que rompem de arcos encurvados;
Os corpos de inimigos combatentes,
Das proprias settas se acharão varados:
As duras costas voltarão trementes
Do Luso á vista os Arabes armados;
Vereis no Ceo gravada a Cruz triunfante,
Que firme torne o Imperio vacillante.

89.

Segunda vez rompendo o turvo Oceano,
O sentirás tremer como assustado;
Quando á potente voz do Soberano,
Já não descobridor, fores chamado:
Será desfeito o exercito Ottomano,
Qual de Amalec outr'ora o Reino armado,
Quando, entre as nuvens rarefeitas, veja,
Que por vós junto a Dio hum Deos peleja.

90.

Esta a gloria futura, este o destino
Que está guardado á Lusitana gente;
Escrito existe em livro diamantino,
Que ou abre, ou cerra a mão do Omnipotente:
Hirás seguro ao Téjo cristalino,
Descoberto deixando o vasto Oriente,
E teu nome nas paginas da Historia,
A' especie humana servirá de gloria.

91.

Tu dize ao Luso Rei, que aos arrogantes
Turcos abata a indomita ousadia,
Que de Suez nos lenhos arrogantes,
Virão cortando o mar por larga via:
Que o duro bronze, as pélas sibilantes
Mande do Téjo contra a turba impía;
Que os seus ás guerras do Senhor exherte,
Que hirá diante de seu carro a Morte.

92.

Mas que ao Deos dos exercitos sómente
De seus triunfos atribúa a gloria;
Só elle he Deos, só elle Omnipotente,
De seu throno aos mortaes desce a victoria:
Só elle guarda o premio permanente,
Com que se troca a vida transitoria;
E conserva na terra hum throno augusto,
Se o Monarca em poder, e em leis for justo.

93.

Subverte o crime excelsas Monarquias,
Passão de mãos a mãos Sceptros gloriosos,
Cobrem lutos da morte, e cinzas frias
Os Latinos trofeos victoriosos:
No volume do Tempo apontão dias,
Em que estes d'Asia Emporios orgulhosos
Passem a estranhas mãos; novos Senhores
Nos muros lhe hão de erguer d'Hollanda as côres.

94.

Nos areaes da Mauritania ardente,
Onde os Lusos pendões s'erguem triunfantes,
A Portugueza gloria alta, esplendente,
Se eclipsa aos pés d'Arabicos turbantes;
Alli se acaba hum Rei grande, e potente;
Correm de sangue rios espumantes;
De Lysia o brilho nelles se sepulta;
N'Africa, e n'Asia nunca mais avulta.

95.

Quaes ao de Roma Imperio desmembrado
Marchão Povos belligeros do Norte,
Té dar ao Capitolio avassallado
As leis da escravidão, e as leis da morte:
Tal Hispano Leão, de ferro armado,
Marcha a mudar da Lusitania a sorte;
Vê pezar-lhe na frente estranha crôa
De luto chêa a triunfal Lisbôa.

96.

Como eclipsadas ficarão virtudes,
Que forão bases de grandeza tanta;
Opprimida em grilhões ferreos, e rudes
Lysia deve arrastrar captiva planta:
Taes dos Imperios são vicissitudes!
Mas eis do humilde pó s'ergue, e levanta;
Foge, desfaz-se alhêa potestade,
E acorda a Patria á voz da Liberdade.

97.

Na Europa crescerá; mas se-consóme
Na terra Oriental, e outro Albuquerque
Não virá que da Aurora os Povos dome,
E Asia de náos victoriosas cerque;
E que gloria immortal, que excelso nome
Com sangue illustre Lusitano merque.
Até do Throno o Téjo se despója,
Quando do seio hum Monstro o Inferno arrója.

98.

Quanto na Terra os Portuguezes podem!
Sahem do lethargo; co'a fulminea espada
Da patria liberdade ao grito acodem:
Varrem, qual pó ligeiro, a astucia armada:
D'hum golpe o jugo perfido sacodem,
Mostra-se em nova luz gloria eclipsada,
E livre a Terra dos grilhões que teve,
Sente que ao Téjo a liberdade deve.

99.

Quando hum Monstro cruel, do Inferno abôrto,
Mais que agitado mar, feio, iracundo,
Deixar em luto, em lagrimas absorto,
Qual já deixára Saladino, o Mundo;
Até negando da esperança o porto
Ao Globo cheio de pezar profundo;
Chamando escravas as Nações da Terra,
Em paz mentida, em sanguinosa guerra;

100.

Ver-se-hão no Téjo acções quaes vira Dio,
Seguro o Luso esforço entre ruinas;
Como ha de ver no Hydaspes o Gentio,
Verá na Europa o Franco alçar-se ás Quinas:
E ha de curvar o collo ao Senhorio,
Que inda tem de assustar Japões, e Chinas;
Quando co'a ponta de invencivel lança
Tocar nas portas da soberba França.

101.

Tanta gloria terá, quando espargidos
Nos Campos, onde já vencera os Mouros,
Os novos Hunnos vir enfurecidos,
Buscar por armas, e por sangue os louros:
Em quantas lides ficaráõ vencidos! . . .
Verão com pasmo os seculos vindouros,
Que nunca impune provocára a Terra
Os Lusitanos Campiões em guerra!

102.

Deos os escuda, Deos os abençôa,
E lhes sustenta os peitos bellicosos;
N'Asia os verá dominadores Gôa,
Serão na Europa grandes, e famosos:
C'hum braço no Occidente, outro na Eôa
Plaga, berço do Sol, tão gloriosos
Tymbres hão de alcançar d'humana gloria,
Que inda iguaes não mostrou, nem mostra a Historia

103.

E pois a Lusa geração da terra
Que o Sol nascendo vê será senhora,
Sendo adorada em paz, temida em guerra,
De lá do Téjo aos thálamos da Aurora:
Vencendo quanto em seus Annaes encerra
Ou grande Roma, ou Grecia aduladora;
Quanto grandes Nações grande fizerem,
E a ver ao Mundo extasiado derem;

Que hum Deos na invicta mão lhe firma a
Seja na Europa, e n'Africa temida,
Qual ha de ser pela Asia avassallada;
E que guarde nos seculos vindouros
Estes, que hoje plantaste, eternos louros.

105.

Tu, verdadeiro Heroe, jà tens corrido
Assaz n'hum mar profundo, e tormentoso,
As façanhas mortaes tens excedido,
A' Paria hum nome dás claro, e famoso:
Será na Terra sempre conhecido
Este, que ultimas, feito portentoso;
Té que do eclipse eterno o véo profundo
Em si sepulte, e para sempre, o Mundo.

106.

Pois recompensa vil baixa, e terrena
Não te guiou na perigosa estrada,

107.

Quando mais alta prova a Lusa gente
A' Europa der de insolito heroismo,
De louros coroada erguendo a frente,
Que quiz perfidia sepultar no abysmo;
E salvando da Patria a gloria ingente,
Quasi chegada a extremo parocysmo:
Teu nome em novo canto alto, e subido
Será do Globo nos confins ouvido.

108.

Sombras são estas, portentoso Gama,
Em que se perde humano entendimento;
Abysmo em que sómente a luz derrama
Esse que Imperio tem no Firmamento;
O que os Entes do nada á vida chama,
E tem do Mundo o eterno regimento:
Rasgada a sombra, que o futuro enluta,
Lysia ha de ver o que tua alma escuta. . . .

109.

Deixa confuso o Gama; e aos Ceos subia,
Em luz envolto, o Apostolo elevado.
Concentrando-se em si n'alma volvia
O portentoso oraculo sagrado:
Surgio em tanto no horisonte o dia
Pelos decretos eternaes marcado;
E veio encher de gloria a Lusa gente,
Co' o mar vencido, e descoberto Oriente.

FIM DO DUODECIMO E ULTIMO CANTO.

INDICE

DO

SEGUNDO VOLUME.

Canto Sexto . . . . . Pag. 3
Canto Setimo 35
Canto Oitavo 69
Canto Novo 95
Canto Decimo 137
Canto Undecimo 171
Canto Duodecimo 201

F I M.

N.B. A maior parte dos erros typograficos são de facil emenda na leitura; mas sempre aqui se apontão para evitar duvidas, e se poderem corrigir antes de começar a ler.—O adjectivo *heroico* em todo o Poema se considera termo de quatro syllabas, á maneira dos Latinos, Italianos, &c. &c.

ERRATAS.

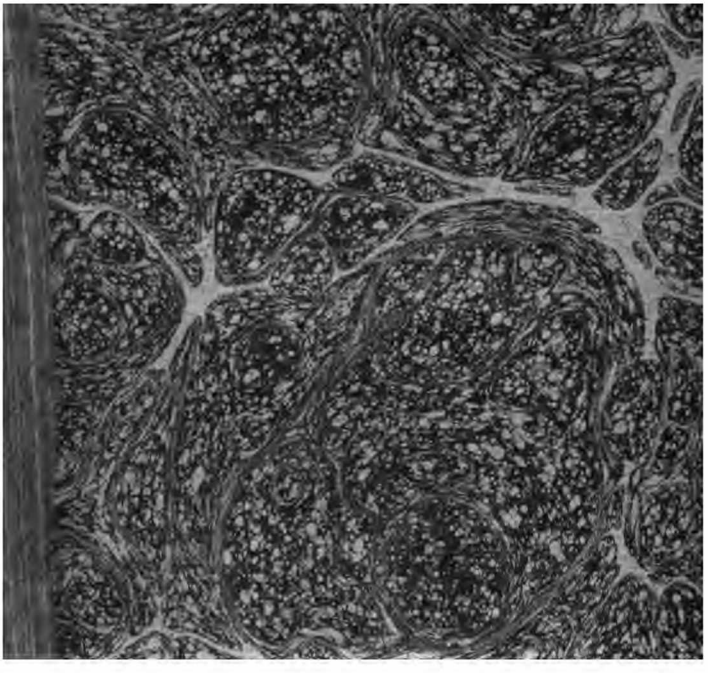
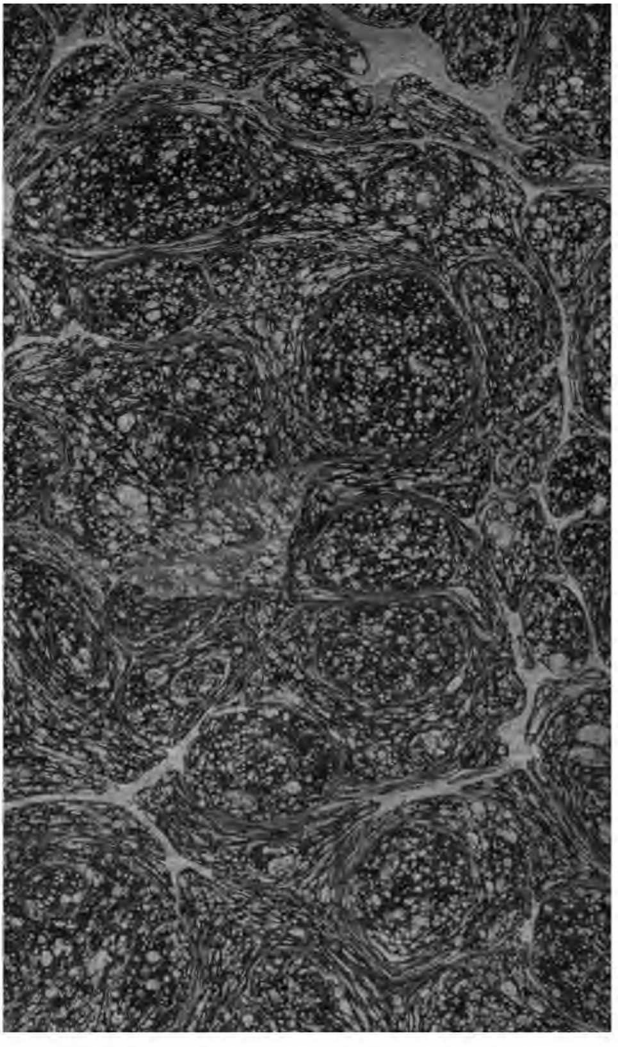
VOLUME I.

Pag.	*Lin.*	*Erros.*	*Emendas.*
3	13	que a	que á
11	12	Pinton	Pinson
12	9	Cosmégrafo	Cosmógrafo
15	15	Osmuz	Ormuz
	12-13	portar	portas
18	2	destituido	destituida
19	13-14	Lusiades	Lusiadas
28	1	quados	quadros
31	14	mas como	mas com
37	4-5	especia	especie
43	6	de Jerusalem	da Jerusalem
72	13	de Aquilleida	da Aquilleida
76	15-16	circunstantancia	circunstancia
97	17	*Formatix*	*Formatriz*
107	5	de espaço	do espaço
143	10	á estrada	a estrada
158	12	ingente.	ingente ;
170	17	rouco	ronco
206	3	no caça	na caça
239	17	mande	manda

VOLUME II.

8	12	do quem se	da qual
17	17	da Melinde	de Melinde
26	13	Oligamber	Ossigamber
28	15	o Globo mudo	e o Globo mudo

31	14	berço	barco
	17	exalta, e canta	exalte e cante
	19	levanta	levante
	24	De	Dê
60	24	acha	chama
94	3	assim exclama	assim lhe exclama
102	10	voncera	vencera
106	18	lodo	lado
115	13	a fronte	affronte
120	24	antigo antigo	antigo
123	16	torra	terra
139	22	desprego	desprega
154	9	e estrada	a estrada
161	20	ante ella nevoa	ante elle vai nevoa
195	10	natá	nuta
205	14	aceitão	respeitão
209	8	Evangelho,	Evangelho.
221	14	as Mauras	ás Mauras

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06290 7244

A 167348